VIAGEM

DOS

IMPERADORES DO BRASIL

EM

PORTUGAL

COIMBRA
Imprensa da Universidade

VIAGEM

DOS

IMPERADORES DO BRASIL

EM

PORTUGAL

POR

José Alberto Corte Real
Bacharel formado em Direito

Manuel Antonio da Silva Rocha
Bacharel formado em Theologia

E

Augusto Mendes Simões de Castro
Bacharel formado em Direito

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1872

É editor d'esta obra no Brasil o sr. dr. José Marianno Carneiro da Cunha.

A

SUA MAJESTADE

O SENHOR

DOM PEDRO DE ALCANTARA

SEGUNDO IMPERADOR DO BRASIL

ADVERTENCIA

Nenhum principe foi ainda recebido em Portugal com manifestações tão honrosas como o Imperador do Brasil e a Imperatriz, sua esposa. Suppondo que o conhecimento de quanto se passou de mais notavel por occasião d'este fausto acontecimento seria agradavel ao grande numero de compatriotas nossos, que residem naquelle imperio, e que todos os dias estão dando as mais significativas provas não só de amor á sua patria, mas tambem de gratidão e affecto aos monarchas, sob cuja protecção e amizade se acolhem — occorreu-nos a idéa de colligir e coordenar em volume a noticia da esplendida e affectuosa recepção feita pelo nosso paiz áquelles principes. Por este modo, ao mesmo tempo que satisfazemos a justa curiosidade dos nossos irmãos d'além-mar, consignamos um solemne testimunho dos nobres sentimentos manifestados pela nação portugueza ao receber no seu seio um principe, que lhe está intimamente ligado pelos laços de familia e amizade. Aos filhos do Brasil não poderá tambem deixar de ser grata a noticia da maneira por que entre nós foram recebidos os seus egregios monarchas.

Como se vê é trabalho sem pretenções litterarias, e de caracter exclusivamente descriptivo e noticioso, sujeito de mais a mais ás difficuldades naturalmente resultantes da rapidez reclamada pela propria natureza da obra.

O primeiro plano delineado limitava-se á recopilação simples das descripções feitas pelas folhas periodicas, e d'elle se resente a primeira parte do livro, porque só posteriormente resolvemos enriquecer com esclarecimentos directamente obtidos a noticia da subsequente visita dos monarchas brasileiros, por nos parecer mais interessante, e não desconhecermos a conveniencia de tornar curioso, quanto possivel, um trabalho actualmente de interesse momentaneo, mas que em épocas futuras poderá tornar-se ainda objecto de mais importantes indagações.

Pelos motivos expostos, e por outros que não vem para aqui referir, divergem notavelmente entre si a primeira e as restantes partes da obra, sendo que estas vão lançadas com mais trabalho

e indagações nossas, que ampliam consideravelmente o que se publicou pela imprensa periodica, quanto nos permittiu a estreiteza do tempo.

Dividimos a obra em cinco partes: Na primeira comprehende-se a vinda dos Imperadores a Lisboa e sua partida para o norte de Europa, em junho do anno passado.

Tractamos na segunda da viagem de Suas Majestades desde a sua entrada pela fronteira portugueza até que regressaram do Porto, comprehendendo a visita a esta cidade e a Braga.

Referimos na terceira parte a visita a Coimbra, e trajecto de Suas Majestades para a capital por Leiria, Alcobaça, Caldas e Batalha.

A quarta abrange a demorada visita a Lisboa até ao embarque dos soberanos brasileiros no regresso ao seu imperio.

Finalmente colligimos na quinta e ultima parte algumas composições poeticas dedicadas por distinctos litteratos aos augustos viajantes.

Junctamos ainda um pequeno appendice com algumas noticias obtidas depois de impressas as partes em que deviam ter cabimento, ficando-nos outras muitas, que foi já impossivel incorporar no livro por chegarem muito tarde.

Cumpre-nos declarar que o sr. João de Sousa Araujo, um dos iniciadores d'este trabalho, como se noticiou nos jornaes, não pôde, por falta de saude, tomar parte na sua realisação; e que entre outras difficuldades, alheias á nossa vontade, que retardaram a publiçação do livro, tivemos de vencer a da falta de papel, que deixou de nos ser fornecido pela fabrica aonde o encommendámos, o que talvez obstaria á publicação do livro, se outra fabrica o não fornecesse promptamente. Isto desculpará a impressão da obra em papel de duas qualidades.

Quanto á imprensa só temos muito que louvar, e agradecer a promptidão e zelo com que neste trabalho fomos auxiliados pelo sr. administrador e mais empregados.

I

Amigos e patricios.—Mandais-me que associe meu nome aos vossos na empresa, a que mettestes hombros, de descrever minuciosamente a rapida viagem do monarcha brasileiro por terras de Portugal. Obedeço, porque a obediencia neste caso é uma prova da gratidão que vos devo pelas muitas finezas que me tendes prodigalisado, e com as quaes me captivais o animo e prendeis a vontade. E esta consideração é bastante para que em tão excellente companhia arrisque um nome obscuro aos vaivens e vicissitudes incertas da publicidade.

O intuito do vosso livro é simples e nobre, é uma homenagem e um comprimento; e vai errado no seu caminho quem o avaliar d'outro modo. É uma homenagem ás virtudes civicas do primeiro cidadão d'um estado livre, e um comprimento ao hospede que nos honrou a casa com a sua presença. Na nossa terra poderá a paixão politica negar a primeira, mas a proverbial galhardia portugueza nunca censurará o segundo.

É além d'isso um aperto de mão affectuoso ao Brasil, representado pelo seu soberano; e o Brasil é, não

nosso irmão como geralmente se diz, mas, mais do que isso, nosso filho predilecto, nado e creado sob o nosso influxo, mantido e assegurado á custa de muitos suores e com preço de generoso sangue.

O filho chegou á virilidade e emancipou-se, mas estreitando sempre com a casa paterna laços de vivissima affeição e prestando-lhe constantes e relevantissimos serviços. A uma nação, assim unida com a nossa pelo sangue, que é a origem da familia, e pela lingua, que é a norma da sociabilidade, e por consequencia pela litteratura e pelos costumes, habitos e tradições, e que até conta como imperante aquelle que em circumstancias normaes seria hoje nosso monarcha, não podia de certo o velho Portugal deixar de honrar, recebendo com alegre alvoroço o seu chefe, que pisava pela primeira vez a terra de seus antepassados. A espontaneidade é a cortezia dos povos, e com a maior cortezia publica foi o sr. D. Pedro II recebido na nossa patria, pois sinceras e cordialissimas foram as demonstrações de agrado que recebeu tanto do povo como do monarcha portuguez.

Ora tudo isto revela e demonstra o vosso livro, e que não fosse senão este o seu merecimento, já elle valia bastante, porque dava testemunho cabal dos nossos honrados sentimentos.

II

Se olharmos para um globo, desperta-nos logo par-

ticular attenção o continente da America. Nas orlas do Occidente e balisas do Oceano descortinamos uma terra gigantesca com o vulto e proporções d'um Adamastor, a qual esconde a cabeça nas neves do mar glacial e assenta os pés sobre a Terra de fogo. O Pacifico e o Atlantico, que são os primeiros mares do mundo, banham as suas costas e lhe aplainam as communicações, um com a Asia, outro com a Europa. Este fragmento enorme do nosso planeta é cortado por todas as zonas. As suas entranhas são d'oiro, os seus Andes topetam com as nuvens, os seus Amazonas são os rios mais caudalosos, os seus lagos são mares. Pela sua posição é o centro do orbe, pelos abundantes recursos de territorio o primeiro paiz da terra. Á estatua de Nabucho faltava mais este imperio, cujas formas indistinctas a natureza em segredo estava ainda caldeando nas forjas dos seus volcões. Herdeiro das antigas tradições asiaticas e da civilisação européa, e superior ao velho mundo pelas suas condições physicas, que futuros estupendos e portentosos se não irão entretecendo gradualmente para este paiz na immensa teia dos tempos venturos?!...

Assim como a Asia entornara sobre a Europa a torrente das suas emigrações, estabelecendo as suas colonias pelas peninsulas do Mediterraneo, as quaes a pouco e pouco se foram internando, alargando e desenvolvendo em diversas nações, do mesmo modo a Europa, que já não cabia nos seus estreitos limites, devassou os mares, e foi espalhando por terras incognitas fecundas sementes de novas sociedades. Esta foi a primeira pagina da historia moderna, que outra cousa não tem sido até hoje senão a lenta e progressiva desenvolução d'um novo genesis social.

Ao nosso Portugal coube o primeiro passo nestes arrojados commettimentos, e a descoberta e colonisação do Brasil são florões da corôa da sua gloria. O Brasil, convertido hoje em imperio e destinado a ser uma das nações mais florescentes do mundo novo, manda-nos á Europa o seu monarcha, descendente dos nossos reis, e unido á casa real portugueza como o seu povo se acha enlaçado com o nosso povo. Das terras de Sancta Cruz o principe faz-se ao largo, mar em fóra, demandando o berço da sua familia e a antiga metropole do seu imperio.

III

As relações de origem e de familia, meus amigos, são as que mais profundas se arreigam no coração do homem. A terra que nos serviu de berço, «que nos escutou os infantís vagidos e bebeu as lagrimas primeiras», jámais esquece. Em paiz extranho o tecto paternal é o nosso sonho, o sino da egreja matriz a nossa saudade. Por entre as sombras do passado vemos o primeiro e ouvimos o segundo com tão entranhado affecto, que desejariamos de todo o coração, por um só instante que fosse, resuscitar essas tão gratas illusões preteritas. Na opulenta Babylonia, nas viçosas margens do Euphrates e á sombra dos seus salgueiros, os israelitas choravam a pobre Jerusalem, que era a sua patria; e o desejo que nutriam era descançar o ultimo somno na terra natal.

Como os homens são as sociedades, que nunca es-

quecem através dos seculos as fontes d'onde derivaram. As nações europêas fitam sempre o Oriente como berço, as da America hão de sempre tomar a Europa como mãe.

Costumam os bons filhos opulentar a herança, aproveitando a experiencia e as lições dos paes, mas nos palacios que edificam commove-os muitas vezes a recordação da sua primeira casa. Para nós as tradições orientaes têm ineffaveis encantos; as scenas biblicas, as tradições musulmanas, as superstições da India despertam e excitam a phantasia do europeu no centro da sua famosa civilisação. Para o americano a Europa é o seu Oriente, e sel-o-ha sempre; para aqui convergirão constantes as suas attenções, e no meio dos progressos extraordinarios da sua sociedade e da varonil formosura da sua natureza a Europa será sempre para elle a terra dos prestigios e o *eldorado* dos seus sonhos.

A viagem do europeu ao Oriente e do americano á Europa estão nas mesmas relações de identidade de origem e de sentimentos. A ambos move e arrasta a mesma attracção, ingenita e indefinivel, a visitar aquellas terras que já na infancia ouviram anciosamente descrever, umas com os mythos dos oraculos e da tradição, outras com os encantos e galas da poesia. Para ellas tendem instinctivamente, á maneira d'aquelles rios de curso lento e socegado, que tortuosos e com largos gyros e circuitos como que parecem querer demandar de novo a fonte d'onde descenderam.

Mas na viagem do europeu por terra e na do americano por mar que differença profunda! A terra é uma cadeia palpitante de vida e de movimento, cujos elos

se vão successivamente encadeando e prendendo por novas e variadas sensações, prolonga-nos a existencia e attenúa-nos a saudade; o mar, essa larga fita que separa os hemispherios, é como uma pagina branca do livro da vida, uma especie de iniciação e preparação para novo capitulo. A terra é um penhor de segurança, o mar, abysmo aberto debaixo d'outro abysmo, exaggera a distancia e difficulta o regresso.

IV

Veiu o sr. D. Pedro II da America, visitou a Europa e o Egypto, e voltou aos seus estados. Com o poeta brasileiro podemos dizer-lhe:

> Viste Londres, Paris, a Hespanha, a Italia, o Oriente:
> Em todo o seu caminho o povo sorridente
> Abençoou teu nome...

E podemos dizel-o, despidos de adulação e sem loas palacianas. N'uma epocha em que a Europa vê os seus reis collocarem-se á frente dos exercitos para metralharem os povos, ou os povos incendiarem os edificios e fusilarem os inermes para aquilatarem todas as condições com a rasoura do exterminio, um monarcha americano, viajando sem as insignias e sequito da realeza, tractando só de ver e aprender, evitando as côrtes e frequentando as academias e as officinas, porque a litteratura e as bellas-artes, digamol-o assim porque é a verdade, são os padrões por onde se afere e aprecia o

estado social dos povos, deve attrahir espontaneamente affectos e sympathias.

A viagem do sr. D. Pedro d'Alcantara á Europa é um acontecimento apparentemente trivial, porque nada ha mais simples neste mundo do que a viagem d'um cavalheiro acompanhado de sua esposa, mas pode ter no futuro consequencias utilissimas para a sua patria.

Bem sabemos que para alguns o brilho da corôa que lhe circumda a fronte é recommendação duvidosa, assim como para outros é um signal de predestinação. Estes são os extremos fataes em que tropeçam grandes talentos. O *medius tutissimus ibis* de Ovidio é nestes casos a regra certa. Avaliar um monarcha pelos signaes do seu poder, em qualquer sentido que seja, é uma futilidade. Debaixo dos arminhos pode palpitar um nobre coração, embora homens indignos tenham por vezes empunhado o sceptro. Ama-se a realeza, quando os reis, como Pedro v, a exercem como um sacerdocio; respeita-se, convertida no horto da agonia de Luiz xvi. A realeza equivale á magistratura, ao magisterio, a qualquer encargo social, honrado pela inteireza do funccionario que a exerce. O monarcha não é mais do que o supremo magistrado da nação, e é tanto mais digno de respeito, quanto é mais difficil e melindroso o seu officio. São odiosos os abusos, e por isso os despotas; mas tambem são pueris os sustos republicanos que os receiam disfarçados sob um nome.

Este officio de reinar hoje em dia, em que os thronos andam abalados, subvertendo-se aqui uma dynastia com o terremoto das revoluções, sustentando-se acolá

outra pela força das armas ou com o ouropel de algumas victorias, é uma commissão perigosa para os que não comprehendem como devem as obrigações do seu posto e as tendencias do seu seculo. Os monarchas que timbram de o ser aproveitam a favor da causa publica os recursos do seu ingenho e os fructos da sua experiencia. Esta é a base segura dos seus thronos, porque é tambem fundamento da felicidade de seus povos.

Não é preciso comparar o Imperador do Brasil com o czar da Russia Pedro I, nem com outros principes e homens notaveis da historia. Seria impertinencia inutil. Mas o viajante que percorreu e estudou tantos e tão diversos estados, a sisuda Allemanha, que é a *alma mater* da sciencia, a formosa Italia, patria das bellas artes, a industriosa Inglaterra, a romanesca Hespanha, e a rainha do gosto, a espirituosa França, de certo que levou para além do Atlantico lições proficuas da arte de reinar.

O Imperador aportou á Europa quando ainda retiniam os echos derradeiros da guerra allemã, quando ainda se não tinha apagado o ultimo clarão dos incendios de París. Que sensações as suas quando entrasse na nobre capital da França!

De Mario nas ruinas de Carthago falam os historiadores como de assumpto proprio para considerações profundas. Talvez que seja. O romano audaz, que enfiara na espada a corôa de Jugurtha e os louros dos Cimbros, resvalando do cume da grandeza nos abysmos da desgraça, devia despertar idéas serias. E sentado sobre os destroços d'uma cidade florescente, a affinidade

dos destinos entre o homem e o povo excitava a sympathia que attrahe a homogenidade da sorte.

Differentes idéas, mas não menos profundas considerações devera suscitar a visita do Imperador do Brasil ás ruinas da antiga Lutecia. Que grande e tremenda lição para povos e para monarchas!

Mas o que tem sido o sr. D. Pedro no throno que estreiou ainda menino e com o sceptro que empunhou ao sahir da adolescencia? Pouco basta para a synthese da sua gerencia.

Pondo de parte as lutas, muitas vezes ingloriosas, dos diversos partidos, que para empolgarem o poder ferem accesas contendas sob o sceptro imperial brasileiro, e cujas apreciações são de sua natureza parciaes e suspeitas, a reputação d'este principe foi sempre boa e segura.

Conservar desde longos annos a corôa na cabeça num continente por excellencia republicano, e conserval-a por livre e espontanea vontade dos seus subditos; manter com firmeza e resolução a paz e a ordem nos seus vastos estados, circumdados da hydra da anarchia, que como cancro vai corroendo muitas das republicas americanas; sustentar a guerra quando indispensavel, e sustental-a com porfia e denodo a despeito de muitas contrariedades; fundir o bronze das estatuas em monumentos mais valiosos de instrucção publica para dar aos seus concidadãos a alforria da ignorancia; conceder aos escravos os fóros da cidade para engrandecer o imperio com novos elementos de prosperidade,

todas estas paginas do governo do sr. D. Pedro II são fiador bastante do seu alto merecimento. Ellas falam de per si e dispensam commentarios.

Com isto fecho o meu trabalho, meus amigos, e ahi vos deixo espaço para a vossa descripção, que tornará este livro, alem de verdadeiro nos factos, curiosissimo de noticias e apontamentos interessantes.

15 de maio de 1872.

A. A. da Fonseca Pinto.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DO SENHOR

D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRASIL

I

Nascimento

A 2 de dezembro de 1825 nasceu Sua Majestade o sr. D. Pedro II no Rio de Janeiro, no palacio da Boa Vista. Foram seus progenitores o sr. D. Pedro I, imperador constitucional do Brasil, depois jurado rei de Portugal, e a sr.ª D. Leopoldina Josepha Carolina, filha do imperador Francisco II da Allemanha e I da Austria.

Se a nobre e preclara ascendencia d'um monarcha

Dotado de memoria feliz, de talento raro, e havendo sido dirigido por sabios e desvelados preceptores, ainda ha pouco tempo nos deu provas inequivocas de que lhe não é desconhecido nenhum ramo das sciencias humanas. Como explicar d'outro modo o desejo, que elle manifestou, de querer ouvir as prelecções dos lentes e as lições dos estudantes nas aulas da Universidade de Coimbra?... E não fez elle o mesmo em Lisboa?

Quem tracta de perto com o esclarecido Imperador sabe perfeitamente que elle tem uma predilecção especial pelas sciencias physicas, pela historia natural, pelas mathematicas, e pela astronomia. Foram seus mestres nestas sciencias Alexandre Vandelli, e o Bispo de Chryspolis.

Sabendo que a historia é o conselheiro incorruptivel dos reis, esmera-se em lêr os historiadores, approveitando-se com fina critica d'esta leitura. Porém, como avaliar a difficuldade de certos factos sem se saberem os logares onde elles aconteceram? como conhecer se são ou não synchronicos, não sendo marcados na serie dos tempos segundo a ordem, com que vão succedendo? Eis porque o Chefe Augusto da Nação brasileira cultivou e cultiva sempre o estudo da geographia e da chronologia. Foi Felix Emilio Tannay quem lhe communicou o gosto por estes estudos: foi seu mestre em geographia, chronologia e historia.

Ajudado pela prodigiosa memoria, com que o dotou a natureza, o sr. D. Pedro II é versado em

muitas e variadas linguas, tanto vivas como mortas. É versado na lingua franceza, na ingleza, na allemã, na italiana, na latina, e não ignora a lingua grega: o conhecimento da litteratura geral e especial foi o resultado, que o illustrado Imperador tirou da leitura dos classicos d'estas differentes linguas.

Mais longe levou seus estudos sem carecer para isso de preceptores. O sr. D. Pedro II, conhecendo que o machinismo d'um bom governo depende do accordo e harmonia das differentes molas que o formam, compulsou assiduo os tratados sobre direito publico, sobre direito internacional, sobre economia politica, sobre os diversos ramos de administração, numa palavra sobre a arte de governar.

Não foi só ao cultivo do espirito e do coração que attenderam os tutores do sr. D. Pedro II: julgaram, e bem, que para as lidas do chefe d'uma grande nação é mister acostumar o corpo ás fadigas e aos exercicios gymnasticos. Foi por este motivo que, desde muito moço, se deu aos exercicios venatorios das armas e da equitação.

É admiravel, ainda hoje, a actividade physica, com que se apresenta: é o resultado inequivoco d'aquelles exercicios. Nesta viagem, que pela Europa fez o sr. D. Pedro, e de que fomos testemunhas, comprovou a verdade do que a tal respeito diz um seu biographo nas seguintes palavras: «A sua vida habitual, que em parte se pode comparar á do homem de letras, podia tornar pouco apto o

trabalho material; mas ainda sob este aspecto é privilegiada a sua natureza. Se é preciso, madruga, viaja a cavallo leguas e leguas, supporta chuva e sol, como o soldado affeito ás inclemencias da vida do exercito; e raros companheiros de viagem, por mais robustos, podem, sem ceder á fadiga, acompanhar o Imperador. [1]»

Pouco tempo se demorou entre nós: foi porém o bastante para reconhecermos a verdade do que diz o seu biographo.

III

Regencia

Como dissemos, tinha o sr. D. Pedro seis annos incompletos, quando seu Augusto Pae abdicou o imperio. Ainda menor, foi durante sua menoridade administrado o Brasil por uma regencia.

Os srs. marquez de Caravellas, Lima e Silva, e Vergueiro constituiram a primeira regencia em acto successivo á abdicação. Durante os quatro primeiros mezes da regencia foi a tutoria do sr. D. Pedro II confiada ao marquez d'Itanhaem, apezar da expressa determinação de seu Augusto Pae, que nomeara o conselheiro José Bonifacio d'Andrade tutor do joven Imperador. No fim d'aquelle tempo foi ratifi-

[1] Pinto de Campos.

cada a nomeação do sr. D. Pedro I, e ficou com a tutoria o supradicto conselheiro.

Razões de politica concorreram para a exoneração de Bonifacio d'Andrade; e após isso foi novamente nomeado tutor pela regencia o marquez d'Itanhaem em 1833, e foi confirmada esta nomeação pela assembléa geral. O marquez d'Itanhaem conservou a tutoria até á maioridade do Imperador.

A fraqueza do governo das regencias produziu sérias perturbações; e pelas provincias da Bahia, Maranhão, Pará, Pernambuco e Rio Grande se levantou o pendão da revolta sem um pensamento fixo, sem uma bandeira determinada. Passaram-se estes factos, que muito em geral indicamos, durante os nove annos da regencia [1]; e sem uma medida forte, um golpe d'estado violento, o imperio brasileiro succumbiria, victima dos differentes partidos. A proposito d'estas oscillações politicas energico se exprime o sr. Pinto de Campos [2] da maneira seguinte: «Manda a imparcialidade reconhecer que

[1] Depois da abdicação do sr. D. Pedro I os deputados e senadores, que se achavam na côrte, reuniram-se na casa e salas do senado, e nomearam uma regencia provisoria, que ficou encarregada do governo do imperio, em quanto as camaras, segundo determinava a constituição, elegiam a legal.

A esta regencia provisoria, composta de tres membros, succedeu outra de outros tantos membros, nomeada pelo corpo legislativo.

Esta mesma, em virtude da lei de 9 de agosto de 1834, das reformas constitucionaes, foi substituida por um só regente, o qual governou o Brasil até que o sr. D. Pedro II foi declarado maior em 29 de julho de 1841 por decreto e decisão d'ambas as camaras.

[2] Biographia do sr. D. Pedro II.

as circumstancias se tinham ido successivamente aggravando, e que o extremo elasterio consentido, já ás mais exaltadas ou desvairadas opiniões, já ás ambições, sempre habeis na *pesca* em aguas turvas, tudo soprou violentamente sobre o céo do Brasil negras e condensadas nuvens, prenhes de electricidade politica. Não o negamos: o governo tinha-se tornado *fraco: fraco,* porque as noções da sciencia tinham invadido até mesmo o sanctuario da auctoridade; *fraco,* porque a desordem campeava impune, e talvez mais audaciosa ainda nas idéas que nos factos; *fraco,* porque as provincias pediam a Menenio Agrippa que lhes repetisse o seu apologo; *fraco,* porque de dia em dia se ia cavando o abysmo do *deficit; fraco*, porque as regencias não dispunham do prestigio e de alguns dos recursos majestaticos; *fraco*, em fim, por outros motivos, que supprime quem deseja acatar a todos os nossos homens illustres, motivos, que aliás se acham presentes e vivos na memoria e consciencia de todos.»

No meio d'estas agitações politicas intenderam alguns, intenderam muitos brasileiros, que o unico remedio para esta molestia politica era proclamar a maioridade, embora temporã, do joven Imperador. Chamamos-lhe temporã, não com relação aos merecimentos do monarcha, mas com relação á edade que tinha então, mas com relação ao que determinava a lei fundamental: o sr. D. Pedro contava apenas quinze annos (incompletos) e a constituição brasileira no art. 121 dizia — *O Imperador*

é menor até á edade de 18 *annos completos.* — Estava-se em julho de 1840.

Cremos não errar, dizendo que esta alteração da lei fundamental foi sobre-pensada pelos diversos partidos, porém com fins diversos; e que cada um entrevia a seu modo as vantagens que podiam resultar de se acabar tão cedo com a menoridade legal do Imperador. Sobre similhante objecto nada mais acrescentaremos, sobrando-nos a vontade de o fazer.

Proclamada a maioridade do sr. D. Pedro II em julho de 1840, só passado um anno foi sagrado e coroado, em 18 de julho de 1841, com o mesmo titulo que seu Augusto Pae — *Defensor Perpetuo, e Imperador constitucional do Brasil.*

IV

Reinado

Auspicioso começou o reinado do sr. D. Pedro II. Por actos da sua clemencia e bondoso coração foram perdoados os chefes revolucionarios, que promoveram as revoltas dos ultimos annos da menoridade, e as dos primeiros annos da maioridade: honra ao magnanimo chefe do imperio brasileiro por similhante procedimento!!

Após este acto de moderação e de clemencia seguiu-se em 1845 a pacificação da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, assolada com dez annos de guerra civil. Já antes (1842) haviam sido abafadas sem difficuldade as revoluções da Mina e de S. Paulo. Posteriormente (1848) tambem foi suffocada a de Pernambuco, que nesse tempo chamaram *praieira*.

Terminada esta revolução, que havia durado pouco mais d'um anno, consolidou-se a paz em todo o imperio, e quasi que desappareceu d'entre os brasileiros o espirito de facção. Com effeito, ha muitos annos, que os brasileiros, no remanso da paz, têm deligenciado engrandecer o seu paiz, sob o governo benefico e paternal do monarcha mais liberal do mundo.

Aos dezoito annos (em 1843) tinha recebido por esposa a virtuosa filha de Francisco II, ex-rei de Napoles, nascida a 18 de março de 1822. Um anno depois morreu o principe imperial D. Affonso, primeiro fructo d'este feliz consorcio.

Mal havia serenado o espirito do magnanimo Imperador, terminadas as convulsões politicas de Pernambuco, quando novo golpe traspassou seu coração: em 1852 falleceu o principe D. Pedro, seu segundo filho.

Após a morte dos dois principes ficou a dynastia brasileira representada por suas duas filhas, a princesa imperial D. Isabel, nascida em 1846, e que na actualidade governa, como regente, na ausencia

de seu Augusto Pai; e a princeza D. Leopoldina Thereza, nascida em 1847. Esta ultima falleceu em 1870, longe dos seus e da patria, viajando pela Europa com seu marido, o duque de Saxe.

Se o imperio brasileiro, graças ao sabio governo do sr. D. Pedro II, goza ha mais de vinte e dois annos de paz interna e de socego inalteravel e vivificador, se á sombra d'esta paz se tem desinvolvido em todos os ramos administrativos, dando expansão ás suas riquezas e engrandecimento ao seu credito financeiro; se tem adoptado os melhoramentos moraes e materiaes, creação singular do seculo XIX, em troca o Brasil ha sido inquietado com guerras externas, filhas do espirito turbulento e audacissimo dos seus visinhos meridionaes. Queremos fallar de D. João Manuel Rozas, e de D. Manuel Orila, o primeiro dictador sanguinario da confederação Argentina e o segundo seu logar-tenente no Uruguay. A guerra contra estes dois inimigos decididos do Brasil foi uma pagina gloriosa para a historia do sr. D. Pedro II.

Açoites de seus compatriotas, escandalos da moral e da religião, flagellos das povoações visinhas e de todos os estrangeiros, residentes naquelles dois estados, Rozas e Orila foram derrotados, e com a sua derrota não lucraram só os brasileiros, a humanidade tambem lucrou.

Passados annos novas luctas se travaram. Em 1864 foi outra vez declarada guerra ao Uruguay, cujo dictador mandava fazer continuas invasões pelo territorio brasileiro. Esta guerra terminou em

20 de fevereiro do anno seguinte pela entrega da praça e cidade de Montevideu e por um tractado de paz com o general Flores.

Seguiu-se a horrivel e sangrenta guerra do Paraguay, exclusivamente devida á malvadez de Lopes, dictador d'aquella republica. Depois de perdas incalculaveis de parte a parte veio a acabar a guerra, no fim de cinco annos de lucta constante, em março de 1870 pela derrota total das forças do dictador, e pela sua morte no arroio de Aquibadan.

O patriotismo do sr. D. Pedro II tornou-se notavel durante o periodo desgraçado d'esta desastrada guerra, e grande quinhão de gloria lhe coube no desfecho que ella teve. O Imperador reagiu sempre a qualquer convenio com o tyranno do Paraguay, declarando terminantemente a seus ministros que preferia antes abdicar a corôa imperial que transigir com elle. Esta vontade firme e energica animou os brasileiros, e o tyranno foi vencido.

Consideremos sob outro respeito o reinado do actual Imperador do Brasil.

É de primeira intuição que um bom systema de viação, que ligue a capital com as provincias e os centros de producção com os mercados do littoral, é de uma incontestavel vantagem para a prosperidade de uma nação. O sr. D. Pedro, conscio d'esta verdade, tem dispensado constante protecção ás emprezas de viação accelerada. Durante o seu governo tem-se construido e estão em construcção muitos kilometros de caminhos de ferro.

Tem dado egual impulso á viação ordinaria, á fluvial, e á maritima por intermedio do vapor como principio motor.

Além d'estes ainda temos a mencionar outros melhoramentos materiaes. O telegrapho electrico funcciona em differentes direcções: a capital e outras cidades do imperio já estão elegantemente illuminadas a gaz.

Nem só melhoramentos materiaes. Longe iriamos, se houvessemos de fazer menção de todos os melhoramentos moraes effectuados durante o governo do sabio Imperador. Ás artes, ás sciencias, á legislação, á milicia, ao commercio, a tudo isto attendeu o sr. D. Pedro, e, graças á sua iniciativa e decidida protecção, tudo isto tem progredido consideravelmente.

A crescente prosperidade do Brasil sob o reinado do sr. D. Pedro ainda se pode deduzir d'outros factos, altamente expressivos: 1.º a população tem duplicado; 2.º a importação e exportação têm augmentado prodigiosamente; 3.º a agricultura tem melhorado a olhos vistos; 4.º os melhoramentos de tantas especies não têm aggravado em proporção os impostos.

Resta-nos dizer, para completar o elogio do illustrado e magnanimo Imperador, que foi no seu memoravel e humanitario reinado decretada a abolição da escravatura, e que a iniciativa d'este decreto partiu primitivamente d'elle. O monarcha liberal. chefe d'um povo livre, não quiz sob o seu governo senão cidadãos livres.

VIAGEM DOS IMPERADORES DO BRASIL

EM PORTUGAL

PRIMEIRA PARTE

Preparativos de recepção

Logo que em Portugal foi sabida a agradavel noticia da visita de Suas Majestades, os Imperadores do Brasil, a este reino, tractaram seus augustos parentes, os monarchas portuguezes, e o governo de providenciarem convenientemente para que lhes fosse preparada recepção condigna. Para este fim foi luxuosamente mobilada a corveta *Estephania*, um dos principaes vasos da marinha de guerra portugueza, destinada para os imperiaes viajantes passarem o tempo de quarentena, a que, pelas leis do paiz, eram obrigados os passageiros, procedentes do porto do Rio de Janeiro, então inficionado de febre amarella. Ordenara tambem el-rei, o sr. D. Luiz, que se aprestasse o sumptuoso palacio de Belem, do qual passamos a dar a descripção, para que se veja quanto era proprio e digno de receber tão elevados hospedes.

Palacio de Belem

A sala de entrada, chamada das bicas, tem o tecto pintado a oleo, representando as quatro estações do anno, e differentes fructas; um majestoso lustre, illuminado a gaz; reposteiros verdes e encarnados; e vasos com flores.

A primeira sala, denominada encarnada, tem um rico tecto de obra de talha e relevo dourado; um lindo lustre de metal dourado e crystaes; competentes serpentinas em diversos logares: forrada de papel encarnado e ouro; alcatifa encarnada, imitando *moirée.* A mobilia era de mogno, forrada de seda encarnada; cortinados das janellas da mesma côr; galerias douradas com obra de talha; *consolas* e espelhos dourados.

A segunda sala, denominada de D. João VI, tem o tecto de estuque com pinturas, representando a viagem de D. João VI ao Brasil; as paredes forradas de papel azul e ouro; lustre, placas; um grande retrato em marmore d'el-rei D. José; alcatifa azul; reposteiros e armações das janellas da mesma côr, mas de seda; galerias douradas com obra de talha. Adornam-na além disso *consolas,* espelhos dourados, e jarras pretas do Japão; mobilia, aparador, mesa elastica e cadeiras, tudo de mogno; um rico biombo de charão com pinturas chinezas. Esta sala é a da refeição.

A terceira sala era destinada a servir para a recepção das visitas particulares do Imperador. Tem o tecto de estuque branco com obra de relevo; lustres e placas; as paredes forradas de papel encarnado e ouro; espelho e *consola* dourados, uma grande peixeira de louça da India; mobilia de páu santo, forrada de seda encar-

nada e ouro; alcatifa e armações das janellas da mesma côr; galerias douradas com obra de talha; e um bonito fogão ao centro.

A quarta sala devia ser a camara do Imperador; forrada de papel cinzento e ouro, com lindas cercaduras; tecto de estuque branco com baixo relevo, no gosto moderno; mobilia forrada de seda azul, assim como armações de janellas e reposteiros; galerias de páu santo; uma grande cupula do mesmo páu, com obra de talha, donde pendia armação de seda azul, cortinas bordadas, e mosqueteiro branco; uma rica cama de mogno com obra de talha; um fogão pequeno; espelho e *consolas* dourados com obra de talha; competentes placas de metal dourado com crystaes; e alcatifa com as mesmas côres da mobilia.

A quinta sala era o quarto de vestir para o Imperador, a qual tem o tecto estucado de branco em baixo relevo; espelho de vestir; paredes forradas de papel verde e ouro. A mobilia era forrada de seda verde: reposteiros e armações das janellas de seda da mesma côr; galerias douradas lizas; um bonito lavatorio; alcatifa da côr do papel.

A sexta sala é a chamada do baile. Tem o tecto dourado com obra de talha, representando instrumentos, papel de musica, etc., as paredes forradas com paineis de papel branco e ouro; armações das janellas de seda da mesma côr; galerias de metal amarello; mobilia de mogno forrada de seda encarnada; competentes placas de metal com crystaes; alcatifa da côr do papel; duas *consolas* grandes com pedra de Italia. Esta sala era destinada para a Imperatriz receber as suas visitas.

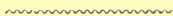
A setima sala era a camara para a Imperatriz. Tem o tecto estucado de branco com relevos; paredes forradas

de papel verde e ouro; a mobilia dourada e forrada de amarello; uma rica cupula dourada com obra de talha; ricos cortinados bordados; mosqueteiro. A cama era de trabalho primoroso com obra de metal dourado e obra de talha em mogno. Dois candelabros; um relogio de metal amarello; alcatifa da Russia; um bonito fogão; armações de janellas da mesma seda; galerias douradas, e dois ricos reposteiros de damasco bordado completavam a sua mobilia.

A oitava sala era o quarto de *toilette* para a Imperatriz. Tem o tecto de estuque branco; paredes forradas de setim verde e branco; armações das janellas e reposteiros da mesma côr com galerias douradas. A mobilia era forrada de setim da mesma côr; um lindo espelho de vestir; competentes candelabros de crystal; duas grandes jarras de Sévres e alcatifa verde.

A nona sala era a ante-camara da Imperatriz. Tem o tecto de estuque branco; um pequeno lustre de metal e crystaes; paredes forradas de papel branco e ouro. A mobilia era de páu santo com obra de talha, forrada de seda amarella; cortinados e reposteiros da mesma côr; alcatifa no mesmo gosto.

A decima sala era o guarda-roupa. Tem tres guarda-vestidos.

Os quartos que ficam ao poente, chamados da Arrabida, eram para as pessoas de primeira ordem que acompanhavam os Imperadores. Os quartos por cima do picadeiro eram destinados para as pessoas que el-rei D. Luiz nomeou para o serviço dos Imperadores, a saber: marquez de Ficalho, general Caula, general Gromicho Couceiro, e condes de Penamacor.

Constituiram-se muitas commissões em Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e outras terras com o fim de prepararem festejos para solemnisar a visita de Suas Majestades; mas logo adiaram os preparativos, por se saber que a sua visita ao nosso paiz sómente se realisaria quando regressassem da viagem pela Europa.

Manifestação parlamentar

Na sessão da camara dos srs. deputados, de 2 de junho, foi apresentada pelo deputado por Santo Thyrso, o sr. José Joaquim Figueiredo de Faria, a proposta seguinte:

«Proponho que seja consignado na acta que é summamente agradavel a esta camara a noticia da proxima visita do Imperador do Brasil e sua augusta esposa a este paiz; e que, na impossibilidade de os eleitos do povo portuguez comprimentarem por meio d'uma deputação Suas Majestades Imperiaes na sua chegada, por não estarem já reunidos quando se realisar tão fausto acontecimento, desde já se antecipam a dar-lhes as boas vindas, e um testemunho sincero de respeito e consideração pelas suas altas virtudes, e ao mesmo tempo de reconhecida gratidão pela sympathia e estremada benevolencia com que sempre se têm dignado tractar os nossos compatricios residentes nos seus estados; e esperam que o governo, tendo em consideração os laços de sangue que unem as familias reinantes d'estes dois paizes amigos e irmãos, que fallam a mesma lingua, e as boas relações politicas e commerciaes, que entre elles têm constantemente existido, dará as precisas providencias para que os augustos hospedes sejam

recebidos com todas as demonstrações de regosijo nacional e honras devidas á sua alta hierarchia. Sala das sessões, 2 de junho de 1871.»

Esta proposta foi unanimemente votada pela camara, associando-se a ella tambem as manifestações e votos dos membros do governo.

Partida de Suas Majestades do Rio de Janeiro

No dia 25 de maio de 1871 sahiu do porto do Rio de Janeiro, com destino á Europa, o magnifico paquete *Douro,* a bordo do qual vinham Suas Majestades, os Imperadores do Brasil, acompanhados dos srs. conselheiro Nicolau Antonio Nogueira da Camara, conselheiro d'estado Barão do Bom Retiro, conselheiro d'estado Barão de Itaúna e sua formosa filha, D. Josephina Fonseca Costa, D. Leonilda dos Anjos Esporal, D. Joanna Maria, Pedro de Paiva, e mais onze creados, dois dos quaes pertenciam ao conselheiro Nogueira da Camara. Cerca de trezentos passageiros, com destino a Portugal, tinham tambem embarcado neste mesmo vapor, que vagarosamente deslisava pela bahia, para poder ser acompanhado de grande numero de embarcações, cheias de povo, que enthusiasticamente victoriava e se despedia dos imperiaes viajantes. O Imperador, singelamente vestido de preto, conservou-se por bastante tempo na tolda, correspondendo com a mais profunda commoção ás immensas saudações, que se multiplicavam de todos os lados, e eram seguro testemunho de quanto o nobre povo brasileiro venera a illustração e elevadas qualidades dos seus monarchas.

No dia 28 o vapor *Douro* chegou ao porto da for-

mosa *Bahia,* onde se preparava uma esplendida recepção aos Imperadores, a qual porém não pôde realisar-se em razão da copiosa chuva que sobreveio nessa occasião.

No dia 30 chegou a Pernambuco, e ahi desembarcaram Suas Majestades para assistirem á inauguração dos trabalhos de abertura d'um canal. D'aqui proseguiu o vapor a sua viagem, tocando em S. Vicente a 5 de junho.

A viagem fez-se sem incidente notavel, e apenas a morte d'um passageiro perturbou momentaneamente a alegria de todos os viajantes.

Suas Majestades mantiveram sempre a mais cordial camaradagem com os demais passageiros, tractando-os affavelmente e mostrando-se gratos a todas as provas de respeitosa sympathia que lhes dispensavam. Os seus logares a bordo tinham sido tomados sob a simples designação de *D. Pedro d'Alcantara e sua mulher.*

Chegada ao porto de Lisboa e desembarque no Lazareto

Ás cinco horas e meia da madrugada do dia 12 de junho salvava a torre de S. Julião da Barra com vinte e um tiros, e içava a bandeira brasileira, annunciando d'este modo que estava á vista o vapor *Douro.* Um quarto de hora depois a torre de Belem prestava egual homenagem, quando o vapor, passando serenamente em frente de suas muralhas, se aproximava do ancoradouro, sendo logo correspondido pelas salvas de bordo da corveta *Estephania*, a qual embandeirou em arco, içou num dos topes a bandeira brasileira, e tomou nas

vergas a marinhagem, que d'ellas saudava com clamorosos *vivas* os Imperadores.

Pelas seis horas fundeava o vapor em frente do Lazareto, recebendo em seguida a visita das auctoridades do porto e da saude; e, como as disposições sanitarias determinavam uma quarentena de oito dias, foi communicada aos passageiros a noticia de que tinham de permanecer no Lazareto durante aquelle praso. O Imperador então escreveu a el-rei, pedindo-lhe que em nada se alterassem as determinações legaes.

Immediatamente partiu para bordo um escaler com os srs. ministro do Brasil nesta côrte, conselheiro Lisboa, consul Porto Alegre e diversos empregados da legação e consulado, que iam receber as ordens de Suas Majestades. Partiram tambem alguns botes com varias pessoas, portuguezes e brasileiros, desejosas de verem e saudarem os imperiaes viajantes.

Ás sete horas e um quarto sahiram do paço das Necessidades el-rei D. Fernando e o sr. infante D. Augusto, e embarcaram ás sete horas e meia num escaler verde, equipados por trinta remadores, dirigindo-se a comprimentar os Imperadores, que do alto da escada conversaram alegre e affectuosamente com seus augustos cunhado e sobrinho.

El-rei D. Fernando insistiu com empenho para que Sua Majestade o Imperador acceitasse a corveta *Estephania;* a sua resposta porém foi sempre negativa, dizendo que, apenas tinha chegado, escrevera a el-rei D. Luiz nesse sentido, declarando que a sua resolução era irrevogavel.

Fallavam com familiaridade propria de velhos amigos de *tu,* e d'uma vez que el-rei D. Fernando o tractou por imperador, Sua Majestade observou-lhe: «Aqui não ha

imperador nem imperatriz. Chamo-me D. Pedro de Alcantara, e minha mulher D. Thereza Christina.»

Não escapou ao illustre viajante o magnifico palacio de Cintra, que só de longe podia enxergar, coroando os penhascos agudos da Pena; e subindo o Tejo observara as obras do convento dos Jeronymos em Belem [1]. De ambas as maravilhas fallou pois o Imperador com elogio ao monarcha portuguez.

Não lhe foi indifferente tambem o maravilhoso espectaculo da entrada de Lisboa pelo Tejo, e confessou que, apezar de familiarisado com os grandes espectaculos da natureza, havia admirado o quadro surprehendente da entrada da barra e subida do Tejo.

Entre outras observações e perguntas manifestou desejo de conhecer os srs. duque de Loulé, marquez de Sá da Bandeira e marquez de Ficalho, tres amigos e companheiros de seu pai.

Attentando no sr. conde de Campanhã, que fazia parte da comitiva d'el-rei D. Fernando, felicitou-o pela vigorosa disposição physica em que o encontrava.

Tambem perguntou se em Lisboa havia muitos brasileiros. El-rei D. Fernando respondeu aflirmativamente, mas o Imperador replicou: «Sim, mas são portuguezes que residiram no Brasil, e voltam chamando-se brasileiros. Conheço muitos, alguns estimaveis, e desejo vel-os.»

El-rei D. Fernando despediu-se, e de novo insistiu com o Imperador para acceitar a corveta *Estephania*.

— «Deixe-me gozar esta liberdade de simples cidadão; estou farto de ceremonias e etiquetas» foi a

[1] As obras da restauração do edificio dos Jeronymos são devidas á iniciativa do sr. José Maria Eugenio d'Almeida, provedor da Casa Pia, estabelecida no mesmo edificio.

resposta do monarcha. E terminou por pedir ao sr. D. Fernando que o procurasse no Lazareto, onde poderiam conversar mais de espaço.

Ás sete horas e meia vinham do arsenal num escaler de serviço esperar el-rei no caes de Belem, para o acompanharem a bordo, os srs. presidente do conselho de ministros marquez de Avila e Bolama, ministro da fazenda Carlos Bento da Silva, ministro da marinha José de Mello Gouvea, ministro da guerra José Maria de Moraes Rego, e ministro da justiça José Marcellino de Sá Vargas.

Tambem chegavam alli com o mesmo fim os srs. viscondes de Soares Franco e da Praia Grande, conde das Alcaçovas, marquez de Ficalho e outros cavalheiros.

O sr. D. Fernando voltou para terra ás oito horas e dez minutos.

No caes de Belem estava atracado um formoso bergantim real, tripulado por 80 remadores, sob o commando do sr. capitão de fragata Sousa.

A formosa embarcação recebeu a seu bordo, pelas oito horas e um quarto Suas Majestades el-rei e a rainha, acompanhados pelos srs. marquez de Ficalho, conde de Valle de Reis, Pedro de Noronha e Victor Moreira, e a dama de serviço da rainha, a sr.ª D. Gabriella, bem como os srs. ministros.

A rainha trajava um elegante vestido côr de rosa, chaile de *touquim* branco e chapéu da mesma côr com laços correspondentes ao vestido.

O bergantim içou o pavilhão real, fez-se ao largo, e aproou ao *Douro,* indo-lhe na esteira uma galeota, que largara do caes após ella, tripulada por trinta remadores, e levando a bordo os srs. viscondes de Soares Franco e da Praia Grande, Andrade, Cardoso e Rodo-

valho. O bergantim d'el-rei remara para estibordo do paquete, e aproximou-se quanto possivel, mas sem tocar por não ser permittido pelos regimentos sanitarios. O Imperador, acompanhado do seu camarista, o sr. barão de Bom Retiro, desceu a escada do portaló até ao derradeiro degrau. A Imperatriz ficou um pouco mais acima.

O Imperador vestia o trajo modesto, em que já o vimos sahir do porto do Rio de Janeiro: bonnet, sobrecasaca e calça preta.

A sua augusta esposa trajava de rigoroso luto, e denotava o abatimento resultante de padecimentos physicos.

El-rei, o sr. D. Luiz, e a rainha sua augusta esposa, a sr.ª D. Maria Pia, estavam de pé no bergantim. Saudaram com alegria os Imperadores, e estes corresponderam-lhes com extrema simplicidade no mesmo tom de affectuoso contentamento. Seguiram-se apresentações mutuas de alguns officiaes de ambas as suas casas.

El-rei D. Luiz offereceu-lhes a corveta *Estephania,* mandada apparelhar pelo governo para a quarentena dos monarchas brasileiros; mas o Imperador respondeu como já havia feito a el-rei D. Fernando.

— «Agradeço muito tamanho obsequio, mas não posso acceitar. Hei de sujeitar-me á lei commum, cumprindo a quarentena com os meus companheiros de viagem. Aqui não sou mais que Pedro de Bragança.» Depois accrescentou: — «Finda a quarentena só me demoro um dia em Lisboa para os visitar, e a Sua Majestade a Imperatriz viuva, e vou aproveitar a estação na visita ao norte da Europa e suas principaes cidades. Á volta hei de então demorar-me mais aqui em sua

companhia, e visitar Lisboa, Coimbra, onde quero ver a Universidade, o Porto, aquella nobre terra de tantas recordações, e outras.»

Nesta occasião viu o sr. marquez de Ficalho, e dirigindo-se a elle mandou-o cobrir. O mesmo fez com o sr. visconde de Soares Franco, ao qual disse que mui bem se recordava d'elle, e com saudade, de quando estivera no Rio de Janeiro.

Terminaram os comprimentos e os monarchas portuguezes despediram-se e voltaram a desembarcar em Belem.

Centenares de embarcações agglomeravam-se em redor do paquete, a maior parte com curiosos, outras conduzindo pessoas que iam comprimentar os personagens recemchegados. O sr. marquez de Pombal, conduzido por um escaler, aproximou-se do portaló, e comprimentou o Imperador. Este dirigiu-lhe a grata fineza de lhe dizer: «que se lembrava muito de seu pae, e que, quando passou em frente da formosa quinta de Oeiras, lá tinha visto a historica residencia do grande ministro do sr. D. José I, e seu memoravel ascendente.

Ás 9 horas da manhã largava do caes de Veropezo, que fica proximo do edificio que hoje occupa a camara municipal, o escaler da alfandega, n.° 1, conduzindo os vereadores, conde de Rio Maior, *Antonio,* presidente, José Carlos Nunes, Zepherino Pedrozo, Guerra Sanctos. Em outros dois escaleres iam o escrivão, guarda-mór e varios empregados superiores da camara.

O sr. vereador José Carlos Nunes levava o estandarte da camara. Quando os escaleres chegaram juncto do vapor, iam os augustos viajantes descendo as escadas do portaló para embarcarem no escaler da corveta *Estephania,* onde os esperavam o sr. capitão de mar e

guerra, José Baptista de Andrade, commandante da corveta, e o seu immediato.

A camara levantou um *viva* aos Imperadores do Brasil, que foi correspondido por todos os passageiros do paquete *Douro*.

Sua Majestade agradeceu do escaler á camara municipal as demonstrações de cordialidade e sympathia com que era recebido.

Os escaleres em que ia a camara municipal, acompanharam a alguma distancia aquelles em que iam Suas Majestades Imperiaes, dirigindo-se para o Lazareto.

A camara desembarcou tambem na praia do Lazareto, sendo desfraldada a bandeira do municipio, e felicitou Suas Majestades pela sua feliz viagem e chegada ao porto de Lisboa. Sua Majestade o Imperador respondeu: — «Agradeço á camara municipal de Lisboa os seus comprimentos».

O sr. presidente da municipalidade novamente levantou *vivas*, a que corresponderam as pessoas presentes. O Imperador agradeceu sempre os *vivas*, agitando o braço, em cuja mão sustinha o bonnet.

O vapor *Lusitano* do sr. Bournay, que levava a bordo a philarmonica *Alumnos de Euterpe*, e fazia subir ao ar immensos foguetes, tambem acompanhou o desembarque. A philarmonica tocava o hymno brasileiro.

O sr. Baptista de Andrade, commandante da corveta *Estephania*, cuidando ter por hospede o Imperador, saltou á escada do *Douro* communicando com Sua Majestade, e ficando tambem por esse facto de quarentena.

Sua Majestade Imperial, a senhora duqueza de Bragança, mandou o sr. marquez de Rezende comprimentar o Imperador, seu enteado.

No Lazareto

Dia 12

Seguindo o seu invariavel systema de se considerar como simples particular, assim se hospedou o imperial viajante entre os demais quarentenarios. Suas Majestades recusaram toda a distincção, não querendo acceitar os gabinetes particulares que lhes haviam sido preparados, allegando que desejavam muito continuar a estar com os seus companheiros de viagem, dispensando portanto os empregados, que da casa real para alli tinham sido mandados para seu serviço.

Ás tres e meia horas da tarde foi ao Lazareto visitar os imperiaes viajantes Sua Majestade, el-rei D. Luiz, em companhia dos seus ajudantes de ordens. Demorou-se lá uma hora. Pelas cinco horas da tarde fazia egual visita el-rei D. Fernando. Á passagem das pessoas reaes houve na torre de Belem e a bordo da corveta *Estephania* as salvas do estylo.

Tambem alli foram os srs. ministro do Brasil, viscondes de Asseca, de Campos, de Soares Franco, Andrade Pinto, e em cinco dos melhores escaleres da alfandega os srs. conde de Penamacôr e consul do Brasil em Lisboa com sua familia.

O sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth, director da alfandega, foi muito bem recebido pelos Imperadores, que amigavelmente se recordavam d'elle, e lhe gabaram o estabelecimento e a linda vista que d'alli se desfructa.

Por ordem do sr. ministro do reino foi pôr-se ao serviço de Suas Majestades o padre capellão do Lazareto.

Ás sete horas da tarde desembarcou a charanga da corveta *Estephania* e dois officiaes de marinha portugueza.

Á noite em Lisboa illuminaram-se muitas casas portuguezas e brasileiras, assim como as de algumas redacções dos jornaes, sobresahindo a da *Correspondencia de Portugal* no caes do Sodré. Era tambem brilhante a illuminação do edificio da companhia do gaz.

Serenata no Tejo

Ás oito horas da noite abordava a ponte dos vapores o *Lusitano,* graciosamente embandeirado e illuminado com grande numero de lanternas com vidros de varias côres e muitos balões venezianos. Pouco depois estalavam no ar milhares de foguetes, e a bordo bombas de grande força.

Ás oito horas e meia desamarrou o vapor, e lentamente se ia desenvolvendo o magnifico panorama que apresentava a cidade illuminada, até que chegou a Belem, onde a quantidade de luzes não era menos surprehendente.

A corveta *Estephania,* ancorada em frente de Belem, estava egualmente illuminada, e á passagem do vapor lançou ao ar innumeros foguetes.

A bordo do *Lusitano* tocava a banda de musica *Alumnos de Euterpe,* que, tanto durante a viagem, como em todo o tempo que esteve em frente do vapor, executou muitas peças de musica, e entre ellas alguns hymnos portuguezes e brasileiros.

Em frente do Lazareto se demorou o *Lusitano* mais d'uma hora, lançando-se sempre de bordo foguetes e bombas em grande quantidade.

Quando o vapor virou, pôde aproximar-se mais da terra, e então de bordo se levantaram *vivas* ao Imperador e Imperatriz, e tão perto estava, que se ouviam distinctamente os sons da musica do 5 de caçadores, que tocava no Lazareto, onde nas salas bem illuminadas se distinguiam perfeitamente as pessoas que assomavam ás janellas.

Ás dez horas voltou a Lisboa, onde chegou ás onze, continuando ainda a admirar-se o esplendente effeito da illuminação, uma das mais brilhantes que Lisboa tem presenceado.

Dias 13 e 14

Muitas pessoas notaveis procuraram os imperiaes quarentenarios durante estes dois dias. Havia o Imperador perguntado por algumas, especialmente por aquellas que lhe eram já familiares pela leitura das suas obras; a outras enviava o seu camarista os mais amaveis convites para o procurarem.

Suas Majestades recebiam as visitas no parlatorio, sendo escusado accrescentar que a todos captivavam com a lhaneza e affabilidade do seu tracto.

Attribue-se ao illustrado monarcha um dito muito espirituoso, relativo á sua posição de prisioneiro no Lazareto. A alguem com quem conversava, disse Sua Majestade: «Ha um certo prazer em estar aqui encarcerado em nome da saude d'uma população de 300:000 pessoas, que eu estimo.»

Uma das pessoas mais procuradas e bem acolhidas pelo illustrado monarcha foi o sr. conselheiro José Dias Ferreira, lente de direito na universidade de Coimbra, ministro de estado honorario, e deputado da nação. Por

algumas pessoas, com quem estivera, havia feito constar ao tão novo como sabio estadista os desejos que tinha de conhecel-o e fallar-lhe.

O sr. conselheiro Dias Ferreira estava ainda em tractamento d'uma operação melindrosa nos olhos, motivo por que não pôde corresponder desde logo á honrosa e grata lembrança do monarcha brasileiro, que se comprazia de tractar com os homens mais distinctos da capital. Porém dias depois foi ao Lazareto, onde teve um acolhimento amavel, tão natural ao caracter do senhor D. Pedro II, especialmente para com os homens cultos e superiores. Fallou largamente no commentario ao Codigo Civil Portuguez, do qual o esclarecido jurisconsulto tinha então dado á estampa o primeiro volume, que o imperador já havia lido.

Depois occuparam-se da Universidade, sobre a qual tinham sustentado larga conversação, quando a visita d'el-rei, o senhor D. Luiz, os foi interromper.

O sr. conselheiro Dias Ferreira retirou-se então, e o senhor D. Pedro accrescentou ao lisongeiro acolhimento, que lhe havia prodigalisado, a manifestação do desejo de tornar a vêl-o no seu regresso e mais demorada visita a este reino.

Nesta justa homenagem ao sr. conselheiro Dias Ferreira, egual á que usara para com outras illustrações do paiz, sobresáe tanto o espirito observador e culto do Imperador como o fino trato com que procura distinguir o verdadeiro merecimento e cultivar relações com todos que, como o auctor do commentario ao Codigo Civil Portuguez, o têm de sobejo provado pela merecida reputação das suas luzes e trabalho.

Tambem os srs. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, hoje presidente do conselho de ministros, e o mi-

nístro de estado honorario, conde do Casal Ribeiro, visitaram o Imperador.

Parece que, tendo o sr. Casal Ribeiro dito que havia trocado a politica pela lavoura, o Imperador o reprehendera amavelmente, dizendo que não era licito a homens do seu talento abandonar inteiramente os negocios publicos. Por essa occasião Sua Majestade alludiu com muito affecto e enthusiasmo ao sr. Alexandre Herculano, que tambem deixou não só a vida politica, mas a litteraria, e pediu lhe dissessem que desejava vêl-o, mas que, não tendo agora tempo para ir a Valle de Lobos, esperava merecer-lhe o favor da sua visita.

Outro personagem litterario foi sobremodo honrado por Sua Majestade. No dia 14 o sr. Porto Alegre, consul do Brasil em Lisboa, procurou da parte do Imperador o sr. visconde de Castilho, a fim de lhe transmittir o desejo que Sua Majestade nutria de o ver antes de partir para o extrangeiro. O sr. visconde accedeu com satisfação, e foi ao Lazareto no dia immediato.

Ás cinco horas da tarde do dia 13 el-rei, o senhor D. Luiz, e seu irmão, o senhor infante D. Augusto, estiveram no Lazareto, e no dia immediato voltou el-rei a visitar seus augustos tios, indo d'esta vez acompanhado da rainha, sua esposa, a senhora D. Maria Pia, de seus filhos, o principe real D. Carlos e infante D. Affonso, além da dama ao serviço da rainha, D. Gabriella de Sousa Coutinho, da dama dos infantes, D. Maria Thereza de Mascarenhas, do camarista D. Pedro José de Noronha, veador conde de Valle de Reis, ajudante de campo D. Manuel de Sousa Coutinho, official ás ordens Brito Moreira, e do medico de serviço, o sr. Carlos May Figueira, os quaes todos foram conduzidos a bordo do escaler a vapor da casa real, tendo embarcado em Be-

lem. Esta visita durou tres horas, desde a 5 da tarde até ás 8, em que Suas Majestades regressaram ao palacio da Ajuda,

Antes tinha já estado com o Imperador o seu amigo de *tu*, Sua Majestade el-rei o senhor D. Fernando, que fôra para o Lazareto pouco depois das duas horas, chegando depois de Sua Majestade os srs. marquez d'Avila, viscondes da Praia Grande, de Soares Franco e o ministro da marinha.

Ás tres horas d'esta mesma tarde foram os srs. duque e duqueza de Palmella comprimentar Suas Majestades. Para este fim haviam fretado o vapor *Joaquim Lopes*, que os conduziu. Successivamente cumpriram o mesmo dever os srs. marquez de Niza e Fontes Pereira de Mello antes da chegada d'el-rei, o senhor D. Luiz, e sua familia.

Tambem no dia 13 foi prestar egual homenagem aos hospedes imperiaes uma commissão composta do parocho, outros ecclesiasticos, e differentes pessoas mais da freguezia de Caparica, sendo portadores d'uma felicitação que lhes dirigiam os habitantes da mesma freguezia, á qual o Lazareto pertence.

Neste mesmo dia o general commandante da divisão, o sr. conde de Castello Branco e seu estado maior, o sr. marquez de Sá da Bandeira, e muitas outras pessoas procuraram, e foram recebidas por Suas Majestades.

Entre estas se contava o laborioso proprietario da *Correspondencia de Portugal*, acompanhado de seus filhos.

Não occultava o Imperador a satisfação que estas demonstrações produziam no seu animo, pelas ter por sinceras e espontaneas, expressando-se do mesmo modo em termos honrosos e gratos a respeito da imprensa.

A associação commercial nomeou uma commissão,

para felicitar o Imperador, mas sómente no seu regresso da viagem a Lisboa.

Á noite a delegação da alfandega no Lazareto esteve sempre illuminada; durante a hora da ceia foi, na noite de 13, tocar ao parlatorio a philarmonica dos bombeiros, e na immediata coube a vez á musica dos ex-alumnos cegos da Casa Pia.

Durante o jantar tocou todas as tardes no Lazareto a banda do batalhão de caçadores. Como se sabe, Suas Majestades jantavam sempre á mesa commum com os seus companheiros de viagem e quarentena.

Dia 15

Ás 11 horas já eram recebidos os srs. consul do Brasil, almirante Graça, e deputação enviada pela camara municipal da cidade do Porto.

O sr. Francisco Pinto Bessa, deputado, presidente da commissão e da camara municipal do Porto, apresentou a Sua Majestade uma allocução, a qual transcrevemos:

Allocução da Camara Municipal do Porto

Senhor. — A noticia da visita, que aprouve a Vossa Majestade Imperial fazer á Europa, encheu de jubilo a Nação Portugueza, que vê na Augusta Pessoa de Vossa Majestade Imperial o mais Nobre Representante d'uma Nação amiga e co-irmã da Nação Portugueza, que, ligada ao Brasil por estreitissimos laços, lhe consagra a mais acrisolada affeição, e folga por isso de ter occasião de saudar com enthusiasmo a Vossa Majestade Im-

perial, que pela sabedoria e illustração de seu governo tem sabido grangear a estima universal.

A Cidade do Porto, como segunda capital do reino, não podia ficar indifferente no meio da alegria, que todos os portuguezes sentem pela visita, com que Vossa Majestade Imperial, acompanhado de Sua Majestade a Imperatriz, virtuosa Esposa de Vossa Majestade Imperial, se digna honrar esta briosa nação; e, não cedendo a nenhuma cidade do reino em dedicação e affecto á Nação Brazileira, onde muitos filhos do Porto recebem o mais benevolo acolhimento, antecipa-se na subida honra de saudar por tão fausto motivo a Vossa Majestade Imperial, digno filho do Senhor Dom Pedro IV de Portugal, o primeiro Imperador do Brazil.

A Camara Municipal da invicta cidade do Porto, fiel interprete dos sentimentos que animam os povos seus administrados, roga pois a Vossa Majestade Imperial se digne acceitar com benevolencia, para Vossa Majestade e para Sua Majestade a Imperatriz, as nossas felicitações como testemunho do mais profundo respeito.

Deus guarde as preciosas vidas de Vossa Majestade Imperial e de Sua Majestade a Imperatriz por dilatados annos. Porto e Paços do Concelho, 12 de junho de mil oitocentos setenta e um. — *Francisco Pinto Bessa*, presidente — *José Luiz Gomes de Sá* — *Antonio Caetano Rodrigues* — *Antonio José do Nascimento Leão* — *Manuel Justino de Azevedo* — *Antonio Domingos de Oliveira Gama* — *Antonio Ferreira dos Santos* — *Augusto Pinto Moreira da Costa* — *Pedro Maria da Fonseca* — *José Duarte de Oliveira*.

O Imperador oppoz-se á leitura d'esta allocução, por não acceitar acto algum que parecesse official, e por isso foi depositada nas mãos do sr. barão do Bom Retiro.

O presidente da commissão teve pois de expôr verbalmente o que constituia o fim principal da allocução, e traduziu por tanto os sentimentos que nella expressava a camara ácerca da tenção, que o Imperador formava, de visitar a invicta cidade, concluindo por manifestar o desejo de saber qual a época em que a promettida visita se verificaria.

Sua Majestade respondeu que tinha dois planos de viagem, segundo os quaes podia ir ao Porto em novembro, ou março, mas que não se havia ainda decidido por nenhum; assegurou de modo inequivoco que não acceitava nenhumas manifestações de caracter official, que o obrigassem a deixar o rigoroso incognito em que tencionava viajar. Que não era indifferente ás provas de estima e consideração que já tinha recebido, mas pedia que não fizessem despesas inuteis, nem insistissem em demonstrações que só podia acceitar como Imperador do Brasil, o que não queria.

Mostrou-se ainda Sua Majestade resolvido a seguir nos outros paizes este mesmo procedimento, motivo por que de modo nenhum podia alteral-o. Accrescentou que já tinha pedido aos srs. marquez de Sá da Bandeira e marquez de Ficalho para o acompanharem quando elle visitasse o Porto, pois que desejava levar a seu lado, quando visitasse os logares para elle de tão saudosa recordação pelas lembranças que lhe haviam de despertar de seu pae, os homens que o tinham ajudado no empenho de dar a liberdade ao povo portuguez.

Durante bastante tempo conversou o Imperador com o digno presidente, dirigindo-se tambem aos outros membros da commissão, e tratando a todos com a maior affabilidade.

Depois d'esta deputação foram recebidos pelo Imperador os srs. duque de Loulé e visconde de Soares Franco.

Egualmente foi recebido o sr. visconde de Menezes, com o qual Sua Majestade entreteve larga conversação litteraria, não só sobre as suas obras, que conhecia, mas ácerca de outros assumptos, sobre os quaes pediu informações minuciosas, taes como o estado das bellas artes entre nós, collecções politicas e particulares conhecidas no paiz, sobre a organisação dos estudos e systemas adoptados. Foi muito extensa a conferencia com este cavalheiro.

Pelo proprio monarcha portuguez foi apresentado a seu tio o respeitavel professor Antonio José Viale, professor do curso superior de letras, justamente considerado como consummado hellenista.

D'um modo na verdade benemerito procurou a direcção do albergue dos invalidos do trabalho commemorar a chegada dos monarchas brasileiros a Portugal, resolvendo admittir no albergue a Francisco Penha, de 72 annos de edade, e portanto impossibilitado de exercer o officio de carpinteiro. Os seus comprimentos ao Imperador reservou-os a direcção para o seu regresso.

Foi emfim neste mesmo dia que o sr. visconde de Castilho realisou a promettida visita ao Imperador, para corresponder ao honroso convite que para isso recebera. Sua Majestade Imperial, que é, como todos sabem, um distincto cultor das boas letras, alegrou-se muito de ver o seu antigo confrade nos saraus litterarios do paço de S. Christovão no Rio de Janeiro, e discursou largamente sobre o estado da nossa litteratura, mostrando conhecer e apreciar os mais notaveis talentos da geração nova em Portugal. Informou-se do sr. visconde ácerca dos seus ultimos trabalhos, e fallou-lhe com enthusiasmo do *Avarento*, que havia lido em manuscripto, e do *Fausto*, que tinha sido recitado pelo sr.

José de Castilho, no *Collegio de Pedro II,* no Rio de Janeiro. Durou tres horas a entrevista, da qual o sr. visconde se retirou muito agradado pela amigavel affabilidade com que fôra tractado.

Á noite, por se haver transtornado o tempo, não se realisou a serenata que se premeditava fazer no Tejo.

Dia 16

Entre outras anecdotas attribuidas ao Monarcha do Brasil conta-se que, pretendendo alguem beijar-lhe a mão, se recusara conceder-lh'a, exprimindo-se nestes termos:—É impossivel, por dois motivos: prohibem os regulamentos sanitarios que nos aproximemos, e entre pessoas de egual categoria não se pode dar tal mostra de acatamento, visto ser eu em Portugal D. Pedro de Alcantara sómente.

Mandou a Academia real das sciencias comprimentar o esclarecido hospede, e d'essa honrosa missão foram encarregados os srs. marquez d'Avila e de Bolama, actualmente vice-presidente da mesma Academia, e o sr. Augusto Soromenho, os quaes cumpriram o seu mandato, proporcionando ao Imperador occasião de conversar por bastante tempo com o sr. Soromenho, o qual é professor do curso superior de letras, e muito versado na litteratura arabe.

Tambem o sr. conde Armand, ministro de França na côrte de Lisboa, foi ao Lazareto comprimentar Sua Majestade, do mesmo modo que o sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal, actual ministro de Portugal na côrte de Madrid, com o qual a entrevista naturalmente tomou o caminho de palestra litteraria. Sua Majestade

pediu-lhe informações ácerca de alguns dos nossos homens de letras mais nomeados, lendo-lhe depois, do mesmo modo que havia já feito ao sr. visconde de Castilho, a traducção d'uma poesia de Mazoni, escripta na lingua italiana.

Os dois illustres poetas asseguram que o trabalho do augusto monarcha contém bellezas, e attesta profundo conhecimento da lingua do Dante.

O sr. D. Pedro é cultor predilecto da poesia.

Visitaram tambem Suas Majestades a viuva do fallecido ministro do Brasil, juiz e delegado e camara de Almada, os quaes foram ao Lazareto num vapor, visconde de Valmor, marqueza de Cantagallo, e emfim a direcção da associação commercial de Lisboa.

O excellente rebocador *Touro* recebeu a direcção a bordo, no caes do Sodré, e em pouco tempo a conduziu ao Lazareto. Desembarcando, foi recebida pelo Imperador á uma hora da tarde. Sua Majestade não deixava ler felicitações, e portanto a que lhe era apresentada em nome da respeitavel classe commercial de Lisboa teve de ser depositada nas mãos do camarista do Imperador.

Sua Majestade perguntou se a associação commercial de Lisboa comprehendia portuguezes e extrangeiros; e se algum dos senhores presentes havia estado no Brasil: foi-lhe respondido que sómente o sr. Mello e Faro. Então o Imperador recordou-se de que este cavalheiro era auctor d'um livro, em que tracta dos meios de defesa que possue Portugal, e felicitou-o por aquella sua producção, que só poderia escrever quem possuisse conhecimentos variados.

Sua Majestade disse tambem que tencionava, no seu regresso a Lisboa da viagem que vai emprehender na Europa, retribuir os obsequios que recebia da associação

commercial, pagando a visita na casa da Praça do Commercio.

Copiamos a allocução, que é a seguinte:

Allocução da Associação Commercial

«Senhor. — A presença de Vossa Majestade e de sua Augusta Esposa em Portugal é um acontecimento de tal modo importante e grato para todos os portuguezes, que plenamente justifica os jubilos e enthusiasmos que em todos os pontos d'este paiz causou tão honrosa visita.

Nem podia deixar de assim succeder.

É Vossa Majestade o primeiro cidadão d'aquelle grande imperio brasileiro, que honra a civilisação e o progresso do seculo, e que mostra ao mundo o que pode uma nação, que, se é grande pela vastidão de seu territorio, é maior ainda pelos exemplos de sabedoria e bom governo que tanto exaltam as nações.

E a direcção da associação commercial de Lisboa, representando o corpo de commercio d'esta cidade, e interpretando fielmente os seus sentimentos, não podia deixar de nesta solemne occasião vir apresentar as suas sinceras felicitações, e a homenagem do seu profundo acatamento ao monarcha esclarecido e liberal, que com tanta sabedoria rege os destinos d'uma nação amiga e irmã, e á excelsa princeza que é modelo de todas as virtudes.

O commercio, a cuja classe nos honramos de pertencer, tem sido em todas as epocas um poderoso elemento de união e boa harmonia entre as nações que mais se distanciavam pela diversidade de origem, pela

differença de religião, pela variedade de costumes. Entre nações amigas e irmãs, taes como Portugal e o Brasil, onde a crença, a lingua, os usos e as tradições são communs, o commercio tem ainda a desempenhar uma elevada missão. Dilatando-se todos os dias as relações commerciaes pelos progressos da industria e pelo desenvolvimento das riquezas, o commercio prende cada vez mais, se isso ainda é possivel, dois povos que o Oceano separa, mas que os mais santos e puros affectos estreitamente unem.

O filho de Portugal, ao deixar a terra da patria, e os logares saudosos que recordam a sua infancia, e os entes mais caros, e depois de atravessar as immensidades do Oceano, aportando ás terras de Santa Cruz, encontra mais que um paiz amigo, mais que um povo hospitaleiro, encontra uma nova patria, ou, antes, a continuação da sua patria.

E Vossa Majestade, modelo dos soberanos constitucionaes, sempre prompto a alliviar todos os infortunios, e a auxiliar todos os nobres commettimentos, é o digno chefe d'um povo juvenil e destinado a occupar um dos primeiros logares no congresso das nações.

Digne-se, pois, Vossa Majestade acolher com a benevolencia, que lhe é proverbial, os votos que a direcção da associação commercial de Lisboa, em nome do corpo de commercio d'esta cidade, faz pela prosperidade do seu reinado, a que se acha intimamente ligada a felicidade e o engrandecimento do imperio brasileiro.

Lisboa, 16 de junho de 1871. — *Joaquim Filippe de Miranda*, presidente — *Antonio José Rodrigues Leitão*, vice-presidente — *Antonio Augusto Pereira de Miranda* e *José Dionysio de Mello e Faro*, secretarios — *Visconde da Abrigada*, thesoureiro — *Antonio da Costa*

Carvalho — Antonio José Gomes Netto — Antonio José Pereira Serzedello Junior — Antonio Pereira de Carvalho — Henrique Bernardo Pires — Henrique Eugenio Macieira — João Alfredo Dias — Joaquim Moreira Marques — José Luiz Pereira Crespo e *Luiz Manuel da Costa,* directores.»

Juntamente com a direcção foram os srs. Sebastião José de Abreu e José Joaquim das Neves.

O presidente apresentou ao Imperador todos os membros da direcção.

Terminamos a noticia d'este dia com a fineza feita ao Imperador pelo sr. Raphael José Croner, mestre da banda de musica de caçadores 5, offertando-lhe uma *phantasia* para saxophone.

O sr. Raphael José Croner, que é um distincto compositor, sollicitou licença para na presença imperial executar a sua *phantasia,* e sendo-lhe concedida, mereceu com o seu desempenho os applausos de Sua Majestade e de sua comitiva.

Depois o Imperador entregou ao sr. Croner a partitura da opera composta pelo *maestro* brasileiro Carlos Gomes, e manifestou o desejo de ouvir tocar alguns trechos da mesma opera, executados pela banda de caçadores 5. O sr. Croner declarou a Sua Majestade que em breve cumpriria a sua vontade.

O sr. Croner não era um artista desconhecido para o Imperador, que muitas vezes teve occasião de ouvil-o nos concertos que o habil *maestro* deu no Rio de Janeiro. Sua Majestade reconheceu-o apenas o viu no Lazareto, e logo lhe fallou.

Dia 17

Neste dia foi o sr. Alexandre Herculano comprimentar o Imperador. Sua Majestade Imperial, conhecedor do notavel merecimento do primeiro historiador d'este paiz, professa por este distinctissimo escriptor a mais dedicada sympathia, e pôde a final significar-lh'a nos termos mais expressivos e lisongeiros.

Foi demorada a entrevista, na qual o Imperador combateu forte e energicamente o desalento em que se acha o nosso primeiro escriptor, fazendo-lhe ver quanto lhe cumpre, para honra sua e da patria, voltar aos seus trabalhos litterarios e não se entregar todo e exclusivamente á lavoura.

Desculpava-se o ermitão de Valle de Lobos com a sua edade avançada, com os seus achaques e ainda mais com as suas descrenças e desillusões, considerando inutil deixar o arado pela penna e entregar-se novamente aos livros e ao estudo.

O sr. D. Pedro na sua longa conversação com o illustre historiador não esqueceu que elle era tambem um perfeito cultivador de azeite, e por isso lhe pediu uma amostra do producto mais aperfeiçoado da sua colheita. O sr. A. Herculano accedeu gostosamente, e logo enviou um homem a Valle de Lobos para d'alli trazer a amostra pedida.

Sua Majestade, o senhor D. Luiz, offereceu ao Imperador a banda da illustre ordem de S. Thiago do merito litterario, scientifico e artistico, e a sua esposa, a imperatriz, a grã-cruz da ordem de Santa Isabel.

Uma festa esplendida e cheia de novidade estava pre-

parada para obsequiar os imperiaes viajantes na noite de 15; mas, como então o máo tempo a não tivesse permittido, realisou-se na noite de hoje. Era uma serenata no Tejo, pela primeira vez executada e presenciada em Lisboa.

Serenata da sociedade *Tagi Fluminis*

A noite estava escura. Bruxuleavam apenas no seu vago docel algumas estrellas. Corria brando vento nordeste.

Ás oito horas já brilhava ao largo, em frente do caes da praça do Commercio, a vistosa illuminação do rebocador do arsenal da marinha, que era o destinado á desejada excursão. A maré começava a encher. O vapor pôde atracar á ponte do Terreiro do Paço ás 9 e 1/2 horas para receber os excursionarios. Entrados todos a bordo do vapor, e illuminado um transparente da caixa das rodas representando as armas do Brasil, largou o navio entre os adeuses e os *vivas* de centenas de pessoas que de terra contemplavam o espectaculo. E era elle realmente brilhante e cheio de novidade. O vapor tinha em volta de toda a borda uma cinta de luminarias. Superior a esta ficava uma vasta grinalda de balões venezianos; e por cima uma outra cinta de lanternas. No centro, á pôpa, estava o coreto da musica, lindamente illuminado; e á prôa viam-se tambem bastantes luzes. As bancadas lateraes iam cheias de senhoras de diversas classes da sociedade, entre as quaes algumas titulares, e bastantes de arrebatadora belleza. De permeio com ellas se viam mais de cento e cincoenta cavalheiros, negociantes, fidalgos, professores, empregados do

estado, jornalistas, e outros. Reinava a mais franca cordialidade e despretenção.

Alguns fogos de côres, queimados sobre a caixa das rodas a bombordo e estibordo, illuminavam e davam phantastica apparencia a este quadro fluctuante, já de si surprehendente. Subiam aos ares numerosos foguetes, e a banda de amadores e professores executava apropriadas musicas.

O Tejo estava sereno. O vapor singrava na direcção de sueste, procurando defrontar com o Lazareto. Para dar á serenata um signal de dedicação, começaram por executar o hymno brazileiro. A banda tocou-o com bravura, e as damas e os cavalheiros, que constituiam os córos, cantaram em majestoso conjuncto uma letra especial, adaptada pelo sr. dr. Macedo á musica do hymno, e allusiva ao Imperador e á fraternidade luso-brasileira. O vento que soprava da terra, ia levar esta massa de vozes á outra margem, onde se erguiam e desenhavam por entre as sombras os contornos do vasto edificio do Lazareto, em que se viam algumas pallidas luzes, e cuja posição era mais distinctamente determinada pela vistosa illuminação da delegação da alfandega.

Alguns botes e escaleres com espectadores acompanhavam de perto a viagem do vapor. Acabado o hymno, o sr. commendador Francisco Lourenço da Fonseca, cavalheiro muito intelligente e illustrado, que esteve muito tempo no Brasil, e o ama tanto como a Portugal, e que era o iniciador d'esta diversão, e um dos seus principaes directores, tendo subido á ponte, ergueu *viras: a Sua Majestade o Imperador do Brasil, a Sua Majestade a Imperatriz, á familia imperial, á inclyta nação bra-*

sileira, á fraternidade de Portugal e Brazil, a el-rei de Portugal, á rainha e familia real, e á independencia portugueza, os quaes foram correspondidos com phrenesi pelas duzentas e tantas pessoas que o vapor conduzia, e acompanhados pelas pessoas que iam nos botes e escaleres, e pelas guarnições de alguns navios que estavam ancorados mais perto. Este hymno e estes *vivas* repetiram-se mais tarde quando o vapor pairava em frente do Lazareto, onde não pôde approximar-se tanto quanto todos desejariam.

Em seguida tocaram e cantaram o formosissimo côro da barca, ou a barcarolla das *Vesperas Sicilianas*. A musica executou logo um bello tango, depois um *pot-pourri* da *Flor de chá*, um das *Vesperas*, cantando-se de novo o côro da barca, o hymno brazileiro, o hymno real portuguez e o hymno da carta, á qual tambem se deram *vivas*. A banda e córos eram regidos pelo sr. Carvalho e Mello. Faziam parte da banda os srs. Domingos Gaia, Oliveira, Mancilha, Mendonça, Matheus Ferreira, Ramos, Borges, Monteiro, Del Negro, José Gama, João da Cruz, Fernandes, e Patacho Junior. Das senhoras que cantaram nos córos, lembram-nos as sr.as D. Maria e D. Julieta Fonseca, D. Eugenia Sines, D. Adelina Hearn, D. Angelica Macedo, D. Amelia, D. Argentina e D. Emilia Lisboa, D. Gertrudes Palhares, D. Ernestina Barros, D. Amelia e D. Maria Bracklami, D. Maria Luiza Gaia, D. Eugenia Benevides, mademoiselle Arnaud, D. Eliza Avellar, D. Germana Pinto, D. Maria Joanna Bastos, D. Sophia, D. Maria e D. Marianna Oliveira, creaturas graciosissimas. Entre as demais senhoras vimos as sr.as D. Paulina Stegner, baroneza de S. Jorge, D. Rosina Perestrello, etc. Sentimos não poder dar a relação de

todos os cavalheiros que cantaram. No meio d'esta immensa alegria serviu-se uma abundantissima ceia volante.

Quando o vapor se approximava do Lazareto, ouviu-se tocar alli, como que correspondendo ao comprimento da serenata, o hymno brasileiro.

A sympathica e obsequiadora familia do sr. Fonseca, este cavalheiro, o sr. Domingos Gaia, mancebo dotado da maior delicadeza, os srs. Rebello, Mendonça, Cruz, Castro, e os demais directores e membros da *Tagi Fluminis* eram incansaveis em tornar a todos agradavel e alegre a singular diversão, penhorando com mil attenções os seus convidados.

As musicas, os cantos, os *vivas,* os fogos de bengala e do ar eram incessantes.

Á 1 hora da noite aproava o vapor á ponte do Terreiro do Paço, onde os excursionistas desembarcaram sem novidade, não se havendo dado a bordo o menor incidente que perturbasse a franca sociabilidade e alegria sincera que a todos animava, e saudosos de tão amena e formosa excursão [1].

Dia 18

Suas Majestades ouviram missa ás nove horas, da tribuna do centro da capella, ficando á frente. Atraz ficavam algumas das pessoas da sua comitiva. Nas tribunas lateraes estavam os demais passageiros. A musica de caçadores 5 tocou durante este acto. No fim

[1] Esta descripção é copiada textualmente do *Jornal do Commercio.*

as pessoas que estavam na capella, voltaram-se para os Imperadores e comprimentaram-nos. Suas Majestades corresponderam com a urbanidade e lhaneza que lhes é propria.

Os alumnos brasileiros da escola academica, apresentados pelo sr. ministro do Brasil, felicitaram o Imperador pela sua chegada a Lisboa. Os estudantes eram acompanhados pelo seu digno e zeloso director, o sr. commendador Antonio Florencio dos Santos, vice-director e alguns professores, que tinham embarcado n'um escaler no caes das columnas. Sua Majestade Imperial recebeu esta deputação com a maior affabilidade, e prometteu ao sr. Sanctos visitar o seu collegio, cujos serviços á causa da instrucção são dignos do maior apreço.

Tambem foi recebida pelo Imperador parte da colonia brasileira, residente em Lisboa, que fretou um vapor para a levar ao Lazareto, e a commissão dos veteranos da liberdade, composta dos srs. marquez de Ficalho, conselheiro Rezende, vice-almirante G. de Freitas, L. Pires, J. J. Maria Jordão, B. Rodrigues Chaves, J. Balthazar, A. da Silva, A. J. Martins, T. Lopes, J. C. M. Monteiro, J. C. do Nascimento, e A. S. X. Freire.

Sua Majestade fez diversas perguntas a alguns dos membros da commissão, e concluiu por dizer-lhe que alli não os podia abraçar, mas, logo que lhe fosse possivel, daria a cada um dos membros d'aquella, para elle tão significativa commissão, um abraço de amizade e reconhecimento para transmittirem aos seus camaradas.

Entre outras pessoas distinctas, que neste dia foram ao Lazareto, contam-se os srs. conde Armand, viscondes de Algés, da Borralha e de Aljesur, commendador Fonseca, conselheiros Mendes Leal e Braamcamp, con-

des do Paraty e Penamacôr, nuncio do papa, ministros de Inglaterra, Italia e Estados Unidos, Antonio Maria Barbosa, notavel facultativo, Bocage, lente da escola polytechnica, Fernandes de los Rios e sua esposa, visconde de Menezes, João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Mártens, Alberto Antonio de Moraes Carvalho, João Rebello da Costa Cabral, Carlos Bento da Silva.

Larga conversação teve tambem Sua Majestade com o illustrado auctor do *Diccionario bibliographico*, o sr. Innocencio Francisco da Silva. Sua Majestade, logo que chegara, havia manifestado o desejo de conhecel-o, movido pelo apreço em que tem os seus importantes trabalhos litterarios, entre os quaes o *Diccionario bibliographico* lhe merece particular estima, pelo serviço que nelle presta á litteratura brasileira.

Por este motivo encarregára o sr. Porto Alegre, consul geral do Brazil em Portugal, de communicar-lhe que não dispensava a sua visita. O sr. Innocencio foi por isso corresponder ao honroso convite do illustrado monarcha, travando-se por essa occasião entre ambos larga conversa sobre o estado litterario do paiz.

Tambem visitou a Sua Majestade o sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha, a quem o Imperador desejava conhecer pelo que d'elle lhe havia dicto o sr. Innocencio. Conversaram, e Sua Majestade acceitou com o maior agrado a dedicatoria que o sr. Brito Aranha sollicitara, para um livro que tencionava publicar, destinado ás escolas.

Fallecera a esposa do sr. visconde de Castilho, e o Imperador, sabendo esta infausta noticia, enviou ao distincto poeta um telegramma a dar-lhe sentidos pezames por tão triste acontecimento.

Sua Majestade foi ainda neste dia comprimentado por

uma philarmonica de Villa Franca de Xira, que d'alli fôra conduzida num vapor, levando á frente o sr. José Joaquim Januario Lapa, e pelo sr. visconde da Bella Vista, respeitavel e rico negociante da praça de Lisboa.

Dia 19

Foram ao Lazareto comprimentar o Imperador em nome dos actores do theatro de D. Maria, Emilia das Neves, Theodorico, João Rosa e Moreira, artistas de incontestavel merecimento e sempre bemquistos do publico. O Imperador recebeu-os com muito agrado, e disse que conhecia o Theodorico, de nome, e Heliodoro, a quem vira representar no Rio de Janeiro o papel de Holofernes. Conversou durante algum tempo com a eximia actriz Emilia das Neves, a respeito da *Joanna a doida* e da *Judith,* peças em que admirara sinceramente o talento dos actores. Disse-lhe saber que já tinha creado mais um admiravel papel no *Gladiador de Ravenna,* que desejava muito na sua volta a Lisboa vêl-a naquella peça, e que até já tinha expressado esse desejo a seu sobrinho.

Ás dez horas da manhã o humanitario e valente patrão Joaquim Lopes foi comprimentar Suas Majestades. Levava pequeno uniforme de segundo-tenente de marinha, e do peito pendia-lhe a insignia da Torre e Espada. Tambem foram visitar o augusto viajante os srs. Bernardino Antonio Gomes, facultativo da casa real, Antonio de Serpa Pimentel, ministro d'estado honorario, e Marquez d'Oldoini, ministro de Italia na nossa côrte.

Tendo o Imperador manifestado ao sr. visconde de

Menezes o desejo de conhecer suas interessantes filhas, estas meninas foram-lhe apresentadas, assim como a Sua Majestade a Imperatriz. Nessa mesma occasião o sr. visconde offereceu ao sr. D. Pedro varias gravuras e photographias, as quaes Sua Majestade se dignou acceitar.

O habil photographo Rocha e o seu distincto operador Ricardo Santos foram ao Lazareto photographar Suas Majestades.

Os trabalhos d'estes dois artistas foram lisongeiramente louvados por todas as pessoas que os viram.

O sr. D. Pedro II, que tem grande predilecção pelos estudos hebraicos, desejou que lhe fosse apresentado o sr. Saraga, moço de grande talento, que sobre aquelles assumptos tem feito profundas investigações. O Imperador conversou com elle cerca de duas horas, versando a conversação sempre sobre litteratura hebraica, de que o sr. D. Pedro é muito conhecedor.

Tambem Sua Majestade Imperial conversou por bastante tempo com o sr. ministro de Hespanha, revelando grandes conhecimentos da litteratura hespanhola e muito boa critica na apreciação dos homens mais notaveis d'aquelle paiz, tanto em poesia como em outros ramos das letras e na politica.

Em vista do pedido feito pelo Imperador, o sr. Alexandre Herculano foi ao Lazareto entregar-lhe a bilha de azeite, que expressamente para o augusto viajante mandara vir de Valle de Lobos. Sua Majestade havia-se queixado ao eminente historiador da má qualidade do azeite, servido no Lazareto, gostando aliás a Imperatriz muito de peixe, prato este que raramente dispensava.

E assim um dos mais eruditos historiadores modernos offerecia um producto do seu trabalho agricola ao mo-

narcha illustrado, que sempre respeitara o superior talento do creador do *Eurico* e do poeta da *Harpa do crente!*

O *maestro* Cardin, tendo visitado o Imperador, convidou-o a assistir a um concerto no Passeio Publico na noite do dia seguinte. Sua Majestade perguntou se o Passeio ficava muito distante do hotel de Bragança, e, depois de saber qual a distancia, respondeu: «É muito perto, e por isso é provavel que visite o Passeio. Como gósto muito de musica, farei todo o possivel para assistir á sua festa».

Sua Majestade Imperial já conhecia o sr. Cardin do Rio de Janeiro.

Era a ultima vez que os Imperadores jantavam no Lazareto. Por esse motivo o jantar d'esse dia foi revestido de circumstancias muito curiosas.

Ultimo jantar no Lazareto

Os passageiros fizeram uma manifestação de sympathia e de reconhecimento aos seus augustos companheiros. Houve enthusiasticos vivas, e o capellão do Lazareto e um padre lazarista italiano pronunciaram discursos.

O do capellão foi concebido nestes termos:

«Senhor. — Permitta Vossa Majestade Imperial que eu, na ausencia de outra voz mais auctorisada, e vencendo a natural timidez que impõe a humildade recommendada ao sacerdocio que exerço, me faça interprete dos sentimentos de respeitoso affecto e acrisolada consideração, que o povo portuguez dedica á excelsa pessoa de Vossa Majestade, como representante de um ramo

da familia real portugueza, e como que destinado pela Providencia para presidir aos destinos da briosa e hospitaleira nação brasileira, nação amiga, nação irmã e sobretudo nação heroica na defesa dos seus fóros, immunidades e independencia.

Por taes titulos é tão digna de affecto e de consideração, como é objecto das mais vivas demonstrações de respeito e admiração o excelso imperante, que com mão firme a tem conduzido pelo caminho do progresso, da civilisação e da liberdade com ordem, que são o mais seguro esteio das monarchias democraticas.

Possuido do mais profundo respeito por tão preclaras virtudes — brindo a Sua Majestade o Imperador do Brasil.»

O discurso pronunciado pelo padre lazarista, o reverendo Rigillo, é o seguinte:

«Senhores. — Perante intelligencias robustas, deante de pessoas altamente collocadas na sociedade, usando da palavra, me acanho; assim mesmo, porém, faço da fraqueza força, e admirador do genio, do talento excepcional do monarcha modelo, do patriota Imperador do Brasil, e de sua augusta esposa, typo verdadeiro da mãe de familia, a virtuosa Imperatriz, a elles consagro este brinde, brinde que sem duvida será enthusiasticamente correspondido pelos cavalheiros aqui presentes, porque todos fomos apreciadores das excellentes qualidades d'elles. Para mim, senhores, ha um facto especial. Sacerdote obscuro até hontem, hoje possuo um titulo de gloria. Este titulo, esta gloria consiste em ter sulcado o oceano immenso juncto a Suas Majestades Imperiaes, e mais ainda por ter tomado assento á mesma mesa. Sim, o mez de junho de 1871 nunca será esquecido; por toda a nossa vida será lembrado sempre

com orgulho. E agora, augustos chefes da nação brasileira, ouvi minha ultima palavra: Os companheiros de viagem, em despedida, vos saúdam. Viva o Imperador do Brasil! Viva Sua Majestade a Imperatriz!»

Emfim terminaremos com a noticia de um mimoso presente feito a Sua Majestade por um artista lisbonense.

O sr. Domingos Venancio, morador na rua do Cabo, n.º 11, foi ao Lazareto offerecer-lhe um medalhão em cobre, representando em alto relevo o monumento de Sua Majestade o sr. D. Pedro IV. O Imperador ficou penhorado, e elogiou muito o trabalho do habil artista.

Dia 20

Havia terminado o praso legal da quarentena, e portanto estava chegado o dia em que os Imperadores pisariam pela primeira vez a terra portugueza. Servir-nos-hemos, com pequena alteração, das descripções que em differentes folhas periodicas encontrámos, e que seria difficil accrescentar.

Disposições para o desembarque

O dia estava brilhante. Desde as oito horas da manhã começou a observar-se na cidade esse alvoroço de alegria e movimento extraordinario, que denuncía as grandes galas, as festas em que toda a população se involve espontaneamente, e que abrilhanta e honra com sua concorrencia. Era nobre o sentimento que inspirava tal alvoroço. A cidade abria os braços e desprendia sorrisos para os hospedes que estava prestes a receber.

Tractava-se de prestar homenagem a um principe illustrado e virtuoso, chefe da nação mais intimamente ligada a Portugal, que abriga em seu seio milhares de portuguezes, que felicita com sua amizade este paiz, e com elle quinhoa a sua immensa fortuna.

O povo, homens e senhoras de todas as classes, corria aos logares mais elevados, fronteiros ao Tejo, ás margens do rio, e embarcava nos vapores, escaleres e botes de recreio para presenciar o desembarque de Suas Majestades Imperiaes.

Ás nove horas e quarenta minutos da manhã embarcavam Suas Majestades el-rei D. Luiz, D. Fernando e o sr. infante D. Augusto no caes de Belem, dirigindo-se no escaler a vapor para o formoso bergantim real, tomando a sua comitiva logar a bordo da galeota grande, e indo na outra galeota outros personagens.

Nesta occasião occorreu um incidente desagradavel para el-rei D. Fernando.

Quando saltava do escaler para o bergantim caiu-lhe ao mar a espada. Foi o sr. infante duque de Coimbra quem deu por isso. El-rei mandou tomar nota da latitude do logar em que a espada ficou, para ser procurada depois por um mergulhador.

A este tempo pairavam em frente de Belem quatro vapores do sr. Bournay, cheios de passageiros, e embandeirados em arco, levando o *Lusitano* a bordo a philarmonica *Euterpe*. Viam-se tambem com varias familias o vapor *Joaquim Lopes*, o vapor *Aviso*, o rebocador *Tigre*, escaleres a vapor, diversos escaleres a remos, e botes, por entre os quaes passaram para o Lazareto o bergantim, e galeotas reaes, salvando a Torre, e a *Estephania*, e deitando-se foguetes no *Lusitano*, onde a *Euterpe* executava o hymno real.

Desembarcaram Suas Majestades no Lazareto ás 10 horas e meia. No caes do Lazareto estava a guarda de honra de caçadores n.° 5 com a banda, e grande numero de pessoas, incluindo muitas senhoras.

Nos montes sobranceiros áquella margem viam-se numerosos grupos de espectadores.

O Imperador havia tomado banho ás 6 horas da manhã, indo a banda de caçadores tocar-lhe, por surpreza, uma suave harmonia.

Ficou mui grato Sua Majestade a todas as demonstrações d'esta excellente musica, que gratificou largamente, com excepção do sr. Croner, a quem reservava premio de outra ordem.

O Imperador, ás 8 horas, recebeu communicação de que a quarentena tinha findado, e de que podia deixar o Lazareto; mas, como suppozesse que esta concessão era só para elle e para sua augusta consorte, pediu ao sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth, director da alfandega grande, que fizesse a ordem extensiva a todos os seus companheiros de viagem. O sr. Nazareth respondeu que a quarentena tinha acabado para todos os passageiros que estavam no Lazareto, e que todos podiam sahir quando quizessem.

Apenas o Imperador teve a certeza de que não havia distincções, sahiu a passear nas montanhas proximas do edificio do Lazareto, d'onde recolheu para o almoço, trazendo algumas flores do campo á Imperatriz.

O Imperador almoçou á mesa redonda, como sempre fez no Lazareto, e neste dia tinha á sua direita a Imperatriz e á esquerda a esposa do sr. ministro do Brazil.

Depois do almoço Suas Majestades Imperiaes receberam os comprimentos de muitas pessoas que tinham ido de Lisboa, e prepararam-se para deixar o Lazareto.

Embarque no Lazareto

O Imperador despediu-se de todos os seus companheiros de viagem e quarentena; gratificou os criados do hotel, e deu diversas esmolas. Logo se dirigiu e sua augusta esposa para o bergantim, acompanhados pelos monarchas portuguezes, que os haviam ido buscar ao edificio, e todos se embarcaram. No bergantim real vinham o Imperador, a Imperatriz, o sr. duque de Saxe, el-rei D. Luiz, el-rei D. Fernando, e o sr. infante D. Augusto.

O Imperador trazia casaca, calça e collete preto, chapéo alto, a grã-cruz das tres ordens portuguezas, e a ordem de S. Thiago.

Numa das galeotas embarcaram os srs. ministro e consul do Brasil, e empregados da legação e consulado. Na outra entraram os srs. ministros, os srs. marquez de Sá e duque de Loulé, diversos funccionarios do estado, e as pessoas da comitiva dos imperadores.

A brilhante esquadrilha navegou serenamente, ao som das musicas que tocavam, dirigindo-se para a corveta de guerra *Estephania,* que o Imperador ia visitar, e que, segundo já fica referido, havia sido luxuosamente disposta para o receber. Chegou pois á corveta e atracou.

O pavimento da escada do portaló estava atapetado, e as bandas forradas de seda verde.

A marinhagem havia subido e formado nas vergas, a guarnição formou tambem com a charanga na frente. Nos topes fluctuavam os dois pavilhões reaes do Brasil e Portugal.

Os Imperadores, e Suas Majestades com suas respe-

ctivas comitivas, subiram e demoraram-se a bordo 35 minutos. O Imperador viu e observou tudo com minuciosidade, abraçou os officiaes, e deu-lhes as mais vivas mostras de affecto, ficando admirado do aceio, boa ordem e gosto com que tudo se achava. Á saida deram-se os vivas da ordenança.

Agradavel surpreza aqui tomou a esplendida comitiva. Havia ancorado perto da corveta o paquete do Brasil chegado no dia anterior, e os passageiros vieram á borda em grande numero saudar com enthusiasticos vivas o Imperador, que lhes correspondeu de pé, descoberto, e agradeceu por acenos.

A esquadrilha seguiu o Tejo acima. Então os vapores e as demais embarcações que acompanhavam com espectadores, e que eram mais de cem, formaram-lhe alas, seguindo em linha a bombordo os quatro vapores do sr. Bournay, e varios escaleres, e a estibordo os demais. A linha do centro era formada pelo bergantim e galeotas reaes, que cortavam serenamente o rio, semelhantes a grandes aves, de vistosas côres, fustigando compassadamente com suas azas de compridas pennas as aguas, espelhadas por um sol esplendido, cujo ardor a brisa noroeste adoçava.

Era então deslumbrante o quadro que o formoso rio apresentava, espectaculo grandioso que milhares de pessoas contemplavam apinhadas nas praias, nos montes, e nos mirantes, varandas, eirados e janellas das casas.

Em frente da cordoaria o bergantim real parou por instantes. Outro tanto fez em frente do palacio de sua majestade a Imperatriz. Quando passou pelo forte da Alfarrobeira, salvou este com 21 tiros. Os sinos das egrejas repicavam.

O Imperador observou com o maior cuidado os edificios, pedindo informações, que Suas Majestades lhe forneciam. Disse que do pintado ao vivo ia grande differença; que não suppunha tão bello o Tejo, tão majestosa a cidade; que lhe deixaria eternas recordações este panorama admiravel. Mostrava-se tambem muito grato a tantas demonstrações de affecto da população.

Chegando a esquadrilha defronte do aterro, salvou a fragata *D. Fernando*, e o brigue *Pedro Nunes*. Todos os navios de guerra e mercantes estavam vistosamente embandeirados. De toda a parte se ouviam *vivas* ao Imperador.

Desembarque em Lisboa

Era meio dia, quando a esquadrilha atracava ao caes das Columnas, e os imperiaes viajantes, com toda a comitiva que os seguia, saltavam em terra. No Terreiro do Paço e ruas proximas agglomerava-se enorme multidão; as janellas estavam apinhadas de senhoras.

No caes aguardavam Suas Majestades e seu sequito oito carruagens da casa real, seis tiradas a quatro cavallos, e duas a dois. Tambem alli os esperava o regimento de lanceiros.

O Imperador vinha pelo braço de el-rei D. Fernando; a Imperatriz pelo de el-rei D. Luiz.

Demoraram-se algum tempo, vendo a praça e a estatua de el-rei D. José, e nessa occasião apresentou el-rei ao Imperador as auctoridades civis e militares. Em seguida entraram para as carruagens.

A primeira conduzia os srs. Teixeira e Folque, ajudantes de ordens de el-rei; a segunda o sr. duque de Loulé; a terceira os srs. conde de Ficalho, general Caula,

Gromicho Couceiro e Val da Gama; a quarta o sr. marquez de Ficalho e duas damas brasileiras; a quinta el-rei D. Fernando, o sr. infante D. Augusto, o sr. marquez de Pombal e o sr. Moreira de Brito; a sexta, levando por batedores dois ajudantes de campo, conduzia Sua Majestade a Imperatriz, o Imperador, El-rei e o duque de Saxe. O sr. conde de Castello Branco ia á estribeira.

Em outras carruagens iam o ministerio, a legação brasileira, e muitas pessoas que tinham tomado logar em seguida ao cortejo official.

Seguiam cerca de 100 carruagens, onde se viam os ministros, a côrte e particulares. Durante todo o transito o povo erguia vivas ao Brasil e aos Imperadores. As musicas regimentaes executavam todas o hymno brasileiro.

O cortejo chegou ao Rocio, onde formava a guarnição, compondo majestoso quadro com o brilho de suas armas e fardamentos. O Imperador tinha na frente a estatua do Imperador D. Pedro IV, seu augusto páe. Poz-se em pé, descobriu-se e cortejou reverentemente o monumento, dedicando-lhe alguns momentos de contemplação. Esta scena tocante fez palpitar mais de um coração.

Em seguida o cortejo deu volta ao Rocio. A tropa apresentava armas, e as musicas tocavam. O Imperador viu e admirou a bella fachada do theatro de D. Maria II, e seguiu pelo lado oriental e sul para a rua Nova do Carmo, e Chiado, em direcção ao palacio de Sua Majestade a Imperatriz, viuva, sua augusta madrasta.

Visitas que os Imperadores fizeram e digressão do dia

Chegados alli, realisou-se a desejada entrevista, que durou cerca d'uma hora, deixando em extremo sensibilisada a nobre e veneranda senhora, como não podia deixar de ser, vendo, depois de tantos annos de separação, o filho de seu chorado esposo.

Eram os primeiros passos do Imperador, em Lisboa, evidentemente guiados pelo entranhado sentimento de amor filial. Dos braços da Imperatriz, sua madrasta, passou a visitar o tumulo de seu páe. Foram pois a S. Vicente de Fóra, onde se acha o jazigo dos reis e principes da casa de Bragança.

Entrando em S. Vicente, o Imperador dirigiu-se logo ao jazigo real, pedindo que lhe indicassem o caixão, em que repousavam os restos mortaes do Imperador seu páe. Quando lh'o mostraram, ajoelhou reverente, e, manifestando profunda cominoção, assim esteve orando por algum tempo.

O povo que affluiu a S. Vicente, quando soube que para alli se dirigia o Imperador, e que entrara no jazigo, junctamente com elle ajoelhou tambem.

Era um espectaculo commovente o que apresentava toda aquella multidão ajoelhada e orando juncto do caixão do rei-soldado.

O Imperador pediu depois que lhe indicassem os caixões da senhora D. Maria II e dos senhores D. Pedro V e infante D. João.

Acompanhavam-n'o o sr. patriarcha, e o sr. bispo eleito do Porto, D. Americo Ferreira dos Santos e Silva.

Depois de prestada esta homenagem ás cinzas de seu

augusto pae, irmã e sobrinhos, encaminhou-se para os paços da Ajuda, onde reside el-rei o Senhor D. Luiz I e sua augusta familia, e depois ás Necessidades, residencia de el-rei o Senhor D. Fernando, sua esposa a senhora condessa de Edla, e seu filho mais novo o senhor infante D. Augusto, duque de Coimbra. Terminados os comprimentos aos membros da sua familia, o Imperador foi admirar o convento de Belem, sendo acompanhado pelo sr. Alexandre Herculano nesta visita.

Primeiro que tudo observou do espaçoso largo a frontaria do convento, restaurada com tanta propriedade no primitivo estylo manuelino, graças á perseverança e gosto artistico do par do reino, José Maria Eugenio d'Almeida. O grande largo em frente do edificio é ainda obra do mesmo cavalheiro, e foi feito á custa de terrenos tirados ao Tejo.

O Imperador exclamou admirado: — Isto sim; isto é bello! — Passando ao interior do mosteiro, percorreu-o todo, examinando com minuciosa attenção aquelle thesouro de preciosidades historicas e architectonicas.

Pelo que respeita á casa pia elogiou a sua boa administração, e a contemplou com uma esmola.

Terminara alli a sua digressão diurna. Voltou pois para Lisboa pela Junqueira, informando-se ácerca dos bellos edificios, em que abunda aquella extensa rua, e regressando ao hotel de Bragança pelas 7 horas e meia da tarde. Fazia guarda de honra ao hotel o regimento de infanteria 16, o qual á entrada de Suas Majestades fez a continencia devida. A guarda de honra foi porém dispensada pelo Imperador.

O sr. marquez de Vallada apresentara-se no seu rico coche puchado a duas parelhas, que só costuma sahir

nos dias de grande gala, ou festas na côrte. O fidalgo, representante d'uma das mais antigas casas da aristocracia portugueza, foi recebido com toda a affabilidade pelo Imperador.

Entre as visitas recebidas por Sua Majestade não deve esquecer a do distincto poeta, Francisco Gomes de Amorim. Havia o monarcha tido a delicada attenção de lhe enviar o seu cartão de convite, nos termos de que, se o seu estado de saude lhe não permittisse sahir, iria vêl-o a sua casa. O sr. Amorim esteve pois á noite no hotel de Bragança, sendo recebido como facil é de suppor.

Padecia já então dos males, que o levaram á sepultura, o eloquente orador e escriptor aprimorado, Rebello da Silva, que se achava na sua quinta de Santarem, e por este motivo não podia ir comprimentar o Imperador. Escreveu por isso aos srs. Lisboa, ministro brasileiro e Porto Alegre, consul da mesma nação em Lisboa, rogando-lhes que sollicitassem de Sua Majestade Imperial licença para lhe dedicar o volume da historia de Portugal, que havia pouco concluira.

O Imperador accedeu a este pedido, e manifestou o sentimento de não conhecer pessoalmente o erudito escriptor.

Passemos a dar noticia succinta dos aposentos imperiaes no

Hotel de Bragança

Reune este hotel todas as condições para receber hospedes reaes, accrescendo ás suas commodidades e magnificencia estar collocado em posição elevada, donde

se gosa a majestosa perspectiva de grande parte da cidade baixa e do Tejo.

Os aposentos occupados pelos Imperadores do Brasil constavam de todo o segundo andar, seis quartos no primeiro, e seis no terceiro.

O quarto de dormir tinha duas camas muito ricas, de armação; roupas e colchas de linho correspondentes. Os quartos de vestir, tanto da Imperatriz como do Imperador, estavam ornados com luxo e elegancia. A sala de visitas era forrada de seda, côr de canario, com lustres e serpentinas de prata. Por toda a parte se viam vasos de flores.

O jantar não teve circumstancia digna de mencionar-se. Os Imperadores jantavam em plena liberdade de familia com a sua comitiva.

As alegrias de que a cidade havia dado inequivoco testemunho traduziram-se á noite em elegantes e geraes illuminações.

Festejos nocturnos

A cidade estava quasi toda illuminada, e até adiantadas horas da noite consideravel multidão de povo percorria as ruas e estacionava nos largos.

Havia muitas illuminações que se tornavam objecto de admiração. Uma das que mais sobresaíam, era a da frontaria do escriptorio da agencia da Companhia *Royal Mail Steam,* dirigida pelos srs. R. Knowles & C.ª, á qual pertencia o paquete *Douro,* em que os Imperadores foram transportados para a Europa. A frontaria estava ornada com um grande numero de bandeiras e com luzes de gaz.

Outra illuminação, que muito deu na vista, foi a da

sociedade Recreio Philarmonico, estabelecida numa casa que fica por cima do Arco do Bandeira, e faz frente nesta parte para a praça de D. Pedro. Uma grande e brilhante estrella de lumes de gaz tinha no centro as letras — P. II. —, e dos lados elevavam-se duas pyramides tambem de luzes de gaz.

A rua do Alecrim estava completamente illuminada, offerecendo brilhantissima perspectiva. Foram alèm d'isso notaveis as illuminações do sr. visconde de Ouguella, na sua casa ao fundo do Chiado, cada um dos tres andares da qual parecia ligado por um cinto de luzes; a do sr. Agostinho Roxo, á Mouraria; a de madame Alli, no Chiado; a da fabrica do gaz, que era brilhantissima; Confeitaria Nacional, na rua da Bitesga, defronte da Praça da Figueira; real theatro de D. Maria; armazem de roupas brancas, na rua do Ouro; typographia universal, na qual se avistavam 160 luzes; quarteis do Carmo, e de caçadores 5; escriptorio da *Correspondencia de Portugal;* hotel brasileiro e muitas outras.

Visita ao passeio publico

Segundo a promessa feita no Lazareto ao sr. Cardim, Sua Majestade o Imperador resolveu ir passar alguns momentos no Passeio Publico. Como isto constasse, affluiram alli para cima de seis mil pessoas.

Ás 10 horas da noite estalou no ar uma girandola de foguetes, acompanhada d'uma salva de morteiros.

Ao mesmo tempo toda a gente correu para a entrada principal do Passeio, e resoaram os *vivas* ao Imperador. Havia chegado o augusto monarcha.

Episodios muito curiosos se contam da entrada do Imperador para mostrar que era inalteravel nos seus habitos de despretenção e simplicidade.

O sr. Cardim recebeu o soberano, offerecendo-lhe cadeira para se sentar, mas Sua Majestade recusou, dizendo:

«Não me sento porque não estou cansado, demoro-me no passeio e quero ver tudo e ouvir os seus córos. Vá tratar da sua vida, que eu me sentarei depois em qualquer parte.»

E logo se entranhou pela multidão, percorrendo todo o passeio. Subiu tambem ao mirante, e demorou-se alguns instantes, observando a excellente vista que o passeio apresentava.

Quando passou em frente do coreto, a banda de infanteria 7 tocou o hymno brasileiro, que foi magistralmente desempenhado, seguindo-se córos executados com acompanhamento da banda de Saxe, o que tudo agradou a ponto de ser pedida repetição.

O sr. Cardim mandou então repetir o hymno brasileiro; o Imperador ouviu-o de chapéu na mão, e no fim ergueram-lhe *vivas*. Os córos cantaram um excellente côro da *Joanna d'Arc.*

O sr. Cardim havia mandado estender um tapete proximo do coreto e pôr algumas cadeiras, o que deu logar a um incidente que a todos revelou a lhaneza e espirito bondoso do monarcha brasileiro. O Imperador, o sr. duque de Saxe e a comitiva sentaram-se. Continuara a execução dos coros; mas, quando a musica tocou uma elegante walsa hespanhola, muitas crianças que se haviam agrupado em volta do Imperador, e algumas das quaes procuravam beijar-lhe a mão, correram a uma distracção muito usada naquelle passeio, e juntando-se em pares começaram a dançar. Algumas,

porém, fugiam de passar por cima do tapete, com medo na sua innocencia de offenderem a etiqueta devida ao imperial viajante. O Imperador chamou para junto de si algumas meninas, acariciou-as, e disse-lhes que dançassem á sua vontade.

Concluido o programma dos coros, terminou a musica pelo hymno brasileiro, que foi seguido por *vivas* enthusiasticos.

O Imperador retirou-se, abrindo caminho a custo por entre a multidão. Quando, porém, sahia appareceu o passeio illuminado por fogos de Bengala, o que produziu excellente effeito.

A illuminação havia sido augmentada. Na cascata, que occupa o topo superior da rua principal, destacava-se a inicial P. II, cercada de palmas e festões com luzes de gaz.

Sahindo do passeio, o Imperador entrou na carruagem, e deu volta ao Rocio, gozando a illuminação, que desde o faustoso casamento de el-rei o Senhor D. Luiz com Sua Majestade a rainha, a senhora D. Maria Pia, não tornara a ver-se tão geral e vistosa em Lisboa. O povo, que se agglomerava pelas ruas, desejoso de ver os hospedes imperiaes, obrigava a carruagem a parar frequentamente, e os *vivas* eram estrondosos.

Sua Majestade Imperial agradecia-os commovido.

A primeira pessoa que no passeio ergueu a voz para dar *vivas* ao imperador, foi um menino de treze annos, estudante da escola academica.

Suas Majestades recolheram ao hotel ás onze horas, atravessando com difficuldade as ondas apinhadas da multidão que enchia o Chiado e rua do Duque de Bragança.

Os Imperadores estavam de luto, e por isso não foram a theatro algum.

Dia 21

Pelas seis horas da manhã Sua Majestade el-rei D. Fernando entrava no hotel de Bragança, e pouco tempo depois sahiu a passeio com o Imperador, a pé, dirigindo-se á praça de Luiz de Camões, para de perto verem a estatua do poeta, que ambos analysaram detidamente, e de que o Imperador gostou muito, mostrando desejos de conhecer o esculptor.

Seguiram depois pela rua do Alecrim para o caes do Sodré; foram a pé pelo Aterro até á Pampulha, voltando á Cova da Moura e seguindo para as Necessidades, aonde entraram, passeiando tambem alguns momentos no largo. Depois entraram numa carroagem, e voltaram ao hotel, onde o Imperador almoçou ás oito horas e um quarto. El-rei D. Fernando retirou-se, e ás dez horas foram o Imperador e Sua Augusta Esposa num trem de aluguer visitar Sua Majestade a Imperatriz viuva, com quem conversaram durante algum tempo; e, como o Senhor D. Pedro havia promettido ir visitar a Escola Polytechnica, dirigiu-se para aquelle estabelecimento, onde era esperado desde as onze horas, e por isso já alli se achava o sr. ministro do reino. El-rei o senhor D. Luiz chegou pouco depois, e decorridos alguns minutos entrava Sua Majestade Imperial, que foi recebido por el-rei, pelo ministro do reino e pelo corpo escolar que lhe foi apresentado pelo director, o sr. João de Andrade Corvo, hoje ministro dos negocios estrangeiros.

O Imperador dirigiu-se em primeiro logar ao labo-

ratorio de chimica, onde o esclarecido professor, o sr. Antonio Augusto de Aguiar, lhe fez uma exposição dos productos obtidos pelos seus estudos sobre chimica organica, merecendo a attenção especial de Sua Majestade uma materia tintureira que dá excellente côr vermelha, e outra azul, ambas muito aproveitaveis na industria.

Egualmente lhe foi mostrada uma notavel collecção de photographias das manchas do sol tiradas pelo mesmo professor, as quaes se devem considerar como das melhores até hoje obtidas na Europa. Tambem se fez deante de Sua Majestade a experiencia da nova polvora, extrahida da madeira, que rivalisa com o algodão polvora, e se lhe apresentaram os productos que serviram de base ao estudo de theoria de chimica organica do sr. A. V. Lourenço, theoria de grande e merecida reputação entre os entendidos.

Dalli passou Sua Majestade ao muzeu de geologia e mineralogia, onde o sr. dr. Costa lhe esteve mostrando a preciosa collecção de mineraes e de fosseis que a escola possue, e especialmente os fosseis que serviram de fundamento ao seu estudo da Fauna nos terrenos terciarios, de que o sr. dr. Costa publicou duas memorias. Referiu o mesmo professor ao soberano brasileiro as investigações que fizera ácerca dos dolmens, offerecendo-lhe a respectiva memoria, e apresentando-lhe as estampas de outra ainda não publicada. Em seguida convidou a Sua Majestade a examinar a carta geologica dos srs. Carlos Ribeiro e Delgado, e as folhas parciaes da Grande Carta, cujo estudo na parte da geologia detalhada já está completo.

Sua Majestade visitou egualmente o observatorio meteorologico, e, sob as indicações do sr. Brito Capello, examinou a excellente collecção de instrumentos de ob-

servação, e teve occasião de apreciar os trabalhos que os observadores têm feito ácerca do magnetismo terrestre e das variações atmosphericas em relação ás regiões meridionaes da Europa.

Passou depois ao gabinete de physica, que era dirigido pelo sr. Pinto Vidal na ausencia do sr. Fradesso da Silveira, e pôde notar a boa collecção que alli ha de instrumentos destinados ao ensino, recebendo do respectivo professor as memorias que tem escripto ácerca d'aquelles estudos.

Sua Majestade, ao atravessar pelos gabinetes de mechanica e geometria descriptiva, que são dirigidos pelos srs. F. Horta e Pegado, observou, alem dos objectos proprios do ensino, alguns exemplares de córtes de pedras para pontes obliquas e abobadas, obra de artistas portuguezes e digna de attenção. Dahi seguiu para o museu de zoologia.

Eram conhecidos de Sua Majestade o nome e trabalhos do sr. J. V. Barbosa du Bocage; mas infelizmente a saude d'este professor não lhe permittiu ter a honra de receber a Sua Majestade. Faziam as suas vezes o sr. professor Figueiredo e o sr. Brito Capello, naturalista adjunto. Ambos mostraram ao esclarecido soberano a collecção de exemplares zoologicos, rica principalmente de especies provindas das nossas colonias da Africa e de aves que pertenceram ao museu particular de Senhor D. Pedro V, as quaes em grande parte lhe haviam sido offerecidas pelo Imperador do Brasil. Sua Majestade pôde notar os trabalhos dos srs. Bocage e Capello, tanto na classificação de especies novas, de aves e reptís de origem africana, como na classificação, ainda não feita até agora, de peixes e productos maritimos da costa de Portugal, e as memorias e artigos publicados

por estes dois professores nos escriptos da academia e em jornaes francezes e inglezes.

O Imperador, que durante a visita patenteou por differentes vezes a sua admiração pelo estado da escola e pelos trabalhos dos professores, manifestou de novo ao despedir-se a sua satisfação nos termos mais lisongeiros para a escola e para o paiz, apertando a mão a todos os lentes. El-rei D. Luiz acompanhou sempre nesta visita seu augusto tio.

Como Sua Majestade Imperial se demorou perto de quatro horas nesta visita, não pôde visitar a Imprensa Nacional, o que, tendo sido communicado ao digno administrador d'aquelle estabelecimento, este se dirigiu á escola polytechnica, e, sendo apresentado ao Imperador pelo sr. marquez de Ficalho, ouviu do augusto soberano o seguinte: «Sinto pezar de não poder agora visitar esse estabelecimento industrial, que gosa de tão bons creditos; mas, como desejo ser alli tão minucioso como o estou sendo aqui, falta-me o tempo.» E prometteu em seguida que no seu regresso ao nosso paiz, seria o primeiro estabelecimento que havia de visitar; em conclusão, pediu ao sr. administrador que o desculpasse para com os seus empregados.

Em quanto o Imperador visitou este estabelecimento, Sua Majestade a Imperatriz fôra ao hotel dos embaixadores, a fim de passar algum tempo na companhia da sr.ª viscondessa de S. Salvador de Campos, sogra do fallecido ministro de Portugal no Brasil, o sr. José de Vasconcellos. Apenas Sua Majestade chegou ao hotel, logo nos mastros das janellas se desfraldaram as bandeiras brasileira e portugueza.

A sr.ª viscondessa apresentou a Sua Majestade os ssr. Pedro Velloso Rebello, barão de Mathosinhos e o

bacharel Manuel Aurelio Pinto. O sr. consul do Brasil apresentou tambem á Imperatriz o sr. Antonio Manuel da Fonseca, professor da academia de Bellas-Artes.

A sr.ª viscondessa de Campos, a quem Sua Majestade honra ha muitos annos com a sua amizade, convidou a Imperatriz a tomar uma refeição, que ella acceitou, pedindo á sr.ª viscondessa para convidar todas as pessoas que lhe foram apresentadas a participar d'aquelle offerecimento.

Sua Majestade tractou os seus patricios e demais pessoas com a maior amabilidade, desprendida de todas as etiquetas da realeza.

Assistiram a este improvisado banquete a filha da sr.ª viscondessa, seus netos e outras pessoas de suas relações, que tinham ido receber Sua Majestade, ao descer da carruagem, com ramos de flores nas mãos.

Voltando ao hotel de Bragança, Suas Majestades alli receberam algumas pessoas notaveis, e a corporação dos corretores ajuramentados, cuja mensagem de felicitação foi apresentada pelo presidente da camara syndical, o sr. commendador Lamarão, e os srs. Silva e Albuquerque, Gonçalves Macide e Francisco Duarte da Silva, membros dos corpos gerentes do gremio popular. Acompanhava esta deputação uma outra de seis crianças da aula diurna da mesma associação, que educa gratuitamente os filhos das classes mais pobres da sociedade. A uma d'ellas estava commettida a leitura da allocução, que Sua Majestade Imperial dispensou, dizendo: «dêem-m'a, porque a hei de tomar na maior consideração, pois sei dos seus bons serviços em favor da instrucção.»

Ás cinco horas da tarde os Imperadores receberam a visita de Sua Majestade a rainha e de seus filhos.

Sua Majestade ia acompanhada pelas suas damas,

as senhoras condessa de Sousa Coutinho e D. Gabriella de Sousa Coutinho, e pelo sr. visconde da Lançada.

Na mesma occasião foram tambem recebidos por Sua Majestade Imperial os srs. patriarcha de Lisboa e ministros do reino e obras publicas.

Depois partiram os Imperadores para o paço, onde lhes estava preparado o jantar que os monarchas portuguezes lhes offereciam.

O jantar real aos Imperadores

O rei de Portugal e toda a familia real empenharamse em dar aos seus imperiaes hospedes todas as demonstrações de affecto compativeis com a excessiva modestia por elles imposta a todas as manifestações. Sua Majestade Imperial furtou-se a todos os obsequios, e o mesmo jantar familiar a que no dia 19 assistiu no Paço da Ajuda, não foi sem instancia que o acceitou.

Ás seis horas e meia da tarde começaram a concorrer os convidados, penetrando no edificio pelo salão de entrada que dá para o atrio do palacio, e que é de todos o mais majestoso.

O salão, escada e corredor que conduz á sala de marmore, e ainda esta sala, pareciam ao mesmo tempo floresta e jardim, pela quantidade de arbustos em vasos de varios tamanhos, e pela profusão de flores que os ornavam, e cujos matizes scintillavam pela abundancia de lumes que os feria. No salão havia dois tanques de fórma circular, symetricamente collocados aos lados e fronteiros um a outro, ornados nas margens com flores e hera, e tendo repuchos ao centro.

A sala azul e aposentos particulares do rei, que con-

duzem á sala do conselho, onde se deu o jantar, e assim denominada por ser exclusivamente destinada aos conselhos de estado e de ministros, estavam rica e apparatosamente ornados com talhas do Japão, abundancia de flores e grande quantidade de luzes.

A sala do conselho tem no tecto a primitiva pintura, que é no centro a figura da justiça e em roda differentes figuras allegoricas da fabula; as paredes são vestidas com os melhores pannos de raz que possue a casa, representando todos elles batalhas da antiguidade; o sobrado, porém, é moderno e de custoso *parquét*. No centro da casa via-se a mesa repleta de vasos de prata com flores, serpentinas, o celebre certamen (ou *plateau*), figuras de prata do tamanho approximado de 30 centimetros, douradas; quatro aparadores, dois por banda, contendo as peças mais ricas da baixela, como ornamento, e mais quatro para os moços da manteeiria trincharem. Ornavam egualmente a sala tres bustos de marmore de Carrara, um da rainha, a senhora D. Maria Pia, defrontando com outro do senhor D. Pedro v, situados no comprimento da sala, e o terceiro de el-rei Victor Manuel, na largura d'esta, da parte da rua. Pendia do tecto um magnifico lustre, e pelas paredes aqui e alli havia diversas placas de cinco velas, o que mais fazia scintillar as vivas côres dos pannos de raz.

O jantar foi dos mais finos, o serviço dos melhores, e todo servido com a baixella real.

Os commensaes que estiveram presentes foram trinta e quatro, que são os seguintes: Imperador, do lado direito da mesa, dando a direita á rainha, e a esquerda ao sr. infante D. Augusto; a rainha dando a direita a el-rei D. Fernando; do lado esquerdo estava el-rei D. Luiz com a Imperatriz á direita, á esquerda a dama da

Imperatriz, mãe da sr.ª condessa de Penamacôr; á direita da Imperatriz estava o sr. duque de Saxe.

Eram, pois, o Imperador, Imperatriz, el-rei D. Luiz, D. Fernando, a rainha, o sr. infante D. Augusto, tres damas da Imperatriz, sr.ª marqueza de Avila, a esposa do sr. ministro do Brasil, as sr.as condessa de Sousa e de Villa Real, viscondessa d'Asseca, D. Gabriella de Sousa Coutinho, D. Maria Thereza de Mascarenhas, ministro do Brasil, tres camaristas do Imperador, os srs. marquez d'Avila e de Ficalho, marquez de Pombal, condes de Ficalho, de Mafra e da Ponte, general Caula, Gromicho Couceiro, Luiz Folque, Teixeira de Carvalho, o medico de serviço, dr. May Figueira, e os officiaes da guarda do paço.

A rainha vestia côr de rosa com rendas de França; a Imperatriz e suas damas de luto; condessa de Sousa e D. Maria Thereza de branco e azul; D. Gabriella toda de branco; marqueza d'Avila toda de azul; Asseca, de luto; Villa Real, claro e rôxo; e esposa do ministro do Brasil, de claro. O jantar principiou ás 8 horas e terminou ás 10.

Ás 10 horas e meia o Imperador, el-rei e o sr. duque Saxe, acompanhados pelo sr. marquez de Ficalho, foram ver o observatorio da Tapada, tendo-se dado ordem para ser illuminada com archotes a estrada que para alli dirige.

Ás 11 todos tinham saído, sendo a Imperatriz acompanhada ao hotel pelo sr. ministro do Brasil, porque o Imperador não voltou da Tapada ao paço, e chegou ao hotel á 1 hora e meia.

Partida para o extrangeiro

Não alterando os seus habitos de grande madrugador, Sua Majestade levantou-se ás quatro horas da manhã, e pouco depois tomou um banho frio. Ás sete menos um quarto almoçaram os Imperiaes viajantes, e em seguida foi o senhor D. Pedro agradecer pessoalmente a mr. Meston, dono do hotel de Bragança, a excellencia e boa ordem do tractamento e elogiar a perfeita organisação do hotel.

Ás sete horas e meia dirigiram-se para a estação de Sancta Apolonia, onde fazia a guarda de honra o batalhão de caçadores 5 com a respectiva banda, e ás oito menos um quarto chegavam á *gare* da linha ferrea, achando-se já alli el-rei o senhor D. Luiz, o senhor D. Fernando, o senhor D. Augusto, o ministerio, a camara municipal, commissario de policia, alguns officiaes móres da casa real, legação e consulado do Brasil, commandante e officialidade da corveta *Estephania,* commandante da divisão e auctoridades civis, e muitas pessoas distinctas, entre as quaes os srs. duque de Loulé, marquez de Sá da Bandeira, conde de Valle de Reis, marquez de Ficalho, conde de Ficalho, visconde de Menezes, conde de Castro, conde de Rio Maior *Antonio,* visconde de Soares Franco, visconde de S. Thiago, Mello e Carvalho, José Baptista de Andrade, Andrade Pinto, general Caula, Gromicho Couceiro, Francisco Travassos Valdez, Joaquim Filippe de Miranda, Mello e Faro, Ulrich, Pereira de Miranda, Costa Carvalho, Netto, Duarte Nazareth, Mendes Leal, Silva Tullio, José Rebello da Costa Carvalho, dr. Forbes, Guerra Sanctos, Zofimo Pedroso, dr. Alves, marquez d'Avila e Bolama, José de Mello Gouveia, vis-

conde de Chancelleiros, Mouta e Vasconcellos, o ministro do Brasil, o secretario da legação brasileira Gomes Roldan, Queriol, Ladame, François, Paul e varios empregados da companhia dos caminhos de ferro portuguezes.

Depois de Suas Majestades Imperiaes se haverem despedido de seus augustos parentes e de todas as outras pessoas, que alli tinham ido prestar-lhes novo testemunho de consideração e respeito, entraram numa carruagem-salão, e ás oito e dez minutos deu-se o signal da partida, largando o comboio entre muitas saudações affectuosas e espontaneas.

O comboio compunha-se de dois wagons de primeira classe, duas carruagens-salões, duas carruagens reaes luxuosamente adornadas e um *furgon* real.

Durante este dia o governo recebeu os seguintes telegrammas, que no dia immediato foram publicados no *Diario do Governo*:

Santarem, ás 10 horas e 40 minutos — Ex.^mo^ presidente do conselho de ministros.— Suas Majestades, os Imperadores do Brasil, chegaram bem á estação da cidade de Santarem, pouco depois das 10 horas. Foram alli recebidos pelas auctoridades civis, judiciaes, ecclesiasticas, pela camara municipal e por numeroso concurso de povo, sendo por todos victoriados com vivo enthusiasmo. Os augustos viajantes, depois de breve demora, proseguiram, dando signaes de satisfação pela maneira por que foram recebidos.— O governador civil, Marquez de Cesimbra.

Entroncamento, 11 horas e 5 minutos — Ao ex.^mo^ marquez d'Avila e de Bolama, presidente do conselho de ministros.— Suas Majestades Imperiaes chegaram ao

Entroncamento ás 11 horas. Foram muito festejados na Alhandra, em Santarem, e aqui. Sua Majestade o Imperador toma minuciosas informações de todo o paiz percorrido. Suas Majestades almoçaram dentro do trem real.— Visconde de Chancelleiros.

Abrantes, 3 horas e 18 minutos da tarde—Ex.mo presidente do conselho de ministros.— Suas Majestades Imperiaes continuam a passar sem novidade.—Visconde de Chancelleiros.

Elvas, 22, 4 horas e 45 minutos da tarde — Ex.mo marquez d'Avila e de Bolama, presidente do conselho de ministros.— Suas Majestades Imperiaes chegaram sem novidade, ás 3 horas e um quarto, a esta cidade. Partem agora para Badajoz.— Visconde de Chancelleiros.

Em Villa Franca, Torres Novas, Abrantes, Elvas e outras povoações por onde passou o comboio, muitas pessoas esperavam os Imperadores, levantando *vivas* á sua chegada; e as musicas, que tambem alli estavam, tocaram o hymno brasileiro.

Em Abrantes a sr.ª viscondessa de Abrançalha foi apresentada ao Imperador, que affavelmente se dignou apresental-a á Imperatriz. Quando o comboio passou em Villa Nova de Constança, o machinista recebeu ordem de parar, para os imperiaes viajantes observarem a magnifica ponte sobre o Tejo.

Em Sacavem o Imperador tinha deixado o salão e passara para o *breack,* onde se conservou até Badajoz.

Chegou o comboio a esta cidade pelas cinco horas da tarde, e na *gare* eram esperados os augustos viajantes pelo governador, e outras auctoridades civis, ecclesiasticas e militares, fazendo a guarda de honra um destacamento da guarda civil. Tambem alli estavam o sr. ministro das obras publicas e o seu secretario o sr. Mouta e Vasconcellos, conselheiro Francisco Chamiço, Roldan, dr. Simas, Le François, Ladame, e o engenheiro em chefe do caminho de ferro de Ciudad Real.

O Imperador conversou familiarmente com estes cavalheiros, fazendo perguntas ácerca dos pontos mais notaveis da linha, e fallando com elogio dos homens e das cousas de Portugal. No numero dos primeiros citou em primeiro logar o sr. Alexandre Herculano, a quem Sua Majestade Imperial chamou seu velho amigo. Referindo-se a Lisboa disse que era mais bonita e importante do que anteriormente julgara, que tem admiraveis monumentos, e louvou a grande vigilancia policial que nella ha.

Suas Majestades Imperiaes não quizeram recolher-se no hotel, preferindo pernoitar dentro do wagon.

Como se vê, não houve o menor incidente durante o transito até á fronteira, e sempre Suas Majestades se mostraram satisfeitos da cordeal hospitalidade que lhes foi prestada neste paiz, e cheios de saudosas e agradaveis recordações entraram em terras de Hespanha.

SEGUNDA PARTE

VIAGEM DOS IMPERADORES DO BRASIL

EM PORTUGAL

SEGUNDA PARTE

Não entra no plano d'esta obra, nem a sua rapidez nos deixaria seguir a longa peregrinação dos illustres viajantes pela Europa e parte da Africa. No emtanto, para ligar a distancia, em que de outro modo ficaria a primeira das subsequentes partes do livro, esboçaremos fugitivamente o itinerario da sua viagem fóra de Portugal.

Entrando em Hespanha, reservaram para o regresso a visita ás principaes cidades, excepto Madrid, onde pararam, seguindo directamente para a fronteira franceza. Ahi tomaram a linha ferrea de Bordeus, primeira cidade da republica, em que se detiveram, e cujos vinhos lhe têm dado fama universal. Visitaram, le Mans, capital do departamento de Sarthe, Ruão e Amiens, terra de grande commercio, e notavel pela sua cathe-

dral gothica e museu de pinturas. Embarcaram em Calais, atravessando o estreito em direcção a Dover, porto da Mancha, immortalisado pelo illustre desterrado de Jersey nos *Operarios do mar.*

Estavam pois em Inglaterra. Desceram a Folkstone, cidade maritima, a sudoeste de Dover, passando d'alli a Londres, que visitaram minuciosamente. Da moderna Babylonia sairam para a pequena cidade de Chatan, e foram a Oxford, aonde os chamava o renome da sua antiga universidade, e o dos 25:000 manuscriptos da maior das numerosas bibliothecas, que possue entre outros muitos estabelecimentos scientificos. Seguiram para Birmingham, centro de muita industria e commercio; Warick, cidade pequena, mas industrial; Chester, grande povoação situada já sobre o mar da Irlanda; Liverpool, rival de Londres pela importancia da sua industria e commercio, e que serve de porto a Manchester, emporio das manufacturas algodoeiras.

Subindo ainda a Glasgow, grande cidade da Escocia, foram a Edimburgo, capital d'este reino, e séde d'uma antiga universidade. Desceram depois a Durham, e visitaram no condado de Lencastre a cidade do mesmo nome, e no de York a capital assim denominada, onde ha digno de admirar-se a mais bella cathedral de Inglaterra. Viram Sheffield, conhecida pelos seus productos de cutelaria e quinquilharias; Matlock, povoação pequena, mas notavel por seus banhos thermaes e minas de chumbo; e emfim Cambridge, ultima cidade com que fecharam a digressão pela Grã Bretanha.

Tomando novamente o estreito de Calais, atravessaram em direcção a Ostende, cidade maritima da Belgica. Passaram a Gand, capital da Flandres oriental, celebre pelas suas obras hydraulicas, continuando por

Antuerpia, séde da eschola flamenga de pintura, e Bruxellas, capital do reino.

Penetraram no territorio allemão por Aix-la-Chapelle, berço e tumulo de Carlos Magno, visitando Colonia, patria de Agrippina; a cidade rhenana de Dusseldorf, que, além de formosa, possue estabelecimentos scientificos, e uma eschola de pintura; Hamburgo, cidade independente, e a mais commercial da Allemanha; e finalmente Berlim, capital do moderno imperio allemão.

Desceram depois a Dresde, 160 kilometros ao sul de Berlim, possuidora de uma famosa galeria de quadros e de uma bibliotheca de 300:000 impressos e 2:800 manuscriptos. Visitaram a pequena e formosa cidade de Eisenach; Coburgo, cidade tambem pequena do principado de Saxe-Coburgo-Saalfeld; Carlsbad, conhecida pelos seus banhos thermaes, e pelo congresso anti-liberal de 1820; e Praga, capital da Bohemia.

Na Baviera estiveram em Nuremberg e Munich, a cidade de Allemanha que encerra mais bellezas artisticas.

Transpozeram a fronteira austriaca por Salzbourg, patria de Mozart; estiveram em Linz, cujo museu conserva o piano offerecido pela cidade de Paris a Beethoven, e entraram em Vienna. Em seguida dirigiram-se a Pesth, a mais importante cidade da Hungria; Trieste, o melhor porto do imperio, e que possue o melhor lazareto da Europa; atravessaram o Adriatico, passando á Italia, onde entraram por Veneza. Percorreram Padua, Verona e Milão, cuja cathedral os milanezes contam pela oitava maravilha: e desceram por Bolonha até Brindisi, porto do antigo reino de Napoles no Adriatico, d'onde se transportaram ao Egypto.

Aqui passaram pela nova cidade de Ismaïlia no canal

de Suez, admirando portanto esta empreza collossal do presente seculo; e visitaram Alexandria, Cairo, Suez, e Porto Said na entrada do canal. Viram as pyramides, na maior das quaes se fizeram photographar em grupo o Imperador, o sr. barão de Bom Retiro e o sabio Brouchi, que os acompanhava.

Voltando á Europa, desembarcaram em Napoles, antiga capital das Duas Sicilias, e foram a Roma. Subiram para o norte da Italia, percorrendo Florença, a cidade mais rica de monumentos e obras d'arte; Piza, com a sua grande torre inclinada; Genova, e Turim, a antiga capital da Sardenha. Vararam o grande tunnel do monte Cenis, e, passando por Aix-les-Bains, cidade franceza, rica de banhos e monumentos romanos, dirigiram-se para a Suissa, onde viram Genebra, e Bale, cidade de importancia commercial proxima do Rheno. De novo passaram a França, e seguiram por Strasburgo, onde não podiam deixar de impressionar o espirito observador do illustrado monarcha os vestigios da ultima guerra nas ruinas dos seus admiraveis edificios. D'aqui se dirigiram a Paris. Descendo para o sul visitaram Lyão, percorrendo depois a costa do Mediterraneo por Marselha, Toulon, excellente porto e praça forte, Cannes, onde Napoleão I desembarcou voltando da ilha d'Elba; Niza, Arles e Nimes, que ainda possuem monumentos antigos muito notaveis; Montpellier, Cette, Tolosa, e por fim Bayona, cidade bonita e praça d'armas no golpho de Gascoonha.

Penetrando em Hespanha, visitaram Burgos, o Escurial com suas maravilhas, Toledo, Sevilha, Malaga, Granada, Cordova e Cadiz.

Regresso a Portugal

Viagem pelo caminho de ferro até ao Porto

Chegaram Suas Majestades á fronteira de Portugal no dia 29 de fevereiro de 1872, isto é, oito mezes depois que a haviam transposto em direcção ao norte da Europa. Tocaram em Badajoz ás 5 horas da tarde e pararam na primeira estação portugueza, em Elvas, pelas 6 horas e 24 minutos. Aqui os aguardavam já os consules brasileiros, em Lisboa o sr. Manuel de Araujo Porto Alegre, e no Porto o sr. Manuel José Rabello, o ministro dos negocios estrangeiros de Portugal o sr. João de Andrade Corvo, o sr. marquez de Ficalho, camarista de Sua Majestade el-rei o sr. D. Luiz I, o qual tinha por missão especial acompanhar o Imperador na digressão pelas linhas do Porto, hoje desfiguradas, as quaes Sua Majestade desejava verificar na companhia de algum dos heroicos defensores d'ellas e particular servidor do imperador seu pai.

Como fallámos no sr. ministro dos estrangeiros, convem mencionar os nomes dos actuaes ministros da corôa, por não serem os mesmos que dirigiam os negocios do Estado em junho do anno passado, quando Suas Majestades desembarcaram em Lisboa.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, conselheiro d'estado, presidente do conselho de ministros, ministro da fazenda e interino da guerra.

Antonio Rodrigues Sampaio, conselheiro do tribunal

de contas, e antigo redactor da *Revolução de Setembro*, ministro do reino.

Dr. Augusto Cezar Barjona de Freitas, lente da faculdade de direito na Universidade de Coimbra, ministro da justiça e ecclesiasticos.

Antonio Cardoso Avelino, ajudante do procurador geral da corôa juncto do ministerio das obras publicas, commercio e industria, ministro do mesmo ministerio.

Jaime Constantino de Freitas Moniz, professor do curso superior de letras, ministro da marinha.

João de Andrade Corvo, professor da Eschola Polytechnica de Lisboa, ministro dos negocios estrangeiros.

Os imperiaes viajantes não acceitaram o trem real, que o governo mandara pôr á sua disposição em Badajoz, e, na carruagem-salão, despida de luxo, em que vieram de Hespanha, e que passou para o comboio ordinario portuguez, proseguiram para o Entroncamento, onde chegaram ás 11 horas e meia da noite.

Na plataforma da estação formava um batalhão do regimento de infanteria n.º 11, com a competente banda, que tocou o hymno brasileiro logo que o comboio parou. O Imperador apeou-se para entrar num gabinete da estação com o sr. conselheiro Miguel Maria Lisboa, ministro brasileiro na capital, onde sentados conversaram por algum tempo. Sua Majestade recolheu á sua carruagem, e o sr. conselheiro Lisboa tomou o comboio que se dirigia á capital.

O sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal, ministro portuguez em Madrid, vinha no mesmo comboio em direcção a Lisboa.

Chegou a Coimbra o comboio ás 3 horas e 40 minutos da madrugada do dia 1.º de março.

Estação de Coimbra

Suas Majestades demoraram-se o tempo que o comboio pára na estação, e não sahiram da carruagem, que era occupáda sómente pelo Imperador e pela Imperatriz.

Na plataforma achavam-se os srs. governador civil Antonio de Gouveia Osorio, general da divisão José Julio do Amaral com o seu estado maior, governador militar da cidade o sr. Vasco Guedes de Carvalho e Menezes. No recinto da estação formava o destacamento de infanteria 9, tendo á frente a banda do regimento.

O Imperador, logo que o comboio parou, veio á portinhola da carruagem, debruçou-se familiarmente, com a cabeça descoberta, e, depois dos comprimentos com as pessoas que o esperavam, disse que não queria nenhuma etiqueta official.

A banda tocou o hymno brasileiro.

Entabolando conversação com as pessoas referidas, perguntou-lhes o Imperador os seus nomes, fallou e inquiriu das cousas de Coimbra depois de convidar os cavalheiros presentes a cobrirem-se.

Disse que na volta se demoraria dois dias, mas que não desejava prender-se com cousas que lhe fizessem perder tempo, e por isso não assistiria aos capellos, que conhecia, mas visitaria as aulas na occasião das prelecções.

Perguntou se ficavam perto a quinta das Lagrimas e o convento de Santa Clara, porque, sendo assim, iria visital-os a pé. Accrescentou que tencionava visitar tambem Santa Cruz, Sé Velha, Jardim Botanico, e todos os estabelecimentos da Universidade.

Sua Majestade conversou principalmente com o sr. Vasco Guedes, ao qual fez a significativa pergunta se ainda encontraria no Porto alguem do batalhão de caçadores 5. Seu pai, o imperador D. Pedro IV, foi o coronel d'este batalhão, no tempo da guerra.

Tambem perguntou pelo sr. dr. Antonio de Carvalho, irmão do nosso ministro no Brasil.

Disse Sua Majestade que o sr. marquez de Sá da Bandeira não pudera acompanhal-o ao Porto, como elle desejava, para visitar as linhas com uma das mais gloriosas espadas que as defenderam, porque o illustre general estava doente dos olhos; mas que em seu logar vinha o sr. marquez de Ficalho, que fôra camarista de seu augusto pai.

Passados os 16 minutos do regulamento de serviço Sua Majestade partiu, depois do rapido adeus ás pessoas referidas.

D'aqui por diante o comboio não se demorou nas estações mais que o tempo necessario para tomar passageiros. Amanhecia porém, e os primeiros alvores da aurora de um formosissimo dia deixavam bruxulear, através da tenue nevoa, que se rarefazia, as ricas campinas, e toda a opulenta e pittoresca natureza, por entre a qual serpenteia o ferreo carril até dar o braço ao oceano, que chega a beijar-lhe as plantas, e offerece novo e não menos surprehendente espectaculo. Como bom observador o soberano brasileiro viera para a janella da carruagem, e assim atravessou as estações, onde conversava com as pessoas que nellas se achavam, informando-se com a curiosidade do viajante que não quer perder um momento.

Em nenhuma d'estas estações houve recepção official.

Ás 6 horas e 44 minutos, quando o sol começava

a dourar as primeiras cumiadas, tocava o comboio em Ovar, onde teve pequena demora. Comtudo estavam na estação muitas pessoas, com quem o Imperador conversou. Haviam já partido para o Porto mais de 400 habitantes d'esta localidade para assistirem á entrada dos imperiaes viajantes.

Uma hora e 20 minutos depois parava emfim o comboio na estação das Devezas, na montanha fronteira á cidade invicta.

Visita ao Porto

Não é o Porto cidade que se fique atrás em galhardia e pundonor. Além d'isto duplos motivos a incitavam a estimar a visita memoravel que ia receber. Preparou-se portanto com o melhor das suas galas e costumada grandeza para hospedar o nobre descendente d'aquelle que lhe confiára o precioso deposito do coração e da espada. E de feito tiveram os soberanos brasileiros magnificente recepção nesta briosa cidade, a respeito da qual a elegante penna do sr. Abilio da Fonseca Pinto ha pouco se exprimiu nos seguintes termos:

«Não tem o Porto a côrte de Lisboa, nem a universidade de Coimbra, os fortes de Elvas ou as theologicas tradições bracharenses; mas é um complexo de tudo isto, enriquecido ainda com o seu commercio e com a sua industria, animando tudo e a todos com a sua admiravel actividade. É como um homem robusto na intelligencia e nos nervos, *mens sana in corpore sano;* o sangue generoso pula-lhe vívido nas veias, o juizo assenta-se-lhe repousado no cerebro.

«O baptisterio de Portugal foi o Porto,

> ... leal cidade, donde teve
> Origem (como é fama) o nome eterno
> De Portugal...
>
> (Camões).

«No Porto, berço do magnanimo infante D. Henrique, o impulsor das nossas famosas navegações, esquipou

este principe a melhor parte da esquadra que tomou Ceuta,

> Eis mil nadantes aves pelo argento
> Da furiosa Thetis inquieta,
> Abrindo as pandas azas vão ao vento,
> Para onde Alcides poz a extrema meta.
>
> (Camões).

«E principalmente na nossa historia contemporanea occupa esta cidade as mais formosas das suas paginas. Levantou em 1820 o primeiro grito da liberdade, sustentou-a com sanguinolenta porfia em 1834, corroborou-a e robusteceu-a em 1846. E depois da luta não esqueceu a lida. Com os nobilissimos suores do trabalho consolida a politica liberal, que firmou com o sangue das veias. Se o convento da Serra é monumento do seu valor, o Palacio de Crystal é o capitolio da sua industria. E os dois edificios miram-se fronteiros como duas sentinellas que vigiam cautelosas e firmes pela mesma causa. Um é o guerreiro tisnado pelo sol ardente das batalhas e pelo fumo da polvora dos canhões; o outro, estendendo-se arredondado pelo dorso da collina, semelha o bicho da seda, fabricando no seu casulo os mais primorosos artefactos. Foi, o primeiro, theatro de gloria do rei-soldado; abriu os alicerces do segundo o rei-cidadão. E as estatuas dos dois principes elevam-se dentro da cidade como protesto eloquente de que as suas obras ficarão firmes e duradouras como o bronze que os representa.

«Esta é a synthese da historia do Porto, os delineamentos capitaes das suas façanhas e dos seus arrojos.[1]»

[1] *Panorama Photographico de Portugal,* vol. 2.º, n.º 3.

Era esplendido o aspecto, que a cidade offerecia desde a ponte pensil até á praça de D. Pedro, e d'ahi pelas ruas dos Clerigos e de Sancto Antonio, ingremes e fronteiras, e porisso em posição apta para o effeito de ornatos e illuminações. Arcos, ricos pavilhões, coretos, postes, bandeiras, damascos, galhardetes, movimento alegre da população, haviam transformado em templo festivo a laboriosa cidade do trabalho e da industria.

Duas linhas de bandeiras tremulavam nas guardas da ponte pensil, seguindo-se a praça da Ribeira, elegantemente adornada com mastros, bandeiras, columnatas, pyramides e vasos com flores, plantas naturaes, e além d'isto um elegante pavilhão.

No largo, á entrada da rua de S. João, havia dois grandes obeliscos, enfeitados de bandeiras portuguezas e brasileiras, e tendo do lado direito as armas brasileiras, do esquerdo as portuguezas. Ao cimo da mesma rua erguia-se um soberbo arco triumphal, rematado por tres estatuas, symbolisando a da direita a Justiça, a do meio o Porto, e a da esquerda a Liberdade. O grupo de todas significava o Porto a offerecer uma corôa de louro aos hospedes imperiaes, baseado na justiça e na liberdade. A do Porto tinha em ambos os lados da base as armas da cidade; no mesmo sitio tinham as outras as armas brasileiras da direita e as portuguezas da esquerda.

No alto das duas partes que compõem o arco, distinguiam-se as iniciaes P. II e T. M.

O desenho foi do sr. Thomaz Augusto Soller, e a pintura, que mostrava bom gosto, dos srs. Marques Pinto e Salazar.

Apresentava bonita apparencia este arco.

No largo de S. Domingos construiram um pavilhão,

de feitio oitavado, cuja cupula tinha a fórma conica, apoiada em oito columnas, pintada com as côres das duas nações, tendo no cimo um mastro com um galhardete, e na base as armas brasileiras e portuguezas. Acima d'estas havia um oval com as letras *V. D. P. II.* No cimo do pavilhão, circumdado de medalhões pequenos, contendo as letras *V. P. II,* na parte que deitava para a rua de S. João, havia tres escudos, tendo pintadas as armas da cidade, as brasileiras e as portuguezas.

O estrado era cintado por um varandim, ornado de escudos, com as armas das duas nações, lyras e corôas de flores.

Na base tinha pintados emblemas de musica. Tudo que foi desenho e pintura, pertencia ao sr. Francisco Antonio Pereira.

Outro arco triumphal, em estylo manuelino, foi erguido na entrada da rua das Flores.

Tinha nos tympanos escudetes de armas, cujo timbre consistia num capacete. Sobre o arco corria uma architrave, em que se lia, do largo de S. Domingos, a seguinte inscripção: *Filium cor patris possidentes salutant,* que deve ser assim traduzida: «Os que possuem o coração do pae saúdam o filho». Do lado que dizia para a rua das Flores: *Martii kalendis MDCCC LXXII* (um de março de 1872). Sobre a architrave continuava a decoração em estylo gothico, terminando por uma agulha, em que fluctuavam as bandeiras portugueza e brasileira. Os remates, formados pelos columnelos, terminavam em pequenos coruchéus, os quaes faziam realçar todo o corpo do arco, caracterisando perfeitamente o seu estylo. Do centro pendia um lustre gothico, que foi illuminado a azeite, bem como todo o arco.

A planta d'este arco foi feita pelo sr. Couto Guima-

rães, o qual tambem dirigiu a pintura, executada pelos srs. Carlos Pereira e José dos Reis, que era mimosa.

A entrada das ruas da Fonte Nova e do Souto era guarnecida por quatro estatuas de gesso, representando a Europa, Asia, Africa e America.

Desde a praça da Ribeira desfilavam, além d'isto, na rua de S. João, largo de S. Domingos e rua das Flores, alas de postes com galhardetes das duas côres luso-brasileiras.

No largo da Feira de S. Bento havia outro pavilhão, em fórma de miranete turco, pintado a côres de rosa e branco. Subia-se para elle por tres lanços de escadas, ornados no principio e no cimo com grandes jarras com flores naturaes. Do lado da rua das Flores tinha uma ellipse com o letreiro *Pedro II.*, e do cimo crescia um mastro, no alto do qual tremulava a bandeira portugueza.

O estrado era circumdado por um varandim e adornado com estatuas e jarras de flores naturaes; do centro pendia tambem um açafate com flores. O desenho e pintura d'este elegante pavilhão foi do sr. Veras, e a construcção de madeira, do sr. Moreira de Mattos. O resto do pavilhão estava enfeitado com bandeiras e galhardetes.

No ponto que defronta com a rua de D. Maria II, elevavam-se duas pyramides altas, ornadas com bandeiras das duas nações, e outras duas á entrada do largo da Porta de Carros.

Esta rua e este largo estavam ligados por postes com bandeiras, e estes por festões de murta, tambem destinados á illuminação. A meio dos postes havia trophéus com corôas de louro.

Na praça de D. Pedro, á direita da estatua do sr. D. Pedro IV, construiram um coreto.

Um magnifico arco triumphal tomava o principio da calçada dos Clerigos, imitando outro que existe em Paris. Tinha entradas pelo largo dos Loyos, rua do Almada, praça de D. Pedro e calçada dos Clerigos, e tinha nos tympanos as letras *P. II.*, e no cimo, entre trophéus, do lado da praça de D. Pedro as armas brasileiras, dos Clerigos as portuguezas, dos Loyos e Almada as da cidade. Do alto pendia um grande mastro com bandeiras das duas nações. A planta foi dada pelo engenheiro, o sr. Kopke de Carvalho, a pintura feita pelos srs. Lambertini e Porcopio, e a iniciativa e realisação pelos srs. Miguel Vaz Pinto Guedes e Fortuna e Pimenta, além da colonia brasileira, e outras pessoas.

Finalmente na rua de Santo Antonio estavam collocados obeliscos pintados de azul e branco, e rematados por ovaes, onde se viam em letras douradas os letreiros «Pedro II» e «Thereza Maria». Nos intervallos de uns aos outros viam-se plinthos com escudetes pintados de amarello e verde, com os mesmos dizeres dos de cima. e circumdados por trophéus e bandeiras. Ao cimo da rua de Santo Antonio e no sitio onde se acha o obelisco de pedra, viam-se pintadas do lado direito as armas brasileiras, do esquerdo as portuguezas, e no centro uma allegoria representando o seguinte: «O Porto mostra ao Douro a bella estrella de Pedro II, a qual desponta no horisonte». Tanto a allegoria como as armas foram pintadas pelo sr. Lima, e eram transparentes para produzir effeito com a illuminação.

Em outras ruas havia ainda embellezamentos de menos importancia.

Como estamos com os preparativos da recepção, vem de molde a noticia dos aposentos preparados para receber os Imperadores.

Hotel do Louvre

Fôra tomado por conta do Imperador este hotel, situado á entrada da rua do Triumpho.

Tornou-se digno de menção e objecto de curiosidade a grandeza e o gosto com que a sua proprietaria o decorou.

O primeiro andar foi destinado aos Imperadores, e o segundo á sua comitiva.

O hotel foi expressamente modificado em algumas das suas disposições para este fim extraordinario, e o esmero que se empregou nesses trabalhos, bem como na decoração interna da casa, tornavam-no digno de receber os altos personagens a quem se destinava.

Do portão, decorado com plantas e estatuetas, subia-se pela escada em espiral, tapetada e guarnecida tambem de plantas, para a galeria do 1.º andar.

No topo da escada havia dois grandes espelhos, collocados aos lados da porta fronteira á escada, que dava accesso para o quarto de vestir do Imperador. Em frente d'estes espelhos estavam collocados dois magnificos vasos de mosaico com plantas.

Á esquerda da galeria ficava a grande sala de recepção.

Era aprimorada a decoração d'esta parte da casa: a guarnição era de nogueira e ornatos dourados com estofo de damasco vermelho; no topo do salão, fronteiro ás duas janellas de sacada que lhe dão luz, e por cima do sophá, um grande espelho de moldura dourada; no meio um *borne,* ornado com um vaso de flores; em torno dispostas as cadeiras de guarnição dourada.

Preciosos quadros de Gobelins, contador de pau pre-

to, internamente ornado com figuras de metal dourado, dois ricos vasos da India com plantas, magnificos bufetes e outros adornos completavam a decoração.

Ao lado esquerdo da galeria seguiam a um lado o quarto de dormir dos imperiaes esposos e do outro o de vestir da Imperatriz. Era riquissima e do mais bello gosto a decoração e serviço d'este quarto: guarnição de charão estofado de casimira branca; o serviço de porcellana de Saxe.

Este serviço é considerado uma preciosidade pelo seu valor e merecimento artistico.

Era primorosa a guarnição do espelho, toda de ornatos e figuras de porcellana, como o eram os candelabros, os vasos para flores e todas as outras peças que constituiam este serviço, o qual passa por ter sido comprado na exposição de Madrid. Grandes espelhos de moldura dourada e outros moveis completavam a decoração. Era além d'isso dividido em dois quartos que communicavam entre si por uma larga porta em arco, com reposteiro de casimira.

A guarnição do quarto de dormir era de charão com estofo de damasco amarello. Duas camas simples de mogno á franceza com longo cortinado de cassa branca suspenso do tecto, grande espelho sobre o fogão, alguns quadros, toucador, lustre de crystal no centro, constituiam a singela e elegante decoração d'esta parte dos aposentos.

Seguindo pela galeria á direita, entrava-se na sala de jantar. A guarnição d'esta sala era de carvalho do norte. Ao centro uma grande meza; a um lado um aparador; do outro, espelho com moldura de carvalho, tendo em frente uma estatueta de bronze; vasos com plantas,

quadros e outros moveis. Abria para esta sala, que é espaçosa, outra de menos amplas proporções, destinada para se servir o café. A guarnição era de mogno com estofo de risso vermelho escuro, e constituiam o resto da decoração quadros, espelhos, vasos com plantas, etc.

O quarto de vestir de Sua Majestade o Imperador ficava no topo da escada principal. A guarnição d'este quarto era de casimira listada, sendo o estofo coberto com panno de *crochet*. Era luxuosa a decoração, posto que não tão rica como a do quarto de vestir da Imperatriz.

Havia ainda no primeiro andar outras salas, tambem decoradas com primor, e destinadas para conversação particular dos augustos personagens ou para reunião das pessoas da sua comitiva.

O segundo andar, destinado á comitiva imperial, supposto não estivesse decorado com a grandeza do primeiro, denotava comtudo esmero e bom gosto.

Palacio do sr. visconde da Trindade

Tambem o sr. visconde da Trindade se preparou para receber e obsequiar no seu historico palacio os esperados viajantes, como costuma sempre que alguma pessoa real visita aquella cidade. E tinha uma novidade que lhes offerecer.

Na sala do palacio, onde esteve depositado o cadaver de Carlos Alberto, figuraram pela primeira vez os retratos de todas as pessoas reaes, que o têm visitado, e que são — Suas Majestades D. Luiz I e a rainha a senhora D. Maria Pia em 1863, el-rei o sr. D. Fernando,

o principe Humberto, e agora o Imperador e Imperatriz do Brasil.

Estes retratos foram pintados, os primeiros quatro pelo sr. João Marques da Silva Oliveira, alumno da academia portuense de bellas artes, e os outros dois pelo sr. Adolpho Cyrillo e Sousa Carneiro, alumno da mesma academia e brasileiro.

Preparativos em Gaya

A camara municipal de Villa Nova de Gaya mandou preparar uma sala na estação das Devezas para Suas Majestades descansarem; nomeou uma commissão, composta dos srs. Antonio Joaquim Borges de Castro, presidente, barão do Corvo, Caetano de Mello Menezes e Castro, e João do Rio Junior, vereadores, encarregada de receber os monarchas na estação, e representar em tudo a mesma camara.

Promoveu uma subscripção para as despezas dos festejos. Mandou postar uma banda de musica na estação, enfeitou a estrada, desde este ponto até á ponte pensil, com grande variedade de vistosas bandeiras, e convidou os habitantes a ornarem as suas casas.

Chegada á estação das Devezas e entrada no Porto

Na estação das Devezas esperavam Suas Majestades as camaras de Villa Nova de Gaya e Porto, os srs. governador civil Bento de Freitas Soares e seu secretario Joaquim Taibner de Moraes, general José de Vasconcellos Corrêa e estado maior, o consul o sr. Manuel José

Rabello, o vice-consul Agostinho Francisco Velho, administradores de Villa Nova e Porto, commissario geral de policia, chefe do departamento maritimo, director da alfandega e alguns empregados, varios titulares, officiaes reformados e muitas outras pessoas de consideração.

A camara municipal do Porto compõe-se dos srs. Francisco Pinto Bessa, presidente — Antonio Caetano Rodrigues — Antonio Ribeiro Moreira — Augusto Pinto Moreira da Costa — Antonio José do Nascimento Leão — Antonio Domingos de Oliveira Gama — José Luiz Gomes de Sá — Manuel Justino de Azevedo — José Duarte de Oliveira — Pedro Maria da Fonseca — Antonio Ferreira dos Santos.

Fóra da estação e junto á linha, para o lado do norte, estava a banda que foi do palacio de Crystal; do lado do largo das Devezas, dentro do gradeamento, que dá entrada para a estação, formava o esquadrão de cavallaria 6, que fazia a guarda de honra; e no largo, em frente da estação, um esquadrão de cavallaria da guarda municipal. A policia era feita por guardas civis, vestidos de grande uniforme.

Em uma das salas da estação, do lado direito, foi improvisada a sala de recepção mandada adornar pela camara municipal de Gaya. As paredes eram forradas de velludo carmezim no centro, e de seda azul e branca dos lados; o tecto coberto com damasco amarello, tendo no centro as armas brazileiras; o chão tapetado. A um dos lados tinham sido collocadas duas cadeiras de espaldar estofadas com velludo vermelho. Em volta da estação agglomerava-se bastante povo.

Pelas sete horas e meia, chegou á estação o comboio, o que logo foi annunciado por uma salva de vinte

e um tiros na fortaleza da Serra do Pilar e por outra no castello da Foz.

Os Imperadores foram recebidos pela commissão da camara municipal de Gaya, governador civil, camara municipal do Porto, e mais pessoas acima mencionadas, e dirigiram-se para a sala de recepção. As camaras em breves palavras felicitaram os augustos viajantes e convidaram-os a descançar. A musica, que foi a do palacio de Crystal, tocava o hymno brasileiro, e o povo que rodeava a estação, dava *vivas* aos Imperadores do Brasil.

Suas Majestades, porem, poucos minutos se demoraram, e o senhor D. Pedro II, sahindo só com a Imperatriz pelo braço, foi á sala das bagagens, voltou, e, mettendo-se no trem que lhe estava destinado, seguiu para a cidade.

Como o esquadrão de cavallaria o acompanhasse, Sua Majestade acenou ao general para o mandar retirar, o que fez com que elle retardasse a marcha, e seguisse a maior distancia.

Os *vivas* repetiram-se ao sahir da estação.

O trajo e maneiras do Imperador eram, como sempre, despretenciosos e simples: fato preto, chapéu baixo e manta de xadrez branco e preto em volta do pescoço; a sua mala de couro preta na mão direita, chapéu de chuva na esquerda, sobraçado um embrulho de papeis, não desdizia da mais natural singeleza de qualquer outro viajante.

A Imperatriz trajava egualmente de luto; vestido de merino preto e chapéu de palha da mesma côr.

Desde as Devezas até á ponte pensil estava a estrada toda embandeirada e as janellas guarnecidas de cobertores de damasco.

Eram perto de oito horas quando os imperiaes via-

jantes entravam na cidade heroica, donde surgiram sinceros propugnadores da liberdade, e onde o trabalho tem glorioso brazão.

Abriam o prestito dois officiaes do estado-maior, seguidos por seis soldados de cavallaria, e após estes a camara municipal do Porto e logo Suas Majestades. O trem era descoberto. O Imperador sentava-se em um dos logares da frente; nos fronteiros iam a Imperatriz á direita e sua dama de honor, a sr.ª D. Josephina da Fonseca Costa; seguiam-se mais alguns trens, em que vinham as pessoas da comitiva dos imperiaes viajantes. O restante prestito era assim disposto: o general da divisão e respectivos ajudantes, e o esquadrão de cavallaria 6 e da guarda municipal, que formavam a escolta de honra; camara de Villa Nova de Gaya; os srs. governador civil com o ministro dos estrangeiros, o sr. Andrade Corvo; secretario geral com o sr. marquez de Ficalho; consul brasileiro no Porto com o sr. ministro do Brasil em Lisboa; administradores dos bairros, corpo consular, auctoridades, corporações e muitas outras pessoas.

O cortejo seguiu pelas ruas de S. João, Flores, Feira de S. Bento, Praça de D. Pedro, calçada dos Clerigos, Carmo e praça do Duque de Beja até ao hotel.

A guarnição, na passagem dos augustos viajantes, apresentou armas e as musicas tocaram o hymno brasileiro. Os corpos formavam por esta ordem: caçadores 9 ao entrar na rua de S. João; infanteria 5 na mesma rua até ao largo de S. Domingos; infanteria 18 do mesmo largo até á rua das Flores; nesta rua a guarda municipal. Á excepção d'este corpo, todos os outros vestiam de grande uniforme em ordem de marcha, sendo a brigada commandada pelo general, o sr. Marçal. Logo

que os imperiaes viajantes passaram á rua de S. João, o batalhão de caçadores marchou para fazer a guarda de honra no hotel do Louvre, onde Suas Majestades se hospedaram. Em seguida serviu-se um opiparo almoço, ao qual não assistiu pessoa alguma alem da imperial comitiva.

Visita á egreja da Lapa

Findo que foi o almoço, Suas Majestades sahiram cerca das 11 horas, e pelas ruas do Duque de Beja, Carmo, Carmelitas, Clerigos, Almada e Campo da Regeneração se encaminharam para a real capella da Lapa, aonde os levava o mesmo sentimento, que lhes guiou os seus primeiros passos em Lisboa.

Na hora solemne do passamento quizera o sr. D. Pedro IV que o seu coração fôsse confiado á guarda da cidade do Porto. Pois que a ambos havia immortalisado, bem era que o possuisse a que lhe sobrevivia, dentro de cujas muralhas tantas vezes palpitara no meio dos perigos, cuidados e glorias da porfia homerica, que a nós legou a liberdade, e a elles, os heroicos permutantes do precioso legado, por symbolo immorredouro da grande epopeia dos seus feitos o titulo de *immortal* a um e de *invicta* a outra.

No dia 7 de fevereiro de 1835 recebeu o Porto, com a mais viva e pungente saudade, este inapreciavel legado, penhor valiosissimo do entranhado amor que lhe dedicara o dador das nossas liberdades.

Na egreja da Lapa se erigiu um condigno monumento para servir de deposito ao coração de D. Pedro. A obra é de granito, tirado das pedreiras dos subur-

bios da cidade, e foi delineada pelo habil architecto, o sr. Costa Lima. Não temos espaço para descrever esta peça architectonica. Apenas trasladaremos aqui a inscripção commemorativa que tem na frente:

EN COR
ILLIUS TANTI VIRI
QUI GLORIÆ AMORE FLAGRANS
SINGULARIQUE IN OMNES INGENIO LIBERALI PRÆDITUS
PRIMUM CIƆIƆ CCC XX VI
LUSITANOS SUA SPONTE LIBERTATE DONAVIT
DEINDE CIƆIƆ CCC XXX II
IPSOS ACERBISSIMA CAPTIVITATE OPPRESSOS
ARMIS ET CONSILIO ITERUM IN LIBERTATEM ASSERUIT
TUM CIƆIƆ CCC XXX IIII
INNUMERIS TYRANNI COPIIS CONTUSIS PENITUSQUE DISJECTIS
IPSO E SOLIO DETURBATO AC FINIBUS EXPULSO
MARIA AUTEM II FILIA SIBI CARISSIMA
IN AVITO SOLIO COLLOCATA
CONVENTUS INDIXIT IMPERIUMQUE
PROUT TEMPORA POSTULABANT STABILIVIT
AD POSTREMUM CIƆIƆ CCC XXX IV
TOT TANTISQUE LABORIBUS FRACTUS
ET IMMATURA MORTE PRÆREPTUS VIII KAL: OCTOBR.
AB HAC IN MELIOREM VITAM MIGRATURUS
HOC TANTI AMORIS PIGNUS.

A traducção d'esta inscripção é como se segue:

Eis o coração d'aquelle varão tão grande, que, inflammado no amor da gloria e de genio singularmente liberal para todos, primeiro (1826) outorgou a liberdade aos portuguezes; depois (1832), opprimidos estes

pelo mais acerbo captiveiro, por armas e conselho os restituiu de novo á liberdade; então (1834), batidas, e de todo desbaratadas as innumeras tropas do tyranno, derrubado este do solio, e expulso do reino, e collocada no solio de seus avós Maria II, sua carissima filha, convocou côrtes, e consolidou o imperio conforme as exigencias do tempo; por ultimo (1834), quebrantado por taes e tantos trabalhos, e arrebatado por uma morte prematura, ao passar d'esta para melhor vida (24 de setembro), legou a esta nossa antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade, esta melhor porção de si mesmo, este tão grande penhor do seu amor.

No interior do monumento ha um receptaculo, onde se vê um elegante pedestal de ordem jonica, e sobre este uma urna de prata doirada contendo um vaso de crystal que encerra o coração. Nas almofadas do pedestal estão gravadas varias inscripções notaveis, sendo a da frente da maneira seguinte:

DEO OPTIMO MAXIMO
PETRO . BRAGANTIÆ . DUCE . FUNDATORE . PACIS . AC . PUBLICÆ
LIBERTATIS . AUCTORE . ET . VINDICE . QUOD . DIVINITATIS .
IMPULSO . ANIMI . MAGNITUDINE . AD . PORTUGALENTIA
LITTORA . APPULSO . IBI . CUM . EXERCITU . SUO . NEC NON
MAXIMO . ET . VIX . CREDIBILI . CIVIUM . ADJUCTORIO . TAM .
DE.TYRANNO .QUAM.DE .OMNI.EJUS.FACTIONE. UNO.TEMPORE.
JUSTIS . ARMIS . LUSITANIAM ULCISCENTE . ET . ILLIC .
UBI . SE . SUAMQUE .VITAM . PATRIÆ . MAGNANIMITER .
OBTULIT . CORDIS . SUI . REQUIETORUM . IN .VICTA . ADHUC.
ELIGENTE . AMELIA . AUGUSTA . CONJUX . AMANTISSIMA .
LIBENS . MERITO . SPONSI .VOTUM . SOLVENS . QUOD MORTALE
FUIT ILLIUS CORDIS IN HAC URNA DEVOTISSIMA POSUIT.

Cuja traducção é:

«*D. Pedro, duque de Bragança, fundador da paz, doador e vingador das liberdades publicas, havendo, por impulso da Divindade, e com a sua grandeza de alma, aportado ás praias do Porto, e tendo alli, pela força do exercito que commandava, e pela grande e quasi incrivel ajuda que lhe prestaram os portuenses, vingado ao mesmo tempo, e com justas armas, a Portugal, tanto do tyranno que o opprimia, como de toda a sua fracção, elegendo o duque, por isto mesmo, e ainda em vida, aquelle logar onde tão magnanimamente expoz a propria vida pela patria, para nelle, depois da morte, descançar o seu coração. Amelia Augusta, amantissima consorte do duque, querendo de boa vontade, e com razão, cumprir o voto de seu esposo, encerrou reverentemente nesta urna os despojos mortaes do coração de seu marido.*»

Na almofada correspondente a esta estão gravadas as seguintes memoraveis palavras, extrahidas da proclamação que D. Pedro dirigiu aos portuenses quando no mez de julho de 1834 visitou a heroica cidade:

«*. . . Eu me felicito a mim mesmo por me ver no theatro da minha gloria, no meio dos meus amigos portuenses, d'aquelles, a quem devo, pelos auxilios que me prestaram durante o memoravel sitio, o nome que adquiri, e que honrado deixarei em herança a meus filhos.*

Porto, 27 de julho de 1834.

D. Pedro, Duque de Bragança.»

Preciosa reliquia convidava por tanto o sr. D. Pedro II a começar pela homenagem do seu amor de filho. Ia visitar e orar junto do coração de seu pae.

A egreja havia sido sumptuosamente adornada, sobresahindo no arco cruzeiro, no meio de um tropheu de bandeiras, as armas de Portugal e Brasil. Exteriormente tambem estava embandeirada.

Á porta achavam-se o reverendo prelado, mesarios da irmandade, pegando ás varas do pallio, debaixo do qual deviam ser conduzidos o soberano e sua esposa. Junto do pallio estava a camara municipal, mais auctoridades e outras pessoas.

Entrando no templo, a primeira cousa que fizeram, foi beijar o osculatorio que o sr. D. Americo lhes apresentou. Logo se dirigiram á capella-mór, e ajoelhando oraram por algum tempo junto da urna que encerra o coração do sr. D. Pedro IV, collocada do lado do Evangelho. Ergueram-se, fizeram ainda oração ao Sacramento, exposto no altar-mór, e depois foram occupar as cadeiras que lhes estavam preparadas debaixo de um docel de damasco encarnado do lado do Evangelho, d'onde assistiram á missa resada que se seguiu, celebrada pelo reverendo conego da Sé, Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro. Á esquerda, em plano inferior, debaixo do docel branco estava outra cadeira para o prelado diocesano, que nella assistiu tambem á missa, paramentado de pontifical.

Ao solio do prelado assistiam os reverendos deão dr. Joaquim José Corrêa de Vasconcellos, e conegos João Bernardo e Alves Mendes.

A missa foi acompanhada de symphonias desempenhadas pela musica instrumental do sr. Canedo. Suas Majestades conservaram-se sempre de pé, e a Impera-

triz lia um livro de orações. Ambos vestiam de preto, e denotavam profunda commoção. Recusaram as almofadas que lhes foram offerecidas para se ajoelharem. No fim não houve o *Te Deum*, a pedido do Imperador.

Assistiram tambem á missa os srs. governador civil, secretario geral, camara ecclesiastica, general de divisão, general de brigada, officialidade dos corpos da guarnição, corpo consular, commissario geral de policia, administradores dos dois bairros, alguns titulares, outras pessoas de distincção e muito povo, que irrompeu pela igreja dentro logo em seguida aos Imperadores.

O regimento de infantaria n.° 18 fez a guarda de honra.

Concluida a missa, Suas Majestades, antes de sairem, foram prostrar-se e orar de novo deante da urna que guarda o coração do sr. D. Pedro IV. Á saida subiram ao ar girandolas de foguetes, a banda regimental tocava o hymno brasileiro, e a multidão que enchia o largo, saudava os monarchas, agitando os chapeus e os lenços.

As ruas por onde passaram, estavam adornadas de ricos cobertores e bandeiras, assim como o largo da igreja. Algumas ruas estavam juncadas de hervas e flores.

Visita a varios pontos

Da Lapa passaram a visitar a quinta do sr. Agostinho Francisco Velho, vice-consul do Brasil no Porto, na qual desejavam ver o terreno onde foi o reducto das Medalhas, assim chamado por ser um dos pontos mais arriscados e expostos das linhas, onde succumbiram muitos dos que o defendiam, sendo por isso condecorados todos os que escaparam ás balas inimigas.

Em razão de ser muito descoberto, e de muito sangue nelle derramado, foi primeiro conhecido pelo *monte de sangue*. Depois a necessidade obrigou a levantar um reducto, que servisse de abrigo aos combatentes, e tornasse defensivel a posição; mas, como continuou a ser um dos pontos mais batidos pelo inimigo, e mais perigoso, a chrisma de guerra mudou-lhe o nome para *reducto das medalhas,* menos lugubre, mas igualmente expressivo.

Foi commandante d'este reducto o então major Bernardo José d'Abreu, hoje tenente general reformado. Este valente official substituiu alli o major Nogueira, cuja morte se prende a um incidente digno de ser mencionado.

O major Nogueira saira do Monte Pedral, nome civil d'esta posição, com alguma força a atacar o inimigo, que estava defronte. Atacou a peito descoberto, e por isso foi ferido por uma bala, quando se achava já ao alcance das fortificações inimigas. Um sargento, vendo-o com vida. ergueu-o, e pretendia retirar-se com elle ás costas; outra bala porém os matou a ambos.

O sr. Velho tinha preparado um abundante *lunch*.

Á uma hora da tarde os Imperadores visitaram o sumptuoso edificio da Bolsa, sendo ahi recebidos pelo muito digno director, o sr. Francisco Ignacio Xavier, que os acompanhou durante a visita. Percorreram todas as secções d'aquella casa, demorando-se principalmente na sala dos retratos e no salão de honra, que ainda se anda construindo. Depois de terem assignado os seus nomes no livro dos visitantes, retiraram-se, indo em seguida á igreja da Ordem de S. Francisco, a qual tem para admirar a riqueza da obra de talha que a adorna. De lá encaminharam-se para a rua das Flores, a fim de.

visitarem a secretaria da Santa Casa da Misericordia, onde foram recebidos pela mesa. Examinando os retratos dos bemfeitores da Santa Casa, que alli se acham, admiraram um quadro allegorico á instituição do hospital d'aquelle pio estabelecimento, considerado como davida d'el-rei D. Manuel. Descendo para o atrio, o digno provedor, o sr. Antonio Ferreira Moutinho, apresentou a Suas Majestades a sr.ª Sandeman e sua filha, a quem o Imperador fallou com sentimento dos doze martyres da patria, cujos restos alli se achavam, um dos quaes era pai d'aquella senhora. Tambem visitaram o archivo. Entre outras perguntas desejou o Imperador saber se a Misericordia tinha bemfeitores que residissem no seu imperio, sabendo por esta occasião, com signaes de agrado, do valioso donativo, que havia pouco fora deixado pelo fallecido sr. José Placido Campeão.

Sairam, e, quando entraram para a carruagem, foram saudados pela multidão agglomerada á porta da Misericordia. O Imperador correspondia affectuosamente a estas manifestações.

Da Misericordia passaram á Sé e Paço Episcopal. Atravessando o largo da Batalha, demoraram-se deante do monumento do sr. D. Pedro v, que contemplaram detidamente.

Visita ao Atheneu, Academia de Bellas Artes, Bibliotheca Publica, etc.

Pelas duas horas e meia estavam á porta da Academia de Bellas Artes, sita no extincto convento de S. Lazaro. Esperava-os á entrada do edificio o sr. conde de Samodães, par do reino e ministro de estado honora-

rio; Augusto Moreira, e Pedro Maria da Fonseca, vereadores; João Antonio Correa, professor de pintura; Eduardo Augusto Allen, bibliothecario; Eduardo Coquet, e outros empregados. O sr. conde foi-lhes apresentado pelo consul brasileiro na sua qualidade de vice-inspector da Academia depois do que lhes apresentou por seu turno os professores da Academia, que se achavam presentes. O Imperador tomou nota de seus nomes, e dirigiu ao digno vice-inspector e a elles palavras muito lisongeiras, recordando-se immediatamente dos actos politicos do sr. conde, e de ter sido s. ex.ª quem lhe endereçou a felicitação que os portuenses lhe dirigiram pelas victorias do imperio brasileiro no Paraguay.

Dirigindo-se então ao Atheneu a primeira cousa que chamou a attenção do Imperador foi o busto do fallecido José da Silva Carneiro, lente de mathematica e collaborador do antigo *Periodico dos Pobres*. O sr. conde de Samodães na occasião em que Sua Majestade elogiava aquelle retrato, e perguntava de quem elle era e o seu actor, apresentou o professor de pintura J. A. Correa como habilitado a dar explicações relativamente ao busto e outras obras d'arte d'aquelle museu.

O retrato é modelado em barro, e foi feito pelo esculptor Antonio Couceiro, discipulo da Academia.

Passando Suas Majestades a ver as pinturas da galeria, preferiu o Imperador que lhe indicassem as principaes e sobre tudo as de pintores portuguezes. Examinou detidamente o excellente quadro de S. Jeronymo, pintado em madeira e attribuido a Gran Vasco, e em seguida os quadros originaes de José Teixeira Barreto, Pedro Alexandrino, Josepha d'Ayalla, Francisco Vieira Portuense, Domingos Antonio de Sequeira, Joaquim Raphael, Pirralho, e os do outros pintores estrangeiros.

Viu a espada que se reputa ser de D. Affonso Henriques, e que elle suppunha existir ainda em Coimbra, onde effectivamente se conservou até 1834 no convento de Sancta Cruz. Quando D. Sebastião visitou este mosteiro em 1570, mostrou-lhe o prior geral a espada, e o desventurado monarcha, tomando-a nas mãos, a beijou com muita reverencia, e disse para os senhores e fidalgos que o acompanhavam: *Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta é a espada que libertou todo Portugal do cruel jugo dos mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração;* e, dando-a outra vez ao prior, disse: *Guardae, padre, esta espada, porque ainda me hei-de valer d'ella contra os mouros de Africa.* E effectivamente, quando d'ahi a oito annos o valoroso mas infeliz monarcha se preparava para a desgraçada expedição de Africa, escreveu uma carta ao prior do mosteiro, pedindo-lhe aquella espada, que levou comsigo.

Alludindo a este facto, diz o sr. João de Lemos na sua mimosa poesia intitulada *Alcacer-Kebiri:*

E partes... levas a espada,
Levas o escudo real,
Essa espada tão fallada,
Por mouros tão receada,
De Dom Affonso immortal!
Se a deixas envergonhada,
Ai de ti! de Portugal!

Refere D. Nicolau de Sancta Maria, na sua chronica, que a espada ficara na armada, sem que d'ella se chegasse a servir el-rei D. Sebastião, e que por este motivo poude voltar para o mosteiro.[1]

Tambem viu e examinou a riquissima escrivaninha

[1] É digno de lêr-se um artigo que sobre esta materia escreveu o sr. A. M. Seabra d'Albuquerque nos *Preludios Litterarios.*

de tartaruga marchetada de ouro, a qual erradamente se crê que fôra dadiva d'um papa ao veneravel arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres, no tempo do concilio de Trento, e se tem escripto que fôra a que servira para as assignaturas dos decretos d'aquelle celebrado concilio.

Esta escrivaninha pertencia ao Sanctuario do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, e melhor informados, á vista do que escreve o sr. Joaquim Martins de Carvalho no seu interessante livro *Apontamentos para a Historia Contemporanea,* é de saber que, havendo o papa Benedicto XIV creado no mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, por bulla de 22 de junho de 1747, uma academia, que se denominou *Academia Liturgica,* lhe offereceu, junctamente com outros objectos, aquella escrivaninha, como prova da consideração e estima em que tinha este instituto.

Continuando a visita ao Atheneu, o monarcha parou diante do chapéu, oculo e canana de seu augusto pai, descobrindo-se com reverencia, e notou os erros da data das inscripções, que circumdam a urna que encerrava aquelles objectos.

Depois de reparar no mau estado em que se acha o edificio, cuja reparação compete á camara municipal da cidade, subiu ás aulas da Academia, e ahi notou os quadros dos srs. Francisco José Resende e João Antonio Correa, que elogiou, perguntando pelo primeiro, o qual se não achava presente. Mais tarde foi o sr. Resende recebido no hotel do Louvre, aonde foi offerecer-lhe dois quadros, um de *costumes,* outro com o retrato d'el-rei o sr. D. Luiz.

Elogiou tambem os quadros do fallecido Augusto Roquemont, e do professor Guilherme Antonio Correa.

Examinou depois rapidamente a sala da pequena bibliotheca da Academia, e passou ao salão da bibliotheca publica, examinando o medalheiro que foi do museu Allen, comprado em 1856 pela camara municipal, de que era vereador o sr. conde de Samodães, encarregado da bibliotheca. O segundo bibliothecario, Eduardo Allen, mostrou-lhe alguns livros e manuscriptos raros; e o Imperador perguntou ao digno vice-inspector da Academia pelo — *Tirant lo Blanco* — sendo-lhe então succintamente narrada por s. ex.ª a historia do seu desapparecimento. O Imperador recommendou que se empregassem todos os esforços até se conseguir a sua restituição.

Elle e a Imperatriz assignaram então os nomes no livro dos visitantes. Descendo ao andar inferior, visitaram somente a aula de esculptura, onde lhe foi apresentado pelo sr. conde o professor, o sr. Manuel da Fonseca Pinto, habil artista que recebera do duque de Bragança pelos seus primorosos trabalhos de esculptura as honras de esculptor da casa real portugueza. O sr. Fonseca Pinto foi incluido pelo cardeal S. Luiz na *Lista de alguns artistas portuguezes,* publicada em 1839, onde se diz: «Foi este artista o que executou na cidade do Porto a elegante obra das differentes figuras allegoricas e mythologicas, e os baixos relevos, que ornam tanto os lados, como a popa e prôa do vaso denominado *Real Escuna.* Tem executado muitas outras obras de esculptura de talha para varios navios construidos naquella cidade, etc.» Era nessa epocha lente de desenho no Conservatorio das Artes do Porto, d'onde passou para lente de desenho da Universidade e Lyceu annexo, sendo elle quem inaugurou estas aulas em Coimbra. D'esta cidade passou de novo para o Porto para a cadeira que

occupa na Academia de Bellas Artes, de que é director. O Imperador mostrou que já conhecia o velho professor pela sua reputação, e o tractou com lhaneza e affabilidade.

Examinou depois os trabalhos dos alumnos e elogiou alguns, mostrando pela judiciosa critica e acertadas observações que fez de algumas pinturas e estatuas, tanto no Atheneu como na Academia, que era um distincto amador de bellas-artes. O mesmo aconteceu na Bibliotheca onde o illustre monarcha patenteou conhecimentos de um eximio bibliophilo, interessando-se muito ao ver alguns dos raros exemplares impressos e manuscriptos que lhe mostrou o sr. Eduardo Augusto Allen.

Depois da visita ao Atheneu, foram os Imperadores aos paços do concelho, onde a camara municipal os esperava, assim como grande concurso de povo.

Na passagem para aquelle edificio deparava-se ao Imperador o monumento erigido ao sr. D. Pedro IV na praça do seu nome. Dedicaram-lhe por tanto alguns momentos de attenta e respeitosa observação.

Sahindo dos paços do concelho, dirigiram-se para a igreja dos Clerigos, onde subiram á grande torre e se demoraram algum tempo na baranda mais alta, contemplando o vasto e magnifico panorama que d'alli se descortina.

Findava o dia, e, como fossem horas de jantar, recolheram-se ao hotel, onde depois houve recepção pelas 7 horas.

Recepção

A audiencia começou pelos comprimentos das camaras municipaes de Villa Nova de Gaia e do Porto.

A primeira era representada neste acto pelo sr. Antonio Joaquim Borges de Castro, seu digno presidente, barão do Corvo e João do Rio Junior.

A do Porto apresentou a Sua Majestade o Imperador a felicitação seguinte:

Senhor! — A subida consideração que Vossa Majestade Imperial se digna dar á cidade do Porto, honrando-a com a sua visita, acompanhado de Sua Majestade a Imperatriz, encheu de jubilo o povo portuense. A camara municipal, que já teve a satisfação de saudar a Vossa Majestade Imperial pela sua feliz chegada á Europa, tem mais uma vez a honra de apresentar a Vossa Majestade Imperial as homenagens de profundo respeito e sympathia que os briosos habitantes da cidade tributam à augusta pessoa de Vossa Majestade Imperial e de Sua Majestade a Imperatriz.

Esta cidade, senhor, que foi berço da monarchia portugueza e deu o nome a Portugal, é tambem aquella que por inexcediveis sacrificios concorreu mais directamente para firmar em solidas bases a dynastia constitucional portugueza, fundada pelo immortal outorgador da Carta, o senhor D. Pedro IV de Portugal; fiel depositaria do magnanimo coração do chorado libertador da patria, saúda com enthusiasmo o augusto filho do rei-soldado, prestando assim um justo tributo de gratidão á sua memoria, e um testemunho da mais profunda sympathia pela augusta pessoa de Vossa Majestade Imperial, que sabe grangear a admiração do mundo pela illustração do seu governo, que tem levado o florescente imperio do Brasil ao grau de prosperidade em que se acha. Não foi pois uma simples e vã curiosidade a que agrupou uma multidão numerosa em volta de Vossa Majestade Imperial no acto da sua entrada dentro dos muros d'esta invicta cidade, theatro da maior gloria do augusto pae de Vossa Majestade Imperial; foi a demonstração expressiva do affecto, que os portuenses, a quem o magnanimo heroe chamou companheiros e amigos, tributam á sua augusta progenie, e ao Brasil,

cujo povo está ligado á nação portugueza pelos laços da mais intima confraternidade.

A camara, pois, fiel interprete dos sentimentos do povo portuense, extremamente lisongeada pela distincção que aprouve a Vossa Majestade Imperial conceder-lhe, roga a Vossa Majestade Imperial se digne acceitar benevolamente as expressões do maior acatamento e respeito, que a camara e o povo d'este municipio testemunham a Vossa Majestade Imperial e a Sua Majestade a Imperatriz, e os votos que fazemos ao Todo Poderoso pela prolongação da preciosa vida de Vossas Majestades Imperiaes e de toda a imperial familia.

Porto, 1 de março de 1872.

A camara de Gaya apresentou a felicitação seguinte:

Senhor! — A camara municipal de Gaya, reconhecendo em Vossa Majestade o proximo parente dos seus reis, o filho augusto do rei soldado, que á custa de immensos sacrificios, implantou neste paiz a liberdade, o soberano da nação brasileira, ligada á portugueza pelos laços de fraternidade, e de reciprocos interesses, e emfim o principe excelso, por suas preclarissimas virtudes, vem, respeitosamente tributar a Vossa Majestade as suas homenagens, exprimindo-lhe os seus sentimentos de mais profunda veneração, e os votos que faz ao Todo Poderoso pela conservação da vida de Vossa Majestade e de toda a imperial familia, e pela prosperidade da nação brasileira.

Foram tambem recebidos os srs. governador civil, secretario geral, generaes de divisão e de brigada, e seus ajudantes, os srs. Lima e Fernando de Magalhães, o coronel Mosqueira, o sr. Cezar Ribeiro Abranches Castello Branco, presidente da relação do Porto, deputações de diversas corporações, titulares, e entre outros o sr. Visconde da Trindade, funccionarios publicos, senhoras e muitas outras pessoas.

Uma das commissões recebidas pelo monarcha era

composta de estudantes brasileiros, e foi por elle tractada com especial affabilidade, sendo-lhe permittido ler a felicitação, que se segue:

Senhor! — Os estudantes brasileiros no Porto não podiam eximir-se de — por um espontaneo impulso de patriotismo — vir depôr aos pés de Vossa Majestade Imperial os seus protestos enthusiasticos do mais alto respeito e consideração.

Não os incita a isso tão sómente o tributo de vassallagem do subdito ao seu soberano. Longe, felizmente, vão os tempos em que o nascimento era tudo; em que o facto fortuito de uma estirpe elevada eram os pergaminhos unicos de nobreza ante a sociedade inteira; hoje a sciencia e o talento são os senhores do mundo. O que muito especialmente aqui nos conduz — a nós, representantes d'aquelles dos nossos compatricios que nesta terra estranha buscam uma posição e um futuro no labutar das aulas — é o desejo de patentearmos a Vossa Majestade Imperial e á sua Augusta Consorte o regosijo immenso de que estamos possuidos pelo feliz ensejo que hoje nos proporciona o termos entre nós o excelso monarcha, a quem á Providencia aprouve entregar os destinos da nossa patria; o preclaro soberano, douto em todos os ramos dos conhecimentos humanos, que, compenetrado profundamente das verdadeiras ideas liberaes do seculo, tem sabido brilhantemente desempenhar a melindrosa missão de que está revestido, desenvolvendo em ampla escala o progresso material e moral dos seus estados; o cidadão benemerito e patriota que nas recentes conjuncturas difficeis por que passou o imperio, a despeito de mil difficuldades, muitas d'ellas originarias das divergencias e dissensões dos partidos governantes, salvaguardou o decóro e o lustre do paiz, conservando-se sempre á altura do eminente titulo de: «*Imperador e defensor perpetuo do Brasil*» que a constituição lhe outorgou; finalmente, o verdadeiro liberal, a quem devemos a mais sublime pagina dos fastos da nossa historia contemporanea — *a abolição da escravatura* — out'rora nodoa indelevel e ferrenha para um povo que sempre se orgulhou de ser — porventura — o mais livre do universo!

Perdoem-nos Vossas Majestades Imperiaes estas considerações, humildes na phrase, mas brilhantes de verdade, a que nos não podemos furtar, ambiciosos de manifestar aos nossos augustos soberanos a veneração que tributamos ás altas virtudes de um monarcha, honra e gloria do paiz que o viu nascer. — *Manuel Rodrigues de Miranda Junior* — *Manuel Lopes Santiago* — *Francisco Lourenço da Fonseca Junior.*

Finalmente uma das pessoas, a quem o Imperador fallou, e dirigiu expressões que merecem ficar archivadas, foi o sr. commendador Manuel Joaquim Fernandes Thomaz, muito digno secretario da universidade de Coimbra, e filho de Manuel Fernandes Thomaz, um dos gloriosos revolucionarios de 1820, e que deixou de si honrada memoria, tão bem imitada e seguida pelos seus filhos.

O sr. Fernandes Thomaz procurára o Imperador no hotel do Louvre, pouco depois da sua chegada ao Porto, com o fim de saber se Sua Majestade assistiria à ceremonia do capello na universidade, e nessa occasião o soberano perguntou-lhe se era filho de Manuel Fernandes Thomaz, e accrescentou que este nome não podia deixar de ser pronunciado com respeito por quem conhecesse os factos da nossa historia moderna.

D'este modo honrava a memoria d'um dos mais notaveis heroes do partido liberal portuguez, que naquella mesma cidade fez parte do synhedrio, que preparou e dirigiu a patriotica revolução de 24 de agosto de 1820.

Finalmente Sua Majestade, que tanta predilecção consagra aos bons livros e a quantos os cultivam, não podia deixar de receber bem, como mereciam, os srs. Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, editores do grande diccionario de frei Domingos Vieira, os quaes sollicitaram permissão para lhe dedicarem esta obra, depositando nas suas mãos uma elegante pasta com a collecção já publicada, favores, que o monarcha acceitou gostoso, exprimindo-se em termos muito lisongeiros a respeito da empresa, que reputava muito util à litteratura.

Este diccionario intitula-se *Grande Diccionario Por-*

tuguez ou *thesouro da lingua portugueza.* Foi redigido no seu primeiro volume pelo sr. dr. Theophilo Braga, continuando a mesma tarefa nos seguintes o douto philologo, o sr. Francisco Adolpho Coelho.

Duas horas se demorou o soberano com as pessoas que o procuraram, as quaes recebia com a mais natural affabilidade sem dependencia de apresentação.

A cidade conservou durante todo o dia aspecto de gala. A fachada dos paços do concelho estava embandeirada, revestida de damascos, bem como todas as ruas por onde o cortejo passou de manhã. As repartições publicas não se abriram; o povo circulava pelas ruas, admirando os embellezamentos, e estacionava nos largos. A praça de D. Pedro parecia um arraial.

Theatro

Terminada a recepção, dirigiram-se Suas Majestades ao theatro *Baquet* perto das nove horas. Foram recebidos á entrada pelo empresario, o sr. Antonio Moutinho de Sousa, e pelos srs. Manuel Alberto da Guerra Leal e Antonio Teixeira d'Assis, formando em alas no atrio os porta-machados de infantaria 18, fardados de grande uniforme. Apenas entraram no camarote, contiguo ao palco, do lado direito, os espectadores ergueram-se e a orchestra tocou o hymno brasileiro.

A Imperatriz trajava com extrema simplicidade, vestido afogado de *faille* de xadrez preto e branco. Pendiam-lhe das orelhas brincos de riquissimos brilhantes.

O espectaculo constou da comedia «O caminho da porta» do escriptor brasileiro, o sr. Machado de Assis, e «Os medicos», demorando-se os monarchas até ao fim.

Foram visitados por algumas pessoas no camarote, e o Imperador desceu á rua num intervallo para ver as illuminações.

Á sahida foram victoriados pela grande multidão que os esperava na rua.

Dia 2

Apezar das fadigas da vespera o Imperador não desdisse dos seus habitos madrugadores, e ás 8 horas da manhã sahiu do hotel, acompanhado pelos srs. marquez de Ficalho, Andrade Corvo, e barão de Itaúna, recomeçando a sua rapida excursão por tudo quanto a cidade invicta tinha de mais notavel em sciencia, industria, artes e historia militar.

Quasi á mesma hora a Imperatriz, vestida de preto e com simplicidade, acompanhada pela sua dama, e pelo consul, o sr. Rabello, sahiu tambem a ouvir missa na igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde não se dignou acceitar o tapete que lhe foi offerecido para se ajoelhar, regressando ao hotel logo que a missa terminou.

O Porto não havia madrugado menos que os seus hospedes. Salvas e repiques de sinos annunciaram o romper da aurora, e pouco depois começavam a tocar as musicas no largo de S. Domingos e rua de Sancto Antonio.

Quanto á digressão do Imperador não podemos seguir a ordem por que visitou os differentes pontos onde

esteve, porque são confusas as noticias publicadas a este respeito, e não nos chegaram a tempo todos os esclarecimentos que sollicitámos.

Visitou as fabricas de fundição do Bicalho e de lanificios de Lordello.

Visita á Serra do Pilar

Eram 10 horas da manhã quando chegaram a esta fortaleza, onde entraram pelas portas denominadas da Eira, sendo recebidos pelo digno governador.

O Imperador dirigiu-se immediatamente ao sitio onde existem as ruinas do convento, chamado da Serra, e que serviu de alvo á artilheria inimiga no memoravel cerco do Porto. Demorou-se aqui um quarto de hora, examinando tudo attentamente. Dirigiu-se depois para a bateria da Gloria, demorando-se egual espaço de tempo na contemplação da magnifica perspectiva que a cidade offerece, vista d'aquelle ponto, e logo sahiu pelas portas da Calçada para o Porto, caminhando a pé até perto da ponte pensil, onde entrou para a carruagem descuberta que o havia conduzido ás portas da Eira.

O digno governador acompanhou o monarcha em toda a sua curta visita a esta fortaleza, assignalada pela sua heroica defensão.

Visita á Escola Medico-Cirurgica, Instituto Industrial, etc.

Regressando á cidade visitou o Imperador o hospital de Sancto Antonio, e a eschola medico-cirurgica, assistindo por essa occasião á prelecção do sr. José Fru-

ctuoso Ayres de Gouveia, lente do quinto anno, em cuja aula se demorou algum tempo.

Quando Sua Majestade entrou, o sr. Ayres de Gouveia interrompeu a sua prelecção, levantou-se e disse —que nos annaes da Escola Medico-Cirurgica do Porto, na memoria dos alumnos presentes e particularmente na d'elle professor, ficaria para sempre gravada a lembrança da visita do augusto monarcha do Brasil. Depois d'esta manifestação, pediu o sr. Ayres de Gouveia licença para continuar a sua prelecção, o que fez fallando da historia da medicina legal e do seu exercicio em Inglaterra, França, Prussia e Portugal.

Sua Majestade demorou-se cerca de um quarto de hora a ouvir o distincto professor.

Visitou mais o Instituto Industrial, mercado do Bolhão, fabrica da companhia Fiação portuense, e outros estabelecimentos, até que emfim se dirigiu a casa do sr. Forbes, rogando-o para o acompanhar na visita que ia fazer ao sr. Camillo Castello Branco. Com effeito sahiram ambos, com o sr. barão de Itaúna, no mesmo trem, demandando a habitação do illustre escriptor.

Visita ao sr. Camillo Castello Branco

Este encontro figurava de certo entre os primeiros cuidados do esclarecido viajante na sua visita á segunda cidade do reino, pois que duas horas depois de chegar já o sr. dr. Forbes procurava o primeiro romancista portuguez, para lhe communicar que o monarcha desejava receber a sua visita no hotel do Louvre, onde o ficava esperando. O sr. Camillo Castello Branco, porém, não

podia annuir a este convite em consequencia do seu mau estado de saude, com o qual se escusou.

Ás cinco horas da tarde o sr. dr. Forbes renovou o convite, e o distincto escriptor egualmente se desculpava com os seus incommodos. Emfim no dia seguinte pela manhã repetiu-se a honrosa insistencia do monarcha brasileiro, que d'esta vez lhe pedia juntamente licença para o procurar em sua casa, se lhe não fosse possivel ir ao hotel.

A resposta foi que a sua casa era bastante pobre para receber Sua Majestade, mas tal como era estava ás suas ordens.

Eram pois duas horas da tarde, quando o Imperador e os seus dois companheiros chegaram a casa do sr. Camillo Castello Branco, o qual o veiu receber á porta da rua, merecendo por isso a censura que em palavras cordiaes o soberano lhe dirigiu em razão do seu mau estado de saude.

Apenas entraram o sr. Camillo Castello Branco apresentou ao Imperador o sr. Guilherme Braga, poeta portuense, a quem Sua Majestade tractou com extrema jovialidade, mandando-o sentar proximo de si, e não consentindo que no acto da apresentação lhe beijassem a mão.

Tornou-se assumpto de conversação a analyse de uns quadros, que o sr. Camillo Castello Branco tinha na sala, mostrando o soberano vastos conhecimentos sobre pintura. Por esta occasião o illustre romancista offereceu ao seu hospede um quadro com os retratos dos vinte e um primeiros reis portuguezes, que passa por ter sido pintado ainda no reinado de D. João IV. O senhor D. Pedro agradeceu, comprazendo-se de possuir uma lembrança de Camillo Castello Branco.

Successivamente fallaram da litteratura tanto portugueza como brasileira, materia sobre que o monarcha discursou largamente com perfeito conhecimento de causa; dos livros do sr. Camillo Castello Branco, que conhecia perfeitamente; e emfim dos fallecidos e chorados escriptores Gonçalves Dias e Julio Diniz, o primeiro distinctissimo poeta brasileiro, e o segundo romancista portuense, cujo nome verdadeiro era Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

A conversação por ultimo versou sobre assumptos de architectura, proporcionando ao nosso illustre romancista ensejo para dirigir ao seu nobre interlocutor um espirituoso e amavel comprimento. Disse-lhe que, não obstante vir do extrangeiro, onde teria admirado a famosa cathedral de Londres e outras maravilhas de architectura, havia de ver com satisfação o edificio da Batalha, onde se acharia entre os seus, no meio de tumulos de avós; ao que o monarcha respondeu: «Eu costumo sempre separar o artista do homem.»

Nesta aprazivel palestra se passaram perto de tres quartos de hora, findos os quaes o monarcha se retirou. apertando a mão aos srs. Camillo Castello Branco e Guilherme Braga, e deixando as melhores impressões não só de illustração, como do seu modo jovial e descerimonioso.

O Imperador encarregou depois o sr. dr. Forbes de comprar e enviar-lhe todas as obras do sr. Camillo Castello Branco, bem como «Os Fidalgos da Casa Mourisca» do fallecido Gomes Coelho.

Alem das pessoas já referidas, teve tambem a visita ao sr. Camillo por testemunha o sr. José de Azevedo Castello Branco, sobrinho do illustre escriptor e estudante na universidade.

. .

Visita á chapelaria do sr. Costa Braga

Pelas tres horas da tarde o Imperador, acompanhado do ex.mo barão de Itaúna e dr. Forbes, visitou esta chapelaria a vapor, estabelecida na rua de Santo Antonio. O sr. Costa Braga e seus filhos receberam o imperial visitante com as maiores demonstrações de gratidão e respeito, e muito mais penhorados ficaram pela nimia delicadeza de Sua Majestade em querer conhecer pessoalmente a esposa do sr. Costa Braga, a qual, sendo-lhe apresentada, houve por bem Sua Majestade inquirir sobre a sua naturalidade, vindo a saber que é natural do Rio de Janeiro, e baptizada na freguezia de Santa Rita. Em seguida visitou as officinas dos propiagistas e costureiras, dos fulistas (onde pediu para ver moldar um chapeu), do salão dos arcos mecanicos, e das machinas de Soufleuse e de afinar. Sua Majestade fez varias perguntas aos operarios com aquella extrema delicadeza e bondade inimitavel que nelle é proverbial. Depois passou ao salão, luxuosamente preparado, onde o sr. Costa Braga lhe mostrou os diversos productos manufacturados, que Sua Majestade minuciosamente examinou. Nesta occasião o sr. Costa Braga sollicitou a graça de consentir que neste estabelecimento se manufacturassem dois chapéus, um de seda e outro de feltro, para o uso de Sua Majestade, obtendo d'este não só o consentimento, mas a declaração que já tinha em vista a encommenda dos mesmos como uma memoria do grande aperfeiçoamento que notava neste estabelecimento, recommendando-lhe que a remessa d'elles fosse para o hotel Bragança, em Lisboa, até ao dia 11. Egual encommenda fez o sr. barão de Itaúna.

Aqui Sua Majestade entreteve demorada conversação com o sr. Costa Braga, interrogando-o sobre differentes pontos. Perguntou-lhe o tempo da sua estada no Brasil, ao que respondeu ter sido de vinte e quatro annos, adquirindo crenças gratas e saudosas d'aquella terra, onde occupara a maior parte do tempo na industria de chapelaria. Perguntou mais qual a sua opinião sobre a industria de chapelaria naquelle imperio, ao que s. s.ª respondeu que a julgava tão desenvolvida e aperfeiçoada que podia disputar primazia com a industria franceza. Quiz tambem Sua Majestade saber se a exportação dos seus productos para o Brasil se fazia em alta escala, ao que o sr. Costa Braga declarou ser pouca, em vista dos elevados direitos que obstavam á protecção d'esta industria. Ultimamente o sr. Costa Braga significou a Sua Majestade a ufania e prazer de alli ter alcançado muitas glorias industriaes, pois que fôra o primeiro introductor do vapor na chapelaria no anno de 1863, concedendo-lhe Sua Majestade o titulo de imperial fabrica de chapéus, data e acontecimento este que Sua Majestade confirmou ter ainda bem presente na memoria.

Esta honrosa visita durou perto de uma hora, durante a qual tocou uma banda de musica marcial o hymno brasileiro: ao retirar-se Sua Majestade, se levantaram calorosos e enthusiasticos vivas, tanto por parte dos operarios do estabelecimento como do immenso povo que presenceou esta honrosa visita.

O sr. Costa Braga, querendo solemnisar mais a visita de Sua Majestade, não só gratificou os operarios e os dispensou do resto dos trabalhos nesse dia como convidou o publico, pelos jornaes da cidade, a visitar e examinar tão importante estabelecimento, sendo am-

plamente satisfeitos os seus desejos com a grande concorrencia dos visitantes.

Visita ao Palacio de Crystal

Proximo das quatro horas chegaram Suas Majestades ao soberbo palacio da industria, onde eram esperados por toda a direcção, de que é presidente o sr. visconde de Villar Allen, um dos iniciadores da exposição internacional de 1865, a que deve a sua origem o Palacio de Crystal. Mais de duas mil pessoas alli se achavam tambem, entre ellas o sr. ministro dos negocios estrangeiros Andrade Corvo, governador civil e outras auctoridades.

As galerias da nave central eram occupadas por muitas senhoras; e quando Suas Majestades entraram, o sr. Roberto Woodhouse, distinctissimo amador de musica, tocou uma marcha triumphal de Mendelssohn no grande e harmonioso orgão, que serviu na exposição, da qual o Imperador fallou.

Percorrendo os bazares, perguntou se aquelle estabelecimento era permanente.

Disse ao sr. visconde de Villar Allen, respeitavel presidente da Direcção, que tinha ouvido que a sociedade luctava com difficuldades, o que aquelle cavalheiro confirmou, accrescentando que isso fôra devido principalmente á expoliação feita por um ministro em dictadura.

Visitaram tambem os magnificos jardins; e a sua vastidão, assim como a dos terrenos annexos, impressionaram o Imperador, a ponto de perguntar se todo aquelle espaço pertencia á sociedade.

Assim terminou a sua visita ao primeiro estabeleci-

mento portuense, visita apressada, porque o tempo de que os monarchas dispunham era pouco e estava muito repartido.

Visita á Foz

Depois das quatro horas e meia visitaram a Foz. O digno governador do castello, o sr. major Joaquim Lazaro Franco, recebeu-os na esplanada. Começaram-se a fazer as honras e continencias devidas, mas o Imperador dispensou-as, não chegando por isso a disparar-se mais que um tiro.

Subindo a rampa, estanciaram nas muralhas; e Sua Majestade o Imperador, acompanhado do sr. governador, subiu ao baluarte que domina a barra, examinando tudo, perguntando os nomes dos penedos mais notaveis, nomeando logo á primeira vista o pharol da Luz e a abrigada de Leixões. Conversou com o maior agrado com o governador, de quem quiz saber o nome e o corpo em que tinha servido. Fez-lhe muitas mais perguntas, e depois, dando o braço á Imperatriz, entraram nos aposentos do sr. governador, onde viram collocados os seus retratos em meio corpo; examinaram por duas vezes um album em que aquelle senhor tem os retratos dos generaes brasileiros e mais officiaes do exercito e armada que se distinguiram na guerra do Paraguay, e, sabendo que taes brindes eram enviados pelo filho do governador, que é o 1.º secretario do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, disse Sua Majestade que muito bem o conhecia.

O Imperador notou que faltavam no album os retratos de dois militares distinctos por importantes serviços, mostrando assim que não perde lembrança d'aquel-

les que a merecem por seus feitos em defesa da patria. Sentiu que os retratos dos generaes Mena Barreto e Fontes não estivessem vestidos á militar. Examinou os quatro tomos da Historia da guerra do Brasil contra as republicas do Uraguay e Paraguay, publicada em 1871 no Rio de Janeiro.

Viu egualmente, o que muito o lisongeou, as condecorações creadas e concedidas ao exercito e armada como recompensa da ultima campanha.

Sua Majestade a Imperatriz cortou dois raminhos de um florido alecrim, que está no terrado do Castello, e deu um á dama que a acompanhava, guardando o outro no seio, como recordação d'aquelle sitio.

Sabendo, pelo decurso da conversação, que o digno governador era soldado de D. Pedro IV, que com elle tinha saltado nas praias do Mindello, desejou ser informado minuciosamente de todas as circumstancias do desembarque, fazendo muitas perguntas a este respeito, taes como os primeiros corpos que desembarcaram, se o dia estava lindo e o mar bom.

O sr. Lazaro Franco teve então ensejo de o informar de que só elle o acompanhara no baluarte mais saliente, do qual foi mostrar ao soberano brasileiro os pontos das fortificações dos dois exercitos contrarios, descrevendo-lhe o modo como se faziam os desembarques de mantimentos, e relatando os ataques dados á Foz, sua defesa e muitas outras peripecias da memoravel campanha naquelle sitio.

Assim terminou a visita a esta fortaleza, depois da qual visitou ainda o Imperador outros logares, como foi a quinta do sr. Christovão Wanzeler, em Ramalde, ponto assignalado em todo o cerco, e com especialidade no ataque ás linhas em 25 de julho de 1833.

O Imperador viu tambem o caminho de ferro americano, observando-o de cima da ponte, que dá entrada para o castello, e por baixo da qual o caminho passa. Nessa occasião estava ainda por abrir ao transito publico, mas hoje transporta diariamente de 700 a 800 passageiros entre o Porto, Foz, Leça e Matosinhos.

Na volta o Imperador passou pela nova alfandega, e recolheu ao hotel, seguindo-se o jantar, como sempre breve, e limitado ás pessoas da comitiva.

Recepção

Era infatigavel o Imperador. Acabando de jantar passou a receber as pessoas e commissões que pretendiam apresentar-se-lhe.

Os srs. Agostinho Francisco Velho, conego Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro e Manuel de Sousa, mesarios da irmandade de Nossa Senhora da Lapa, apresentaram a Suas Majestades as patentes de irmãos, que os monarchas gostosamente acceitaram.

Entre muitas pessoas de distincção concorreram os srs. visconde de Figueiredo e conde de Samodães, ao qual Sua Majestade disse que tinha notado que em Portugal havia gosto pelas bellas artes.

Especial acolhimento teve a deputação dos velhos e valorosos restos dos extinctos batalhões de caçadores 5, e voluntarios da rainha, pelos quaes Sua Majestade havia perguntado em Coimbra ao sr. governador militar d'aquella cidade.

O sr. Bernardino Prati, sargento do batalhão de

caçadores 5, leu, no meio dos seus camaradas, a seguinte

Felicitação dos soldados do antigo batalhão de caçadores 5

Tenho a honra de apresentar a Vossa Majestade Imperial os poucos dos velhos soldados, que ainda existem, do batalhão de caçadores n.º 5, de que foi digno coronel o inclyto general, augusto pae de Vossa Magestade Imperial.

Vêm elles com a maior satisfação e alegria felicitar Suas Magestades Imperiaes, e dar-lhes as boas vindas pela feliz chegada a esta heroica cidade do Porto, baluarte das liberdades.

São estes os fieis soldados, que o augusto pae de Vossa Majestade chamava para o seu lado como os mais esforçados guerreiros nos maiores e mais arriscados e ardentes combates do memoravel cerco do Porto. Nós, Senhor, devemos ao heroe libertador mais vivo reconhecimento de amizade do que os outros cidadãos, porque não quiz Sua Majestade apartar-se do mundo sem que fôsse á sua presença, na hora fatal, um dos seus soldados, para lhe legar o ultimo adeus, o ultimo abraço, dizendo-lhe: «transmitte-o a todos os teus camaradas; é um signal de gratidão pelos relevantes serviços, que comigo prestastes á liberdade e restabelecimento do throno excelso de minha augusta filha, a senhora D. Maria II:» abraço que nós recebemos e alimentamos em o mais duravel sentimento de gratidão.

Fomos nós que o conduzimos á ultima morada, pegando ás borlas do real feretro, e mais tarde os que fizemos a guarda de honra para a entrega do magnanimo coração e sua espada, que Sua Majestade legara aos briosos portuenses.

Levamos ao illustrado conhecimento de Vossa Majestade os honrosos serviços que acima deixamos ditos, para mostrar que, ainda por largos annos, até baixar á campa, e mesmo desconsiderados pela representação nacional, nunca esqueceremos a memoria do augusto pae de Vossa Majestade, nosso general, camarada e amigo, fazendo votos pela prosperidade do seu excelso filho, o senhor D. Pedro II, herdeiro de suas muitas virtudes.

O Imperador não podia conter a satisfação que lhe causava a presença dos bravos soldados que haviam combatido ao lado de seu augusto pai. Apertou a mão

ao sr. Prati, e o mesmo fez a todos os demais voluntarios.

Perguntou ao sr. Prati quantos existiam ainda do batalhão de seu pae: o sr. Prati respondeu que na campanha do cerco do Porto tinham encontrado a morte a maior parte d'elles, e presentemente existiam apenas dez ou doze. Perguntou em que se empregavam: o sr. Prati respondeu que eram artistas.

Terminada a recepção, Sua Majestade a Imperatriz, que tambem tinha tractado do modo mais affavel aquellas reliquias do exercito constitucional, disse que queria despedir-se dos caçadores, e em seguida comprimentou-os a todos bem como aos voluntarios da rainha. Por esta occasião disse-lhe o sr. Prati que era um dos que tinham tomado as borlas do caixão do duque de Bragança: Sua Majestade perguntou-lhe o nome e mostrou a sua satisfação por saber que o sr. Prati era de origem italiana.

Ainda tiveram a honra de fallar ao monarcha o sr. Miguel Angelo, uma commissão de cavalheiros, que lhe foi apresentar a medalha feita pelo sr. Molarinho, o sr. Antonio Candido Correia de Resende Lobo, alem de outras. Algumas d'estas pessoas fizeram offertas, de que fallaremos em capitulo especial.

Desejando ver as illuminações percorreram em carro descoberto a calçada dos Clerigos, praça de D. Pedro, Feira de S. Bento, ruas das Flores e S. João até á ponte pensil, indo apear-se ao theatro de S. João, quando já passava das oito horas, e sendo constantemente victoriados pela multidão.

Theatro de S. João

Á entrada do theatro passaram por entre as alas dos porta-machados de infanteria 18, que lhes fizeram a continencia militar, e foram recebidos pelo sr. Antonio da Fonseca Paschoal, empresario da companhia lyrica, e Romão Antonio Martins, director da scena, subindo pela escada particular para o camarote n.º 11 da 2.ª ordem, contiguo á tribuna real; nos dois immediatos ficou a comitiva.

Apenas entraram tocou-se o hymno brasileiro, conservando-se de pé os espectadores e os imperiaes hospedes. Alguns espectadores pediram o hymno da Carta Constitucional, que tambem foi escutado de pé, e mereceu egualmente enthusiasticos applausos. Nesta occasião o sr. commendador Miranda levantou na plateia um viva aos soberanos, que foi calorosamente correspondido.

No fim do 1.º acto o sr. Antonio Pinheiro Caldas, poeta distincto, recitou de um camarote uma composição poetica, que foi repetida e mereceu muitos applausos.

Depois d'isto a orchestra desempenhou um hymno, composto e offerecido pelo sr. Eduardo Vianna aos portuguezes residentes no Brasil, o qual foi chamado ao proscenio, onde lhe foi dado um ramo de flores por entre applausos.

Seguiu-se a execução, pela banda do regimento de infanteria 18, de uma marcha offerecida ao Imperador pelo maestro da companhia lyrica, o sr. Cazzulino.

No intervallo do 2.º acto o sr. Carvalho, estudante

brasileiro, pronunciou de um camarote um discurso em honra dos Imperadores.

O espectaculo terminou pela repetição do hymno brasileiro, retirando-se os monarchas, acompanhados pelo empresario, camara municipal e mais auctoridades, que tambem assistiram ao espectaculo.

Era meia noite quando se recolheram ao hotel.

A ex.ma sr.a D. Maria do Carmo Rodrigues Forbes visitou a Suas Majestades no camarote.

Illuminações e mais festejos nocturnos

À noite a cidade offerecia aspecto deslumbrante: illuminara-se quasi simultaneamente.

O pavilhão da praça da Ribeira e postes que a rodeavam foram illuminados com balões venezianos; surprehendia o seu effeito. A rua de S. João estava completamente illuminada; nem uma só janella estava sem luminarias. Na dos Inglezes distinguiam-se duas estrellas de gaz. O pavilhão do largo de S. Domingos, foi illuminado a ballões de côres. O arco da rua das Flores, um dos mais notaveis pela elegancia da architectura e mimo das pinturas, illuminado a azeite, produzia comtudo excellente effeito, principalmente na parte superior. Concorriam com elle para tornar esta rua brilhante os predios que se illuminaram sem excepção.

O pavilhão do largo de S. Bento era illuminado a balões, e tambem tinham luzes as janellas do convento.

A rua de Sancto Antonio apresentava uma maravilhosa perspectiva com milhares de luzes e côres.

Os predios estavam illuminados d'alto a baixo, e os

16 obeliscos tinham 87 luzes de azeite cada um. Ao cimo da rua havia um quadro rodeado de lumes, o qual representava — o Porto mostrando ao Douro a bella estrella de Pedro II que despontava no horisonte. Outros dois quadros continham as armas portuguezas e brasileiras em transparentes. Destacava-se a fronteria do theatro *Baquet,* onde se intermeavam as luzes com as bandeiras.

Defronte completava a excellente perspectiva o arco da rua dos Clerigos, coreto proximo e illuminação dos predios; o arco era illuminado a gaz, e pendia-lhe do centro um grande lustre.

Na praça de D. Pedro, a claridade rivalisava com a luz do dia.

A fachada do edificio da camara municipal e o predio contiguo eram illuminados a gaz, e com estrellas de differentes côres; os candelabros em volta da praça todos tinham grande numero de luzes. Além d'isto as bandeiras eram quasi tantas como as luzes em toda a praça.

Não era inferior a perspectiva do largo da Batalha, no meio do qual se eleva a estatua do sr. D. Pedro V. As arvores da praça illuminadas por balões pendentes, os edificios cheios de luzes, assim como a cimalha superior do monumento.

Umas pyramides, que imitavam cyprestes, e a grade em volta do monumento estavam illuminadas. No centro destacava-se uma corôa com esta inscripção — Associação dos artistas portuenses.

Entre a rua de D. Maria II e a embocadura do largo da Feira de S. Bento para a porta de Carros pendiam dos festões, que ligavam os postes collocadas de ambos os lados da rua, innumeros copos de côres.

As escadas da egreja de Sancto Ildefonso e a frontaria da egreja da Trindade tambem estavam vistosamente illuminadas.

Fóra dos centros mais concorridos e partes embellezadas era tambem geral a illuminação, bem que menos profusa, e algumas havia de gosto e primor. A rua do Almada produzia lindissimo effeito, vista do campo da Regeneração. Neste ponto havia illuminações particulares brilhantissimas; entre ellas distinguia-se a casa do sr. João Cyrillo de Sousa Carneiro, illuminada por balões venezianos e lanternas de crystal, tendo a meio do edificio umas armas brasileiras em transparente. Egualmente sobresahiam as dos srs. Maia e Miranda, e outras muitas.

Como é de suppôr, as illuminações e as musicas, que tocaram todas as noites na praça da Ribeira, largo de S. Domingos, largo dos Loios e da Feira de S. Bento, praça de D. Pedro e rua de Santo Antonio, attrahiram o concurso do povo. Revolvia-se em massas compactas pelos largos e ruas, o transito era difficil, e em partes impossivel, sendo necessaria por mais de uma vez a intervenção da policia.

Presentes

Muitas pessoas se esmeraram em obsequiar os imperiaes hospedes com dadivas e presentes: cabe o primeiro logar á medalha commemorativa da visita do Imperador ao Porto.

Esta medalha foi feita com o producto de uma subscripção aberta entre os portuenses, e incumbida a sua factura ao sr. Arnaldo Mollarinho, gravador muito di-

stincto e habil. De um dos lados tem o retrato do Imperador, em excellente relevo, e em volta a inscripção — D. Pedro II, Imperador do Brasil. — No reverso está uma corôa de carvalho, e dentro d'ella uma estrella raiada, do centro da qual sahem as palavras — *Ave Cesar* — Por fóra circumda a corôa a seguinte legenda — *Visita de Sua Majestade Imperial á cidade do Porto em... 1872.*

É de ouro e tem 27 oitavas de peso.

Foi depositada nas mãos do monarcha por uma commissão composta dos srs. João Ferreira de Andrade Leite, Henrique José Pinto e José Ferreira Moutinho; e um dos membros pronunciou nesse acto a allocução seguinte:

«Senhor: — A terra que foi testimunha dos heroismos do sr. D. Pedro IV, augusto pae de Vossa Majestade, a terra que é legataria do seu nobre coração, a terra que elle tanto amou e que lhe correspondeu com egual affecto, apreciando devidamente a honra que Vossa Majestade acaba de fazer-lhe com a sua imperial presença, quiz commemorar tão fausto acontecimento, e nos encarregou de obter licença para pôr nas augustas mãos de Vossa Majestade a medalha que o representa, como testemunho de que, reproduzindo o filho tão fielmente as excelsas virtudes do pae, legitimamente succedeu ao pae o filho no amor dos portuenses.

Permitta, pois, Vossa Majestade que jubilosos nos desempenhemos de tão honrosa commissão.

Porto, 2 de março de 1872. — *João Ferreira de Andrade Leite — Henrique José Pinto — José Ferreira Moutinho.*»

Sua Majestade disse que agradecia muito aos portuenses a offerta que lhe faziam, e a considerava uma grata recordação d'aquella cidade.

A medalha era guardada em uma caixa forrada de velludo carmezim por fóra e verde por dentro. Tinha sobre a tampa as armas brasileiras, em ouro com um

aço do mesmo metal, onde se lê a inscripção seguinte: — Os portuenses ao sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil.

A commissão tambem offereceu ao monarcha os cunhos, entregando-lh'os depois de tirados outros exemplares da medalha.

O sr. Miguel Angelo, compositor de musica muito afamado, compoz uma excellente marcha triumphal e a offereceu ao Imperador, que o conhecia de quando estivera no Brasil, onde fôra nomeado organista da capella imperial. Apezar de o não ter visto havia muitos annos, conheceu-o facilmente.

Escusado é dizer que lhe agradeceu affectuosamente a offerta, fallando-lhe da arte que cultiva, especialmente da sua opera o — *Eurico.*

O sr. Adolpho Cyrillo de Sousa Carneiro, natural do Brasil e estudante da Academia de Bellas Artes no Porto, offereceu ao Imperador uma paizagem a oleo, que se diz estar muito bem pintada.

Este moço com pouco tempo de estudo adquiriu creditos superiores na academia, passando por um dos seus mais talentosos alumnos.

A ex.ma sr.a D. Laura Laurentina da Fonseca Braga, filha da directora do acreditado collegio de Nossa Senhora da Conceição, e irmã do joven pianista Hernani Braga, começou a bordar um magnifico retrato da serenissima princesa do Brasil, que tencionava entregar a Suas Majestades; mas como não podesse concluil-o a tempo, tanciona remettel-o mais tarde para o Rio de Janeiro, devendo primeiro figurar na exposiçção penin-

9

sular que se projecta fazer no Porto nos mezes de agosto e setembro proximos.

O sr. Francisco José Rezende, pintor distincto, que tem escripto muito sobre pintura, brindou o monarcha brasileiro com dois quadros, sendo um o retrato de el-rei o sr. D. Luiz I, e outro uma camponeza dos Carvalhos, povoação que fica proxima do Porto.

O Imperador surprehendeu o sr. Rezende na occasião em que collocava os retratos em uma sala do hotel, e examinando-os exprimiu-se em termos muito agradaveis de reconhecimento e louvor.

O sr. Antonio Candido Correia de Rezende Lobo offereceu-lhe um valioso trabalho em madeira.

No theatro de S. João o sr. Eduardo Vianna foi ao camarote offerecer ao Imperador um hymno, dedicado aos portuguezes residentes no Brasil, que acabava de ser desempenhado com grande applauso, e depois pediu á Imperatriz a honra de lhe acceitar o ramo de flores, que lhe tinha sido offertado no proscenio.

O exemplar offerecido pelo sr. E. Vianna ao Imperador é impresso a ouro em setim azul, orlado de branco. A capa, de setim branco, tem no frontispicio, tambem impresso a ouro, o titulo, offerecimento e nome do auctor, no meio de uma tarja, figurando duas columnas, sobre as quaes assentam á esquerda as armas portuguezas e á direita as armas brasileiras. Além d'isso foi entregue num album de velludo verde, revestido internamente de seda amarella, e tendo a seguinte inscripção: «A Sua Majestade o sr. D. Pedro II, defensor perpetuo do Brasil.— Hymno, por Eduardo Vianna.» — O trabalho typographico foi executado na typographia musical.

Ainda recebeu outro presente musical das mãos do

sr. Cazulini, director da companhia lyrica do theatro de S. João, consistindo em uma grande marcha triumphal de sua composição.

Outro presente que o Imperador recebeu consistia num album de photographias, offerecido pelo sr. Rocha, habil photographo, entre as quaes figura a do quarto e cama, onde falleceu o sr. D. Pedro IV.

Finalmente o sr. Joaquim Baptista da Silva Guerra, industrial muito acreditado d'aquella cidade, teceu um rico corte de setim Lião, côr de violeta, com flores a ouro e côres, para offerecer á Imperatriz.

Jantar aos presos

Tambem o infortunio e a caridade terão logar nesta longa serie de alegrias e homenagens, o primeiro soltando um lampejo de esperança, seu unico e perpetuo amparo; a outra compondo o hymno sublime das alegrias d'aquelles a quem consola e alegra.

Em um dos dias em que Suas Majestades estiveram no Porto foi servido um jantar e distribuidas algumas esmolas aos presos da cadeia da Relação por iniciativa de alguns individuos, que promoveram uma subscripção com o nobilissimo intuito de festejarem por tal modo a visita dos monarchas brasileiros.

Seriam duas horas da tarde, e estando presente o sr. procurador regio e varias pessoas, foi servido um abundante jantar. Depois cada preso recebeu uma esmola em dinheiro.

Os presos não doentes eram 300 e os doentes 13.

Lembraram-se estes infelizes de dirigir uma supplica ao soberano brasileiro, pedindo a sua intercessão junto

••

d'el-rei o sr. D. Luiz, para lhes serem commutadas as penas.

3.º Dia

Era domingo. Pouco depois das 6 horas da manhã, Suas Majestades com a sua comitiva partiram para Braga, tendo primeiro ouvido missa na real capella da Lapa, celebrada pelo sr. conego Alves Mendes, para isso rogado pelo Imperador. Suas Majestades conservaram-se sempre ajoelhados no fundo das escadas do altar mór, recusando as almofadas que lhes foram offerecidas.

Findo o sancto sacrificio, seguiram a sua jornada, parando nas estações somente o tempo necessario para se fazerem as mudas das carruagens. Ás 9 horas entraram em Villa Nova de Famalicão.

A extensa rua, de que quasi exclusivamente se compõe esta nascente povoação, estava enfeitada de bandeiras e festões, e as janellas de damascos e bandeiras tambem. Tres bandas de musica tocavam em differentes pontos; sendo immenso o povo agglomerado na rua, e muitas as damas nas janellas. A imperial comitiva foi recebida ao estridor das musicas, de milhares de foguetes, de repiques de sinos, e das acclamações populares.

Na ponte da Trofa esperavam-no já os srs. governador civil de Braga, secretario geral, director das obras publicas e delegado do thesouro, e outras auctoridades do districto, bem como a camara e administrador do concelho da villa, o sr. barão da Trovisqueira, que é o presidente da camara, barão de Joanne, que é o vice-presidente, magistrados judiciaes, e muitas mais pessoas da localidade. Com todas que se lhe aproximaram o Imperador conversou.

Saindo d'alli chegaram sem incidente á capital do Minho por volta das 10 horas da manhã.

Braga

Não foi menos apparatosa, menos esplendida e menos sincera e enthusiastica a recepção feita pela importante cidade primacial aos nobres viajantes. É o povo portuguez naturalmente hospitaleiro, e muito particularmente a bondosa população do Minho.

Á entrada da cidade havia um grande arco, e aos lados d'este quatro pedestaes, d'onde outras tantas crianças vestidas de anjo esparziram flores sobre os soberanos na sua passagem. Tres bandas de musica tocavam, uma no Arnoso, muito distante da cidade, outra na Praça da Alegria, e a terceira no largo do barão de S. Martinho.

Um esquadrão de cavallaria tinha ido ao encontro da comitiva, mas foi dispensado pelo Imperador de o seguir; e o regimento 8 de infanteria, cuja praça é naquella cidade formava á porta do hotel real, onde Suas Majestades deviam hospedar-se, na rua de S. João.

As ruas, por onde se suppunha que seria o transito, estavam embandeiradas e as janellas das casas adornadas de damascos. O jardim, alameda e arcada da Lapa, foram primorosamente decorados com bandeiras, festões de murta, brazões d'armas brasileiras, etc.

No centro do jardim erguia-se um elegantissimo pavilhão, de gosto gothico, debaixo do qual estava suspenso um rotulo, que dizia: — *A Pedro II Imperador do Brasil.*

No principio da alameda achava-se um arco com tres entradas, o qual estava decorado com simplicidade mas de bonito gosto.

A frente da Lapa e arcada tambem se achavam lindamente adornadas.

Entrando na cidade em carruagem coberta e acompanhados por um extenso sequito de mais de vinte trens, conduzindo as auctoridades referidas, e outras, commissão dos festejos, o sr. conde de Bertiandos e outras pessoas de distincção, dirigiram-se, pelo largo do Paço, rua do Souto, praça do barão de S. Martinho, rua de S. Marcos, e pela travessa de Nossa Senhora do Leite para o hotel, onde almoçaram, e se demoraram o curto espaço de uma hora, depois de recusarem manifestações officiaes, e dispensarem o incommodo das pessoas que os acompanhavam, que por isso se retiraram, fazendo o mesmo o regimento 8.

Sómente ficou o sr. administrador do concelho, José Carlos de Araujo Motta, que acompanhou os augustos monarchas junctamente com os srs. dr. Pereira Caldas, visconde de S. Lazaro, e João Gonçalves Pereira Bastos, secretario da commissão dos festejos, na sua digressão pela cidade. Tambem ficaram alguns soldados á porta do hotel por causa da grande agglomeração de povo.

Antes de sairem do hotel receberam a visita do sr. Arcebispo primaz, e logo se dirigiram, em carro descoberto, na companhia do venerando prelado, para a cathedral.

Do sr. José Joaquim Pereira Caldas, professor do lyceu de Braga, recebemos, em virtude de pedido nosso, as interessantes noticias que se seguem, relativas á visita do Imperador a Braga, noticias valiosas tanto pelos conhecimentos e erudição de s. ex.ª como por ter sido o seu desvelado *cicerone* fazendo as honras da cidade ao illustre viajante.

Visita á Sé

Sua Majestade o Imperador do Brasil visitou a Sé, e viu com miudeza:

1.° Cimeira d'um baculo antigo, chamado baculo de Santo Ovidio, de quem na cathedral se conserva uma ossada com o nome d'este santo. O baculo é de metal dourado, e de extrema simplicidade. Symbolisa uma serpente, emblema da tentação, atravessada por uma cruz, emblema da redempção. Conta a tradição a Santo Ovidio por terceiro prelado de Braga, sendo S. Pedro de Rates o primeiro, e S. Basilio o segundo. Era romano de nação, e da primeira nobreza de Roma, e d'elle falla o poeta Marcial em varios epigrammas. Foi eleito prelado de Braga (bispo), no anno 95 no 1.° seculo da era christã; e falleceu nos annos de 130 da nossa redempção, com 35 annos de prelazia.

2.° Calix de S. Geraldo, primeiro arcebispo primaz. É calix pequeno de prata, com lavores simplicissimos. Tem de altura 0m,10, e de diametro no pé e na bocca 0m,07. Era S. Geraldo francez de nação, e monge benedictino de Tibães, a 6 kilometros de Braga, conforme reza a tradição. Floreceu no reinado de D. Affonso VI de Castella e do conde D. Henrique de Portugal, nos pontificados de Urbano II e Paschoal II, nos fins do seculo XI.

3.° Duas cruzes prelaticias, ambas de prata e da maior simplicidade; uma batida e outra cylindrica; estando conjuncto com ambas um fragmento do cilicio, com que o santo se disciplinava.

4.° Umas galhetas de prata muito antigas, olhadas na tradição como dos primeiros tempos da monarchia,

entre os annos de 1110 a 1137, na época dos prelados D. Mauricio Bordino ou D. Payo Mendes.

5.° A Virgem de prata, chamada do Beato Lourenço, que a tradição dá como trazida engastada no morrião de Lourenço Vicente, na batalha de Aljubarrota contra D. João de Castella. Era este prelado natural da Lourinhã, e floresceu nos reinados de D. Fernando e D. João I, nos pontificados de Gregorio XI até Bonifacio IX, nos annos de 1371. Conserva-se na Sé a mumia veneranda do Beato Lourenço, que na alludida batalha obrara prodigios de valor no meio da cavallaria, recebendo então na cara um grande gilvaz na face direita. Na Chronica de D. João I dá Fernão Lopes a carta curiosa d'este prelado, em que narra que o que lhe dera o gilvaz «não fôra contar o ruxóxó ao soalheiro.» Deteve-se o senhor D. Pedro II bastante tempo a contemplar esta mumia veneranda, collocada na capella dos reis no claustro da sé, assim chamada por alli terem estado as ossadas do conde D. Henrique e de sua mulher D. Thereza, mudadas depois para os lados da capella-mór, onde ao presente estão ainda. Está D. Lourenço do lado da Epistola, juncto ao altar da capella.

6.° Um calix de campainhas, cheio de lavores em estylo ogival, symbolisando os passos da Paixão em capellinhas de coruchéos. Tem na base esmaltes folheados, e num d'elles a data de 1509, com as armas do dador D. Diogo de Sousa. Floresceu este prelado, que obteve a mitra em renuncia do cardeal de Alpedrinha, desde 1505 a 1532, nos reinados de D. Manuel e D. João III, e nos pontificados de Julio II até Clemente VII.

7.° Paramentos antigos e modernos de muito valor, e mimosamente bordados, sendo admiravel entre elles uma alva de linho, pespontada e bordada a retroz branco

nesta cidade de Braga, com gosto e paciencia, no ultimo quartel do seculo XVIII.

8.º A capella de S. Geraldo, onde é constante estar occulta com azulejos, juncto do lageado, a ossada memoranda do alcaide de Coimbra, Martim de Freitas, que prezara a honra e a lealdade, como varão d'antes quebrar que torcer.

9.º A capella de D. Gonçalo Pereira, de geração nobilissima, e um dos progenitores da casa de Bragança, como avô do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, conde de Barcellos. Foi D. Gonçalo arcebispo de Braga no reinado de D. Affonso IV, nos pontificados de João XXII até Clemente VI; e teve o pae do condestavel em Salamanca d'uma dama illustre, cursando a universidade como estudante. O arcebispo D. Gonçalo Pereira (assim como o arcebispo D. Lourenço em Aljubarrota) obrou prodigios de valor na batalha do Salado. É chamada a capella da Gloria, e fica ao lado da capella de S. Geraldo, mas no exterior da cathedral. Deixou a administração d'esta capella ao deão da sé, comtanto que fôsse portuguez e filho de portuguezes; não queria nada com castelhanos. Achando-se em Canavezes, concorreu para a paz e concordia entre D. Pedro e D. Affonso, na presença da rainha, desavindos acirradamente em virtude do assassinato de D. Ignez de Castro.

Foi acompanhado o Imperador no interior da sé, no exame dos objectos indicados, pelo sr. commendador Antonio Lopes de Figueiredo, conego da cathedral e lente de theologia dogmatica no seminario diocesano de S. Pedro, e um dos ornamentos do cabido. Acompanhou com este conego o senhor D. Pedro II tambem o sr. conego Joaquim Alves Mattheus, ornamento do pulpito em nossos dias, e varão respeitabilissimo por sua vasta erudição.

Estiveram tambem presentes o deão e outros conegos. O Imperador ouviu com muita attenção a exposição circumstanciada que dos objectos da sachristia e thesouro da sé lhe fazia o sr. commendador Antonio Lopes de Figueiredo.

No exterior da sé, acompanhado pelo auctor d'esta noticia, examinou o Imperador com miudeza, e como objectos em que se aprazia a sua meditação:

1.º Uma inscripção romana, collocada na parede lateral da sé, proxima da porta travessa contigua á egreja da Misericordia, e de cuja authenticidade se tem duvidado, lendo-se transcripta em Ambrosio e Muratori, alem do nosso Argote. Data do reinado d'Augusto, successor de Julio Cesar, em vista da grandeza e belleza dos caracteres. Começa pela palavra CONDITVM, que por si só apenas póde referir-se a um *fulgur*, e foi posta primitivamente em logar aberto, como eram os logares sagrados dos raios.

2.º Uma inscripção romana, collocada na parede posterior da capella de S. Geraldo, na rua das Ussias, atrás da sé. Foi consagrada a Isis Augusta, divindade egypcia, e dedicada pela sacerdotiza Lucrecia Fida. Transcreve-a o padre Florez inexactamente na *España Sagrada*, no tom. XV, como egualmente Argote nas *Antiguidades da Chancellaria Bracarense.* Era a deosa protectora das mercancias e dos negociantes, e tinha templos em regra, conforme Vitruvio, nas praças das povoações. Foi achada perto do local onde está, e gravada depois da erecção de Braga em convento juridico, visto mencional-o esta inscripção. Dos muitos negociantes romanos de Braga faz menção ainda uma lapida quadrilonga, quasi gasta de todo, que se acha collocada sobre um cippo milliario á direita da capella de S. Sebastião das Carvalheiras.

Nos principios do seculo XVI viu-a aqui em Braga, a um quarto de legua da cidade, no sitio de S. Fructuoso, o antiquario Elias Vinet, não podendo ler-lhe senão as duas ultimas linhas. Hoje pouco mais se lhe tem podido ler.

3.º A porta travessa da sé, quasi em frente da rua de Santa Maria, chamada vulgarmente rua do Poço. É do seculo XII, forma transitiva; e ainda na parede contigua ha modilhões da mesma época, alli collocados entre outros modernos, em época de refazimento da mesma parede.

4.º A frontaria da sé, com fórmas architectonicas do mesmo seculo, no terço saliente e abalaustrado.

5.º Face posterior da sé, fórmas ogivaes do seculo XIV, remendadas e ataviadas em partes com reparos posteriores. — Nesta sé, anteriores á época da ogiva, são pouquissimos os vestigios, e esses por mais d'uma vez remendados e ataviados em differentes seculos. Dentro da galilé ha na porta principal dois arcos de volta redonda, concentricos, e cheios de figuras, umas phantasticas e outras reaes. Os capiteis estão revestidos de folhagens, e guarnecidos em cima com impostas elegantes. A pedra d'estas construcções é a areosa (granito recomposto), mais facil de trabalhar que o granito porphyroide, e só comparavel em parte ao granito amphibolico, ambos abundantes no concelho d'esta cidade, e no geral dos concelhos do districto. Nas addições e refazimentos modernos da sé predomina o granito porphyroide.

Os objectos antigos, que Sua Majestade viu no interior da sé, e ficam individuados, foram-lhe dados a ver na sachristia, onde costumam estar custodiados. No corpo do templo viu com miudeza: na capella-mór, aos lados

do altar-mór, os monumentos sepulchraes do conde D. Henrique e de sua mulher D. Thereza; examinou-os e reexaminou-os com summa attenção. Trasladou-os da capella dos reis, no claustro da sé, chamada hoje capella do Beato Lourenço, como fica mencionado, o arcebispo D. Diogo de Sousa, mencionado egualmente, e a quem a cidade deve melhoramentos valiosos, além de não poucas aberturas de praças e ruas; sendo as principaes entre ellas a rua nova do Sousa, e a praça amplissima do campo de Sanct'Anna, onde hoje se acha um bellissimo jardim, com musica do corpo da guarnição em todos os domingos e dias sanctificados. São de arcosa estes monumentos sepulchraes, e tem cada um d'elles na tampa tumular o vulto do defunto, retocados ao de leve nalgumas partes por mão mais moderna; havendo na face anterior do sepulchro do conde D. Henrique uma inscripção latina, que o faz oriundo da Hungria, conforme a confusão geral da maior parte dos eruditos no seculo XVI em Portugal, em que era mui commum a confusão da Hungria com Borgonha. D'esta confusão participa ainda Camões (Lus., cant. III, oit. 25, e cant. VIII, oit. 9), e participam em geral os eruditos da Europa antes de 1596, em que apparecera impresso o famoso manuscripto de Cluni na Borgonha, vulgarisado em Francfort, apparecendo tambem então á luz as historias de Cylabro e Sugar. No anno de 1598, no arcebispado de D. Agostinho de Castro, cognominado ainda D. Agostinho de Jesus, foram separados convenientemente os ossos de D. Theresa, e collocados então no tumulo do lado da epistola, mandado construir por D. Diogo de Sousa para si, e de que depois não quiz utilisar-se. O anno 1513 do letreiro refere-se á trasladação conjuncta das ossadas. De D. Diogo

de Sousa é egualmente esta capella-mór da sé, com seu retabulo de pedra, com boa e elegante architectura. — São tambem obras do mesmo prelado a sachristia, thesouro e orgãos grandes, em que mandou collocar as suas armas. A capella-mór, que é pequena, era-o antes muito mais. Os orgãos foram reformados no tempo de D. Rodrigo de Moura Telles. Na frente do altar-mór examinou e reexaminou o Imperador o valioso frontal de calcareo, com onze capellinhas ogivadas de lavores mimosos, apenas mutiladas levemente nalguns ornatos, representando passos do apostolado, com estatuetas bem esculpturadas. Infelizmente, a fim de casarem outr'ora este frontal com as dimensões do altar-mór, cortaram num dos lados uma capellinha, ficando assim com deseguaes capellinhas lateraes a capellinha do centro; nem tem sido possivel achar-se a capellinha cortada, apezar das diligencias empregadas nesse intuito. Este frontal primoroso costuma andar sempre coberto com os frontaes de tela, apropriados ás festividades diarias do culto. — Numa capella lateral á direita, quasi em frente da porta da sachristia, demorou-se Sua Majestade no exame áttencioso do frontal do altar, em que está patenteado em relevo o triumpho pleno da religião. É bem esculpturado, e similhante no desenho geral aos quadros analogos de Hemeling e Cranach. As figuras do triumpho são de mulheres, e as dos esmagados pelo carro triumphal são de homens. Toda a talha é inteiriça, e não ha uma só fenda, ou uma só mancha, na madeira d'este quadro grandioso. — A direita, á entrada da porta principal da sé, examinou por miudo o tumulo de bronze, coberto d'um baldaquino do mesmo metal, em que fôra sepultado o infante D. Affonso, filho segundo do rei D. João I. Foi este infante jurado successor do reino, e falleceu nesta

cidade de Braga em 1400, aos 10 annos de sua edade. Mandou este tumulo para jazigo do irmão, de Bolonha onde existia casada, a infanta D. Izabel sua irmã. É dourado, com sua legenda na orla do sepulchro, e com o tecto sustentado em quatro columnas de capiteis folheados. Embora de execução grosseira um pouco, tem seu merito artistico, até como um dos poucos monumentos de bronze que se contam no paiz. No lado da cabeça tem um anjo de joelhos, e falta-lhe um pé no vulto do defunto, que está em relevo na tampa tumular. — Á esquerda da entrada da sé, do outro lado do tumulo de bronze, e proximamente á porta da entrada do templo para o claustro, viu e examinou a pia baptismal. É um baptisterio de granito, coberto e recoberto infelizmente com mãos sobre mãos de oleadelas a cores, tendo na base, no pé e na orla da pia, figuras e lavores dignos de exame. Na base tem quatro leôas a devorar os filhos; no pé algumas crianças aspirando a subir da terra para o céu; e na orla enlaces de lavores mimosos. A symbolica d'este figurado não pode ser mais clara.

— Como o tempo estava contado para a demora do Imperador em Braga, e d'um modo irremediavel, só de relance attentou o senhor D. Pedro II no côro, que é de pau santo, e trabalhado primorosamente, assim como nos bellissimos orgãos lateraes do mesmo côro, aos quaes só em Tuy ha orgãos similhantes, no primor da construcção e na riqueza dos registros; havendo ainda muitos não explorados, como vai mostrando a observação e exame de cada dia. Foram executados a todo o custo.

D'esta urgencia de aproveitar o tempo, dando algum a cada um dos objectos dignos de exame na cidade,

proveiu a necessidade de deixar o Imperador a cathedral, com magua de não poder ver e estudar cada cousa com a devida meditação.

Campo das Carvalheiras

Inscripções romanas

Da sé dirigiu-se o Imperador ao campo das Carvalheiras, onde se acham quatorze lapidas romanas cylindricas, milliarias, com umas poucas quadrilongas, e uma meza apocrypha «feita sim d'uma lapida romana quadrilonga.»

Examinou miudamente as lapidas de Caio Julio Vero Maximino (3), e a lapida de Flavio Magnencio.

Prova-se com esta que as Hespanhas seguiram o partido de Magnencio como as Gallias, quando este se rebellara entre os narbonenses contra Constante, filho de Constantino Magno, no anno 350 de Christo.— Com uma lapida achada na Volta do Côvo na serra do Gerez, na estrada da Geira, comprova-se como este imperador Magnencio nomeara cesar a seu irmão Decencio, o mais moderno da classe imperial, de que fazem menção os cippos d'esta via romana, construida de certo no imperio de Vespasiano, o mais antigo dos imperadores, nelles mencionados.

Foi esta estrada demarcada nos tempos de Decencio, como foi reformada nos tempos de Maximino, assim como outras vias romanas egualmente sahidas de Braga, então Bracara Augusta. Sem estas lapidas, omissas andariam nas historias da época estas miudezas. Magnencio matou Constante em Elna.

Nas tres lapidas de Maximino, uma quasi gasta de todo, dá-se-lhe o 5.º poder tribunicio, contra os testimunhos conhecidos dos historiadores d'esta época *emaranhada*. Não lhe dão senão o 4.º poder tribunicio, dizendo-o acclamado no anno 235 de Christo, e fallecido no anno de 238. O «quinquies» ($\bar{v}$) não póde estar mais claro do que está. Nem póde estar mais claro o nome *Maxumus* do filho de Maximino, a quem dão Capitolino e Aurelio Victor o nome do pae; nome sem cunho romano, porque o não era em verdade Maximino imperador, que era thracio pelo berço, godo pelo pae, e alano pela mãe. É mais uma prova, a que ha nestas lapidas, para se acabar d'uma vez com a discussão que tem havido se era Maximo ou Maximino: Eckhel dizia com razão que «era ignorancia o chamar-se-lhe Maximino.» Ainda Borghesi (Dissertazioni delle Pontif. Academ. Rom. di Archeologia, tom. x) põe em duvida esta leitura clarissima, sem provas explicitas da sua parte, que, do mesmo modo que Orelli, confundiu o legado Quinto Decio, superintendente da reforma das estradas na época maximiana. com Quinto Decio, que depois vestira a purpura. com o nome de Quinto Decio Trajano Messio. Uma lapida romana da Geira, em que se adduz ao legado o nome de *Valerino,* deita por terra similhantes castellos no ar.

O Imperador, ouvindo-me com summa attenção, mostrou comprazer-se no exame d'estes documentos de granito, salvados incolumes da acção do tempo, e da mão da destruição, para rectificação e esclarecimento da verdade historica. Deu provas de muitos conhecimentos archeologicos, assim como o barão do Bom-Retiro, cavalheiro muito lido em verdade.

Nunca estiveram estas lapidas romanas no campo

da Vinha, onde estão edificados os dois seminarios, o de S. Pedro a leste e o de S. Caetano a oeste, como tem para si o profundo archeologo Emilio Hübner. Affirma-o assim este sabio no seu opusculo *Auszug aus dem. Monatsber der Königl. Akadem. der Wissenschaft. zu Berlin,* illudindo-se com o texto d'uma lapida quadrilonga, que existe collocada em frente da capella de S. Sebastião nas Carvalheiras. Esta lapida allude á capella de Sancta Anna, edificada em 1506, e então circulada dos cippos romanos. É considerada como «illegivel» dos que não são dados a leituras lapidares, mas póde ser lida integralmente dos que têm uso das mesmas leituras. O Dr. Hübner illudiu-se de certo com as palavras *Vetres q. vineae,* e com o nome *Campo da Vinha.* Vi-o copiar a lapida alludida, acompanhando-o como conhecedor das especies em 1861, com recommendação do meu consocio academico Augusto Soromenho; e o Dr. Hübner é um epigraphista consummado.

Attentou tambem o Imperador na meza apocrypha, testemunhadora d'uma antigualha bracarense agora em desuso (*Mosaico* de Camillo Castello Branco, *A meza mysteriosa).*— Com a narração da antigualha sorriu-se o Imperador, como era natural, e de certo hão de sorrir-se, quantos a lêrem ou escutarem.

Visita ao quintal do Idolo

Das Carvalheiras dirigiu-se o Imperador ao quintal do Idolo, na rua dos Granginhos.

É esta antigualha um monolitho granitico, no meio d'uma horta, meio descoberto ou pouco mais, e com a base sobterrada ainda. É baixo-relevo em fórma de *sa-*

cellum. Sobresahe no centro o vulto d'um *togatus,* que é o que deu o nome ao quintal; e tem á esquerda, na parte superior, uma inscripção memorativa d'um *Fronto,* familia com outra inscripção no Campo das Carvalheiras, sobre um cippo milliario, e em fórma quadrilonga. Á direita, e na parte inferior, está outra inscripção ainda indecifravel «com certeza», ao pé d'um vulto de mancebo numa pequena ara, menos mal conservada em geral. Era de certo o nome da divindade, o que alli se quiz memorar. Mencionam-se talvez na inscripção das Carvalheiras o neto e os dois bisnetos do *Fronto,* que fez por ventura o *sacellum,* e elles restauraram de novo, visto findar essa inscripção com a palavra *Renovarunt.* Memóra esta inscripção *Titvs Caelicvs Tripes Fronto,* como avô e bisavô. O *Tripes* não é difficil de lêr, como geralmente se tem acreditado.

O quintal do Idolo fica detrás do hospital de S. Marcos, mandado edificar em 1508 por D. Diogo de Sousa, reduzindo assim a um só os que havia então na cidade, em proveito dos enfermos necessitados. Tem este titulo por nelle se venerar o corpo de S. João Marcos, discipulo do Salvador.

D. Diogo de Sousa foi o primeiro que em Braga abriu estudos publicos. Trouxe depois mestres para elles o cardeal, infante e rei D. Henrique. Assignou-lhes proventos estaveis D. Fr. Balthazar Limpo, «que levara em Roma o papa Paulo III a conceder a inquisição a Portugal *sem clausulas favoraveis* aos judeos, como queria e desejava o nosso rei D. João III» — Deu-os aos padres da companhia D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Visita ao Paço archiepiscopal

Do quintal do Idolo, seguindo pelo Campo dos Remedios, rua de S. Marcos, e rua do Souto, dirigiu-se o Imperador ao paço archiepiscopal.

Examinou com miudeza, na sala dos retratos dos prelados, o painel de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que floresceu no episcopado, nos annos de 1559, nos reinados de D. Sebastião, D. Henrique e D. Filippe I, nos pontificados de Paulo IV até Gregorio XIII — D. Fr. Caetano Brandão, que floresceu na cadeira bracarense entre 1789 a 1805, governando o reino a rainha D. Maria I e o principe regente D. João, ao depois VI do nome, nos pontificados de Pio VI e Pio VII — D. Henrique, ao depois elevado a rei, que floresceu pelos annos de 1533, no reinado de D. João III, e nos pontificados de Clemente VII e Paulo III — D. José e D. Gaspar, filhos naturaes, o primeiro do rei D. Pedro II, e o segundo do rei D. João V: o primeiro floresceu entre 1739 e 1756, nos reinados de D. João V e D. José I, no pontificado de Benedicto XIV; o segundo floresceu entre 1756 e 1789, nos reinados de D. José I e D. Maria I, nos pontificados de Clemente XIII até Pio VI. Examinou de relance os demais paineis, com a série dos prelados bracarenses, desde S. Pedro de Rates, quasi todos do mesmo pincel nos mais antigos, e desenhados plausivelmente a êsmo, como é natural de crêr.

A parte do paço archiepiscopal, edificada fronteando com o Campo dos Touros, começou-a D. José de Bragança, nomeado arcebispo em 1739, e ultimou-a de todo D. Gaspar de Bragança, nomeado arcebispo em 1756. — Foi incendiada desastrosamente estando alli

as repartições publicas de administração e fazenda, na noite de 15 de abril de 1866, começando o incendio na volta da uma hora nos aposentos da estação telegraphica, no angulo do norte.

Visita ao Seminario

Do paço dirigiu-se o Imperador a pé, seguindo o largo da Galeria, rua de Gatos, Campo dos Touros, e Campo da Vinha (conforme as designações antigas, e fóra de Braga mais conhecidas), em direcção ao seminario diocesano de S. Pedro, fundação do venerando arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, logo que recolhera a Braga do Concilio de Trento, em sabbado da paixão, em 1564. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e D. Fr. Caetano Brandão eram dois varões memoraveis, de que fallava com admiração e respeito, e de que ambicionava vêr em Braga quanto restasse das suas épocas, assim no paço, como no seminario dos orphãos, contiguo ao seminario diocesano.

Viu com attenção a fachada do seminario dos orphãos, que frontêa com o Campo dos Touros, onde é a praça municipal, e o mercado diario da cidade. Foi concluido este seminario em 1796, e tem o nome de seminario de S. Caetano, do nome do fundador, que lhe deu excellentes regulamentos, vulgarisados ulteriormente por meio do prelo.

No seminario de S. Pedro, onde o arcebispo estava esperando o Imperador, com o deão da sé, embebeu-se D. Pedro II em contemplar a entrada do edificio, e uma columnata do claustro, sobre que assenta uma varanda de pedra, que é o que resta ainda d'aquelles tempos,

além das aulas theologicas do mesmo seminario. A columnata está bastante desalinhada do prumo, e em risco de não durar em pé por muito tempo, se lhe não acudirem de prompto com remedio.

Do mesmo seminario esteve o Imperador contemplando o que resta ainda da torre denominada de S. Geraldo, prelado, que floresceu pelos annos de 1096, no reinado de D. Affonso VI de Castella, e no governo portuguez do conde D. Henrique, nos pontificados de Urbano II e Paschoal II. Não deve deprehender-se da denominação da torre, que ella fosse edificação de S. Geraldo. Edificou-a D. Fernando da Guerra, que florescera na cadeira bracarense nos annos de 1418, nos reinados de D. João I, D. Duarte, e D. Affonso V, e nos pontificados de Martinho V até Paulo II. No forro e nas paredes mandou este prelado pintar em quadros expressivos a vida do sancto, de que fôra sempre devotissimo. Era D. Fernando bisneto do rei D. Pedro I, como filho de D. Pedro da Guerra, que fôra bastardo do infante D. João, filho do mesmo rei D. Pedro e de sua mulher D. Ignez de Castro; e foi o primeiro que na sé primaz mandara fazer uma casa para livraria, enriquecendo-a com livros «que nenhuma pessoa podesse d'alli levar para fóra, sob pena de excommunhão reservada a Roma, em virtude de Breve do papa Nicolau V.» E viu egualmente as ruinas do incendio desastroso, que devorára ulteriormente a porção do paço fronteante com o Campo dos Touros.— Soube que a parte occupada agora pelo prelado, fôra a que D. Fr. Caetano Brandão occupara.

Visita a varios pontos

Do seminario foi o Imperador ao jardim do Campo de Santa Anna, planicie de grande extensão, e como ha poucas no interior de povoações. Tanto o jardim, como a contigua alameda, estavam brilhantemente adornados e illuminados para a noite com muito gosto, assim como a arcada fronteira da Senhora da Lapa, onde é o ponto de reunião quotidiana da cidade, e onde estão os cafés principaes d'esta capital do Minho. Estava alli immenso povo á espera de Sua Majestade.

Do jardim dirigiu-se o imperador ao local de Guadalupe, seguindo a rua dos Chãos-de-baixo, a rua de Santo André, e o Campo-novo. Nesse local, onde ha uma capella da Senhora de Guadalupe, esteve por um pouco a gozar o Imperador os bellos panoramas que d'alli se avistam, até o monte de Santa Martha, monte da Falperra, monte do Sameiro, e monte do Bom Jesus, ficando mais ao largo o monte do Carvalho d'Este, memoravel pela carnificina que nelle houve na invasão dos francezes em nosso paiz, em direcção a esta cidade de Braga.

Deixando aqui, não só a Imperatriz, como a comitiva que sempre o acompanhára, foi o Imperador comigo, seguido somente do barão de Bom Retiro, ao alto proximo da Buraquinha, bellamente sobranceiro á cidade e a cavalleiro de Guadalupe, e onde, sobre uma fraga de granito, campêa uma cruz, com resguardos de ferro em volta, deixando apenas espaço para ser circulada por uma pessoa de cada vez. Gozam-se d'alli panoramas amplissimos, não só para os lados do interior, como ainda para os lados do mar ao occidente. Alli esteve o

Imperador por mais de tres quartos d'hora, com um excellente binoculo de theatro, campo e mar, examinando os dilatadissimos e variadissimos panoramas, offerecidos ao contemplador em todos os rumos do horisonte.

Conversou comigo sobre quanto podiam estes panoramas offerecer digno de exame. Fallou-se na serrania memoravel do Gerez, cheia de riquezas naturaes em todos os tres reinos, e atravessada pela via romana da Geira, de cuja construcção, reforma, e demarcação dei indicações, ao fallar das lapidas romanas das Carvalheiras

Tocou-se na visita que alli fizera Alexandre Herculano, que eu tive a honra de acompanhar, com o abbade de S. Lazaro hoje nesta cidade, e então abbade de Crespos na aldea, e com o abbade de Mafamude além do Porto, e então abbade de Selva Escura áquem da mesma cidade; e fallou-se por essa occasião do consummado historiador portuguez, mostrando-se o Imperador muito delicado a elle, e muito presador dos seus vastissimos conhecimentos.

Fallou-se dos extinctos conventos de Tibães e Villar-de-Frades, de que d'alli se viam á larga os locaes, significando D. Pedro nas saudades com que ia de Braga, por não poder ir examinar estas casas, de que estavamos fallando com miudeza. Veio á discussão o glorioso nome de Tibães, com as recordações historicas que lhe andam associadas. O convento de Tibães foi reedificado por Paio Gutterres da Silva, que governava as terras da comarca de Braga, no reinado de D. Affonso VI de Castella, com o titulo de *Vigario d'el-rei:* e correspondia esta auctoridade á que tiveram depois em Portugal os *adiantados.* Fallou-se dos restos architectonicos existentes ainda

na frontaria da igreja de Villar-de-Frades, e prestes a desapparecerem talvez em breve, deixando logar aos alinhamentos e aformoseamentos dos camartelladores. Fallou-se nas janellas de volta redonda e de estylo romano-bysantino; fallou-se tambem de dois bellos arcos, romano-bysantinos egualmente, e talvez pertencentes ao antigo frontespicio da igreja, por isso que estão aproveitados em construcção que não proseguira. Trouxe-se á conversação, que era animada e substanciosa (mostrando por vezes o barão de Bom Retiro muitos conhecimentos), tudo quanto era digno de ser objecto de discussão. Tudo inquiria o Imperador, e em todos os pontos de vista: veio até á tela o espirito reaccionario de Braga, por isso que em Guadalupe tinha estado um telegrapho nos tempos de D. Miguel, durante a lucta civil do cêrco do Porto; e esse telegrapho offerecera logar a essa conversação.

Alli me perguntou o Imperador, se o Sanctuario affamado do Bom Jesus tinha em si obras d'arte dignas de attenção. Disse ao Imperador, que não, nem plano havia fixo e meditado para obras algumas; notando-lhe que alli se consumia não pouco dinheiro em fazer e desfazer construcções, sem gôsto, nem discernimento, como convinha.

Ninguem, no meu logar de indicador de notabilidades, deixaria de usar d'esta linguagem franca e conscienciosa. Disse ao Imperador que o local era bellissimo e saluberrimo, apto para ser um paraiso, mas que era infelizmente um local de mau gôsto, de muito pessimo aproveitamento, e desaptado até hoje ao que devia e podia ser. O Imperador decidiu-se em não ir alli, e limitou-se a examinar pelo binoculo o que tinha em perspectiva, tanto no Sanctuario, como no Sameiro, onde

está erecta a estatua da Virgem da Conceição, e d'onde se gosa o mais amplo dos panoramas d'estes sitios, seja qual for o rumo do horisonte.

O Sanctuario do Bom Jesus do Monte nos suburbios de Braga, a uns quatro kilometros a leste da cidade, foi restaurado e reedificado de novo em grande eschala em 1723, debaixo da direcção do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles: obra, em que este prelado gastára para cima de 60 mil cruzados.

Tinha sido restaurado e reedificado antes, em 1629, nos aros d'uma ermida de muita devoção dos povos, restaurada e reedificada ainda anteriormente em 1522, com o titulo de ermida da Sancta Cruz. Tinha a cadeira de Braga, em 1629, o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, primeiramente bispo de Portalegre e do Porto, e depois por fim arcebispo de Lisboa, onde fallecera em 1643: e era então monarcha intruso de Portugal D. Filippe III, e occupava o pontificado o papa Urbano VIII. Em 1522, occupava a séde primaz D. Diogo de Sousa, o restaurador e reedificador d'esta capital do Minho, que lhe deve as melhores ruas e praças que tem.

A ermida da Sancta Cruz, restaurada e reedificada em 1522, foi erecta pela primeira vez nos aros do Sanctuario do Bom Jesus do Monte nos annos de 1494. Occupava então a diocese primaz o arcebispo D. Jorge da Costa, o 2.° do nome, imão do arcebispo D. Jorge da Costa, o 1.°, mais conhecido com o nome de cardeal d'Alpedrinha, do nome da villa da Beira de que era natural. Tinha D. Jorge, o 2.°, succedido na mitra a D. Jorge, o 1.°, em virtude de renuncia em 1488, com o consentimento do rei D. João II, e approvação do papa Innocencio VIII.

Dos projectos architetonicos ordenados para o San-

ctuario, e para os aros convisinhos, confeccionados pelo architecto Amarante, tudo se tem inutilisado e modificado com mau gosto.

Ainda em Braga se conservam vestigios da circumvalação romana, organisada como então era de uso. Não foi vel-os D. Pedro II por falta de tempo, como tambem não foi ao Bom Jesus e a outras circumvisinhanças de Braga, como a Dume, onde em 556 fôra ordenado bispo S. Martinho.

Visita á Bibliotheca publica e Lyceu

Descendo da Buraquinha, dirigiu-se o Imperador á bibliotheca publica.

Examinou com detida attenção, no meio d'algumas raridades e obras valiosas, escolhidas d'ante-mão pelo bibliothecario, e collocadas na meza do seu uso, os *dois* exemplares que nesta bibliotheca ha do *Memorial da Tavola Redonda* (Vide *Dicc. Bibl.,* verb. Jorge Ferreira de Vasconcellos). Um dos exemplares está falho em bastantes partes.

Além d'estes *dois* exemplares, e especialmente o melhor, examinou o Imperador um manuscripto de fr. Alexandre da Paixão, pertencente á livraria monastica de Travanca em tempos antigos, relativo á historia do reinado de Affonso VI. D. Pedro V, por indicação minha e do bibliothecario fallecido, deliberou mandar copiar este manuscripto, no intuito de o dar á estampa. Começou-se o trabalho da copia, mas interrompeu-o a morte do infeliz monarcha, verdadeiro amador das letras, e apreciador generoso dos cultores d'ellas. Devo esta indicação ao rei illustrado, que se dignara ouvir-me, e até escutar-me gostoso, ácerca das notabilidades d'esta

capital do Minho, memoravel como côrte dos suevos, e como colonia dos romanos, conforme é constante nos que são lidos em nossas antigualhas. Devo-lhe duplicadamente esta indicação, pela generosidade real com que me mimoseára com livros. Contém este manuscripto anecdotas da época que descreve, em que D. Affonso VI fôra privado da mulher e da côroa, como incapaz do thalamo e do throno; não o respeitando ainda nem a esposa, que na acção de divorcio adduz allegações que a penna não escreve sem pejo, nem os ouvidos escutam ainda, sem que o rubor assuma logo ás faces.

O sr. D. Pedro II escutou sempre com toda a attenção e lhanesa o bibliothecario sr. Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu. A bibliotheca estava lindamente adornada, e os varandins com muitas damas distinctas da cidade, que davam á bibliotheca bellissimo realce.

Descendo da livraria publica, foi o Imperador á aula de Introducção aos tres reinos da natureza, onde ha os apparelhos e utensilios essenciaes para a pratica de physica e chimica, e exercicios de historia natural, com os principaes typos de mineraes, rochas, fosseis, madeiras do districto, exemplares de plantas exciccadas, e os mais accessorios correlativos. Ha alli tambem os principaes instrumentos d'uso topographico, para a pratica das cadeiras de geometria e mathematica elementares.

Visita á livraria de Pereira Caldas

D'aqui veio o Imperador a pé, com o barão de Bom Retiro, e o consul brasileiro no Porto, Manuel José Rabello, vindo tambem comnosco em carros o resto da

comitiva, visitar a minha livraria, dignando-se examinar as duas salas que estão no primeiro pavimento.

O Imperador, chegado que foi á primeira sala, mandou-nos sentar do modo mais lhano e affavel, fazendo-me sentar numa cadeira ao lado d'elle.

Começada a conversação litteraria, e lançando o Imperador a vista para um grupo de livros de cavallarias, onde tinha muitas variedades dignas de exame, disse eu ao illustrado monarcha, que num canapé fronteiro tinha estado o rei D. Pedro v, quando viera ver a minha livraria uma noite, na occasião da sua vinda a Braga. O Imperador foi sentar-se no mesmo logar; e eu agradeci a Sua Majestade, cheio de reconhecimento, o poder gloriar-me de ter tido na minha livraria, e sentados no mesmo ponto, dois monarchas de valiosos e solidos conhecimentos, ambos amadores dos livros e presadores dos cultores das letras.

Deteve-se o Imperador folheando e examinando varios livros, começando pelo *Espejo de Principes y Caballeros,* de D. Diego Ortuñez de Calaherra, e Marcos Martinez de Alcalá de Henares, cujas quatro partes raras possuo em bella encadernação da época de D. Maria i, a quem os livros pertenceram; obtendo-os eu, por terceira pessoa, do espolio do finado conde da Barca, de quem possuo ainda algumas outras raridades em muita estima.

Viu o Imperador, ao pé da primeira obra, uma versão muito rara do *Tirante-el-Blanco,* e de summo valor litterario; e examinou outras raridades em varios generos, em que eu felizmente sou muito rico, riquissimo, não sendo mais que mediocre em bens de fortuna. Na segunda sala demorou-se o Imperador menos tempo, em virtude de se aproximar a hora fixa da partida

para o Porto; mas, ainda assim, como amador consciencioso, mostrou o Imperador o apreço que fazia de muitas e raras obras que tinha á vista. Disse-lhe que sentia muito que Sua Majestade não podesse dar mais tempo a Braga, e com esse alguns instantes pausados aos meus livros. O Imperador disse-me, naquellas expressões de presador consciencioso: — *E eu sou amador!* — Dada a hora aprasada da partida, (e ainda o Imperador se demorou mais um quarto), offereci a Sua Majestade a *Gaia* de João Vaz, edição de 1630, bem conservado exemplar, pelo qual o sr. Theophilo Braga reimprimiu em Coimbra a obra (Vide *Dicc. Bibl.*, verb. João Vaz — e *Repositorio Litterario,* quinzenal de Coimbra, n.º 2, 1868, onde ha especies a adduzir ao sr. Innocencio. Veja-se tambem o 1.º volume do *Instituto,* de Coimbra, onde fallo da *Gaia*).

O Imperador, acceitando reconhecido a raridade bibliographica da *Gaia,* mostrou-se-me altamente grato, dizendo-me que levava na mão, em summo apreço, o exemplar offerecido. Assim o fez, levando-o de minha casa para a hospedaria, e sahindo d'alli com o livro na mão, caminho do Porto.

Chegado á cidade eterna, mandou-me ao outro dia o seu retrato pelo sr. Gouveia, tenente do regimento de infanteria 8, numa bellissima photographia em papel marfim, com a assignatura de D. Pedro d'Alcantara, escripta por seu punho no fundo do retrato, tudo envolvido num sobrescripto em branco, dentro do qual vinha outro com a offerta endereçada ao meu nome.

Dos «incunabulos» da minha livraria fixou muito as vistas do Imperador um in-4.º, excellentemente bem conservado, com grandes margens, contendo *Aphorismos de Raby Moysés, conforme as doutrinas de Ga-*

leno, com iniciaes em cores, edição de *Bononie, imprensa Benedicti Hectoris librarii, 1489,* assim como os *Aphorismos de João Damasceno* e os *Aphorismos de Rasis,* reunidos todos no mesmo volume, com encadernação grosseira, muito antiga, mas bem conservada. Vi que lhe era este «incunabulo» uma novidade como o fôra egualmente a mim quando o vi pela primeira vez, tendo-o comprado por 2$000 réis, por isso que debalde procurei as indicações que devia ter no *Repertorium Bibliographicum Ludovici Hain.* Não as achei egualmente noutros bibliographos.

Da *Gaia* fica-me uma edição que nunca vi, nem sei quem visse ainda, ou no paiz ou fóra d'elle. Fiz até averiguações para Allemanha, donde tenho obtido muitas preciosidades portuguezas e hespanholas, algumas a peso de dinheiro, outras em preços muito razoaveis. É de 1661, como outra que tive em folio, e offereci ao visconde de Almeida Garrett, movido do que lera no prologo da sua *Adosinda.* Em logar de ser em folio, é em 4.º, e differente na correcção d'essa edição conhecida. Houve por isso duas edições no mesmo anno: é esta de 4.º mais manuseavel, adoptada por ventura para uso do povo, ficando o folio, por menos manuseavel, para uso dos eruditos. Não é desarrazoada esta supposição. Tenho de Sermões até tres edições do mesmo anno, e algumas em differentes officinas, e guardo estas especies como documentos valiosos para a historia da typographia entre nós. O 4.º da minha *Gaia,* é o 4.º pequeno, e contém quatro oitavas em cada lauda. A vinheta do frontispicio é da primeira tiragem. Não tem uma só macula; e é da officina de Domingos Carneiro, como a edição de folio. É bellissimo exemplar.

Durante a excursão pela cidade, acompanhou sem-

pre ao Imperador o presidente da commissão brasileira de Braga o sr. visconde de S. Lazaro, e o secretario da mesma commissão o sr. João Gonçalves Basto, oriundo do imperio do Brasil, e no mesmo carro do secretario o acompanhou sempre o sr. Alberto Estanislau, filho, sobrinho, e neto de officiaes do esquadrão de cavallaria dos Eternos, creado por D. Pedro IV no Porto, e que por mais de uma vez se batera contra os realistas com denodado valor.

Aqui termina a interessante noticia que o sr. Pereira Caldas nos enviou com o modesto titulo de *apontamentos,* e que nós tomámos a liberdade de transcrever por inteiro.

Não faltou tambem a caridade entre as demonstrações de regosijo, dadas aos augustos viajantes. A benemerita commissão dos festejos não quiz que o ruido das suas festas atribulasse o infortunio dos que jazem nas prisões, e levou-lhes lá a consolação e a alegria, distribuindo-lhes um jantar verdadeiramente opulento para taes infelizes.

Os proprios membros da commissão lh'o serviram, acompanhados pelo meritissimo delegado do procurador regio o sr. Motta, pelo sr. administrador do concelho e seu secretario o sr. Parada.

Fóra da cadeia tocou uma banda de musica durante este acto.

O sr. governador civil do districto deu do seu bolso duas inscripções de 100$000 réis nominaes, uma ao

asylo de S. José e outra ao recolhimento das orphãs da Tamanca.

Depois da visita á casa do sr. Caldas os soberanos brasileiros tornaram ao hotel, para gosarem algum descanço, e deixaram a cidade de volta ao Porto ás 4 horas e meia da tarde.

Felicitação

Suas Majestades receberam felicitações da camara municipal, d'uma deputação de veteranos da liberdade, e do egresso benedictino fr. João Guadalupe Martins Pinheiro.

A da camara foi-lhes apresentada logo que se encontraram no extremo do concelho, e é concebido nos termos seguintes:

«Senhor! — Braga, a terceira capital do reino, de que foram reis ditosos os augustos avós de Vossa Majestade Imperial, não podia ficar silenciosa, muda e queda, á nova da visita com que Vossa Majestade a quer ennobrecer e honrar; e muito mais por ser ella feita na companhia da Muito Alta e Muito Nobre Imperatriz, Vossa Condigna Consorte, cuja união os céos prolonguem por muitos e dilatados annos, para felicidade dos povos de quem sois luz, e protecção dos portuguezes que lá residem.

«Senhor! — O municipio de Braga, que representamos, vendo em Vossa Majestade Imperial o Augusto Neto de seus preclaros reis, o digno filho do immortal D. Pedro IV, o illustrado irmão de sua sempre chorada rainha, a sr.ª D. Maria II (a virtuosa), e finalmente vendo em vós o espelho dos reis, e monarcha invejado das nações, e protector dos portuguezes, não podia deixar de correr em festim ao vosso encontro, como testemunho do alto apreço em que tem tamanho favor, o qual, como padrão immorredouro, ficará registado em seus archivos, para que os vindouros tenham d'elle conhecimento.

«Continuem os céos a proteger as preciosas vidas e feliz reinado de Vossas Majestades Imperiaes: e taes são os desejos dos habitantes do concelho de Braga, a quem os abaixo assignados

têm a honra de representar, como camara municipal do mesmo concelho.»

Felix Maria Gomes d'Araujo Alvares, presidente.
Alfredo Alves Passos.
Antonio José Pimenta Gonçalves Júnior.
João Baptista Ferreira da Silva.
João Evangelista de Sousa Torres e Almeida.
João Luiz Pipa.
José da Fonseca.

A felicitação dos segundos foi esta:

Senhor! — Soldados da liberdade, companheiros nos perigos e nas glorias do senhor rei D. Pedro IV, o immortal dador da carta constitucional, e augusto pai de Vossa Majestade Imperial, não podiamos nesta occasião solemne deixar de vir apresentar a nossa respeitosa homenagem, em nosso nome e de nossos camaradas, junto a Vossa Majestade Imperial, e saudar com enthusiastico jubilo a presença de Vossa Majestade Imperial no seio da capital do Minho.

Práza a Deus que Vossa Majestade Imperial e a augusta senhora Imperatriz, virtuosa esposa de Vossa Majestade Imperial, regressem á capital do Brasil, cheios da felicidade de que são dignos, e que bem sinceramente lhes deseja o povo portuguez.

Antonio de Simas Machado, major reformado.

Antonio Carlos d'Araujo Motta, tabellião e militar que foi do batalhão de voluntarios da rainha.

José da Rocha Veiga, recebedor da comarca e voluntario que foi do batalhão de caçadores n.º 2.

A cidade não prescindiu das illuminações e festejos que tinha preparado para a noite, apezar de não poderem ser presenciados por aquelles, em honra de quem eram feitos.

Quatro bandas de musica tocavam no Campo de Sancta Anna, cuja illuminação deslumbrava, contando-se para mais de 20 mil lumes, desde a arcada da

Lapa até á Senhora Branca. O pavilhão e frontaria da Lapa, entrada para a alameda, fachada do theatro, muitas casas particulares, e arco da Porta Nova, offereciam deslumbrante espectaculo.

Terminaremos esta parte da nossa descripção com os nomes dos cavalheiros que compunham a commissão encarregada de dirigir os festejos. Foram os seguintes:

Visconde de S. Lazaro, Joaquim Machado Caires, Antonio José Gonçalves Braga, Luiz Antonio da Costa Braga, João Gonçalves Pereira Bastos, Francisco Baptista Silva, Francisco Casimiro da Cruz Teixeira, Manuel José da Costa Guimarães, Francisco Antonio de Araujo Reis, José Pinto Barbosa, Manuel Luiz Ferreira Braga, Apparicio Joaquim Gomes Pereira Castiço, Manuel José Lopes dos Sanctos, Felix Antonio da Rocha, Manuel Ignacio d'Oliveira Braga, Fulgencio José da Costa Guimarães, Manuel Pereira d'Oliveira e Sá, João Pedro Soares e Commendador José Maria Rodrigues Carvalho. Coube a direcção da mesa aos srs. Manuel Luiz Ferreira Braga, presidente, Apparicio J. Gomes Pereira Castiço e João Gonçalves Pereira Bastos, secretarios.

No seu regresso ao Porto, os soberanos brasileiros pararam em Villa Nova de Famalicão ás 6 horas da tarde. Eram alli esperados mais tarde; mas assim mesmo foram recebidos pelas mesmas pessoas e com as mesmas demonstrações de pela manhã, sendo grande o concurso de povo. Demoraram-se apenas o tempo necessario para as mudas.

A villa illuminou-se á noite, aproveitando os preparativos para isso feitos, pela commissão e mais habitantes, na ideia de que passariam depois de anoitecer.

Eram 9 horas da noite, quando chegaram ao Porto,

recolhendo ao hotel sem nenhuma manifestação especial, além das illuminações que ainda nesta noite tiveram logar.

Pela mesma fórma se dirigiram no dia seguinte para a estação das Devezas, ás 6 horas da manhã, entrando no comboyo especial que os aguardava, e que rapidamente os conduziu a Coimbra.

TERCEIRA PARTE

VIAGEM DOS IMPERADORES DO BRASIL

EM PORTUGAL

TERCEIRA PARTE

Coimbra

Das quatro principaes cidades, visitadas pelos soberanos brasileiros, Coimbra fez excepção na singeleza com que os recebeu. Isoladamente considerado este facto, pode ao longe fazer suppor que a Athenas portugueza deslisou do geral e enthusiastico recebimento das outras povoações, por motivos ou circumstancias que hajam de ser lembradas pelos augustos monarchas com menos grata recordação.

Não foi porém assim.

Fiada na abundancia e valor dos monumentos que a ennobrecem; na fama de que a historia e a poesia a cercam; nos formosissimos e infinitos quadros de que o pittoresco Mondego é farta galeria, e toda a natureza variado album; e sobretudo, emfim, na sincera effusão

dos sentimentos dos seus habitantes, não tomou enfeites, que, sobre superfluos, bem sabia quanto desdiziam do espirito desprendido do esclarecido hospede; além de que andavam contadas e distribuidas as suas horas, e repetidas provas havia dado Sua Majestade de quão pouco desejava manifestações ruidosas, que o desviassem do seu programma de viagem. Por todas estas considerações Coimbra recebeu os augustos monarchas como quem recebe parentes e amigos estremecidos, com os braços abertos, e o contentamento no coração, sem de modo algum faltar ao acatamento devido á elevada cathegoria e vasta illustração dos Imperadores.

Offereceu-lhes festas da sciencia, admiração das suas joias archeologicas, o enlêvo dos sitios, que a natureza, a tradição e a poesia encheram de encantos, e emfim o amor affectuoso e hospitaleiro de dezeseis mil cidadãos.

Não foi pouco, e cremos que não foi descontente o illustrado soberano.

Não ha pois festejos a descrever.

A propria camara municipal adoptou as seguintes resoluções:

Em sessão de 29 de fevereiro deliberou ir esperar á estação do caminho de ferro Suas Majestades os Imperadores do Brasil, acompanhal-os, offerecer-lhes os seus serviços, e agradecer-lhes em nome do municipio a distincta honra que recebia Coimbra com a sua visita: e decidiu, em demonstração de regosijo por tal acontecimento, adornar de damasco as janellas dos paços municipaes, e illuminar este edificio durante as noites que Suas Majestades permanecessem em Coimbra.

Deliberou mais que fosse permittido o transito de carros no caes novo, em quanto Suas Majestades Imperiaes estivessem nesta cidade; auctorisando o presi-

dente a mandar proceder aos reparos de que o mencionado caes carecesse para tal fim, visto que o accesso ao hotel do Mondego, aonde constava que Suas Majestades iam hospedar-se, se tornava por outro qualquer lado difficil.

A Universidade resolveu offerecer-lhe um presente de livros e a tão magestosa como imponente solemnidade de um doutoramento.

Chegada dos Imperadores

Precisamente á hora de antemão indicada chegou á estação d'esta cidade o comboyo expresso, que conduzia os Imperadores e sua comitiva. Eram 9 horas menos alguns minutos.

Na estação esperavam pelos imperiaes hospedes todas as auctoridades da cidade: os srs. bispo confirmado, D. Manuel Correa de Bastos Pina; governador civil, Antonio de Gouveia Osorio; secretario geral, José da Costa Gomes; camara municipal, composta dos srs. dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, presidente, José Francisco de Oliveira Reis, José de Moura de Gusmão, José Libertador de Magalhães Ferraz, Manuel d'Almeida Cabral, e Acacio Hypolito Gomes da Fonseca; general da 2.ª divisão militar o sr. José Julio do Amaral e seu estado maior; governador militar; reitor e secretario da Universidade; o sr. conselheiro Antonino José Rodrigues Vidal; e além d'estes uma commissão de academicos brasileiros; o sr. Felisberto José Ferreira Guimarães, tambem subdito brasileiro, o sr. conde das Canas, e o sr. José Melchiades Ferreira Santos, ao qual haviam sido incumbidos os aprestos da hospedagem.

Apeados os viajantes na *gare,* o sr. Melchiades quiz tomar a mala que o Imperador trazia na mão, mas Sua Majestade recusou, perguntando logo pela sua carruagem. Indicou-lhe o sr. Melchiades a que lhe estava destinada; mas o Imperador, vendo uma luxuosa carruagem descoberta, puchada por quatro cavallos brancos, criados com ricas librés azues, calção de veludo encarnado, e galão branco, librés que pertenceram ao fallecido fidalgo Francisco Barreto Chichoro, duvidou acceital-a: foi preciso que o sr. Melchiades lhe afiançasse que pertencia ao dono do hotel. Só então Sua Majestade, depois de trocar algumas palavras com os srs. bispo e reitor da Universidade, a quem disse, que assistiria ao doutoramento como viajante e sem apparato de recepção, e depois de ligeiros comprimentos, e de recommendar ao general que mandasse retirar a tropa, se resolveu a subir para a carruagem.

A sua comitiva e as pessoas que o foram esperar, formavam um extenso cortejo de muitas carruagens, que seguiu pela rua da Sophia, largo de Sansão, ruas de Visconde da Luz, Calçada, Portagem, Caes até ao hotel central do Mondego no largo das Ameias.

Nas ruas do transito estacionava grande quantidade de povo; e as janellas, vistosamente adornadas de sedas e damascos, estavam cheias de senhoras. A casa do sr. Felisberto, na rua da Calçada, tinha arvorada a bandeira brasileira, e d'alli subiram ao ar muitos foguetes á passagem de Suas Majestades.

Na carruagem do Imperador iam tambem a Imperatriz e a sua dama a sr.ª D. Josephina da Fonseca Costa. O Imperador vestia o seu trajo ordinario de viagem, levava na mão a favorita mala, e olhava com muita curiosidade para as janellas.

A Imperatriz vestia de preto, e o seu aspecto era agradavel. Os sinos das torres da cidade repicavam todos.

Ás 9 horas e 10 minutos entravam os Imperiaes hospedes no hotel. As auctoridades subiram tambem, repetindo os seus comprimentos; mas, annuindo aos desejos, invariavel e tenazmente manifestados pelo Imperador, de querer viajar completamente desembaraçado das fastidiosas etiquetas, retiraram-se. Ficou sómente a commissão de academicos brasileiros, com os quaes Sua Majestade conversou por algum tempo.

Immediatamente chegou ao largo das Ameias toda a força de infanteria que compunha a guarnição, precedida da banda de musica do regimento de infanteria n.º 14, e marchou em continencia em frente das janellas do hotel, tocando a musica o hymno brasileiro. O Imperador chegou á janella; mas, dispensando guarda de honra, a força retirou-se.

A commissão de estudantes brasileiros apresentou a felicitação seguinte:

Senhor: — Entre as grandes manifestações de toda a Europa compete-nos um logar como subditos de Vossa Majestade e como filhos da sciencia. Como subditos não temos palavras bastante eloquentes para significar ao Chefe do Estado o nosso reconhecimento: o modo como Vossa Majestade honrou a nossa patria em todas as nações que percorreu, jámais se poderá riscar da memoria dos brazileiros sinceros. Como filhos da sciencia, toda a nossa admiração é pouca para com o homem, que, sabendo roubar algumas horas ao laborioso encargo da direcção politica d'um vasto paiz, as aproveitou num estudo que o collocou ao lado dos principes mais illustrados d'este seculo.

Senhor: — Os estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra saudam com entranhado affecto o Imperador e a Imperatriz do Brazil. — *Antonio Candido Gonsalves Crespo — Bernardino Luiz Machado Guimarães — Eduardo Simões dos Santos Lisboa — Luiz d'Andrade — Luiz Filippe Alves da Nobrega — Raymundo da Rocha Felgueiras — Antonio Cazimiro da Cruz Teixeira — Nuno Freire Dias Salgueiro.*

Nesta occasião apresentou-se tambem a Sua Majestade o sr. Felisberto José Ferreira Guimarães, sendo recebido com a maior affabilidade pelo monárcha. O sr. Porto Alegre informou o Imperador de que o sr. Felisberto era o unico subdito brasileiro residente em Coimbra.

Sua Majestade perguntou-lhe o nome, e o sr. Felisberto depositou nas mãos de Sua Majestade a seguinte felicitação:

Senhor: — O abaixo assignado, cidadão do imperio brazileiro desde o memoravel dia 8 de agosto de 1823, em que na cidade do Maranhão, onde prestou juramento, se proclamou a independencia do imperio, vem cheio de jubilo perante Vossa Majestade Imperial felicitar-se pela honrosa visita que a esta cidade, séde do primeiro e notavel estabelecimento scientifico de Portugal, se dignou fazer o assás illustrado Monarcha da Nação Brazileira.

E nem são para estranhar estes sentimentos de sympathia e admiração para com Vossa Majestade Imperial da parte d'um subdito brasileiro, que ha quasi trinta e sete annos, pelo seu amor e fidelidade ao magnanimo fundador do imperio do Brasil e chorado pae de Vossa Majestade, se viu obrigado a abandonar a sua patria adoptiva, sacrificando a sua fortuna, que tinha em Pernambuco, e com grave risco de sua vida, depois de a ter posto ao serviço do imperio desde 1823 até 1835, em cujo periodo militou na 2.ª linha do exercito brazileiro e na guarda nacional da cidade do Recife de Pernambuco.

Senhor: — A feliz presença de Vossa Majestade Imperial nesta terra, aonde o humilde e obscuro subdito da briosa nação brasileira tem vivido tão afastado da sua patria adoptiva desde que d'ella se retirou, sem que o tempo e a distancia tenham conseguido extinguir em seu coração os sentimentos de fidelidade que jurou e lhe dedica, nem a amizade cada vez mais intensa que lhe consagra, é para o abaixo assignado um bem justo motivo de profundo jubilo que aproveita para, perante a augusta pessoa de Vossa Majestade, fazer votos á Providencia pela vida e saude de tão grande Monarcha e de toda a imperial familia, gloria do imperio brazileiro e seguro penhor da sua prosperidade.

Coimbra, 4 de março de 1872. — *Felisberto José Ferreira Guimarães.*

Seguiu-se o almoço.

O hotel em que Suas Majestades se hospedaram pertence ao sr. Francisco Lopes de Carvalho, e está situado em local muito apprazivel, disfructando-se d'alli grande extensão do rio Mondego, que corre proximo, sua ponte e caes, monte de Sancta Clara, alto da Conchada, e os arvoredos e pomares que se interlaçam com as casas da parte baixa da cidade.

O proprietario do hotel preparou-o com a grandeza possivel devida á qualidade dos hospedes que iam honrar a sua casa. As escadas do primeiro e segundo andar, aposentos e salas destinadas ao uso particular dos Imperadores, estavam alcatifadas e bem decoradas, sendo principalmente digno de se notar o luxo das roupas brancas, de fino linho, das 24 camas que a casa tinha preparadas.

O Capello

Dignou-se Sua Majestade assistir á cerimonia universitaria do doutoramento do sr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, deputado da nação, o qual veiu de Lisboa expressamente para receber o grau de doutor. Eram 11 horas menos um quarto quando o Imperador chegou á grande sala dos capellos, acompanhado dos srs. Porto Alegre, consul geral do Brasil em Portugal, Barão de Bom Retiro, lente jubilado, ministro d'Estado honorario, e homem de muita respeitabilidade e saber, e Barão de Itaúna.

Como se sabe, as elevadas paredes d'este vasto salão acham-se revestidas com os retratos de todos os reis portuguezes, collocados por cima dos doutouraes e nos

intervallos das janellas das tribunas reservadas para senhoras.

No pateo da Universidade Sua Majestade Imperial foi galhardamente recebido pela mocidade academica e outros espectadores que se achavam nas avenidas e que depois se accumularam na grande sala dos doutoramentos, a qual estava litteralmente cheia, desde a teia dos hospedes até aos doutoraes, aonde se notavam principalmente dois cumulos de estudantes, um que obstruia os doutoraes até aos logares da faculdade de philosophia, outro sobre os da faculdade de mathematica.

Sua Majestade entrou pela porta que communica com o Paço, e, adiantando-se até á entrada da teia, cujas bancadas, assim como as de fóra d'esta, estavam já occupadas por muitas senhoras e cavalheiros, percorreu a sala num rapido relancear de olhos, e, vendo á sua direita dois bancos rasos, sentou-se no primeiro d'elles, confundindo-se d'este modo com os demais espectadores, e mostrando assim que alli, como em toda a parte, não desistia de apresentar-se como viajante particular.

Sua Majestade conversou muito com o sr. João Francisco Ramos, sextanista de mathematica, com o sr. Augusto Cesar da Cruz Ferreira, presidente da sociedade Terpsychore Conimbricense, e tambem dirigiu a palavra frequentes vezes ao sr. conde das Cannas. Impressionado com a demora do corpo docente, fallou nisto ao sr. Ferreira, o qual o informou de que a cerimonia já havia principiado, pois começava pela festa religiosa na capella.

Procurou informar-se do estado de saude do sr. dr. Antonio de Carvalho, irmão do sr. dr. Mathias de Carvalho, ministro portuguez no Rio de Janeiro, da qualidade da molestia que soffria, etc.

Pediu que lhe mostrassem o reitor, e, quando ouviu os seus dois primeiros nomes — Julio Maximo, — Sua Majestade completou — Oliveira Pimentel; accrescentando um elogio aos escriptos sobre viticultura, e outros, do illustre prelado. Do mesmo modo mostrou conhecer e apreciar o sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, lente jubilado da faculdade de theologia, como orador sagrado; o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, lente de medicina e director dos hospitaes da Universidade, como auctor de algumas obras, que tinha lido; e entre outros professores, que desejou conhecer, citou com particular interesse o sr. dr. Antonio dos Santos Viegas, lente da faculdade de philosophia.

Assistiam a este acto setenta e quatro doutores com seus vistosos capellos e borlas.

Presidia o sr. visconde de Villa Maior.

O sr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, candidato ao doutoramento, pronunciou o discurso seguinte:

Senhores: — Agitam os espiritos, em maravilhosos trabalhos de brilhantes conjecturas e concepções elevadas, offerecendo á razão vastissimas regiões de feliz exploração, as grandes revoluções que a observação fecundada pelo raciocinio revela em toda a parte e em todos os tempos. Nesta ardua e deliciosa investigação sentem-se fracas as imaginações mais vivas, e os arrojos dos seus sonhos apenas são tenues sombras da realidade.

Ignita esteve a terra, e a lei universal, eterna e fatal por cataclismos prodigiosos, reduziu-a ao planeta que o homem pisa e em que reina a vida, desde o fundo dos mares, povoados por myriades de seres tão diversos, até ás elevadas regiões da atmosphera que o condor domina. Foi esta lei universal a que presidiu á creação da sciencia; é ella ainda a que a fez medrar, robustece e dirige. Tempo houve em que o homem julgou devorada por um dragão a lua eclipsada, a que nem attribuia o tamanho do Peloponneso; e hoje a sciencia possue excellentes meios para descobrir a constituição, a forma, o volume, a massa e as leis

dos movimentos de todos os corpos celestes. Os peripateticos apregoaram a incorruptibilidade dos céus e mais ainda a do sol, e observações de muitos annos mostraram ser esta incorruptibilidade um simples sonho do Stagyrita, e descobriram no espaço inteiro um vasto theatro d'uma vida immensa, de transformações constantes.

Se compararmos a época actual com a de 1616, sentir-nos-emos enthusiasmados em profunda e intima admiração. No dia 5 de março de 1616 a Sagrada Congregação do Index condemnou a obra — *De revolutionibus orbium cœlestium* — monumento glorioso que ao genio elevou o immortal Copernico, um dos oitos sabios da terra, como Leibnitz lhe chamou; em 1870 a faculdade de mathematica, nesta Universidade, leu sem repugnancia e até com benevolencia a — *Translação Solar* — que escrevi como dissertação inaugural para o meu acto de conclusões magnas. E Copernico foi o espaço, e eu apenas sou um leve atomo; o sabio de Thorn foi um sol brilhante no firmamento da sciencia, e eu, filho d'esta Universidade, sou um obscuro satellite.

Este dia, tão solemne e feliz para mim, senhores, e o dia 22 de junho de 1633, tão triste e funesto para o grande Galileu, elevam o espirito a grave meditação. Galileu, pelo *crime* de revelar por uma forma nova e evidente a translação terrestre, foi condemnado á prisão numa das masmorras do Sancto Officio, e obrigado a ler de joelhos uma abjuração, que a lingua mais devassa não pode repetir; e eu, senhores, que sustentei, com os trabalhos de muitos sabios illustres, o movimento de todos os corpos do universo, fui habilitado para vir a este logar. O martyr da sciencia, que descobriu no céu desigualdades novas e novos mundos, no dia 22 de junho de 1633, no convento de Minerva, foi arrastado á mais aviltante abjecção que a maldade pode inventar para um genio nobre; hoje, senhores, no dia 4 de março de 1872, protegido e amparado pela benevolencia dos meus mestres, venho pedir aqui a mais elevada honra que a Universidade pode dar.

Sublime revolução foi esta, senhores!

Alta e muito alta é a honra que peço e com intima confiança: um logar entre os sacerdotes da sciencia. Não sou animado sómente pela benevolencia dos meus mestres; enthusiasma-me até a indole do seculo que vai correndo, seculo que dous factos sublimes tornam o mais glorioso de toda a vida da humanidade. Durante muitos annos, na opulenta America, parte d'um grande povo esmagou com jugo servil outra parte; no dia 28 de setembro de 1871 todo esse povo foi illuminado e aquecido pelo mesmo sol resplandecente de esplendida liberdade. Ha pouco ainda, neste velho Portugal, cuja historia é a mais proficua lição para

os povos, o crime d'um infeliz era punido com outro crime da sociedade; hoje, senhores, a sociedade, juiz e pae, julga e salva. Actos tão magnanimos e maravilhosos são obra da sciencia, em cujo templo augusto venho pedir um logar e a alta dignidade do seu sacerdocio.

Ancioso espero o momento em que o meu nome, embora muito humilde, seja inscripto no livro d'oiro d'esta Universidade.

Permitti-me ainda, senhores, protestar aqui, publica e solemnemente, todos os sentimentos que tão profunda e deliciosamente me agitam nesta hora.

Desde o instante em que senti o primeiro raio de luz, senhores, houve um coração que as minhas dores affligiam mais do que ao meu, um homem que a minha felicidade tornava mais feliz do que a mim e para quem eu era tudo. Pulsa bem perto de mim esse coração, agora mais feliz e alegre que o meu. Eil-o *(apontando para o padrinho)*.

Tendes-me dirigido com ternos cuidados, meu pae; na companhia d'uma virtuosa esposa, irmã da minha sancta mãe, tendes-me amparado com affectuosos carinhos; para a minha felicidade muitos sacrificios haveis recebido como dons do céu; mas devo-vos muito mais ainda, e muito mais vos agradeço em hora tão feliz e solemne. A sublime pureza dos vossos sentimentos, a austera honestidade do vosso caracter e o firme empenho com que haveis seguido a bella e ingreme estrada do trabalho honrado, meu pae, são exemplos e lições de valor immenso como immensa é a minha gratidão. A vossa benção, meu pae, é hoje ainda para mim honra mais elevada do que a que venho pedir.

As faculdades de mathematica e philosophia dirijo um protesto sincero da mais viva gratidão, pois a este logar subí, guiado por todos os meus mestres. Acceitae-m'o, illustres professores; pertence-vos pelo respeito e affecto o coração que o inspira.

Ex.^mo sr. visconde de Villa Maior, digne-se acolher benevolamente um voto intimo e espontaneo que manifesto aqui ao meu paiz: que a patria seja sempre grata aos serviços que v. ex.ª lhe presta, como reitor d'esta Universidade, serviços dignos dos muitos e mui valiosos que illustram a vida de v. ex.ª, gloriosa nas armas, brilhante nas letras.

Muito penhorado vos agradeço o favor da vossa presença, parentes e amigos, que estaes aqui para abraçar-me nesta festa esplendida. Acreditae que a minha gratidão corresponde aos vossos sentimentos. Aos amigos e parentes ausentes envio d'aqui saudades de verdadeiro affecto.

O sr. dr. Raymundo Venancio Rodrigues, que por differentes vezes foi presidente da camara municipal de

Coimbra, lente de vespera da faculdade de mathematica, fazendo nesta occasião as vezes de lente de prima, conferiu o grau, depois de ter pronunciado o discurso seguinte:

Senhores. — A majestade d'este acto, em que pela primeira vez a lei me obriga a fallar em presença de auditorio tão illustre e notavel pelas suas luzes, impõe-me deveres de certo bem superiores ás minhas diminutas e acanhadas forças!

Se comtudo me acompanha o desanimo pela certeza de que não poderei corresponder devidamente ao cabal desempenho do que a lei me incumbe, adquiro por outro lado forças e alento quando vejo que me dirijo ao mais esclarecido auditorio do paiz presidido pelo nosso sabio e virtuoso prelado, o ex.mo sr. visconde de Villa Maior, com cuja benevolencia conto; e composto do respeitabilissimo corpo docente, cujo saber e illustração me dão direito a esperar que seja indulgente para comigo — da briosa e applicada mocidade academica, sempre e por excellencia dotada de generosidade — e de tantos e tão respeitaveis cidadãos e hospedes, entre os quaes temos a honra e a satisfação de ve Sua Majestade Imperial do Brasil, que não hesitará de certo em liberalisar sua elevada benevolencia ás faltas oratorias em que possa incorrer.

Assim o espero, respeitabilissimo auditorio.

Senhores. — Assignalado ficará nos annaes da nossa Universidade este fausto dia, em que o joven e distincto candidato, que vedes presente, vem receber neste alcaçar das sciencias o grau de doutor, premio devido aos seus trabalhos litterarios, e justa retribuição dos estudos, que com tanto zelo e aproveitamento aqui fez.

Assignalado por certo, porque, sendo este acto sempre solemne, torna-se hoje solemnissimo com a augusta presença de Sua Majestade Imperial, o senhor D. Pedro II, que, honrando sobremaneira esta academia com a sua visita, a enche ao mesmo tempo de jubilo por lhe proporcionar a dita de poder tributar as devidas homenagens do mais profundo respeito, e de justa admiração pelas virtudes e sabedoria, que tanto distinguem o digno chefe da nação brasileira, á qual nos ligam o mesmo sangue e a mesma lingua, a que nos prendem as mesmas tradições honrosas, a communidade de costumes e identidade de instituições politicas e civis; e cuja presença finalmente nos faz recordar que a mesma dynastia e familia cinge as duas corôas brasileira e portugueza.

Receio, senhores, offender a proverbial modestia de Sua Ma-

jestade Imperial, narrando o tino e abnegação com que tão esclarecido imperante tem governado os nossos irmãos do novo mundo. O que a Europa culta tem apregoado das altas virtudes e vasto saber do grande Imperador, ha de a historia imparcial conserval-o em letras de ouro para exemplo e modelo dos que a Providencia destinou para chefes das nações. Suppra, por isso, o meu silencio forçado o que a historia ha de proclamar aos quatro ventos da terra.

Parabens, pois, illustre candidato, por esta tão feliz coincidencia! A corôa de louros, que cingirá em breve a vossa fronte, é a ultima e a maior honra, com que a nossa academia premeia os seus filhos predilectos.

Depois de terdes concluido, com gloria e louvor, o curso de sciencias mathematicas, e passado triumphantemente pelas provas mais subidas e rigorosas, estabelecidas nos nossos estatutos, vindes hoje receber o grau de doutor na faculdade de mathematica.

As sciencias mathematicas serviram, desde todo o tempo, de base aos conhecimentos positivos da intelligencia humana.

Quem ignora aquella celebrada inscripção da antiga philosophia — *Nemo geometriae ignarus huc ingreditur?*

A geometria não serve unicamente para rectificar o espirito, dá-lhe maior extensão, multiplica-lhe as forças, e habitúa-nos á exactidão em todas as cousas. Não esqueçamos que os genios mais elevados, aquelles mesmos que se entregaram á metaphysica, eram ao mesmo tempo grandes geometras ou mathematicos, pois que estes dois nomes se confundem. Bastará que citemos Platão, Pythagoras, Galileo, Newton, Leibnitz, Descartes e Pascal.

Quem ignora que o admiravel progresso, ou para melhor me expressar, prodigios quasi milagrosos da industria e da mechanica, que se estão passando debaixo dos nossos olhos, e que separam pasmosamente o presente do passado, são devidos na maxima parte ás mathematicas, e ás suas numerosas e variadas applicações?

Já desde o tempo do grande Pedro Nunes as methematicas contaram nesta Universidade muitos e illustres cultores, que alcançaram fama não só na patria, mas fóra d'ella.

Ainda nos sôa o nome d'um José Anastacio da Cunha; e poderia citar muitos outros, mais recentes, de grande credito e fama para a nossa escola de mathematica.

Seguindo o exemplo d'estes illustres sabios, sirva-vos de estimulo, carissimo candidato, para proseguirdes com fervor na cultura das sciencias exactas, o insigne triumpho que hoje alcançaes.

. .

Assim correspondereis ás sollicitudes com que vela pelo progresso dos estudos o sabio e respeitavel chefe d'esta Universidade, o ex.^{mo} sr. visconde de Villa-maior, digno par do reino, lente jubilado da escola polytechnica, socio effectivo da academia real das sciencias, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição deVilla Viçosa, official da de torre e espada, do valor, lealdade e merito e da legião de honra.

Assim correspondereis aos desvelos com que os vossos dignos mestres vos prepararam o caminho para chegar até este logar tão honroso.

Assim, finalmente, correspondereis aos cuidados e assiduidade com que o vosso illustre pae, o ex.^{mo} sr. Francisco Manuel da Rocha Peixoto, do Conselho de Sua Majestade e um dos ornamentos da magistratura portugueza, vos educou com bons exemplos e com sabios e prudentes conselhos. Tambem é elle hoje vosso patrono neste solemne acto, o que duplicadamente vos obriga a que continueis com o mesmo vigor, como até aqui, na cultura das sciencias, çujas portas vos foram abertas por vosso pae extremoso!

Resta-me ainda adornar-vos com as insignias doutoraes. Aqui tendes a corôa, como emblema da victoria que alcançaste; o annel, symbolo da amizade que deveis consagrar aos collegas, da fraternidade que vos deve ligar aos homens da sciencia; o livro, emblema da sciencia, significativo do campo que deveis cultivar e explorar com vossa perspicacia e intelligencia.

Ide agora receber os abraços e o osculo da paz, e depois voltae a dar graças, primeiro a Deus, fonte e origem de todos os bens, depois a todos que vos obsequiaram com a sua presença. D'este modo vos mostrareis digno da honra que vos foi concedida, e que será, firmemente o creio, perenne incentivo para vos tornardes cada vez mais digno pelos sentimentos religiosos, pela integridade de costumes e pelo estudo e amor incessante da sciencia. — Disse.

Nesta solemnidade tambem oraram mais dois doutores da faculdade, os srs. José Joaquim Pereira Falcão e João José d'Antas Souto Rodrigues. Os seus discursos, em conformidade com as praxes academicas, foram em latim, circumstancia por que deixamos de os publicar.

Visita á Sé Velha

Terminado o capello, o Imperador atravessou o pateo da universidade, desceu pelas escadas de Minerva, e foi visitar a Sé Velha.

Era uma hora da tarde quando entrou neste notavel monumento de architectura romano-bysantina, levantado na época de Affonso Henriques.

Sua Majestade percorreu as naves e cruzeiro do templo, e parou em frente dos seguintes objectos que mais feriram a sua attenção:

— O tumulo do bispo de Coimbra D. Egas Fafes, sobre o qual se vê estendida a figura do prelado com mitra na cabeça, vestido de habitos pontificaes, os braços cruzados sobre o peito e os pés apoiados a um leão. D. Egas teve o bispado de Coimbra desde o fim do anno de 1246 até ao de 1266, em que, tendo partido para Roma, alcançou a prelazia de Compostella. Falleceu em 1268.

— O tumulo de D. Vetaça, filha de Guilhelmo, conde de Vintemilha e aia da Rainha Sancta Izabel. Deixou immensos bens ao cabido de Coimbra por testamento em 1336. Sobre o tumulo está representada em vulto a illustre dama, vestida de habitos religiosos, mãos erguidas, e tendo aos pés dois rafeiros. Na face anterior do moimento vêem-se entre varios ornatos tres aguias em alto relevo, cada uma com duas cabeças.

— O tumulo do bispo de Coimbra D. Tiburcio, no mesmo gosto do de D. Egas. D. Tiburcio é celebre na historia por ter sido um dos prelados que mais afincadamente sollicitaram do papa Nicolau IV a desthronisação d'el-rei D. Sancho II no anno de 1245.

— Os capiteis de algumas columnas do templo, tra-

balhados no gosto caracteristico da architectura romano-bysantina, nos quaes se notam variados caprichos da imaginação artistica nos admiraveis relevos de folhagens, animaes, flores, grifos, festões e outras figuras habilmente esculpturadas. Alguns d'estes capiteis vêm desenhados, com o frontispicio do templo, na importantissima obra do sr. Augusto Filippe Simões — *Reliquias da Architectura Romano-Bysantina em Portugal.*

— Os azulejos que revestem as pilastras, apreciaveis pelos seus lindos lavores esmaltados e pelo seu brilhante verniz, singularidade que tem passado quasi desapercebida á maior parte dos viajantes nacionaes e estrangeiros.

— O famoso labyrinto de embutidos que adorna o tecto da egreja por baixo do côro.

Ha ainda neste templo outras muitas notabilidades, dignas de attenção, como os quadros em ponto grande com as pinturas da rainha de Portugal, Sancta Izabel, e de Sancta Ursula; as capellas do cruzeiro, a da esquerda com os apostolos em vulto de tamanho natural, e a da direita com o martyrio de S. Pedro e S. Paulo, tudo maravilhosamente esculpido em pedra, a primeira no tempo do bispo D. João Soares (1566), a segunda no do bispo D. Jorge d'Almeida (1481—1543); e assim o retabulo da capella-mór, admiravel pela miudeza das peças delicadamente trabalhadas no estylo gothico do seculo xvi, obra d'este ultimo bispo. Sua Majestade porém não pôde dispôr de tempo para examinar estas notabilidades.

O augusto visitante, depois de ter examinado interiormente este deposito precioso de monumentos archeologicos de variados gostos, typos e edades, desde o

principio da monarchia, passou a examinar o edificio pela parte exterior. Deteve-se examinando o tumulo e inscripção do conde D. Sisnando, governador de Coimbra por D. Fernando Magno logo depois da conquista da cidade aos mouros em 1064.

O gosto da architectura do portico principal, a fórma acastellada que offerece o templo coroado de ameias e parapeitos, e as paredes denegridas pelo sol de tantos seculos attrahiram tambem a attenção de Sua Majestade.

Rua de Quebra-costas — Arco d'Almedina — Ruinas do mosteiro de Sancta Clara

Deixando este templo, pediu que o encaminhassem pela rua de Quebra-costas. O sr. conego Manuel Marques Pereira Ribeiro lh'a indicou, e Sua Majestade, descendo por ella, disse que a queria conhecer por lhe haverem fallado muitas vezes d'esta rua dois seus antigos preceptores, formados na universidade de Coimbra.

A rua de *Quebra-costas* é uma das mais declivosas de Coimbra, tornando-se por este motivo objecto de reparo e curiosidade para os visitantes.

O sr. Teixeira de Vasconcellos, fallando d'ella na interessante obra *Les Contemporains,* diz «rue dont la pente rapide lui a valu le nom de *Casse-le-dos*» (Quebra-costas). Tambem feriu a attenção de mr. Chavignaud, que escreveu: «Le Portugal m'apparait comme le véritable Eden, surtout depuis que mes yeux ont été éblouis par le magnifique paysage de *Coimbra.* Quel dommage pour en jouir pleinement, qu'il faille constamment gravir des rampes impossibles et ces rues si

bien nommées *Quebra-costas,* que nous ont léguées nos ancêtres, les goths et les maures!»

Passando pelo Arco d'Almedina, um dos mais notaveis edificios de Coimbra pela sua fabrica de cantaria, grande altura, fecho em ogiva, e apparencia de antiguidade, examinou com particular curiosidade esta notavel construcção e o brazão de Coimbra, mandado alli collocar por el-rei D. Manuel, e que tanto tem dado que fallar a poetas e prosadores.

A denominação *Almedina* foi interpretada pelo auctor da *Historia breve de Coimbra* como equivalente de *sangue,* dizendo que se ficara assim chamando este arco pela grande corrente d'elle que alli represou em 1064 em razão da carnificina feita pelos christãos aos mouros na occasião da conquista da cidade. Porém a verdadeira interpretação d'esta palavra é a que lhe dá Francisco Lopes Tamarid, beneficiado em Granada, dizendo que *Almedina* é nome mourisco, e significa *cidade grande;* por onde, *porta de Almedina* é o mesmo que porta de cidade grande, opinião esta seguida tambem pelo sr. Ayres de Campos no seu *Indice Chronologico*, pag. 11.

Desceu para a Calçada, e encaminhou-se, sempre a pé, para a ponte até ao convento velho de Sancta Clara, cujas reliquias foi examinar. As invasões do rio e o alteamento dos terrenos marginaes, produzidos por ellas, foram-no atterrando, de modo que hoje só resta descoberto o andar superior do convento, o qual foi abandonado em 1677 pelas venerandas religiosas que o habitavam.

Visita á Lapa dos Esteios

Concluida esta inspecção caracteristica de um apaixonado investigador archeologo, subiu para a carroagem e dirigiu-se á quinta das Cannas, propriedade dos srs. condes do mesmo titulo. Possue esta quinta um sitio pittorésco e melancholico, junto do Mondego, que inspira e convida os poetas, e por isso tem sido por elles cantado, merecendo que o sr. visconde de Castilho o escolhesse para templo da *Festa de Maio,* e do *Dia de Primavera,* que alli celebrou.

Attraido pela fama do sitio, quiz o Imperador levar comsigo as impressões que produzem a solidão da Lapa, a corrente rumorejante do rio, a sombra espessa dos arvoredos, a vista dos mirantes, a embrenhada vegetação que trepa pelas saliencias escarpadas, as flores agrestes estendendo o seu manto de matiz pelo dorso dos sarçaes e pelos parapeitos dos sucalcos, emfim as inscripções dos poetas nas lapas, nos troncos e nas paredes, a companhia das aves, os panoramas fronteiros, o fundo, ao longe, de montanhas colossaes.

O Imperador, acompanhado pelos srs. Porto Alegre e barões do Bom Retiro e de Itaúna, chegado que foi á quinta, apeou-se, e tomou o caminho frondoso da Lapa dos Esteios. A meio deteve-os o sr. conde das Cannas, que, immediatamente, acorreu ao encontro de Sua Majestade, logo que o avisaram da sua presença na quinta, encontrando-o já naquelle ponto, onde o comprimentou, acompanhando-o durante a minuciosa visita que fez á sua pittoresca propriedade. Chegando á Lapa o monarcha

brasileiro leu a seguinte inscripção commemorativa da *Festa de maio,* gravada numa lapida:

AQUI CELEBROU A. F. DE CASTILHO
COM OS SEUS AMIGOS
A FESTA DA PRIMAVERA
DONDE AO SITIO SE MUDOU O NOME
DE LAPA DOS ESTEIOS NO DE LAPA DOS POETAS.
AQUI VOLTOU
NO QUADRIGESIMO ANNIVERSARIO DA FESTA
DE MAIO,
A 1 DO MESMO MEZ DO ANNO DE 1862.
ESTA MEMORIA
PARA CONVITE E INCENTIVO PERPETUO
AOS CYSNES DE COIMBRA
A MANDARAM AQUI PÔR
NO SUPRA CITADO ANNO
D. JOSÉ MARIA DE VASCONCELLOS AZEVEDO
SILVA CARVAJAL
E
GONÇALO TELLO DE MAGALHÃES COLLAÇO.

Colheu o Imperador algumas folhas de hera, e as arrecadou na sua carteira, uma das quaes, como se verá, era destinada ao sr. visconde de Castilho. D'alli passou ao pequeno terraço superior á Lapa, onde se demorou alguns instantes, subindo em seguida ao mirante mais alto, donde se gosa a magnifica perspectiva do sul do Mondego, que Sua Majestade contemplou com interesse.

Neste ponto ha uma lapida com uma sextilha, feita

em 24 de junho de 1844, por seis poetas, cada um dos quaes compoz um verso. Diz assim:

João de Lemos . . . . . . SOBRE AS AZAS DA POESIA
A. M. Couto Monteiro. . AQUI NOS TROUXE A AMIZADE,
J. Freire de Serpa. . . . CANTEMOS NAS LYRAS D'OIRO
L. da Costa Pereira. . . ESP'RANÇAS DA MOCIDADE,
A. X. R. Cordeiro. . . . E AOS BARDOS DA PRIMAVERA
Augusto Lima . . . . . . MANDEMOS UMA SAUDADE.

Proximo d'este ha outro mirante, cuja parede está cheia de pensamentos e lembranças dos poetas que o têm visitado. Aqui se deteve o monarcha, copiando alguns versos e escrevendo no fim da copia: «Quinta das Cannas, 4 de março de 1872.»

Percorreu ainda outros pontos da quinta, que offerecem á vista os esplendidos panoramas que cercam o rio Mondego, e entrou no palacio, onde admirou a bella vista que das suas janellas se gosa, e lhe mereceu especial attenção o busto do sr. visconde de Castilho, collocado em uma das salas.

Este busto é de magnifico marmore de Carrara, e devido ao aprimorado cinzel do sr. Francisco de Assis Rodrigues, professor de esculptura da Academia das Bellas Artes de Lisboa. Sua Majestade gabou a sua fidelidade e boa execução.

Á sahida despediu-se affectuosamente dos srs. conde e condessa das Cannas, aos quaes dispensara sempre a maior affabilidade, deixando-os por isso penhoradissimos e justamente reconhecidos.

Os srs. condes mandaram gravar em uma pedra que

já está collocada na sua quinta, a seguinte inscripção commemorativa da visita do Imperador:

NO DIA 4 DE MARÇO DO ANNO DE 1872
FOI ESTA LAPA DOS POETAS HONRADA COM A VISITA
DE
S. M. I. O SR. D. PEDRO II DO BRASIL,
QUE D'AQUI LEVOU ALGUMAS FOLHAS DE HERA
PARA MEMORIA.
ESTE PADRÃO MANDARAM AQUI PÔR
OS CONDES DA QUINTA DAS CANNAS.

Visita a Santa Cruz

Regressando á cidade, entrou no hotel, e sahiu logo, acompanhado pela Imperatriz, dirigindo-se para o majestoso templo de Sancta Cruz, onde foram recebidos pelo reverendo prior, o bacharel Manuel Cardoso de Figueiredo Nogueira.

A primeira cousa que viram foi a pia baptismal, que, posto não seja primor de esculptura, é comtudo peça apreciavel do estylo da renascença. Repararam no tumulo, collocado á entrada, pertencente á familia Cogominho, no qual se vê um brazão composto de 5 chaves, circumstancia que fez com que fosse mudado para a porta por ordem de el-rei D. Manuel, quando se restaurou a igreja, pois que, tendo 5 chaves por armas, razão era, no conceito d'aquelle monarcha, que ficasse á entrada da porta. O Imperador achou curiosa esta tradição, que lhe foi referida por Simões de Castro, quando este, pouco depois, recebeu de Sua Majestade

convite para o acompanhar na visita ao resto do edificio.

Suas Majestades fizeram oração na capella do Sanctissimo, e depois viram o pulpito, considerado uma joia de esculptura pelo mimo e gosto dos seus lavores.

Foi levado á ultima exposição de Paris o modelo em gesso d'esta famosa peça e ahi foi vendido por 200$000 réis.

Seguiu-se a visita aos tumulos de D. Affonso Henriques e D. Sancho I, na capella mór, e nelles o Imperador leu as inscripções latinas dos epitaphios.

Passando á sacristia, examinou attentamente alguns dos quadros mais notaveis que adornam as paredes, chegando a subir a cima do contador para ver de perto a assignatura de um d'elles, que lhe havia sido indicada por Simões de Castro, o qual, estando proximo, foi pelo reverendo prior, que fôra seu condiscipulo nas aulas de direito, apresentado a Sua Majestade. Simões de Castro havia enviado ao Imperador pela posta interna um exemplar do seu *Guia historico do viajante em Coimbra,* e outro do seu *Brazão de Coimbra,* e por tal motivo recebeu os seus agradecimentos nesta occasião.

O Imperador subindo, como dissemos, ao contador, encontrou no local indicado a assignatura de Velasco; e, voltando-se para um dos da sua comitiva, disse parecer-lhe que não era o Velasquez de Hespanha; mostrando nisto, como em outras observações, com que acompanhava o seu exame, que tem conhecimentos especiaes sobre pintura.

D'estes quadros já Simões de Castro tinha escripto o seguinte no n.º 2:185 do *Conimbricense* de 1868:

«... os dois quadros mais celebrados que alli existem — um firmado por *Velasco,* representando o *Pen-*

tecostes; e outro assignado por *Ovia,* figurando o *Ecce Homo.*

Estes quadros eram tidos por obra de *Grão Vasco;* mas, viajando por Portugal em 1865 o sabio inglez *Robinson,* e fazendo varias investigações ácerca das nossas escholas de pintura, pôde descobrir as assignaturas acima indicadas.

No primeiro quadro vê-se a assignatura numa especie de papel meio enrolado; a do segundo está numa das lanças dos guerreiros que nelle se vêem representados.

Robinson publicou ha tempos uma interessante memoria, elaborada com esclarecida critica, ácerca das suas investigações artisticas, e nella falla com muito louvor d'estas duas famosas pinturas.»

Esta memoria foi depois traduzida pelo sr. marquez de Souza Holstein.

Passando á capella de S. Theotonio, contigua á sacristia, perguntou se os quadros que alli havia, eram de merecimento.

Respondeu Simões de Castro que não, mas que era digna de notar-se a esculptura da capella, que é obra de Thomé Velho.

Visitou depois o claustro do Silencio, notavel pelas suas esbeltas arcadas no estylo manuelino.

Na capella de Christo viu os tumulos de dois priores-móres de Sancta Cruz, D. Pedro Gavião e D. João de Noronha e Menezes, o primeiro dos quaes foi quem no tempo de D. Manuel procedeu ás obras da restauração do mosteiro. Na mesma capella examinou tambem o tumulo do primeiro bispo de Miranda, D. Rodrigo de Carvalho, o qual do collegio dos Borras foi ha poucos annos transferido pela camara municipal para a referida capella. Sua Majestade leu-lhe todo o epitaphio latino.

Admirou os retabulos em alto relevo do claustro, attribuidos ao insigne esculptor João de Ruão. Nesta occasião Simões de Castro mandou buscar e offereceu a Sua Majestade o 1.º volume do seu *Panorama Photographico de Portugal,* que contém a photographia de um dos altos relevos, a que nos referimos, com a historia da reedificação d'estas obras. O Imperador agradeceu muito aquelle livro, que contém photographias e noticias dos muitos objectos que andava visitando, taes como a estufa do Jardim Botanico, o interior da sala dos capellos, o edificio da Universidade, a porta da capella da mesma, os conventos de Sancta Clara, S. Francisco, Ponte e rio Mondego, e duas vistas geraes da cidade.

D'alli dirigiu-se ao côro, onde muito apreciou a magnifica obra de talha que orna as cadeiras dos antigos conegos regrantes, fabricadas de preciosas madeiras mandadas vir do Brasil por el-rei D. Manuel.

Durante a visita tocou o afamado orgão.

Em seguida visitaram o Sanctuario e escreveram os seus nomes no livro dos visitantes. Passaram ao claustro da Manga, donde em seguida visitaram a casa da

Associação dos Artistas

Atravessando pelo interior do edificio, desceram á vasta sala da Associação dos Artistas, por convite da socio, o sr. José Correa dos Santos. Foram recebidos pela direcção, presidida pelo sr. José de Figueiredo Pinto, actual presidente da assembléa geral.

Percorreram a galeria examinando attentamente os quadros que adornam as paredes, entre os quaes se conta

a photographia do sr. Infante D. Augusto, Duque de Coimbra, que o Imperador notou. O sr. Figueiredo Pinto chamou a sua attenção para a assignatura, que o quadro tem, feita pelo proprio punho do sr. Infante, e declarando-se presidente honorario da Associação, o que Sua Majestade observou, exprimindo-se com palavras de contentamento.

Guiado ao recinto, onde estavam collocadas as bancas das aulas, disse-lhe o sr. Figueiredo Pinto que aquellas eram as insignias da casa, significando os instrumentos de ensino dos filhos do trabalho. O monarcha perguntou-lhe se os cursos eram diurnos ou nocturnos, comprazendo-se de saber que eram nocturnos.

Indagou mais quantos eram os alumnos, e se adultos ou menores. Ouvindo que os alumnos eram 200 e 40 adultos aproximadamente, notou o pouco numero d'estes; e logo se despediu, dirigindo expressivas palavras de elogio e incitamento á associação, e aos seus directores, os quaes tiveram constante occasião de observar que o illustrado monarcha se mostrava satisfeito, e reconhecia a utilidade da sua associação, bem como a regularidade com que se acha organisada.

Esta associação, que hoje se acha em estado prospero, foi fundada por esforços do sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que por alguns annos foi seu presidente, e lhe prestou relevantes serviços.

Á despedida o sr. Figueiredo Pinto brindou o Imperador com um exemplar do relatorio da exposição districtal de Coimbra em 1869 e com outro relatorio da gerencia da Associação no ultimo anno.

Quinta das Lagrimas e Fonte dos Amores

Passava das 3 horas quando Suas Majestades e a sua comitiva entraram novamente nas carruagens e partiram para Sancta Clara. Como porém fosse mais cedo do que a hora aprazada com o sr. bispo-conde, sem o qual não podiam penetrar no mosteiro, retrocederam para a quinta das Lagrimas.

Posto que sem prevenção, o sr. Miguel Osorio não duvidava de que a fama historica da quinta das Lagrimas não deixaria de attrahir alli o Imperador: por isso tinha mandado vigiar a direcção que Suas Majestades tomariam para os ir esperar, sem que quizesse fazer-lhes convite especial para visitar a *Fonte dos Amores,* não só em attenção ao incognito que Suas Majestades guardavam, mas ainda porque sua irmã, a exm.ª sr.ª D. Maria do Ó Velasques Sarmento, se achava já gravemente doente da molestia que pouco depois a levou á sepultura.

Vendo que effectivamente o Imperador se dirigia para a sua quinta, mandou adornar todas as janellas do palacio com magnificas colchas da India bordadas, que produziam um bonito effeito pela variedade das cores e riqueza dos bordados.

O dono da casa, sua mãe a exm.ª sr.ª D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes, suas irmãs e sobrinhos desceram para o pateo á espera de Suas Majestades.

Apenas chegaram, o Imperador descobriu-se e affavelmente se dirigiu ao dono da casa, que se aproximara da carruagem, e lhe perguntou se era o sr. Miguel Osorio. Respondeu este que sim, e então Sua Majestade lhe pediu licença para visitar a sua quinta. Disse o

sr. Miguel Osorio que, por esperar já essa honra tinha, vindo com sua familia receber Suas Majestades. Feitas as apresentações do estylo, Suas Majestades dignaram-se subir e entrar no palacio, onde descançaram por algum tempo na bella galeria envidraçada, que estava, como de costume, adornada de plantas e flores, e offerece um deslumbrante ponto de vista das margens do Mondego e da cidade.

Percorreram Suas Majestades as salas, e em todas notaram o bom gosto e simplicidade dos seus adornos, e particularmente apreciaram a sala dos retratos de familia, toda mobilada com trastes antigos, riquissimos e muito apreciaveis pela harmonia do seu estylo.

Demorou-se o Imperador nesta sala a examinar uma collecção de estatuetas, que representam os habitos das diversas ordens religiosas que existiram em Portugal, a qual se acha em dois magnificos armarios antigos de pau preto, ricamente entalhados.

Tambem nesta sala mostrou o sr. Miguel Osorio a Suas Majestades uma apreciavel memoria de D. Ignez de Castro — alguns fios dos seus cabellos guardados em um lindo relicario. Estes cabellos foram obtidos pelo antigo par do reino, o sr. Antonio Maria Osorio, pae do seu actual possuidor, havendo-os do major Rodrigo Fera, que no tempo da invasão franceza, passando em Alcobaça com o regimento de milicias da Figueira, de que o sr. Antonio Maria Osorio era coronel, os alcançou em consequencia da violação feita pelos soldados francezes ao tumulo de D. Ignez.

O que sobremaneira attrahiu a attenção de Sua Majestade foi um jarro e bacia de prata, do seculo XVI, primorosamente lavrados de figuras, castellos e flores em alto relevo, peças de grande valor intrinseco e ar-

tistico. A bacia tem de diametro 58 centimetros e o jarro 48 de altura. Ambas as peças são de lavores, a que os francezes chamam *repoussée,* e que a antiga escola portugueza denominou *bastiães.* Com este nome andam estas peças designadas nos titulos da casa das Lagrimas, pois que é peça que pertencia aos vinculos da mesma casa desde o anno de 1584, em que o instituidor de um dos morgados, Manuel da Serra Chucre, as deixou em seu testamento pelas seguintes palavras: *vinculando juntamente toda a prata ao dito morgado, que consiste em um gomil e taça de bastiães,* etc.

O sr. Miguel Osorio teve a bondado de nos mostrar os titulos da sua casa para vermos se poderiamos saber por elles a origem d'estas preciosas peças e qual o artista que as executou; mas, pela muita pressa com que fazemos este trabalho, não podémos entrar em miudas averiguações; e apenas transcrevemos do *Vocabulario* de Bluteau o que este auctor diz do termo *bastiães:*

«Bastiões ou Bastiães, certo lavor antigo de figuras de metal levantadas. Dizem que se lhes deu este nome em razão de tres irmãos ourives e excellentes artifices, que se chamavam *Bastiões.*» O mesmo auctor, para justificar o vocabulo, cita Gouvea na *Relação das Guerras da Persia,* pag. 176 vers., onde descreve uma baixella de prata lavrada de *bastiões,* obra de relevo de muito feitio, e a *Chronica dos Conegos Regrantes,* onde se descreve *um gomil grande lavrado de bastiães* (liv. 7, fol. 91). Fr. Joaquim de Sancta Rosa de Viterbo dá no seu *Elucidario* a mesma interpretação, e cita um documento de Pendorada do anno de 1395, no qual já se emprega o termo *bastioens.*[1]

[1] O sr. F. Adolpho Warnhagen, no glossario de alguns termos respectivos á architectura, com que termina a sua «Noticia do

A elegancia do jarro, que já esteve exposto na exposição districtal de Coimbra em 1869, é difficil de descrever.

Dirigiram-se Suas Majestades á sala de jantar, que tambem acharam muito elegante; e o sr. Miguel Osorio fez-lhes nòtar que os magnificos aparadores de talha, feitos de nogueira e pau preto, bem como toda a restante mobilia, eram obra de um artista de Coimbra, o sr. Joaquim Gonçalves Fino, que tambem executou as estantes de estylo antigo da sala dos retratos, de que já fizemos menção.

Descendo ao jardim, foram ver uma corpolenta roseira, que attrahe a curiosidade de todos os visitantes, porque tendo só um pé de grossura extraordinaria, forma uma abobada de verdura, que abriga uma área de mais de cem metros quadrados.

Este colosso vegetal só tem rival na celebre videira de Hampton Court proximo a Londres, em um dos parques da rainha de Inglaterra.

Passaram emfim á Fonte dos Amores, onde o sr. Miguel Osorio tinha preparado um mimoso refresco, disposto em duas mesas, debaixo dos cedros que ensombram a decantada nascente de agua. As mesas, collocadas aos lados da corrente, estavam adornadas de flores e elegantes vasos de prata da rica baixella da casa das Lagrimas. Suas Majestades apreciaram immenso a delicada surpreza com que os obsequiou o dono da casa, e serviram-se de varios doces, fructas e vinhos; e tão agradavel acharam o local, que por tres quartos de hora se demoraram juncto da fonte, da qual beberam agua.

Não estava ninguem mais do que o sequito de Suas

mosteiro de Belem» diz: *Bestiães* — Lavores em meio relevo de pedra, ou principalmente em metal, de figuras de animaes, etc.»

Majestades, as pessoas da casa e o sr. bispo-conde, que alli se dirigira, como já dissemos.

A Imperatriz conversou quasi sempre com a sr.ª D. Maria da Conceição, que, pela sua affabilidade e agradavel conversação, tanto captiva todas as pessoas que tractam com tão virtuosa e respeitavel senhora.

O Imperador perguntou se a tradição da Fonte dos Amores tinha fundamento, ao que o sr. Miguel Osorio respondeu, com a sua costumada franqueza, que a tinha por infundada e por devaneios de poetas, pois que o facto do assassinato de D. Ignez de Castro não se podia ter passado naquelle logar, onde naquelle tempo só existiam uns moinhos pertencentes ao mosteiro de Sancta Cruz, mas sim deveria ter acontecido no antigo mosteiro de Sancta Clara, que tinha annexo um paço real, onde, segundo a opinião dos chronistas antigos, taes como Fernão Lopes, residia D. Ignez de Castro; e que a fonte cantada por Camões era seguramente a que corria no mesmo mosteiro, que tambem é propriedade do sr. Miguel Osorio.

Foi muito agradavel ao Imperador a conversação sobre este assumpto, a que o sr. Miguel Osorio deu mais largas proporções.

O assassinato, segundo se lê em outros escriptores antigos, dignos de credito, foi perpetrado nos paços reaes, que estavam junctos do velho mosteiro de Sancta Clara.

O bispo do Porto, D. Fernando Correia de Lacerda, fallando d'estes paços no liv. 3.º da *Vida de Sancta Isabel* (escrevia no anno de 1678) diz:

«Como a Sancta fez aquelles paços para com maior promptidão lograr da companhia das religiosas, e procurava atalhar que lhes não fizessem molestias, ordenou

que nelles se não aposentassem senão as majestades e os infantes successores do reino, ou alguma senhora do seu real sangue, a qual ella nomeasse por sua morte. No tempo d'el-rei *D. Affonso* IV o quizeram devassar differentes pessoas, e el-rei os mandou despejar pelas suas justiças, e ultimamente devassando-os o infante D. Pedro com a assistencia de D. Ignez de Castro, que ainda era de sangue real, e filha de um seu primo com irmão, não tivera licença da Sancta Rainha. E, se bem em sua vida teve presumida a majestade, depois da morte, duvidosa, por mais que el-rei coroasse o cadaver e a sepultura, devassando-os a pessoa, os manchou o sangue, e todos attribuem a sua infausta morte a haver profanado com tão duvidoso thalamo o logar que a Sancta Rainha exceptuara (em obsequio do mosteiro) de toda a habitação menos decente. Hoje d'um e outro edificio ha pouco mais memorias que as ruinas...

«Dos paços se vêem ainda algumas paredes, e é tradição que nellas se lê em manchas de sangue de D. Ignez, escripta em seu original, a crueldade de Alvaro Gonçalves, Pedro Coelho e Diogo Lopes Pacheco, que sem embargo dos piedosos rogos, das lastimosas lagrimas de D. Ignez haverem mitigado com a vista dos formosissimos netos a real ira, lhe fizeram revogar o perdão, e como falcões carniceiros, fazendo das horrendas espadas cruelissimas garras, tendo-a por indigna de ser real, despedaçaram o collo da mais formosa garça, que viram não só as ribeiras do Mondego, mas todos os hemispherios do mundo.» [1]

[1] «Antonio Coelho Gasco na sua *Conquista de Coimbra*, cap. XXVII, narrando o caso de Ignez de Castro, diz: «Cuja tragicomedia foi onde hoje se vê umas ruinas d'uns paços juncto a Sancta Clara d'esta cidade, que se chamam o Culgo, e quasi

O Imperador retirando-se quiz levar comsigo algumas pedrinhas avermelhadas, sobre as quaes corre a agua da fonte, e que a tradição poetica inculca como manchadas do sangue de D. Ignez de Castro. A esta tradição alludem os versos de tres dos nossos mais maviosos poetas:

Aqui da linda Ignez a fermosura
Acabou : crueis mãos morte lhe deram.
Inda signaes de sangue, que verteram
Estão gravados nessa penha dura.

(Antonio Ribeiro dos Sanctos).

Como a fonte d'Ignez soluça ao longe !
Parece inda chorar-lhe a morte escura,
Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadanado.

(J. de Lemos).

Inda, infeliz Ignez, inda saudosos
Estes sitios que amavas te pranteiam.
As aves do arvoredo, os echos, brisas
Parecem murmurar a infanda historia:
Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte
A fonte dos amores, dos teus amores,
Como que em som queixoso inda repete
Ás margens, e aos rochedos commovidos,
Teu derradeiro, moribundo alento.

(Soares de Passos).

Egualmente Sua Majestade quiz levar comsigo um bocado das raizes filamentosas de côr arruivada, que se vêem ondular na agua da fonte, semelhando uma farta madeixa de cabellos. A tradição poetica, da mesma forma que faz ver na agua as lagrimas que pela morte de Ignez de Castro choraram as nymphas, nas pedras averme-

deitados por terra, em lembrança de sua infelicidade, em que está uma aldeia de gente pobre.»

lhadas o sangue da infeliz, inculca tambem aquelle raizame como as tranças de seus cabellos louros. E os *touristes* não se despedem da celebrada fonte sem que levem, como lembrança, alguns fios d'aquelles cabellos vegetaes.

É isto o que sabemos dos cabellos phantasticos de D. Ignez de Castro. Os verdadeiros têm sua historia curiosa.

É sabido que D. Ignez foi sepultada em Alcobaça num rico mausuléu, carregado de delicados lavores, erigido por seu extremoso amante. Quando em 1810 a soldadesca franceza passou por Alcobaça, entrou desenfreadamente no mosteiro, e, abrindo o tumulo, na persuasão de que nelle encontrariam algum thesouro, desacataram os venerandos restos da formosa amante de D. Pedro. Este vandalismo foi praticado no dia 26 de setembro de 1810, vespera da batalha do Bussaco. Foi então o cadaver despojado da sua bella cabelleira, que ainda se conservava em bom estado, mas alguns restos poderam escapar á brutalidade dos soldados. Ferdinand Denis dá testemunho de que vira uma carta do marquez de Rezende, na qual dizia que uma grande porção d'estes cabellos foram levados á côrte do Rio de Janeiro, e que, na occasião em que o conde de Linhares os estava offerecendo a D. João VI, os arrebatara uma forte ventania, sem que jámais fosse possivel tornal-os a encontrar. O mesmo auctor egualmente dá noticia de que uma pequena madeixa dos cabellos de D. Ignez de Castro, que vira noutro tempo no gabinete de Denon, se conservava ultimamente num relicario da collecção do conde Pourtales [1].

[1] Vide *Nouvelle Biographie Généralle*, publicada por Firmin Didot Frères.

A estes factos allude o padre José Fernandes d'Oliveira Leitão de Gouvea, quando diz numa das suas odes:

... até de Castro
Vimos com magoa as cinzas,
E os tenues fios d'ouro pelos Evos
Té alli não profanados,
Á discrição dos Notos, que suspensos
Ficaram, té que as Nimphas
Aos peitos com ternura os transportaram.

Tambem levou algumas *Neretinas Violaceas,* molluscos que se dão muito bem na agua da fonte e que de ha muito tempo têm attrahido a attenção dos naturalistas.

Ao retirarem-se agradeceu muito o Imperador ao sr. Miguel Osorio a franqueza e amabilidade com que o recebeu. O illustre dono da casa pediu então desculpa de não acompanhar a Suas Majestades fóra da quinta, porque o estado perigoso de sua irmã não lhe permittia deixar de assistir a uma conferencia de medicos, que estava para se lhe fazer.

O Imperador teve a amabilidade de lhe dizer que levava d'elle e de sua familia mui gratas recordações, e que, sabendo a amizade que o ligava ao sr. dr. Mathias de Carvalho, nosso ministro no Rio de Janeiro, esperava fallar-lhe no seu nome, e receberia por elle noticias da doente, pela qual muito se interessava; e que sentia que talvez naquella occasião lhe tivesse causado incommodo: ao que o sr. Miguel Osorio replicou que, posto que em momentos de tanta dor, a visita de Suas Majestades era para elle extremamente honrosa e agradavel, e que sentia não os receber condignamente.

Convento de Sancta Clara

Ás 4 horas da tarde já o ex.^{mo} bispo se achava em Sancta Clara para acompanhar os Imperadores na visita ao tumulo da Rainha Sancta. Suas Majestades porém estavam na quinta das Lagrimas, e o ex.^{mo} prelado para alli se dirigiu, acompanhando-os depois para o convento, que corôa o monte fronteiro á cidade.

Ahi a communidade veiu á portaria, o prelado tomou capa de *Asperges,* e os imperiaes visitantes foram conduzidos para o côro superior da egreja, magestoso recinto, a meio do qual se acha o sarcofago, que guarda o corpo da Rainha Sancta Isabel. Tocava o orgão. Os Imperadores, o prelado e a communidade ajoelharam e fizeram oração; mas Suas Majestades não acceitaram as almofadas que lhes estavam destinadas.

Depois o prelado, acompanhado da madre abadessa, dirigiu-se para o tumulo e abriu-o.

As freiras entoaram então uma antifona; o ex.^{mo} prelado cantou a oração de Sancta Izabel, e logo fez a insensação do corpo. Finda esta cerimonia imponente, Suas Majestades beijaram a mão á Sancta esposa de D. Diniz, e o mesmo fez o prelado. Seguiram as senhoras e após ellas os cavalheiros da comitiva.

Em seguida os imperiaes visitantes passaram ao côro de baixo, onde tambem se encontra o primitivo tumulo da Rainha Sancta, obra notavel de esculptura. Percorreram depois todo o edificio, admirando a sua grandeza, excellente posição e esplendido e vasto horisonte que d'elle se alcança; e, tractando tanto as religiosas como o prelado com a mais extremosa urbanidade, sairam do mosteiro.

Jantar, recepção e offertas

Suas Majestades regressaram ao hotel pelas cinco horas e meia da tarde.

O jantar estava marcado para as seis horas, e foi o proprio Imperador que desceu á cosinha, do modo mais familiar, lembrando que se aproximava a hora.

Nesta occasião, passando para a sala alcatifada, do lado direito, ao cimo da escada do primeiro andar, Sua Majestade recebeu algumas pessoas, que se lhe apresentaram.

O sr. Luiz Adelino Lopes da Cruz, caligrapho honorario da casa real, offereceu-lhe um primoroso quadro de differentes caracteres, obra sua, feita á penna. Sua Majestade Imperial apreciou devidamente a offerta, e dirigiu ao distincto caligrapho as mais lisongeiras expressões, não só por aquelle trabalho, como pelo exame que fez das escriptas dos alumnos, que o sr. Lopes da Cruz leccionara em quinze horas na cidade do Porto.

O sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque offereceu ao Imperador uma rica cartonagem azul e ouro, contendo as suas *Considerações sobre o Brazão de Coimbra,* precedidas de uma dedicatoria, dirigida ao monarcha brasileiro, na qual o sr. Seabra descreve, em rapidos e elegantes traços, a historia d'esta cidade desde muito antes da fundação da monarchia até aos nossos dias, e que é como se segue:

Senhor! — Esta cidade congratula-se por ter dentro dos seus muros o magnanimo Imperador das terras de Sancta Cruz.

A nossa formosa Coimbra, Senhor, só por si é um grande livro de historia portugueza.

Lançae os olhos para o seu brazão, que neste opusculo vos

apresento, e elle vos dirá que em tempos já bem remotos, para tornar amigos alanos e suevos, teve de se offerecer em holocausto a nobre princeza Cindazunda.

Funda-se a monarchia portugueza, e alli, nos campos do Arenado, foram as salas do conselho, onde, com tino e mestria, se combinaram as tomadas de Lisboa, Santarem, Alcacer do Sal, Cintra, Cezimbra, Moura, Serpa, Alcochel e Evora.

Em Sancta Cruz jaz o grande heroe de todos esses feitos, o tronco de todos os vossos antepassados, o sr. D. Affonso Henriques.

Em frente vereis o sr. D. Sancho I. As tomadas de Albufeira, Lagos, Portimão, Monchique, Messines e Paderna, mostram de sobejo que de seu pae não só teve por herança o reino mas tambem o seu muito valor.

Não longe, Senhor, existe o castello, onde se escreveu a melhor e mais brilhante pagina do reinado do sr. D. Affonso III! Entrae... não encontrareis barbacans, miradoiros ou torres de menagem; mas pedras haverá ainda que vos fallem de noites bem mal dormidas, d'esse combate entre a fome e a fidelidade ao seu rei, sustentado heroicamente pelo nobre castellão Martim de Freitas.

No monte fronteiro jaz Izabel de Aragão, a virtuosa esposa do sr. D. Diniz, rei lavrador, esse modelo de amor e caridade, que que mereceu ser proclamada sancta pelo oraculo pontificio.

Quasi na raiz do monte, que de lagrimas saudosas e mui sentidas não chorou alli a formosa Ignez de Castro pela ausencia do seu Pedro!... que de horrores, depois, se não sentiram vendo os ternos infantes salpicados no sangue da sua carinhosa mãe!...

Nos paços das escholas, as antigas alcaçovas, fizeram éco as vozes de João das Regras e Nuno Alvares Pereira, ao coroar com o titulo de rei o sr. D. João I, mestre de Aviz; foram os nossos paes, honrados com o titulo de infanções, que primeiro bradaram,— *real real por D. João I, rei de Portugal.*

Hoje, esta universidade, que honraes com a vossa visita, falla-vos dos srs. D. Diniz, D. João III e D. José I, augustos predecessores de Vossa Majestade Imperial, e monarchas que a crearam e muito engrandeceram.

Páro aqui, Senhor, o esboço para tamanho quadro: o primeiro de que vos fallei, foi o que diz respeito ao seu brazão, e é esse, que, beijando respeitoso a mão imperial, peço a Vossa Majestade se digne acceitar.

Coimbra, 4 de março de 1872.

O monarcha tractou o sr. Seabra com a sua natural lhaneza; examinou as primeiras paginas do livrinho, e agradeceu-lhe com muita amabilidade.

Ainda Sua Majestade teve a benevolencia de receber José Alberto Côrte Real, e o sr. João de Sousa Araujo, que posteriormente se desligou da empresa d'este livro. O fim da sua apresentação foi pedirem licença a Sua Majestade para lhe dedicarem esta obra, que então premeditavam, tendo a fortuna de serem honrosamente recebidos, e de alcançarem a graça que sollicitavam.

Por essa occasião Sua Majestade fallou a respeito da imprensa de Coimbra, perguntando se havia jornaes scientificos, como era de esperar d'uma cidade onde tantos homens se dedicavam ao estudo e ensino das sciencias.

Tambem se achava no hotel a commissão de estudantes brasileiros, com quem Sua Majestade conversou familiarmente.

O jantar passou-se sem incidente digno de menção, reduzido como sempre ás pessoas da comitiva imperial. Findo elle, ainda Suas Majestades receberam algumas pessoas, sendo uma d'ellas o conselheiro dr. Antonino José Rodrigues Vidal, que apresentou a Sua Majestade Imperial as ex.^{mas} sr.^{as} D. Francisca Adelaide de Magalhães e Campos, filha do enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal na côrte do Rio de Janeiro, durante a menoridade de Sua Majestade Imperial; D. Januaria de Magalhães e Campos, afilhada de Sua Majestade Imperial e de sua augusta irmã a sr.^{a} princeza D. Januaria; e D. Maria Izabel de Magalhães Campos, filha mais nova d'aquella senhora.

Suas Majestades Imperiaes receberam da maneira mais distincta o sr. dr. Antonino e as tres senhoras da

sua familia, dirigindo particularmente á sua afilhada e mãe d'estas as mais affectuosas expressões, recordando as acções e serviços do ministro Magalhães, um dos mais dedicados amigos de D. Pedro IV no memoravel cêrco do Porto. Sua Majestade Imperial dignou-se trocar a sua photographia com uma duplicada do sr. dr. Antonino, uma como voluntario academico de D. Pedro IV e outra como doutor na faculdade de philosophia. Deu tambem á sua afilhada a sua photographia em troca de outra d'esta senhora. Estes presentes foram feitos por Sua Majestade Imperial na despedida do dia 5.

O sr. dr. Fortunato Raphael Pereira de Sena esteve com Suas Majestades, sendo recebido pela Imperatriz, a quem apresentou as felicitações, que o sr. Antonio d'Araujo Ferreira Jacubina, que foi empregado da casa imperial, natural de Campos, onde reside, o encarregou de transmittir aos seus antigos amigos por terem chegado felizmente a Portugal após a sua longa viagem pela Europa.

Theatro academico

Suas Majestades dirigiram-se ao theatro academico, na rua Larga, onde chegaram cêrca das 9 horas, e se demoraram até ao fim do espectaculo.

Representou-se nessa noite o drama *Pedro,* do sr. conselheiro Mendes Leal.

Á entrada de Suas Majestades a orchestra tocou o hymno brasileiro, e depois d'este o academico.

A Imperatriz trajava vestido alvadio, o mesmo com que sahira de dia.

Em um dos intervallos a direcção da sociedade philantropico-academica foi ao camarote onde estavam os

monarchas apresentar ao Imperador o diploma de socio protector d'aquella sympathica sociedade, que Sua Majestade promptamente acceitou.

Findo o espectaculo retiraram-se para o hotel seria meia noite.

Neste dia houve feriado nos estabelecimentos scientificos e repartições publicas; e á noite, bem como na do dia seguinte, estiveram illuminados os paços da universidade e do concelho, os edificios de varias repartições e muitas casas particulares.

No mesmo dia foram melhoradas as refeições dos pobres e das crianças recolhidas nos respectivos asylos e as dos presos retidos na cadêa, porque o sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, satisfazendo a incumbencia d'um seu amigo, mandára com aquelle fim entregar donativos ás direcções dos dois asylos e ao sr. administrador do concelho.

Dia 5

Visita a varias aulas da universidade

Ás seis e meia horas da manhã o Imperador entrava num banho, e ás sete e meia almoçava rapidamente, partindo para a universidade logo que ouviu tocar o sino das aulas, as quaes Sua Majestade havia manifestado ardentes desejos de visitar.

Os srs. reitor, secretario da universidade e conselheiro Antonino José Rodrigues Vidal, esperavam Sua Majestade Imperial, para o acompanharem ás aulas.

Ás oito horas entrava na aula de *Historia Ecclesias-*

tica (1.º anno de theologia), regida pelo sr. dr. Damasio Jacintho Fragoso, ex-vigario geral de Aveiro, e alli se demorou por espaço de meia hora. Á lição, que versava sobre a fórma do governo da egreja, foi chamado o alumno ordinario n.º 3, o sr. Carlos Brun da Silveira, natural de Angra do Heroismo. O digno professor, a fim de proporcionar ao estudante ensejo para ostentar o seu talento e estudo, tomando a palavra, discutiu com elle.

O sr. Carlos Brun declarou que a egreja tinha uma organisação especial, e disse que não se podia sustentar que ella tivesse qualquer das fórmas de governo da sociedade civil, por não haver perfeita analogia entre o governo d'aquella e o governo d'esta. O sr. dr. Damasio apresentou em primeiro logar argumentos para provar que o governo da egreja era democratico. Respondidos estes pelo estudante, adduziu argumentos para provar que o governo da egreja era monarchico. Demonstrou ainda o sr. Carlos Brun que não era monarchico. Finalmente o sr. dr. Damasio apresentou argumentos em ordem a provar que o governo da egreja era monarchico-aristocratico. Concordou o alumno em que era esta a fórma de governo, que alguns pontos de analogia tinha com o da egreja, mas disse que ainda assim se não podia dizer monarchico-aristocratico — 1.º porque já antes tinha demonstrado que o governo da egreja não era monarchico; — 2.º porque, o que se póde chamar na egreja elemento aristocratico não representava no governo d'ella o que representa o elemento aristocratico na sociedade civil.

Sua Majestade quando sahiu da aula deu signaes manifestos de haver assistido com muita satisfação ao interessante debate.

D'esta aula passou á de *Theologia Dogmatica Especial* (Mystica), regida pelo sr. dr. Antonio José de Freitas Honorato.

Sua Majestade sentou-se no banco da frente, destinado aos hospedes, tomando logar á direita do barão do Bom Retiro, que o acompanhava. Nessa occasião o illustrado lente expunha e desenvolvia o § 41 do tomo 3.º da *Theologia Dogmatica* de Prunny, na parte polemica, em que a resurreição de Jesus Christo é vingada de todas as difficuldades, que costumam suscitar-lhe. O digno lente que explicava foi ouvido com muita attenção pelo Imperador, que depois ouviu com egual interesse o discipulo, o sr. Theophilo Salomão Coelho Vieira de Seabra, natural de Pedorido, estudante muito distincto, que provou com todo o vigor e eloquencia a verdade da resurreição de Jesus Christo. O estudante fôra chamado á lição depois de darem os tres quartos para as nove, porque é a esta hora que o lente ordinariamente pede lição, e o Imperador esteve-o ouvindo quasi até ao fim da aula, que terminou ás nove horas.

O estudante começou fallando sobre a importancia da materia. Fallou depois sobre os esforços da incredulidade de todos os tempos em contestar a verdade da resurreição.

Em traços rapidos alludiu á futilidade das hypotheses dos exegetas racionalistas allemães, dispostos a encontrar o mytho em tudo o que é sobrenatural; e ao mesmo tempo fez justiça a Renan pela superficialidade cynica da sua conjectura romanesca sobre a resurreição de Christo.

Passou depois a expôr o estado do assumpto: multiplicadas apparições de Jesus Christo a seus discipulos; circumstancias que as acompanharam; conversação pro-

longada com os portadores da *boa-nova,* confirmando-os na fé, e continuando assim ainda a sua missão de verdadeiro doutor.

Disse que a divergencia que, á primeira vista, apparecia em a narração dos hagiographos, longe de ser obstaculo, era argumento fortissimo para vencer e confundir os incredulos e condemnar e teimosia dos adversarios do christianismo: accrescentou tambem que, uma vez provada a realidade da morte de Christo, da sua sepultura durante tres dias, e do seu desapparecimento do sepulchro, facto que só por uma resurreição miraculosa podia ter logar, a verdade da these era inabalavel e superior a toda a contestação, etc., etc.

Bibliotheca

Eram nove horas quando o Imperador passou á bibliotheca da Universidade, onde foi recebido pelo director, officiaes e mais empregados do majestoso estabelecimento.

É director da bibliotheca o sr. dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, lente da faculdade de Medicina, cavalheiro dotado de aprimorados dotes, muito versado em litteratura e antiguidades, e especialista de numismatica.

Da entrada contemplou Sua Majestade a perspectiva interior do edificio, e, adiantando-se d'umas para outras salas, foi inquirindo o digno director sobre o numero de volumes impressos e dos manuscriptos contidos na bibliotheca.

Na ultima sala estavam sobre as mesas muitas preciosidades bibliographicas, que Sua Majestade observou,

detendo-se principalmente no exame de uma notavel collecção de mappas geographicos do meado do seculo XVI. Com particularidade dedicou maior attenção ao mappa que designa a parte oriental da America do Sul.

Em seguida viu Sua Majestade primorosos codices manuscriptos dos seculos XII, XIII, XIV e XV, e outras raridades bibliographicas, entre as quaes admirou a biblia hebraica com annotações dos massoretas, obra de grande estimação.

Perguntou Sua Majestade se a bibliotheca possuia algum manuscripto de José Bonifacio de Andrade, e foi-lhe respondido negativamente.

Antes de sahir dignou-se inscrever seu nome no livro dos visitantes. Estava sobre a mesa um album primoroso, destinado a receber a assignatura dos principes que visitarem a bibliotheca, e proximo achava-se o livro geral do registro dos visitantes; e como nelle mostrassem a Sua Majestade a assignatura de sua augusta filha, a serenissima senhora D. Isabel, princeza imperial do Brasil, tomou o Imperador este livro e escreveu seu nome por baixo do da princeza — D. Pedro de Alcantara, 5 de março de 1872.

Esta bibliotheca contém 18:337 obras e 58:032 volumes, comprehendendo 4:105 não classificados.

As obras estão divididas do seguinte modo:

Collecções e jornaes scientificos, litterarios e politicos	162	obras
Sciencias, historia, litteratura e bellas-artes	5:219	»
Sciencias naturaes, artes e officios	6:581	»
Sciencias civis e politicas	4:020	»

. .

Sciencias ecclesiasticas. . . . . 2:355 obras
Os manuscriptos são em numero de ... 2:129 »

A differentes pessoas perguntou Sua Majestade se haviam conhecido Candido José de Araujo e Candido Baptista de Oliveira, seus antigos preceptores, bachareis formados na Universidade de Coimbra, pois desejava conhecer as casas onde residiram. Ninguem lhe soube dar noticia d'elles em razão do muito tempo decorrido desde que cursaram a Universidade.

Sua Majestade perguntou se poderia ver os livros das matriculas, onde desejava procurar os seus nomes.

O digno secretario da Universidade mandou buscar os livros das épocas que o Imperador referiu, e Sua Majestade tirou d'elles a nota da matricula dos seus velhos amigos, que tamanha lembrança lhe mereciam.

Diremos portanto os annos em que elles se matricularam na Universidade.

Candido José de Araujo Vianna, filho do licenciado Manuel de Araujo da Cunha, foi baptisado a 21 de outubro de 1793 na freguezia de Congostas do Sahará, capitania de Minas Geraes. Matriculou-se no primeiro anno juridico no anno lectivo de 1816–1817, e residiu nesse mesmo anno na rua do Forno n.º 93.

Candido Baptista de Oliveira, filho de Francisco Baptista Anjo, nasceu a 8 de fevereiro de 1807, e foi baptisado a 15 do mesmo mez e anno na freguezia do Porto Alegre, capitania do Rio Grande do Sul. Matriculou-se no primeiro anno da faculdade de mathematica no anno lectivo de 1820–1821, e morou na rua da Trindade n.º 48.

Visita ao Observatorio Astronomico e a outras aulas

Da bibliotheca dirigiu-se o Imperador ao observatorio astronomico, onde se demorou pouco, e voltando aos Geraes visitou em primeiro logar a aula de *Hermeneutica sagrada,* uma das do 5.° anno de theologia, que o sr. dr. Manuel Eduardo da Motta Veiga, ornamento da sua faculdade pela sua erudição, e distincto orador sagrado, principiou a reger este anno, em consequencia da jubilação do sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo.

Quando o Imperador entrou na aula, estava dando lição o sr. padre Manuel de Jesus Lino, natural da Covilhã, e discorria com muita sizudeza e boa critica sobre a apreciação e valor dos meios hermeneuticos para a interpretação da escriptura, e sobre alguns meios especiaes empregados pelos exegetas allemães para o mesmo fim, argumentando com o professor, que de proposito lhe apresentava algumas objecções.

Sua Majestade conservou-se até ao fim da lição.

Passou depois á aula de *Physiologia especial* e *Hygiene privada,* no segundo anno medico, regida pelo sr. dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, na qual concluia a sua lição o estudante, o sr. Vicente Urbino de Freitas, natural do Porto, o qual fallou sobre phenomenos nutritivos. Terminada ella, o professor começou a sua prelecção, a qual versava sobre a influencia do systema nervoso na nutrição; sobre a nutrição, os alimentos e os tecidos animaes (*Elementos de physiologia humana,* por

A. A. da Costa Simões, 2.ª parte, §§ 64 e 65). Sua Majestade ouviu attentamente o illustrado professor por espaço de meia hora.

Eram 10 horas, e principiavam as aulas de direito. Sua Majestade só entrou na de direito natural do 1.º anno da faculdade, regida pelo sr. dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, auctor do livro que serve de compendio, intitulado *Philosophia de direito;* livro que tem merecido os gabos de nacionaes e extrangeiros, e pelo qual o sr. dr. Brito recebeu ultimamente do rei de Hespanha, Amadeu I, a commenda da Ordem de Isabel a Catholica, e da academia de legislação de Madrid o diploma de seu socio.

Quando Sua Majestade entrou, estava dando lição o estudante açoriano, o sr. João Jacintho Tavares de Medeiros, natural da Villa do Nordeste (ilha de S. Miguel), e seguiu-se-lhe o estudante o sr Antonio Candido Ribeiro da Costa natural de Candomil.

As lições d'estes applicados estudantes agradaram a Sua Majestade, pela doutrina, fórma e maneira como a materia foi exposta, mostrando ao illustre visitante o quanto o sabio lente se tem esforçado por elevar o ensino da *philosophia de direito* na Universidade.

Quando o monarcha entrou, o sr. Medeiros concluia a sua lição, e por isso transcrevemos a ultima parte, a qual é como se segue:

«Mas vejamos qual a primeira manifestação social e a primeira realisação practica da mutualidade de serviços.

«Todo o facto regulado pelo direito é sem duvida a concreção da idéa da associação; mas o facto que pri-

meiro revela a mutualidade de serviços e que melhor a traduz é a familia, que abre as portas do mundo ao homem. Não é a familia romana que existia por estar *in potestate, in manu,* nem mesmo a familia primitivamente germanica que se constituiu simplesmente por investigações naturaes, mas sim a familia christã organisada pelo casamento, pelo qual o homem e a mulher como duas metades d'um todo se completam um pelo outro, constituindo assim uma unidade superior e harmonica, e, segundo Troplong, a união do homem e da mulher depurada pelo fogo da graça e pela assistencia do espirito divino, elevando-se até ao céu pela santidade do sacramento. E essa união, a que Deus communicou um poder creador, é o sanctuario da procreação e foco intimo onde se cultiva tudo que é divino e humano; é esse designio de Deus para harmonisar no mundo physico o dualismo originado pela opposição dos sexos.

«É essa sociedade uma e ao mesmo tempo multiplice de religião, de moral, de educação, de economia e de direito, onde, constituidos os seus membros num organismo completo, primeiramente se prestam mutuamente auxilios.

«Depois vem o municipio, que unifica as varias familias d'uma localidade, porque ainda assim as suas forças não podem satisfazer à grandeza do fim. Em seguida apparece a nação subordinando as municipalidades a principio harmonico. E sobre tudo vem a humanidade, ideal de perfeição a que aspiram todos os individuos, todos os municipios e todas as nações.»

O sr. Antonio Candido possue elevados dotes e qualidades oratorias, e a sua lição, a que bem pode chamar-se discurso, abundou em rasgos de eloquencia e

imaginação. Traslademos duas das melhores passagens em que o talentoso academico se refere, com extrema delicadeza, a dois factos gloriosos da vida do soberano brasileiro — a recusa de uma estatua, e a abolição da escravatura:

A familia é uma eschola onde são escrupulosamente joeiradas as tendencias, e d'onde refogem muitas ignorancias.

A familia é uma eschola. Olhemol-a por esse lado.

O seculo actual, que deu azas ao vapor para encurtar as distancias que separavam os povos, e poz em facillima communicação o pensamento de homens que vivem em climas differentes, não podia deixar de ter todo o interesse no estabelecimento de escholas, que são o meio de ensaiar todos os povos para o grande convivio da civilisação e do amor, e de preparar todos os homens para a omnimoda effectivação dos divinos principios de Jesus.

Eu sou fanatico por quem abre uma eschola. É o melhor documento que pode deixar para a sua historia uma grandeza real.

As escholas,— digo-o bem alto, e muito me desvaneço com poder dizel-o aqui — as escholas desentranham-se em resultados que dizem mais, valem mais, e duram mais do que o bronze fundido em estatua, ou o marmore alevantado em monumento a commemorarem uma victoria, ou a pregoarem um heroismo.

Dizem mais e valem mais, porque do coração de cada um dos filhos d'essas escholas se ergue uma gratidão, que não perece, em monumento a toda a hora e sempre alluminado pela luz que *alguem* fez na sua intelligencia d'elles.

A humanidade, inspirada pela justiça, abençoa os que mandam converter em pão do espirito a pedra de uma estatua....

....

....

Eu não sou apaixonado por esses systemas de educação que hoje vigoram, e cujas excellencias por ahi tanto preconisam.

Não quero que a mulher seja simplesmente uma coisa bonita: quero antes que a mulher seja uma entidade boa; quero-lhe a intelligencia allumiada, sim,— mas desejara muito que a maior força da luz fosse empregada em mostrar-lhe a sua missão nas altezas em que deve ser vista.

Não sei porque, agrada-me mais a mãe que no remanso do seu lar prepara com bem pensados conselhos o seu filho para as grandes luctas da vida, do que a mulher que do seu gabinete

acompanha os vôos da sciencia, ou dá aos mais phantasiosos devaneios todo o sentimento de que dispõe.

Todos nós sabemos o que vale uma mãe. Sabemol-o por nós, e sabemol-o pela historia....

Dois homens figuraram na scena do mundo de modos bem encontrados. Um tinha os labios engatilhados num sorriso de desdem para tudo o que fosse bom e augusto e divino; — o outro tinha na alma um hymno para toda a belleza, e nos olhos uma lagrima para toda a desgraça. Voltaire e Lamartine..... Um e outro, sabe-o a França, sabem-no todos, nada mais foram do que o traslado das qualidades de suas respectivas mães.

Para a sr.ª de Lamartine tem a historia corôas de perpetuas. Para a outra..... Ainda ha o appello da historia para Deus.

Eduquem, pois, as mães de familia, que nisso grande serviço fazem ás gerações por vir. Eduquem-nas, e ver-se-ha então eloquentemente feito — o *elogio funebre* dos collegios.

....

....

Eu seria injusto se, chegado a este ponto, não dissesse que a mulher e a familia devem muito, mais que muito, ás beneficas influencias do Christianismo.

Troplong demonstra na sua dissertação «da Influencia do Christ. sobre o Direito Civ. Romano» que para bem da familia mais e melhor actuou a religião christã do que o elemento barbaro. Eu creio-o, porque sei que o Christianismo cedo se manifestou, lançado á consciencia dos povos, como uma prodigiosa semente de revoluções.

Quando o Christianismo appareceu, ainda em muita parte a mulher jazia occulta na sombra projectada no lar pelo marido, e os filhos eram uma como propriedade alienavel. Não admira.

Era a edade dos escravos, que a principio representaram um pequeno progresso, e foram depois um grandissimo crime. A civilisação hodierna vai-se pouco a pouco depurando d'essa macula.

Mercê de Deus, e graças a espiritos bem alevantados, já o sol d'estes dias com os seus prefulgentes raios não doura em muitos paizes azorragues e gargalheiras. São essas as conquistas da civilisação, visiveis para quantos têm olhos.

Essas milhares de frontes, hontem escravas, hoje livres, alevantam-se para o céu a pedir bençãos para quem soube conhecer liberdades, e respeitar direitos. Deus ouve a prece de corações agradecidos. A historia fará justiça aos redemptores d'uma tão consideravel porção da humanidade.................

....

....

O Imperador escutou toda a lição com visiveis signaes de interesse, e sahindo da aula cortejou o sr. Antonio Candido, manifestando-lhe d'este modo que havia apreciado as provas, que acabava de dar, do seu talento e habilidade oratoria.

Sua Majestade não ouviu o professor d'aquella cadeira. Fechara a pauta para explicar aos seus discipulos a doutrina das *associações religiosas;* porem Sua Majestade, pelo fechar da pauta, entendeu que os trabalhos escholares naquella aula estavam findos, e por isso sahiu.

Muzeu

Deixou o Imperador a Universidade e dirigiu-se ao muzeu. Aqui visitou primeiro o pavimento inferior do edificio, onde estão as seguintes repartições, pertencentes á faculdade de medicina: dispensatorio pharmaceutico, theatro anatomico, gabinetes de anatomia normal e pathologica, de histologia, microscopia e physiologia experimental, de chimica e de historia natural medica com os seus instrumentos, collecções scientificas e respectivas aulas.

D'estas visitou em primeiro logar a do 1.º anno de medicina.

Visita ao gabinete de physiologia experimental e a varias aulas

Apresentou-se o Imperador no gabinete de physiologia experimental cinco minutos antes da hora da respectiva aula.

O professor, o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, estava regulando a velocidade do myographo

d'Helmholtz; e o preparador, o sr. dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, habilissimo operador, occupava-se em dispôr convenientemente os apparelhos de correntes musculares e de apreciações thermo-electricas, que tambem tinham de funccionar naquelle dia.

O Imperador, como simples particular, e segundo o seu costume nesta viagem, estendeu a mão ao professor logo que se avistaram; começando por lhe agradecer o exemplar da sua obra de physiologia, já publicada em 1864. Conversaram sobre os trabalhos de physiologia experimental nos laboratorios de França e Allemanha; mostrando-se o Imperador interessado nos que dizem respeito á distincção entre a contractibilidade dos musculos e a excitabilidade motriz dos nervos por meio do curare do Pará [1].

O Imperador fallou tambem da experiencia denominada *resurreição das rans,* em que estes animaes, depois de se terem conservado por tres ou quatro dias com aspecto de rans mortas por envenenamento pelo

[1] Curare ou Urary; veneno de frechas usado na caça e na guerra pelos gentios do Alto Amazonas e outros povos selvagens. Sobre os processos de preparação d'este veneno, veja-se uma memoria do medico do Pará, dr. Francisco da Silva Castro, datada de 16 de outubro de 1865, e publicada no *Instituto*, de Coimbra, tomo XIV. Intitula-se *Nota sobre a droga urary ou curare.* Esta memoria acompanhou uma remessa de curare, de muitas frechas envenenadas, d'um arco de frechas e dos utensilios empregados na preparação do curare (manga de expressão ou *typyti*, e peneira de depuração ou *urupema*) solicitados, por intermedio do nosso ministro dos negocios estrangeiros, pelo professor d'esta cadeira da nossa universidade, quando se achava em viagem pela França e Allemanha e outros paizes da Europa, em desempenho da missão scientifica de que fôra encarregado, juntamente com o sr. dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, por portaria do ministerio do reino de 18 de agosto de 1864 (Relatorios d'uma viagem scientifica por A. A. da Costa Simões, Coimbra, 1866).

curare, como que resuscitam recuperando o antigo vigor e agilidade.

Estas e outras experiencias, mais ou menos ligadas com as mencionadas propriedades physiologicas dos tecidos muscular e nervoso, e com os processos da absorpção geral, não eram estranhas ao Imperador, porque as tinha visto nas lições praticas de Cl. Bernard, a quem deram em outro tempo merecida celebridade, no collegio de França, estas descobertas em physiologia experimental por meio do curare. Quando soube do professor que noutra época do curso tambem aquellas experiencias aqui se costumam fazer no gabinete de Coimbra, mostrou alguma surpreza em quanto não soube tambem que o professor e preparador d'esta cadeira tinham seguido em 1865 o curso d'estas experiencias no collegio de França; e que, alem d'isso, tinham seguido, por fineza especial, os trabalhos particulares do mesmo Cl. Bernard no seu laboratorio reservado.

A proposito do myographo, que o professor estava regulando, conversaram sobre as modificações feitas naquelle apparelho de Helmholtz, por Du Bois-Reymond, segundo as quaes o exemplar de Coimbra tinha sido construido em Berlim por Sauerwald. Fallaram da facilidade com que se obtêm optimos registros da contracção muscular e da velocidade da acção nervosa com aquelle apparelho, d'um machinismo aliás muito complicado, e da maior difficuldade que esses registros offerecem no myographo de Warey, que o gabinete de Coimbra tambem possue, apezar da vantagem que se dá na maior simplicidade d'este ultimo myographo.

O Imperador não tinha ainda visto o myographo d'Helmholtz, nem outros dos apparelhos allemães, que se acham no gabinete de Coimbra, porque não tinha

podido descer ao exame de taes particularidades nos laboratorios de physiologia experimental da Allemanha; e não os podia ter visto nos laboratorios de Paris, que Sua Majestade visitou com mais vagar, porque esses laboratorios ainda hoje não dispõem do material de trabalho de que se acha munido o nosso gabinete de Coimbra desde 1866.

Depois da conversa em objectos d'esta ordem entre o Imperador e o professor, começou o trabalho escolar d'aquelle dia, que, segundo o programma da cadeira, consistia exclusivamente em trabalhos experimentaes dos alumnos, coadjuvados pelo professor e pelo preparador. Um grupo de alumnos occupou-se em apreciar as mudanças de temperatura que se dão nos musculos, quando passam do estado de repouso ao de contracção empregando para esse fim a pilha thermo-electrica de Heidenhain (construida em Breslau), ligada por conductores apropriados com a *bussola de espelho* de Wiedemann (do fabricante Sauerwald de Berlim). Para outro lado do gabinete trabalhavam outros alumnos com o apparelho de correntes musculares de Du Bois-Reymond, tendo como indicador das correntes electricas o grande galvanometro multiplicador tambem de Du Bois-Reymond.

O Imperador mostrou-se muito interessado nestas experiencias dos alumnos; e attendeu especialmente áquellas, cujo resultado contrariava em grande parte o que se lê como materia corrente nas obras de physiologia experimental sobre algumas particularidades da manifestação da corrente muscular e da direcção d'essa corrente electrica. Num d'esses pontos o professor interrompeu o trabalho dos alumnos com este apparelho de correntes musculares; e repetiu essas experiencias

com a modificação, de sua lembrança, por onde se demonstra practicamente que a direcção d'essas correntes musculares não se acha convenientemente formulada pelos escriptores de que tem noticia.

Continuaram seguidamente os trabalhos dos alumnos; e o Imperador, aproveitando este intervallo, entretinha-se em conversação de interesse com o professor sobre aquella modificação experimental e sobre todas aquellas experiencias em que apparecia alguma cousa de novidade no gabinete de Coimbra.

Foi então que o secretario da Universidade o advertiu de que se estava passando a hora de assistir a outras aulas de medicina. O Imperador perguntou ao professor se ainda poderia encontrar os alumnos nestes trabalhos depois de ter visitado as outras aulas; e como soubesse que o adiantamento da hora o não permittia, despediu-se do professor com o mesmo caracter de simples particular, com que o tinha comprimentado á entrada.

Tudo se passou d'este modo, sem se alterar em cousa alguma o andamento regular d'esta ordem de trabalhos em dias ordinarios; porque nestes dias de exercicios experimentaes não ha logar especial para professor, preparador e alumnos: todos trabalham de pé ou sentados num ou noutro ponto do gabinete, segundo a commodidade do serviço. Neste gabinete de trabalho todas as cadeiras e mezas são communs ao professor, preparador e alumnos; e é por isso que este dia de aula se prestou a conversas particulares entre o Imperador e o professor.

O gabinete estava cheio de espectadores, que seguiam o Imperador por todas as aulas, além da comitiva imperial e do cortejo official de que faziam parte os srs. reitor e secretario da Universidade.

Passou á aula de *medicina operatoria,* no 2.º anno, regida pelo sr. dr. Filippe do Quental, antigo deputado, que estava fallando sobre recepções subperiosticas.

Dirigiu-se depois á aula do 5.º anno medico, onde é estudada a *hygiene pública.* O respectivo professor, o sr. dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello, que por muitas vezes tem sido tambem deputado ás côrtes, fallava sobre cemiterios, que era o objecto da lição.

Visita ao gabinete de physica e outras secções do muzeu

Dos estabelecimentos da faculdade de medicina passou o Imperador aos da faculdade de philosophia, subindo para o pavimento superior do museu, e começando por visitar o gabinete de physica.

Na aula que precede o gabinete foram-lhe apresentados pelo reitor os dois professores de physica, os srs. dr. Jacintho Antonio de Sousa e dr. Antonio dos Santos Viegas, aos quaes Sua Majestade recebeu com a costumada affabilidade, mostrando conhecer já de nome o sr. dr. Viegas, com quem particularmente se entreteve durante a visita ao gabinete.

Concluida em poucos instantes esta apresentação, pediu o Imperador que lhe mostrassem o que havia mais notavel no estabelecimento. E reparando na machina pneumatica de dois corpos de bomba existente na aula de physica, observou que modernamente aquelle apparelho era substituido com vantagem pela bomba de mercurio do systema Geissler; e perguntou se havia no gabinete um apparelho similhante. Casualmente,

porém, estava sobre a meza um *ôvo electrico,* preparado para uso da aula, no qual poucos minutos antes se havia feito o vacuo com uma bomba de mercurio d'aquelle mesmo systema, que é a que serve ordinariamente no laboratorio de physica. Advertido d'esta circumstancia, o Imperador mostrou desejo de ver a bomba em occasião opportuna.

Entrando na primeira sala, continuou do mesmo modo a perguntar pelos apparelhos mais importantes da physica moderna, taes como: a maquina electrica de Holtz, os apparelhos acusticos de Helmholtz, os diapasões de Lissajous, spectroscopios, apparelhos de polarisação, e varios outros, os quaes todos Sua Majestade promptamente reconhecia e designava pelos seus proprios nomes, apenas se lhe indicava o logar onde taes instrumentos se encontram.

O oculo de Merz, destinado para a mallograda observação do eclipse solar de 1870, hoje pertencente ao gabinete de physica, attraiu por alguns instantes a attenção de Sua Majestade, que, a proposito de tal instrumento, mostrou conhecer particularmente, não só os constructores Merz e Répsold que o executaram, mas tambem os sabios contemporaneos que mais se têm distinguido pelos seus descobrimentos em physica celeste: eram-lhe familiares os nomes de Hüggins, Lockier, Janssen, Lecchi, Respinhi, etc.

Voltando á aula deteve-se ainda o Imperador a examinar o grande inductor de Ruhmkorff, com o qual o sr. dr. Viegas executou varias experiencias, para mostrar a extraordinaria força d'aquelle notavel apparelho, cujas faiscas attingiam facilmente a distancia de 30 centimetros, e quando o apparelho se ligava com uma bateria electrica, eram acompanhadas de tal estalido, que

bem se podiam comparar ao verdadeiro raio. Sua Majestade, a quem estas experiencias muito agradaram, mostrou apreciar devidamente a excellencia do apparelho.

Durante a visita ao gabinete procurou o Imperador informar-se do methodo seguido no ensino da physica, e perguntou com particular interesse se, alem do ensino, se faziam na Universidade trabalhos experimentaes tendentes ao adiantamento da sciencia; e, como soubesse que para este fim se estabelecera ultimamente um laboratorio no andar inferior ao do gabinete de physica, declarou que desejava não sahir do museu sem visitar tambem o novo estabelecimento.

Sahindo d'aqui entrou nos vastos salões e galerias do muzeu de historia natural, que atravessou acompanhado sempre pelos srs. reitor da universidade, dr. Antonino José Rodrigues Vidal, dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, dr. Jacintho Antonio de Sousa, dr. Antonio dos Santos Viegas e dr. Manuel Paulino de Oliveira, com os quaes conversaram muito o Imperador e as pessoas da sua comitiva, especialmente o sr. barão do Bom Retiro, que com o sr. dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho fallou sobre a organisação da instrucção publica no Brasil, e sobre os seus projectos d'este ramo de serviço publico quando foi ministro de estado.

O sr. Francisco Augusto Correia Barata, doutorando de philosophia, offereceu ao Imperador um exemplar, nitidamente impresso, da sua dissertação inaugural sobre chimica, o qual Sua Majestade recebeu com muito agradecimento, e manifestando sentimento por não poder assistir ao seu acto grande.

Foi apresentado ao Imperador o sr. Francisco Paulo,

preparador de zoologia, o qual lhe havia offerecido ha tempos quatro exemplares de esqueletos de pequenas aves mettidos em frascos de vidro. Por este motivo o Imperador perguntara por elle, e, vendo-o, agradeceu-lhe cordealmente o seu presente, e elogiou a delicadeza do seu trabalho.

Depois de ter percorrido as repartições do andar nobre do edificio, foi Sua Majestade conduzido ao laboratorio de physica, cuja disposição examinou minuciosamente, adduzindo a proposito judiciosas reflexões, e encarecendo com justiça a importancia de similhantes estabelecimentos.

Na sala principal do laboratorio teve ensejo de ver a bomba de mercurio, pela qual logo no principio havia perguntado, e de prompto a reconheceu como inteiramente similhante á que lhe tinham mostrado na escola polytechnica de Paris; não se esquecendo mesmo de advertir que existe uma recente modificação de taes apparelhos, que os torna mais commodos e faceis de manuzear.

Alem da sala principal do laboratorio percorreu ainda o Imperador as casas contiguas, onde se encontra uma pequena officina de instrumentos e um deposito de machinas antigas e de pilhas; e até a casa escura, onde se montam as pilhas, Sua Majestade viu e examinou com olhos de entendedor.

Ao terminar a visita mostrou-se o Imperador muito agradado de tudo que vira nos estabelecimentos de physica; e, voltando-se para o sr. Porto Alegre, exprimiu-se nos seguintes termos: *realmente a physica está aqui bem representada; é dos melhores gabinetes que vimos na viagem.*

Laboratorio chimico

Terminada a visita ao muzeu, atravessou para o estabelecimento fronteiro, onde está o laboratorio chimico e a aula de *chimica inorganica* do 1.º anno de philosophia. Examinou o primeiro, e entrou nesta, assistindo a parte da prelecção do sr. dr. Miguel Leite Ferreira Leão, que fallava das theorias da constituição dos sáes.

No laboratorio, entre outros mancebos, alumnos de pharmacia, achava-se o sr. Nuno Freire Dias Salgado. O Imperador, conhecendo-o, e informando-se de que este mancebo não se via em circumstancias lisongeiras de fortuna, e era moço applicado, acariciou-o, e concedeu-lhe uma pensão de 20$000 réis mensaes, em quanto cursar a Universidade, assim como o pagamento das respectivas matriculas e livros.

Este acto de significativa bondade revela um testemunho de consideração ao visconde de Sapucahi, casado com uma irmã da avó do agraciado, mestre que foi das filhas do Imperador, e senador do imperio.

Voltou o Imperador á Universidade para visitar, no observatorio Astronomico, a aula de *mechanica celeste* do 5.º anno mathematico, regida pelo sr. dr. Jacome Luiz Sarmento. Estava á pedra dando lição o distincto estudante, o sr. Francisco da Costa Pessoa, natural de Cantanhede, que fallou sobre as formulas geraes que determinam as variações seculares dos elementos do movimento elliptico e de suas importantes consequencias relativas á estabilidade do nosso systema planetario

(*Theoria analytica do systema do mundo,* por Ponté-coulant, cap. 7, n.º 54 e seguintes).

O Imperador demorou-se por muito tempo, escutando attentamente tanto a lição do estudante como as explicações do lente.

Visita ao sr. dr. Antonio de Carvalho

Repetidas vezes, na sua passagem por Coimbra para o Porto, e na sala dos capellos, havia o Imperador manifestado interesse muito particular pela saude do sr. dr. Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos, lente da faculdade de philosophia, e director geral de instrucção publica.

Deixando o observatorio astronomico, fez caminho por casa d'este cavalheiro, e foi visital-o.

O sr. dr. Antonio de Carvalho continuava doente da longa enfermidade que ainda soffre, mas estava de pé. O bondoso monarcha, entrando, abraçou-o affavelmente, e deu-lhe noticias de seu irmão, o sr. dr. Mathias de Carvalho, fazendo-lhe honrosissimas ausencias; e dizendo que tinha recebido carta d'elle havia poucos dias, e que não lhe escrevesse o sr. dr. Antonio de Carvalho, porque queria ser Sua Majestade o primeiro a communicar-lhe noticias suas.

Depois de se informar da sua saude, e de fallar de algumas cousas de Coimbra, conversaram muito sobre a Universidade. O Imperador gabou o gabinete de physica, a proposito do qual elogiou o sr. dr. Antonio dos Santos Viegas. Fallando da organisação dos estudos, notou os pequenos ordenados que percebem os lentes, e referiu que os professores no seu imperio estão em

condições muito mais favoraveis, e comtudo ainda os não considera devidamente retribuidos, attendendo ás grandes despezas que elles precisam fazer com livros e com viagens de instrucção. Occuparam-se tambem do systema das substituições na Universidade, admirando-se o monarcha de que os substitutos não tivessem cadeiras certas, por ser este o melhor meio de adquirir especialistas, e de aproveitar os professores que se dedicam a ramos determinados da sciencia.

Exprimia-se Sua Majestade como quem professa amor por estes assumptos e é versado nelles, e teceu grandes elogios á Universidade, dizendo que como corpo, como estabelecimento collectivo de todas as sciencias, era das melhores cousas que levava registadas na sua carteira de quanto vira na viagem.

Emfim, depois de palavras muito consoladoras para o sr. dr. Antonio de Carvalho, e de despedidas muito affectuosas, tanto ao illustre enfermo como a sua esposa, retirou-se, deixando consignada uma prova de consideração e deferencia honrosissima para aquella familia, podendo ser considerada como resultado das sympatias que adquiriu no animo do monarcha o sr. dr. Mathias de Carvalho como ministro de Portugal na sua côrte, sympathias que tem sabido inspirar egualmente a todos os nossos compatriotas residentes no imperio brasileiro, assim como aos naturaes.

Jardim Botanico

Da casa do sr. dr. Antonio de Carvalho dirigiram-se o monarcha e sua comitiva para o Jardim Botanico, apeando-se á porta principal.

O director, o sr. conselheiro dr. Antonino J. R. Vidal, mostrou do largo da fonte a Sua Majestade a vista geral da eschola Linneana primitiva, os terraplenos orientaes superiores e medios, onde se acham dispostas as plantas segundo o systema das familias naturaes de Endlicher; indicou o passeio publico, continuação do Jardim Botanico, desde a pyramide da gradaria fronteira á formosa *Araucaria excelsa,* dadiva de Sua Majestade el-rei o sr. D. Fernando.

O mesmo director chamou a attenção de Sua Majestade para a formosa e gigantesca *Magnolia grandiflora,* que se destaca do resto da eschola Linneana, bem como para os dois grandes tulipeiros (*Liriodendron tulipifera*) aos cantos fronteiros da porta principal: ao situado no canto do norte chama-se vulgarmente — *Arvore do ponto,* em allusão á floração da arvore em maio, quando termina o tempo lectivo e começam os actos.

Seguiram depois para a entrada lateral e septentrional do jardim, onde se acha a alameda fronteira ao magestoso edificio do collegio de S. Bento, onde actualmente está o lyceu d'esta cidade, e serve tambem de esidencia dos directores, cathedratico e substituto, do jardineiro e criados do estabelecimento, com as respectivas officinas.

Desceram depois para as estufas, e logo na entrada do pavilhão o director chamou a attenção para os fetos arborescentes — *Toddaea africana,* dadiva do barão de Muller, director do jardim de Melbourne, na Nova Hollanda. Sua Majestade achou excellente o seu aspecto, e por essa occasião referiu, que no Brasil havia d'aquelles fetos de um tamanho gigantesco, que se assemelhavam aos caracteristicos das antigas épocas do globo. Entra-

ram depois para a galeria oriental, ricamente povoada das mais raras e brilhantes especies equatoriaes, chamando o director a attenção de Sua Majestade para a *Monstera adansonii,* cujos fructos são da doçura e fragrancia mais exquisitas; para a *Pandanus utilis,* que Sua Majestade declarou ser muito sua conhecida; e para muitas outras especies raras, onde avultam bastantes obtidas por generosidade do distinctissimo botanico Hooker, director do jardim de Kew.

Por occasião da visita ao pavilhão, achou-se na comitiva o sr. conselheiro e ministro honorario, bispo eleito do Algarve, dr. Antonio Ayres de Gouveia, que o director apresentou a Sua Majestade, o qual o recebeu e comprimentou da maneira mais cordial.

Passou-se depois ao exame da galeria occidental da estufa, onde sobresahem muitas bananeiras anãs e outras muitas plantas raras das *caetaceas,* etc.

Visitaram depois a estufa de reproducção, onde existem muitas *orchydeas epiphytas,* algumas já em floração, e com um aroma fragrantissimo. O director chamou a attenção de Sua Majestade para muitas plantas raras, e particularmente para as quinas, especialmente para a *Cinchona succirubra,* cujos ensaios de cultura nas nossas provincias ultramarinas promettem o mais feliz resultado.

Sua Majestade, que havia em Paris annunciado á sociedade de Botanica a cultura das quinas no Rio de Janeiro por iniciativa sua, gostou muito da noticia, que o director lhe deu.

Seguiu-se a visita á estufa dos *ananazes* e tambem de reproducção, onde se acham o *Coqueiro* e outras plantas raras.

Sua Majestade, muito satisfeito com esta visita das

estufas, desceu para a eschola Linneana, demorando-se juncto da grande *Magnolia*, e subiu para o terrapleno meridional adjacente, onde se acha um gigantesco exemplar de *Tilia*, que Sua Majestade admirou.

Seguiu-se a visita da escola de plantas medicinaes, d'entre as quaes sobresae a bella arvore de camphora *(Cinnamomum camphora)*.

Passou a visitar os terraplenos medios meridionaes, em que se acham em pequena floração duas familias vegetaes interessantes, as *Proteaceas* e *Leguminosas* da Nova Hollanda, que fazem contraste com a vegetação dormente da maior parte das outras plantas do jardim, dictas de folhas caducas.

Sua Majestade gostou muito das especies de que o director fez destacar alguns ramos, que lhe offereceu, sobresaindo uma *Bankria* magestosa.

Subiu a comitiva para a alameda meridional, d'onde o director mostrou a Sua Majestade a collecção completa das especies de *Araucaria*, e um exemplar de *Eucalyptus falcata*, de mais de trinta annos de edade. Deu-se a Sua Majestade a noticia de que no canto oriental da alameda, quasi na extremidade da magestosa gradaria exterior do jardim, havia um eco endecassylabo, que infelizmente emudecera então, por causa do vento sudoeste desabrido.

Visita ao Observatorio Meteorologico

O Imperador chegou á porta principal do observatorio, onde o esperavam o director e os empregados do estabelecimento. Era acompanhado pelos srs. barão do Bom Retiro, reitor da universidade e conselheiro

dr. Antonino J. R. Vidal. Teria Sua Majestade subido meia encosta da collina, sobre que assenta o edificio, quando se manifestou agradavelmente impressionado pela vista que descobria d'este ponto, elogiando muito a escolha do local para aquella edificação.

O director do observatorio, o sr. dr. Jacintho Antonio de Sousa, disse então que, se Sua Majestade quizesse ter o incommodo de subir á torre do edificio, descobriria um bello panorama, que se estendia para um lado a quatro leguas e para outro a não menos de sete, ao que o Imperador respondeu, «havemos de lá ir»; e apenas entrado no edificio dirigiu-se á torre, onde foram indicados a Sua Majestade os logares mais notaveis, que d'aquella elevação de 145 metros acima do nivel do mar se descobriam — taes como as serras do Bussaco, da Louzã, do Espinhal, cabo Mondego, etc. Sua Majestade demorou-se muito a contemplar aquella admiravel vista, julgando-a mui digna de ser copiada.

Notando que o telhado da torre era provisorio, teve o director occasião de referir o destino d'aquella parte do estabelecimento e as causas que tinham demorado a construcção da cupula girante, que em breve ia ser collocada, bem como o instrumento adquirido por occasião do eclipse total de 1870, com o qual se fariam observações das manchas do sol e spectrometricas d'este astro e dos planetas.

Sahindo d'alli para a casa do anemographo e do electrographo, desejou Sua Majestade que o director lhe explicasse o mechanismo d'estes registradores, que lhe eram ambos desconhecidos.

Por esta occasião o director, descrevendo o electrographo de Thomson, manifestou ao Imperador a sua opinião sobre a importancia do registro continuo da

electricidade atmospherica, e lamentou que aquelle apparelho, tão bem concebido em principio, posto em acção, se inutilisasse em pouco tempo, a ponto de estar desarmado em Kew e em Lisboa, sendo a causa d'isso o emprego do acido sulphurico no interior do apparelho. O director disse que tinha proposto em Inglaterra o emprego de outras substancias e que ia ensaial-as. Sua Majestade desejou que se obtivesse bom resultado, concordando na importancia do registro da electricidade atmospherica no meio da complexidade dos phenomenos meteorologicos.

Descendo, passou á casa dos barometros, onde notou o padrão de Welsh com 30 millimetros de diametro, o cathetometro que lhe serve de escala, construido por Adie, e o barometro de Adie (systema Fortin), onde se fazem as leituras directas da pressão atmospherica. Sua Majestade quiz verificar qual era a pressão atmospherica naquelle momento e fez uma leitura.

D'alli se dirigiu á casa photographica, onde funcciona o baropsychrographo construido por Adie em Londres, segundo as indicações do director, que fez uma descripção do apparelho, insistindo nas dimensões da cuba do barographo, calculada em ordem a que a variação do nivel do mercurio fosse inferior á fracção de millimetro, apreciada na leitura directa, e no thermometro compensador, que pela primeira vez se construira para aquelle instrumento, e de que o director daria conhecimento a Sua Majestade com o auxilio d'um lapis.

Desceu depois á casa subterranea, onde funccionam os magnetographos. O director fez uma resumida descripção d'aquelles apparelhos, que registram photographicamente e d'um modo continuo os elementos magneticos: — força horisontal — força vertical e de-

clinação, notando uma modificação importante, que Sua Majestade de certo não vira em Kew, como eram os telescopios, que serviam para em qualquer occasião observar os tres elementos, que occulta e invisivelmente se iam registrando no papel photographico. O Imperador quiz fazer uma leitura no magnetographo de declinação; ajustou a lente do reticulo e viu que a divisão da escala coincidia então com o mesmo reticulo.

Sua Majestade, passando d'alli á casa da bibliotheca e do telegrapho, lembrou logo ao director que era occasião de lhe explicar o thermometro compensador do barographo, ao que o director satisfez immediatamente, desenhando em um papel o tubo do barographo e o thermometro compensador sobreposto, e explicando como aquelle thermometro fôra calculado para que a distancia vertical entre as duas superficies livres do mercurio, nos tubos do barographo e do thermometro, ficasse constante, embora variasse a temperatura, não variando a pressão atmospherica. O sr. D. Pedro mostrou-se muito satisfeito de ver como, por meio tão simples, se conseguira o que mais complicadamente se procurara obter, sem resultado bastante satisfatorio; e perguntou de quem era aquella lembrança, ao que respondeu o director — que nascera d'uma conversa entre elle, o director do observatorio de Kew e o constructor Adie, quando em casa d'este tractavam do modo por que devia ser feito aquelle instrumento. Na mesma casa examinou Sua Majestade detidamente os registros photographicos, demorando-se mais nos dos magnetographos que coincidiram com auroras boreaes.

Sahindo do edificio, dirigiu-se Sua Majestade a uma casa situada a E., onde se fazem as determinações absolutas magneticas, e lá examinou os instrumentos, que

estavam collocados, e procurou conhecer o modo por que funccionavam, do que o director deu informação.

Passou finalmente a ver os dois terraços do observatorio, onde estão collocados os instrumentos meteorologicos de leituras directas, como são — o psychrometro, thermometros de maxima e de minima, udometros, atmometro, osonometro, etc.

Dando o Imperador por terminada a visita, com expressões muito lisongeiras para o estabelecimento e para o director, pediu este a Sua Majestade a graça de deixar o seu nome escripto no livro dos visitantes, ao que Sua Majestade assentiu mui delicadamente, entrando na casa onde está aquelle livro e escrevendo — *5 de março de 1872 — D. Pedro d'Alcantara — Rio de Janeiro.*

O director do observatorio acompanhou o Imperador até á porta principal, onde recebeu novas expressões de louvor não vulgar para o estabelecimento cuja edificação, organisação e direcção lhe foram confiadas.

O sr. conselheiro dr. Antonino J. R. Vidal, na qualidade de director da faculdade de philosophia, informou mui explicitamente a Sua Majestade de que o sr. dr. Jacintho havia sido o fundador d'aquelle estabelecimento, e que pelo seu zelo e intelligencia superior o havia elevado á grande perfeição, em que se acha.

D'alli seguiram pelo largo do Castello, rua dos Estudos, largo da Feira, e Arco do Bispo até á esquina da rua de Mathematica, formada pelo predio, que habitou o antigo lente da faculdade de philosophia, dr. José Bonifacio de Andrade, tutor de Sua Majestade, e actualmente pertencente ao sr. José Maria Jacob.

Recepção

Terminada alli a excursão d'este dia, recolheu-se o Imperador ao hotel, onde já aguardavam Sua Majestade o conselho da associação dos artistas, a commissão de academicos brasileiros, e muitas outras pessoas.

O sr. José Libertador de Magalhães Ferraz apresentou-lhe a seguinte manifestação:

A associação dos artistas de Coimbra, profundamente agradecida á benevolencia com a qual Vossa Majestade Imperial se dignou honral-a na sua visita á casa da associação, ousa implorar a Vossa Majestade Imperial que haja por bem declarar-se seu protector. A associação confia tanto em que lhe seja conferida esta graça, quanto conhece a sympathia que Vossa Majestade Imperial tem pelas corporações, que como esta são destinadas não só a soccorrer os seus socios na desgraça, mas a derramar a instrucção pelo povo.

Coimbra, 4 de março de 1872.—*José Libertador de Magalhães Ferraz* — *Joaquim Nobre Soares* — *João Pereira de Miranda* — *José de Figueiredo Pinto*, presidente da direcção — *José Antonio Bisarro* — *Mathias da Costa Pereira.*

Sua Majestade dignou-se acceder a este pedido, e assim se declarou protector da associação.

O sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, director da imprensa da universidade, apresentou-lhe a felicitatação do monte-pio da mesma imprensa, dirigida a Suas Majestades, e a que a associação conimbricense do sexo feminino, por elle fundada, endereçava a Sua Majestade a Imperatriz, e ao mesmo tempo lhe pedia a graça de declarar-se sua protectora. Aquelle pedido foi deferido com extrema amabilidade, accei-

tando Sua Majestade a Imperatriz o titulo de protectora d'aquella associação.

As manifestações são as seguintes:

Senhor: — A associação do monte-pio da imprensa da universidade felicita a Vossa Majestade Imperial e a sua Excelsa Esposa, testemunhando por este modo quanto lhe é grata a sua honrosa visita a esta cidade, e os votos que faz para que Vossas Majestades regressem com auspiciosa viagem ao imperio do Brasil, a prosperidade do qual tanto nos interessa, pelos intimos laços fraternaes, que ligam os dois paizes.

Se Vossa Majestade não gozasse com tão justo conceito os titulos de monarcha illustrado, liberal e magnanimo, um outro titulo lhe dava incontestavel direito á nossa estima e sympathia — ser Vossa Majestade o herdeiro do nome de quem restaurou a liberdade do nosso paiz, outorgando-nos o nosso codigo fundamental, consolidado por tantos actos de heroicidade, practicados pelo augusto pae de Vossa Majestade Imperial e por seus valentes companheiros de armas.

Diguem-se, pois, Vossas Majestades aceeitar a nossa veneração e as respeitosas homenagens que lhes tributamos.

Coimbra, 4 de março de 1872.

Senhora: — A associação conimbricense do sexo feminino manifesta o jubilo, de que se sente possuida, pela visita de Vossa Majestade Imperial e de seu Augusto Esposo a esta cidade.

A fama das altas virtudes, que ennobrecem a Vossa Majestade Imperial, já de ha muito havia echoado neste paiz. E por isso que esta associação, só constituida de pessoas do sexo feminino, vem tributar suas affectuosas homenagens á Esposa exemplar, á mãe carinhosa, á soberana magnanima, elevando á augusta presença de Vossa Majestade Imperial uma supplica respeitosa para que se digne acceitar o titulo de protectora da associação conimbricense do sexo feminino.

Coimbra, 4 de março de 1872.

O sr. José Melchiades Ferreira Sanctos mereceu tambem a honra de se despedir do Imperador, e, aproveitando o ensejo para lhe pedir desculpa das faltas por

ventura occorridas na hospedagem, exprimiu-se nestes termos:

«Vossa Majestade não devia ficar satisfeito com os preparativos que fui encarregado de lhe proporcionar, posto que Vossa Majestade seja inimigo de pompas; entretanto, nas condições em que está Coimbra, que não é um grande centro, não me seria possivel fazer mais, prescindindo Vossa Majestade, como tem prescindido em toda a sua viagem, de recepções officiaes.»

Sua Majestade fez-lhe a honra de responder:

«Tudo estava bom; estou satisfeito, e nem era preciso tanto. Agradeço-lhe muito.»

E apertou-lhe affectuosamente a mão.

Partida

Aproximava-se a hora da partida, e por tanto toda a comitiva entrou nas carruagens, que já não podiam ser descobertas por se ter tornado chuvoso o tempo que até então mantivera toda a amenidade propria do mez de março.

Grande numero de pessoas acompanharam Suas Majestades á estação; o sr. bispo, governador civil, governador militar, general da divisão, dr. Antonino José Rodrigues Vidal, reitor e secretario da universidade, commissão academica brasileira, e muitas outras pessoas. Teve porém as honras da despedida o ex.^{mo} sr. Bernardo José d'Abreu, general reformado, que militou sob as ordens do Imperador D. Pedro IV nas linhas do Porto, onde foi tres vezes ferido gravemente. O velho general apresentou-se ao sr. D. Pedro II, e Sua Majestade manifestou-lhe em termos frisantes a subida estima

que lhe inspirava o velho e distincto soldado de seu fallecido pae.

Os academicos, depois de Suas Majestades entrarem para a carruagem, levantaram vivas repetidos a *Sua Majestade o Imperador do Brasil, ao libertador dos escravos, ao filho do immortal D. Pedro IV.* Logo em seguida ao sylvo da machina, annunciando a partida do comboio especial, Sua Majestade Imperial, destacando quasi meio corpo, com o chapéu na mão, fez a mais expressiva despedida, saudando enthusiasticamente a multidão apinhada na *gare,* que lhe correspondeu freneticamente.

Donativos de Suas Majestades

Os Imperadores deixaram assignalada a sua visita a esta cidade com importantes donativos, de que passamos a dar noticia.

Além da mezada concedida a um joven estudante, subdito brasileiro, de que já fizemos menção, fez egual beneficio ao sr. Luiz Militão Pereira d'Aquino, tambem brasileiro da cidade de Campos e estudante.

— Á *Associação dos Artistas* noventa mil réis.

— Á *Associação Consoladora dos Afflictos* egual quantia.

— Á *Associação Conimbricense do Sexo Feminino* egual quantia.

Presentes

Alem dos brindes feitos a Sua Majestade o Imperador, já mencionados na descripção do primeiro dia, resta-nos dar noticia de outros.

No fim da visita aos estabelecimentos universitarios, o sr. visconde de Villa Maior, reitor da Universidade, offereceu-lhe uma collecção de livros escriptos pelos doutores da Universidade, cujos titulos são os seguintes:

Algebra superior, por L.-B. Francoeur, novamente traduzida, correcta e augmentada pelos lentes jubilados da faculdade de Mathematica, Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto — 1871.

Geometria analytica, por L.-B. Francoeur, novamente traduzida, etc., pelos mesmos — 1871.

Elementos de mechanica racional dos solidos, por Francisco de Castro Freire — 1863.

Complementos de geometria destriptiva de L. Fourci, pelo dr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto — 1853.

Elementos de astronomia, pelo mesmo — 1858.

Hospitaes da Universidade de Coimbra, projecto de reconstrucção do hospital do Collegio das artes, por A. A. da Costa Simões — 1869.

Elementos de physiologia humana, com a histologia correspondente, por Antonio Augusto da Costa Simões. Primeira parte. Physiologia geral, tomo 1.º, com 103 gravuras no texto — 1861.

— Segunda parte. Physiologia especial, tomo 2.º, com 124 gravuras no texto — 1863.

— Segunda parte. Physiologia especial, tomo 3.º — 1864.

Topographia medica das cinco villas e Arega, ou dos concelhos de Chão de Couce e Maçãs de D. Maria, em 1848, com o respectivo mappa topographico e carta geologica, por A. A. da Costa Simões — 1860.

Noticia dos banhos de Luzo — Apontamentos sobre a historia, melhoramentos e administração d'estes ba-

nhos, com duas estampas do edificio, por A. A. da Costa Simões — 1859.

Relatorios de uma viagem scientifica, por A. A. da Costa Simões (com um appendice) — 1866.

Lições de direito criminal portuguez, redigidas segundo as prelecções oraes do ex.mo sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, impressas com sua permissão por A. M. Seabra d'Albuquerque — 1861.

Medicina administrativa e legislativa, etc., por José Ferreira de Macedo Pinto. Primeira parte. Hygiene publica — 1862.

— Segunda parte. Policia hygienica — 1863.

Toxicologia judicial e legislativa, por José Ferreira de Macedo Pinto — 1860.

Compendio de Veterinaria, 2.ª edição, pelo dr. José Ferreira de Macedo Pinto, volume 1.º — 1854.

— Volume 2.º — 1854.

Projecto do codigo de commercio, por Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel — 1870.

Motivos do projecto do codigo de commercio, pelo auctor do mesmo projecto — 1871.

Memorias do Bom Jesus do Monte, em Braga, por Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel, 2.ª edição. — 1861.

Novos elogios historicos dos reis de Portugal ou *principios de historia portugueza*, para uso das escholas, por Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco — 1856.

Manual historico de direito romano, pelo mesmo — 1848.

Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra, no tempo da invasão dos denominados jesuitas, etc., edição de folio — 1771.

Breves apontamentos sobre a procedencia, natureza e si-

gnaes das linhas trigonometricas, escripto para uso dos alumnos que frequentam a cadeira de mathematica elementar no Seminario episcopal de Coimbra, por Luiz da Costa e Almeida — 1868.

Theoria dos contactos das superficies e curvas no espaço e nas principaes applicações, pelo mesmo — 1869.

Exposição succinta dos principios fundamentaes do calculo das variações, pelo mesmo — 1870.

Noções elementares da sciencia dos numeros, pelo mesmo — 1871.

Discursos, recitados em côrtes como deputado, e na Universidade como professor e reitor, pelo ex.[mo] sr. dr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, visconde de S. Jeronymo, colligidos e publicados com sua permissão por A. M. Seabra d'Albuquerque — 1871.

Ephemerides astronomicas, calculadas para o meridiano do observatorio da Universidade de Coimbra, para uso do mesmo observatorio e da navegação portugueza, para o anno de 1863.

—— Para 1872 e 1873.

Posição geographica do observatorio da Universidade de Coimbra.

Estatutos da Universidade de Coimbra, edição do folio em tres volumes — 1772.

O Papa Rei e o Concilio, por Manuel Nunes Giraldes — 1870.

Carta do auctor do livro — O Papa Rei e o Concilio, a seu pae o sr. Gregorio Nunes Giraldes, 2.ª edição — 1871.

Philosophia do direito, por Joaquim Maria Rodrigues de Brito, 2.ª edição — 1871.

Estudos sobre a doutrina da proporcionalidade, espe-

cialmente sobre a definição v do livro V de Euclides, pelo dr. Antonio José Teixeira — 1865.

Lições de philosophia chimica, por Joaquim Augusto Simões de Carvalho, 2.ª edição — 1859.

O sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes offereceu a Sua Majestade o Imperador um exemplar dos tres tomos do *Mundo Allegorico,* ou o plano da Religião Christã, representado no plano do Universo, dedicado ao clero da nação portugueza; original posthumo do celebre philosopho Jeronymo Soares Barbosa, deputado que foi da Juncta da Directoria geral dos Estudos e Escolas do reino na Universidade de Coimbra, e socio da Academia real das Sciencias.

A Sua Majestade a Imperatriz offereceu um exemplar do *Godfredo, ou Jerusalem Libertada,* poema heroico, composto no idioma toscano por Torquato Tasso, principe dos poetas italianos, traduzido na lingua portugueza por André Rodrigues de Mattos; edição feita pela de 1682, e agora precedida d'uma extensa noticia sobre a vida e escriptos de Torquato Tasso. A nova edição foi dedicada a Sua Majestade el-rei o sr. D. Fernando.

Com aquellas e outras importantes publicações tem o sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes prestado um grande serviço á nossa litteratura.

Os volumes offerecidos, em optimas encadernações, foram recebidos com a maior demonstração de agradecimento.

Para darmos uma idêa da importancia da primeira d'aquellas obras, transcrevemos o que seu sabio auctor disse quasi no fim do preambulo da mesma:

É o objecto d'esta Obra mostrar o Plano da Religião Christã, representado e formalisado no Plano do Universo. É este um

como Theatro immenso, cuja architectura, decorações e vistas estaveis e permanentes, são formadas pelos grandes corpos, que o adornam, e que parecem gyrar sempre á roda de nós; os Céos, digo, com todos os seus astros; e a Terra com todos os animaes, plantas e productos, que a compõem e revestem. Nesta Terra, como em uma grande scena, apparecem, desde o principio do mundo até agora successivamente, varios actores, que, debaixo das mesmas personagens e figuras, representam, em differentes actos e em differentes tempos, os mesmos dramas, dirigido tudo pela Providencia, a fim de manter e adeantar a sua grande obra da Religião eterna; e a Egreja Christã, composta de bons, e de máos, e rodeada de Nações incrédulas, como espectadores interessados, cooperam por differentes modos para o mesmo fim.

Neste magnifico Theatro tudo é allegorico e representativo, quer sejam objectos, quer acções. Os objectos da Natureza, assim mudos, como são, têm sua linguagem bem expressiva: pois chamando de contínuo as nossas attenções pelas impressões vivas, agradaveis, estupendas e uniformes, que fazem sobre nossos sentidos, por estes transmittem aos espiritos intelligentes grandes verdades, que o homem não pode ver senão neste espelho. Deus os creou para isto principalmente, e só o atheu é que pode dizer que nada significam, senão o que offerecem á vista. Ora, assim como todos estes objectos da Natureza são significativos, assim o são tambem todos os acontecimentos da Historia do Povo de Deus, combinados com os dos Povos e Nações infieis. Todos elles são precursores, e propheticos de outros, que na serie dos seculos lhes succederam, e hão de succeder até o fim do mundo. O reino de Deus, e o Mundo-Politico serão sempre o que foram.

Nada ha de novo debaixo do Sol. O que foi ha de ser sempre; de sorte que os factos dos homens, que precederam, vêm a ser umas imagens, representações, e allegorias reaes dos que lhes succederam, e hão de succeder. O Mundo-Historico é uma figura, como o é o Mundo-Physico, com a differença d'esta ser estavel e permanente, e aquella successiva e transitoria.

Por isto, que acabamos de dizer, já se vê que o Plano Divino da Religião, explicado pelo Plano tambem Divino do Universo, não pode deixar de unir em si todos os methodos, que seguiram nos Tractados da verdadeira Religião os que procuraram adaptal-os á capacidade commum dos homens, unindo nelles a força do raciocinio com o prazer da imaginação, e servindo-se das mesmas imagens, similhanças e comparações, tiradas dos objectos sensiveis, para com ellas fazerem perceber o que o olho do homem nunca viu, nem o ouvido ouviu, nem veio jámais ao pensamento do mesmo, deixado a si. Os que para isto se ajudaram da Poesia não podiam deixar de assim o fazer. Po-

rém aquellas imagens e figuras são pela maior parte de pura invenção, e partos do ingenho e da phantasia. As que nós porém empregámos no nosso Plano têm a vantagem de serem as mesmas, que Deus escolheu, e destinou na Natureza e na Revelação, para nos pintar e proporcionar as verdades invisiveis e sublimes da sua Eterna Sabedoria. Assim não podem ellas deixar de ser as mais acertadas, e as mais proprias para este fim.

Por esta razão nenhuma das allegorias, que propômos, tanto no Physico, como no Historico, é arbitraria. Todas são fundadas sobre a Revelação, que não nos pode enganar na sua escolha, como nem tão pouco nas verdades, que debaixo d'ellas esconde. Verdade é, que a Escriptura nem em todos os objectos da Natureza, e factos da Historia, nos faz esta applicação do que é —visivel ao que é invisivel. Mas, feita ella uma, e outra vez em objectos e factos da mesma especie, é de razão, que, pela regra da analogia, se extenda a outros, que estão na mesma classe e paridade. Quando S. Paulo nos diz, que as cousas de Deus invisiveis se fazem visiveis nas mesmas obras da creação, se bem se entendem, nenhuma d'ellas exclue d'esta applicação; antes as comprehende nella todas. Se pois alguma vez por paridade de razão extendemos a allegoria a algum objecto, ou acção, a que a Revelação a não extende, ella entra nas Regras, Axiomas, e Principios geraes, que fazem a base de todo o Plano, etc., etc.

O sr. José Frederico Laranjo, estudante muito distincto do segundo anno de direito, e escriptor aprimorado, enviou a Sua Majestade um exemplar do seu livro intitulado — *Conteúdo e criterio do Direito.*

Leiria

Na estação de Pombal deixaram os Imperadores a via ferrea, dirigindo-se a Leiria, onde entraram no dia cinco ás 10 horas e meia da noite.

A cidade do Liz achava-se vistosamente illuminada. Na praça, por onde passou o cortejo, tocou a musica, lançaram-se ao ar numerosos foguetes e foram saudados os viajantes com enthusiasticos vivas.

A camara municipal ornou os paços do concelho com vistosos arcos e columnas da ordem dorica, com as divisas das principaes cidades e com muitas bandeiras portuguezas e brasileiras.

Pernoitaram os augustos viajantes na hospedaria do sr. Oliveira e ahi foram comprimentados pelas principaes auctoridades da terra e por varias pessoas de distincção.

Dia 6

Batalha

O Imperador mostrára ardentes desejos de visitar o mosteiro da Batalha, o monumento mais glorioso, mais patriotico e mais bello de Portugal.

Ás cinco horas da manhã do dia 6 entravam na villa os illustres viajantes, aos sons alegres do repicar dos sinos e das harmonias da philarmonica batalhense.

Na frente do monumento esperava-os o presidente da camara, o director das obras publicas Carlos Augusto d'Abreu, pagador Francisco Augusto d'Aguiar e Sousa, o architecto das obras do mosteiro Lucas José dos Sanctos Pereira, operarios e grande multidão de povo.

Logo que Sua Majestade chegou juncto do monumental edificio, analysou attentamente a sua nobre fachada e o portal, tão ricos de lavores e de bellezas architectonicas, celebradas pela penna inimitavel de fr. Luiz de Sousa.

Disse Sua Majestade que não entraria no templo sem que o dia aclarasse mais, pois que áquella hora ainda no interior não havia luz sufficiente para poder exami-

nar as suas fórmas. Quando estava analysando todas as partes do frontispicio, acercou-se do sr. director das obras publicas, e lhe fez algumas perguntas.

Entrando no templo examinou attentamente a sepultura do architecto. Dirigiu-se á maravilhosa capella do fundador, com cuja fabrica e belleza ficou impressionado. D'aqui seguiu pela nave central, e quando caminhava, algumas vezes se voltou para traz a contemplar o bello effeito da janella superior ao portico, que conserva ainda os seus vidros primitivos. Notou depois as bellezas da capella-mór com as suas elegantissimas janellas, que é para lastimar verem-se em parte obstruidas por um retabulo de madeira sem valor algum.

Sahindo da egreja, foi ver os capacetes de D. João I e de D. João II, e collocou sobre a cabeça o elmo que já cingira a nobre fronte do grande mestre de Aviz.

Examinaram em seguida a celebrada casa do capitulo, onde viram o busto do architecto que effectuara tão arrojada construcção. Notaram tambem os formosos vidros coloridos da parte superior da janella.

Seguindo pelo claustro, dirigiram-se ás capellas imperfeitas, onde Sua Majestade muito admirou o primoroso trabalho do portico. Neste logar foram entregues pelo sr. director a Suas Majestades duas caixinhas da mesma pedra de que é fabricado o monumento, sendo-lhes offerecidas por dois operarios das obras do mosteiro.

Sahiram em seguida para os terraços, e o Imperador foi até á alta varanda do corochéu da Cegonha, d'onde gosou o formoso panorama que d'alli se domina. Achando-se alli com o director das obras publicas, fez-lhe varias perguntas a respeito da topographia do local, onde se feriu a gloriosa batalha de 1385, commemorada pelo monumento que estava visitando.

Em quanto o Imperador subiu á varanda da Cegonha, ficou a Imperatriz no terraço da capella imperfeita, e ahi esteve fallando com o architecto o sr. Lucas José dos Sanctos Pereira, ao qual fez varias perguntas sobre o monumento, comparando-o com outros que viu no estrangeiro. Disse-lhe a Imperatriz que achava as obras modernas em perfeita harmonia com as antigas. Nesta occasião o sr. director das obras offereceu á Imperatriz algumas moedas de cobre, do tempo de D. João I, que tinham sido achadas em varios desaterros, em terrenos do edificio. Sua Majestade acceitou-as com toda a benevolencia, e agradeceu muito ao architecto das obras a sua lembrança. As moedas eram das que se denominam *ceitis*.

O Imperador quiz ainda examinar outra vez a capella do fundador. Ahi, com uma penna que lhes foi dada pelo director das obras publicas, assignaram Suas Majestades os seus nomes no livro dos visitantes.

Durou a visita por espaço de tres horas.

Ás oito partiram para Alcobaça, para onde os acompanhou o director das obras publicas de Leiria.

Alcobaça

Pouco depois das nove horas da manhã chegaram Suas Majestades á notavel villa de Alcobaça, onde visitaram o celebrado mosteiro, cabeça de ordem cisterciense.

Á entrada do convento eram esperados pelas auctoridades e por varias pessoas de distincção.

Fizeram demorada visita ao mosteiro dos frades de S. Bernardo, e especialmente deram attenção á gran-

diosa casa da livraria, sachristia e aos tumulos de D. Pedro I e D. Ignez de Castro, cujos cadaveres, segundo resa a tradição, foram por ordem de D. Pedro collocados com os pés de um em frente dos do outro, *de maneira que no dia de juizo, se resuscitarem na mesma posição, vêem-se immediatamente um ao outro depois de terem visto o céu.*[1]

O Imperador leu varios epitaphios, e perguntou por uma campa em que se vê gravada a efigie do individuo cujas cinzas ella cobre, mandada collocar na soleira de uma porta para que os frades calcassem a referida figura e a esfregassem com os pés, em castigo de offensas por elle feitas á communidade. Não sabemos mais pormenores d'esta tradição, e falta-nos o tempo para os averiguar.

Visitado o mosteiro, foram almoçar á hospedaria. Durante o almoço tocaram tres bandas de musica, e subiram ao ar immensos foguetes.

Pouco depois das onze horas deixaram a villa de Alcobaça.

Caldas da Rainha

Logo que constou que Suas Majestades haviam de passar pelas Caldas da Rainha, tractou o presidente da camara, o sr. Francisco Eduardo de Andrade Pimentel, de convocar uma reunião do maior numero de pessoas influentes d'aquella villa, a fim de se assentar na melhor maneira de commemorar a passagem dos illustres viajantes. Lembrou á assembleia que o meio que lhe pa-

[1] *Portugal. Recordações do anno de* 1842 pelo principe Lichnowsky.

recia mais digno e mais conforme com os sentimentos de Suas Majestades, era um acto de beneficencia e caridade para com a pobreza e desvalidos da fortuna, analogo ao que em outras occasiões solemnes esta povoação tem costumado practicar.

Propoz que se désse aos pobres um jantar ou ração de peixe, arroz e pão, acompanhado de algum dinheiro. Approvado este alvitre tão racional, foi logo aberta uma subscripção entre os membros da assembleia, e se nomeou uma commissão para promover donativos dos habitantes da villa, a qual obteve 55$545 réis.

A commissão era composta dos srs. presidente, José Galvão Peixoto Lobato, director do correio — thesoureiro, João Fernandes Ventura Coelho, recebedor da comarca — secretario, Joaquim Pereira Alves, negociante — José de Noronha Abreu e Lima, escrivão de fazenda — José Salles Henriques, proprietario — Antonio Rodrigues Senna, escrivão de direito — Manuel Cypriano Gomes Mafra, fabricante de louça — Francisco de Sousa, idem — Antonio de Sousa Liso, idem — Francisco Albano, artista.

Na praça principal da villa se collocaram as rações e esmolas sobre varias mezas embandeiradas, forradas de damasco e convenientemente adornadas de jarras magnificas, feitas do barro, tão conhecido, d'esta localidade, com a galanteria que se nota nos artefactos d'este genero, em que são eminentes os industriaes da villa.

Deliberou-se que aos pobres recolhidos se levasse uma esmola de 300 réis a cada um.

Feitos assim os preparativos, e animada a festa pela philarmonica da villa, que de bom grado e gratuitamente se prestou a tocar, procedeu a commissão á distribuição do bodo na propria occasião da passagem e pequena demora de Suas Majestades, que só se deti-

veram o tempo sufficiente para se operar as mudas das suas carruagens.

Distribuiram-se n'aquella occasião cento e dez esmolas constantes de um kilo de pão, meio kilo de arroz, meio de bacalhau, e 100 réis em dinheiro. Os cento e dez pobres, munidos previamente da competente senha, receberam a esmola por mão de quatro crianças, sendo duas do sexo masculino e duas do sexo feminino.

Além d'estas esmolas deram-se mais quarenta e quatro de 300 réis cada uma a pobres e familias envergonhadas.

É digna de todos os louvores a benemerita commissão, que tanto fez, attendendo-se ao pouco tempo de que dispoz, pois, tendo sido constituida no domingo 3 ás duas horas da tarde, dava de si tão boa conta na quarta feira 6, á uma da tarde.

Suas Majestades foram esperados na praça pela camara, juiz de direito, delegado e mais empregados judiciaes, dr. Rezende, administrador do hospital, administrador do concelho, parocho e varios ecclesiasticos e grande quantidade de povo. Era este em tão grande numero que o Imperador, por occasião de receber a felicitação que lhe dirigiu o presidente da camara, o sr. Andrade Pimentel, se lhe mostrou admirado d'aquelle extraordinario concurso, e lhe disse que lhe parecia ser importante esta povoação pelo grande numero de individuos, que alli via. O sr. Pimentel respondeu que era effectivamente uma terra de numerosa povoação, e além d'isso muito celebre esta villa pelas suas aguas thermaes, tão conhecidas. Disse logo Sua Magestade que d'ellas tinha conhecimento, assim como do magnifico hospital.

Fez depois o sr. Pimentel saber ao Imperador que

este estabelecimento estava preparado para receber a visita de Suas Magestades, e pediu-lhe licença para lhe apresentar o administrador do hospital, que alli se achava para ter a honra de comprimentar a Suas Majestades. O sr. D. Pedro recebeu affavelmente o administrador, e com elle fallou por algum tempo, fazendo-lhe varias perguntas relativas ao hospital, taes como qual o numero de camas e dos doentes, tanto internos como externos, que alli affluiam a aproveitar-se dos banhos, etc.

Foram tambem apresentar seus comprimentos os srs. juiz de direito, delegado, administrador do concelho e outros cavalheiros, a todos os quaes Sua Majestade apertou a mão e dirigiu palavras affectuosas.

Quando o sr. Andrade Pimentel, presidente da camara, dirigiu a Suas Majestades a felicitação em nome do municipio, disse lhes que os habitantes d'esta villa, em vez de arcos de triumpho e salvas de artilheria para commemorar a passagem de Suas Majestades, antes quizeram solemnizal-a com um acto de beneficencia e conforto aos pobres, no que julgavam conformar-se com os bondosos sentimentos manifestados por Suas Majestades em diversos pontos do reino por onde haviam passado: ao que os Imperadores responderam ambos, um após outro, que effectivamente nada poderiam ter feito os habitantes d'aquella villa que tanto lhes agradasse como o acto de beneficencia que estavam presenceando, que muito lh'o louvavam, e muito se regosijavam com elle.

As filhas dos srs. Barões do Bom Retiro e Itaúna, em quanto se faziam as mudas, apearam-se e foram ver as mezas onde se distribuia o bodo, e pediram informações da quantidade dos generos alimenticios e da esmola pecuniaria que se dava a cada pobre dos que alli iam, e da destinada aos pobres recolhidos, e disse-

ram que o que estavam vendo era o que mais podia agradar a Suas Majestades. Observaram os bellos vasos de flôres e jarras, e escreveram apontamentos em suas carteiras.

O Imperador conversou algum tempo com o sr. juiz de direito, e de todos se despediu, pedindo desculpa de se não apear, porque o tempo era pouco, e contava ir jantar ao Cereal pelas 4 horas, tendo almoçado em Alcobaça ás onze horas, e chegado ás Caldas á uma hora e meia.

Suas Majestades não poderam ver o hospital, porque apenas se demoraram na villa cerca de 15 minutos.

Mandaram entregar vinte libras á commissão de beneficencia para distribuir pelos pobres da villa.

Este acto de beneficencia dos Imperadores é a continuação de outros já practicados, e com que deixaram memorada a sua vinda a este paiz.

QUARTA PARTE

VIAGEM DOS IMPERADORES DO BRASIL

EM PORTUGAL

QUARTA PARTE

Lisboa

Lisboa é uma das mais formosas cidades do mundo, a mais formosa das mais ricas, e a mais rica das mais enthusiasticamente festejadas por poetas e viajantes.

A excellencia de seu porto, a magnificencia de seus edificios, a bondade de seu clima e as vastas relações do seu commercio, dão-lhe fóros de notavel distincção. É a capital do reino, a séde do governo, o nucleo das grandes explorações industriaes, e o centro d'onde parte o movimento e a força para todos os pontos do nosso paiz.

Difficil, senão impossivel, seria o enumerar-lhe as multiplices bellezas, que tanto maravilham quem as vê, por serem constituidas pelos mais aquilatados primores das artes e da natureza. Tambem alli avultam sumptuosos monumentos, paginas eloquentes e indeleveis

da nossa historia, que fallam de feitos gloriosos e dedicações heroicas, como só portuguezes souberam practicar, incitados pelo amor da patria e pelo brio de cidadãos prestantes.

Junto d'ella sereno se deslisa o majestoso Tejo, que, provindo das terras de Castella, vem como a prestar preito á rainha das cidades.

Os arredores são jardins floridos que a natureza esmaltou de formosas galas e adornos para deleite da vista e saudavel pureza do ambiente.

É Lisboa qual esplendida odalisca, descançada em recosto voluptuoso, que seduz pela majestade de sua belleza e pela graça de seus atavios e enfeites.

Os extrangeiros que a contemplam, sentem-se captivos de tamanhos encantos; mas ella compensa generosamente a admiração que lhe votam e a sympathia que lhe tributam.

Foi por isto que Lisboa, mirando-se no largo espelho do crystalino Tejo, se revestiu com todas as galas da seducção para receber a visita lisongeira de dois viajantes illustres, que iam ennobrecel-a mais com a sincera homenagem do seu apreço e consideração.

E ainda mais, porque os Imperadores do Brasil, chefes d'uma nação filha da nossa, e ligada á nossa pelas mais cordeaes relações, illustrados e caridosos, se tornavam dignos da consideração publica, e mereciam, pela sympathia que souberam inspirar, os altos preitos que uma tão nobre cidade lhes votava.

E assim a capital lhes fez uma recepção esplendida, e em sua honra se adornou com as suas mais preciosas galas e enfeites.

Lisboa não faltou ao que devia aos Imperadores e á fama da sua mesma grandeza.

Chegada dos Imperadores á estação de Lisboa

Ás 9 horas e 38 minutos da tarde do dia 6 davam entrada na estação de Lisboa os Imperadores do Brasil. Suas Majestades tinham partido ás 8 horas e 30 minutos da estação do Carregado, em comboyo especial, aonde os tinham ido esperar os srs. conde de Penamacor, ministro do Brasil, e visconde de Almeida, camarista da imperatriz viuva.

Quando Suas Majestades chegaram á estação da capital, já alli os esperavam el-rei D. Luiz, acompanhado pelos seus ajudantes e camaristas conde de Mafra, conde de Valle de Reis, tenente coronel Cunha e D. Francisco de Almeida; el-rei D. Fernando, com o seu camarista conde de Campanhã; todo o ministerio; governador civil; general da divisão, com seu estado maior; commandante da guarda municipal e seu ajudante; duque de Loulé, marquez de Ficalho, visconde de Soares Franco, almirante Andrade Pinto; camara municipal, representada pelos vereadores dr. Mendonça, Loureiro, Nunes, Margiochi e Alves; consul do Brasil; empregados na legação brasileira; consul do Brasil em Hespanha; o commissario geral de policia, e o da 1.ª divisão; Silva Tullio; conde de Mesquitella, condessa de Penamacor, viscondes de Menezes; general visconde de Faro; Mendes Leal; pintor Fonseca, etc., etc.

Ao descer da carruagem houve entre os monarchas brasileiros e portuguezes uma affectuosa scena de familia. O sr. D. Luiz beijou a mão á sua virtuosa tia, e deu um apertado abraço em seu tio o Imperador; o sr. D. Fernando abraçou cordealmente seu cunhado, e comprimentou a Imperatriz.

Em seguida Suas Majestades dirigiram-se para a sala, a descançar um pouco da fadiga da viagem, que tinha sido longa e difficil. El-rei de Portugal aproveitou a occasião para apresentar ao Imperador os ministros, e outros cavalheiros notaveis nas letras, ou pelos serviços prestados á causa da liberdade e ao paiz. Depois Suas Majestades conversaram muito, como era natural, a respeito da viagem, que vinham terminar na capital do reino. O Imperador declarou a seu sobrinho que vinha muito fatigado, e contou-lhe alguns episodios mais importantes ou curiosos da sua visita ás provincias do norte.

Ás 10 horas da noite sahiram Suas Majestades e toda a comitiva da sala, dirigindo-se para as carruagens. O Imperador ia pelo braço do sr. D. Fernando, e a Imperatriz pelo do monarcha portuguez, que vestia de almirante. Os imperiaes viajantes entraram na carruagem de el-rei, que com o sr. D. Fernando os acompanhou ao hotel, e a comitiva e mais pessoas presentes tomaram suas respectivas carruagens, formando um prestito de mais de cem. O batalhão de caçadores da rainha fazia a guarda de honra na estação. A policia era feita pela da 1.ª divisão e por um piquete de cavallaria municipal. Pelas ruas da passagem era muito grande a concurrencia de povo, e algumas casas foram brilhantemente illuminadas; no largo do Caes dos Soldados havia o magnifico espectaculo d'uma luz electrica, que partia d'um predio do mesmo largo.

Suas Majestades chegaram ao hotel ás 10 horas e 45 minutos. Muitas pessoas da nobreza e de outras classes sociaes aguardavam os viajantes para os comprimentarem, divisando-se nas physionomias de todos a mais completa satisfação. O Imperador foi mostrar os

seus aposentos a el-rei, que os achou excellentes. São os mesmos em que estiveram na sua primeira passagem pela capital, comprehendidos no andar nobre e no superior, ornados com riqueza, excellentemente dispostas as mobilias, e com muita profusão de flores.

Em seguida os Imperadores, depois de tomarem alguma refeição, foram descançar.

Dia 7

Em toda a viagem do Imperador se notou que Sua Majestade tem o habito de madrugar, o que, alem de ser um preceito hygienico, lhe dá occasião de percorrer e visitar maior numero de logares curiosos e interessantes.

Visita a El-rei D. Fernando

Sua Majestade levantou-se ás cinco horas e meia da manhã, e, depois de alguns preparativos, sahiu do hotel ás 7 horas e um quarto num lindo *landau*, que fôra mandado pôr á sua disposição, e dirigiu-se, pelo aterro da Boa-Vista, magnifico ponto que muito apreciou, para o palacio das Necessidades, a visitar el-rei D. Fernando e a sr.ª condessa d'Edla.

Depois de variada conversação, o Imperador viu com summo agrado, porque é um fino artista, as preciosidades que o sr. D. Fernando possue; e aquelles dois illustres homens, um que dirige os destinos de uma das primeiras nações do mundo, e outro que já, com applauso publico, se assentou no throno portuguez, illustres pelo sangue, e maiores ainda pela protecção com que auxiliam as artes e as sciencias, entretiveram-se

durante duas horas no exame de ricas obras d'arte, em que o cinzel e a palheta obraram prodigios e realisaram maravilhas.

Ás 10 horas retirou-se Sua Majestade, dirigindo-se pela calçada das Necessidades a Sancta Isabel em direcção ao hotel; almoçou, e recebeu a visita de muitos cavalheiros, contando-se entre estes o sr. conde de Paraty, e os membros do corpo consular brasileiro. Tambem recebeu uma commissão do Monte-pio de Nossa Senhora dos Anjos, a qual implorava do monarcha a mercê de assistir ao beneficio do Monte-pio num dos theatros no dia 7. Sua Majestade respondeu que não tinha duvida em comparecer, no caso que lhe fosse possivel.

Visita á Imperatriz viuva

Ás 11 horas o Imperador e a Imperatriz, trajando esta um vestido de seda cinzenta e chapéu de *tule* preto, acompanhados pela sua comitiva, dirigiram-se para o palacio das Janellas Verdes, a fim de visitarem a imperatriz viuva do sr. D. Pedro IV, que estava inferma.

Imagine-se quão enternecedora seria a recepção, e com que alegria se abraçariam parentes tão proximos; a sr.ª D. Amelia vendo no filho as feições do esposo que lhe fôra tão caro; o Imperador e a Imperatriz do Brasil vendo na real doente a esposa de seu pae, que lhe fôra tão querido, á qual ainda hoje as saudades de filha estremecida não poderam apagar as saudades do esposo adorado.

Aos 30 minutos depois do meio dia terminou a visita.

Visita ao palacio de Bemfica e convento, etc.

Suas Majestades tomaram a direcção de Bemfica, indo por Alcantara, estrada da circumvalação até S. Sebastião e Sete Rios. Foram áquella tão poetica vivenda visitar a infanta D. Isabel Maria, tia de Suas Magestades, senhora tão virtuosa, como illustrada. Depois dos comprimentos affectuosos, e de conversarem durante algum tempo, foram os Imperadores ver o palacio e a quinta de sua alteza, observando todas as formosuras naturaes e artisticas, que naquelle sitio tão pittoresco abundam. Depois de as terem minuciosamente percorrido, voltaram ao palacio, retirando-se em seguida, depois d'uma despedida tão commovedora como saudosa. D'alli partiram os monarchas brasileiros e sua comitiva a visitarem a egreja e convento de S. Domingos de Bemfica, immortalisados pela penna elegante do mais elegante escriptor portuguez, frei Luiz de Sousa, e aonde, numa capella, se occultam os restos de alguns descendentes de D. João de Castro. Mas o motivo, que levou Sua Majestade áquella casa, era o empenho de ver o tumulo do grande classico, que o Imperador aprecia como illustrado que é, e cujas obras considera com a maior valia e apreço.

Depois de rapido exame, voltaram Suas Majestades para Lisboa, pela estrada das Larangeiras, ás Terras de Arroios, em direcção á egreja da Graça. Venera-se neste templo a imagem do Senhor Jesus dos Passos, de muita devoção para a gente da capital; sendo até de uso antigo que os monarchas portuguezes vão adoral-a no dia em que é conduzida em procissão pelas ruas da cidade. Os Imperadores fizeram oração deante da ima-

gem, dando assim um eloquente testemunho de sua fé, e examinaram o templo e o calvario, vindo depois observar do atrio da egreja o magnifico panorama que d'alli se avista, e de que Suas Majestades muito gostaram.

D'este logar foram ver o reservatorio das aguas, chamado da Veronica, parte do famoso aqueducto com que D. João v enriqueceu a cidade, e que é obra admirada por nacionaes e extrangeiros.

Ás quatro horas da tarde recolheram ao hotel. Já alli esperavam Suas Majestades o sr. marquez de Rezende, camarista da Imperatriz viuva, a pagar a visita em nome da enferma, e os srs. visconde de Menezes e barão de Sabatinga. Pouco depois chegou a rainha com os seus dois filhos. Sua Majestade trazia um lindo vestido de cauda, de veludo azul, e casaco de veludo preto. Em seguida foram o senhor D. Fernando e a senhora condessa d'Edla. A senhora D. Maria Pia e os meninos estiveram meia hora, e o senhor D. Fernando e sua esposa demoraram-se até ás cinco horas. Outras pessoas foram tambem visitar os imperiaes viajantes, como os srs. ministros, quasi todos os membros do corpo diplomatico, muitos dos principaes negociantes e differentes pessoas da nobresa.

Ás cinco horas e meia Suas Majestades jantaram.

Visita á Academia real das sciencias

Sua Majestade, que nos differentes paizes que percorreu, visitou de preferencia tudo quanto respeitava ás sciencias e ás artes, não podia deixar de honrar com

a sua presença uma das corporações scientificas mais importantes do paiz.

O Imperador não participára a sua visita; no emtanto sabia-se que Sua Majestade tencionava assistir á sessão que a Academia real das sciencias celebrava nesse dia.

Eram nove horas da noite. Ainda não tinham principiado os trabalhos, e já o monarcha brasileiro, com o seu modesto trajo, estava no edificio. Pouco depois abriu-se a sessão, presidida pelo sr. marquez d'Avila e Bolama, vice-presidente, tendo por secretario o sr. conselheiro José Maria Latino Coelho.

O sr. presidente pronunciou um pequeno discurso, agradecendo ao Imperador a sua visita, e felicitando-o em nome da Academia; por ultimo convidou Sua Majestade a occupar a cadeira da presidencia.

O Imperador, tomando em seguida a palavra, agradeceu as expressões lisongeiras que lhe foram dirigidas, manifestou o seu regosijo por se achar no meio de uma corporação tão respeitavel, da qual era socio, e, agradecendo, mas recusando o convite para occupar a cadeira da presidencia, foi sentar-se numa das cadeiras, onde tomam logar os membros da Academia.

Entrou-se logo na ordem do dia, seguindo-se regularmente os trabalhos, e tomando a palavra alguns dos socios pela ordem que vão em seguida:

O sr. A. A. d'Aguiar, professor de chimica, deu conta de varias experiencias chimicas muito importantes, cujos resultados constituem factos muito apreciaveis para o progresso d'aquella sciencia. A este respeito fallaram tambem os srs. Barbosa e dr. Alvarenga, todos com a proficiencia que os seus conhecimentos lhes ga-

rantem, e com a illustração que era de esperar da sua capacidade e talento.

O sr. Felner apresentou um curioso trabalho, cujo assumpto se deprehende do titulo: «Apontamentos tendentes a provar qual era a familia e o nome verdadeiro do homem que nas guerras de Pernambuco illustrou o de João Fernandes Vieira.»

O sr. Daniel Augusto da Silva apresentou um estudo sobre geometria analytica.

O sr. Silva Tulio, erudito escriptor, que illustrou muitas paginas do *Archivo pittoresco,* leu um capitulo d'uma obra que está escrevendo, sob o titulo de «Missões politicas do padre Antonio Vieira.»

O notavel jurisconsulto, visconde de Seabra, auctor do Codigo civil portuguez, cavalheiro que já foi ministro e tem exercido outros cargos eminentes na administração publica, fallou sobre a importancia que se deve dar ao padre Antonio Vieira, considerado sob o ponto de vista politico, como conselheiro particular de el-rei D. João IV.

O distincto poeta e prosador, o sr. José da Silva Mendes Leal, actualmente representante de Portugal na côrte de Hespanha, propoz que fossem apresentados á especial attenção da Academia alguns documentos da inquisição, ainda com respeito ao nosso mais eloquente orador sagrado.

O sr. Thomaz de Carvalho, cavalheiro de extraordinaria e muito solida instrucção, e deputado pelo ultramar, apresentou á Academia uma traducção do poema de Vida, intitulado «O bicho de seda», e leu um trecho d'esta bella obra.

O sr. Andrade Ferreira, apreciavel prosador, offe-

receu á Academia e ao Imperador exemplares de um livro que ha pouco publicou.

O sr. D. José de Lacerda, cavalheiro muito lido na nossa litteratura, discursou sobre o estado em que a instrucção primaria se acha entre nós, e declarou ter presente um trabalho a este respeito, que não lia por ser muito extenso.

O distincto medico, o sr. dr. Alvarenga, apresentou o resultado de algumas observações que tem feito sobre a influencia que a temperatura exerce na respiração; e d'este mesmo objecto fallou o sr. Amado.

O sr. conselheiro Lisboa, ministro do Brasil e muito dedicado ás letras, deu conta de alguns trabalhos que fez sobre orthographia portugueza.

Sua Majestade o Imperador propoz que a Academia fizesse todas as diligencias para encontrar a pedra que cobre o tumulo de fr. Luiz de Sousa, pois que Sua Majestade a não encontrou na egreja de Bemfica, quando a foi visitar. Os srs. Mendes Leal e Silva Tullio deram explicações que satisfizeram o illustrado monarcha.

Estavam presentes nesta sessão vinte e cinco socios effectivos e dez correspondentes.

Esta reunião foi celebrada na sala nova das sessões ordinarias, que serviu pela primeira vez, construida sob a direcção do sr. engenheiro Lecocq. A sala é grande e elegante. De um lado está o retrato de D. Maria I, illustrada rainha, que fundou a Academia em 24 de dezembro de 1779, e do outro o do duque de Lafões, que empregou os maiores esforços para a creação d'este importante estabelecimento, e foi o seu primeiro presidente. Sobre os vãos das janellas foram collocados os bustos de alguns academicos mais notaveis, e no gabinete que antecede a sala se encontram retratos de outros.

O Imperador conversou familiarmente com muitos socios, e mostrou-se muito satisfeito.

Terminada a sessão da Academia, voltou Sua Majestade ao hotel. Pouco depois tornou a sahir, em trem descoberto, acompanhado pela Imperatriz, e foram ver as illuminações, passeando em volta do Rocio, e sendo saudados pela multidão que enchia a praça. Depois de alguma demora, voltaram pela rua do Ouro, e recolheram ao hotel.

Dia 8

O Imperador, apezar de se ter recolhido ás duas horas da noite, já ás sete horas estava prompto a sahir do hotel. Sua Majestade tinha grande empenho em visitar o museu da *Real associação dos architectos civis portuguezes,* e para alli se dirigiu immediatamente.

Visita ao Museu dos Architectos

Ainda não eram 8 horas da manhã, e já o Imperador se achava no convento do Carmo, monumento venerando, onde o grande condestavel, despida a couraça de guerreiro, e envergado o habito de cenobita, passou inclausurado os derradeiros dias da sua vida em total abandono das cousas da terra e todo entregue ás do céu.

Hoje acha-se alli estabelecido o museu archeologico pertencente á Real Associação dos Architectos Civis Portuguezes, e Sua Majestade mostrou grande empenho em visitar este valioso repositorio da arte antiga.

O sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, distincto archeologo, architecto da casa real, e presidente d'a-

quella associação, acompanhou Sua Majestade durante a sua visita ao museu, dando-lhe eruditas explicações e noticias ácerca de grande numero de objectos que alli se guardam, notaveis uns pela sua antiguidade, outros pelo seu valor artistico, outros finalmente pelas suas recordações historicas.

A visita foi demorada, porque o Imperador mostrou-se possuido de grande interesse e curiosidade á vista de muitos d'aquelles objectos, e quiz examinal-os minuciosamente. Os que mais chamaram a attenção do soberano brasileiro foram:

— Dois *marcos milliarios* do imperador Marco Aurelio e do imperador Claudio. Estes marcos tinham sido descobertos pelo sr. Joaquim Possidonio na cidade de Thomar, completamente abandonados debaixo da tarimba da casa da guarda.

— Alguns sarcophagos obtidos pelo mesmo em Santarem, Thomar e Alcobaça: um dos quaes representa deitado sobre a campa um filho d'el-rei D. Diniz, que fallecera em Santarem em consequencia de ter sido mordido por um javali, andando á caça. Nota-se neste tumulo a singularidade de estar o corpo do principe deitado sobre o lado direito, posição, que raras vezes se vê em estatuas tumulares.

— O sarcophago que pertenceu a D. Constança, mãe d'el-rei D. Fernando I.

— O de Gonçalo de Sousa, grão-mestre da ordem de Christo, que fora mordomo-mór d'el-rei D. Affonso V. É curiosissima a inscripção que tem gravada em torno, composta de primorosos caracteres gothico-allemães. Entre outras cousas diz: *deu nenhuma cousa ao demo, e quando lhe fazia desprazer, tudo dava a Deus, nem dizia mal de nenhum, nem cubiçava a nenhum mal, nem bebia vinho,* etc.

— Um tumulo romano do seculo IV com doze figuras em alto relevo, pertencente a um Edil.

Sua Majestade examinou os modelos de madeira de que costuma servir-se o presidente da associação quando faz as suas prelecções sobre a arte monumental dos povos da antiguidade, os quaes representam monumentos da Grecia, Roma, Egypto e India. O Imperador principalmente fixou a sua attenção no modelo da grande pyramide do Egypto, no qual se acham representadas as galerias internas que conduzem á camara do rei e da rainha. Contou por esta occasião o Imperador a difficuldade que teve em descer pela parte externa d'aquelle colossal monumento, os embaraços em que se viram quatorze meninas americanas que com a sua aia e com elle subiram ao cimo da pyramide, e referiu que duas desmaiaram de assustadas durante a descida.

Continuou Sua Majestade practicando com o sr. Joaquim Possidonio, e disse-lhe ter pena de não haver visitado Memphis, ao que o digno presidente acrescentou ter Sua Majestade perdido a occasião de ver a mais antiga esculptura descuberta nestes ultimos tempos — uma estatua encontrada no Serapeum de Memphis, a qual representa uma mulher com as pernas encruzadas, e foi descuberta em uma escavação por mr. Marietti. Calcula mr. Lenormand que esta antigualha não terá menos de seis mil annos de existencia!

Quando o sr. Joaquim Possidonio se propunha a mostrar ao Imperador um idolo egypcio de bronze (assás curioso pela circumstancia da sua procedencia, pois que, tendo sido comprado em um leilão em Paris, e offertado ao sr. Joaquim Possidonio, soube-se então que havia estado no quarto do castello de Ham quando alli esteve preso Luiz Bonaparte em tempo de Luiz Filippe), o sr. D. Pedro declarou que desejava ver de preferencia,

e particularmente lhe interessavam, objectos nacionaes; pelo que o sr. Silva conduziu Sua Majestade á capella, em que estão reunidas as amostras de marmores, granitos, madeiras, ardozias, tijolos, telhas, azulejos, saibros, etc., de todas as provincias do reino. As amostras da pedra são todas do mesmo tamanho, e todas apresentam a forma de cubos; as de madeiras são cortadas em parallelipipedos, tambem eguaes, e tem indicados os respectivos preços. Esta exposição dos materiaes de construcção é devida aos cuidados e diligencias do sr. Joaquim Possidonio da Silva.

Tendo o Imperador examinado a estatua e tumulo de madeira representando um antigo de alabastro, pertencente ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e que ficara destruido pelo terremoto de 1755, perguntou ao sr. Silva onde paravam os restos mortaes de tão afamado heroe, ao que lhe respondeu o sr. Silva que em S. Vicente de Fóra.

Passando á outra capella, onde estão varios retratos a oleo representando alguns distinctos architectos portuguezes, designou o sr. Silva os nomes de alguns, e as obras por elles delineadas ou dirigidas. Entre elles nomeou Ludovice, architecto de Mafra; Manuel da Maia, architecto do aqueducto das Aguas Livres; José da Costa e Silva, do theatro de S. Carlos, hospital militar de Runa e real palacio da Ajuda. Estimou Sua Majestade as informações que lhe deu o sr. Joaquim Possidonio. e principalmente as que diziam respeito a Costa e Silva, que com o pae do sr. Joaquim Possidonio havia delineado e dirigido as festas no Rio de Janeiro por occasião de se acclamar el-rei D. João VI em 1817.

O sr. Silva mostrou a Sua Majestade o busto de Bntaca, que esteve anteriormente escondido por baixo de

um dos degraus do pulpito moderno na egreja de Belem, o qual o sr. Silva fez patente, mandando-lhe tirar o modelo com o fim de distribuir o retrato de tão insigne architecto pelas associações dos architectos extrangeiros, pois que tal homenagem era de justiça se praticasse para com aquelle que fora o constructor da egreja e claustro do monumental edificio dos Jeronymos.

Ia o sr. Silva a fallar a respeito de outro busto do architecto da Batalha, e o Imperador antecipou-se nomeando logo a Matheus Fernandes, cujo busto Sua Majestade tinha visto na casa do Capitulo d'aquelle admiravel monumento.

Tambem se deteve a ver a campa, que tem representado em vulto a D. Ruy de Menezes, mordomo-mór da rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel.

Tendo visto entre os livros da bibliotheca da associação a obra publicada pelo architecto inglez Murphy relativa ao mosteiro da Batalha, desejou Sua Majestade examinar as suas ricas gravuras, e viu-as todas uma por uma. Quando chegou á estampa que representa o portal das capellas imperfeitas disse ter admirado muito este trabalho, mas que todavia gostou mais de ver o bello effeito das naves da egreja, procurando logo no livro a estampa que representa o interior do templo.

Em seguida, tendo Sua Majestade notado sobre a mesa um grande livro *in folio,* perguntou que livro era; o sr. Silva o informou de que era a sua obra intitulada *Revista Pittoresca e Descriptiva de Portugal,* na qual se acham colligidas as photographias dos mais notaveis monumentos do nosso paiz. O sr. Silva fez esta obra por lhe ter sido recommendada pelo nosso chorado monarcha, o sr. D. Pedro v. As photographias são acompanhadas de texto historico-descriptivo. É uma obra de

luxo, e muito interessante. O sr. D. Pedro II, depois de folhear o livro, mostrou-se muito satisfeito de o ver, e declarou desejar possuir um exemplar. Consta esta collecção das seguintes photographias em ponto grande: Sé de Lisboa – Reservatorio das Aguas Livres – Largo do Pelourinho e Banco de Portugal – Palacio Real das Necessidades – Estufas da quinta das Larangeiras – Egreja dos Paulistas em Lisboa – Escola do Exercito – Egreja do mosteiro de Belem – Fachada do sul da mesma egreja – Vista geral de Santarem – Claustro do convento de S. Francisco em Santarem – Torre de Belem – Seminario patriarchal de Santarem – Egreja e Torre dos Clerigos no Porto – Convento da Serra do Pilar – Universidade de Coimbra – Frontispicio de Sancta Cruz de Coimbra – Fachada da Sé Velha de Coimbra – Claustro de Sancta Cruz de Coimbra – Aqueducto de D. Sebastião na mesma cidade – Castello de Almada – Vista geral de Cintra – Vista do palacio real de Cintra – etc.

Passou depois o Imperador a examinar uns paineis transparentes, de que se serve o sr. Silva nas suas prelecções de archeologia e de historia monumental; e informando-se Sua Majestade dos dias em que costumava fazer taes prelecções, e tendo-se-lhe dicto que aos sabbados, disse que muito desejava assistir a uma, mas que, tendo de partir no dia seguinte para Cintra, e de ir á noite ao theatro de D. Maria, sentia não poder assistir á conferencia.

Passando a examinar outras antiguidades expostas nas naves do edificio do Carmo, viu primeiro a janella conventual, e unica completa, que havia no mosteiro de Belem, a qual é composta de sessenta peças.

Egualmente gostou de ver o retabulo arrendado em cantaria da capella de Ruy de Menezes, que pertencera

ao convento, hoje em ruinas, de S. Domingos de Santarem.

Reparou Sua Majestade numa pia baptismal, a qual o sr. Silva o informou ter pertencido á antiga patriarchal, e ter servido no baptismo das sr.as infantas e do sr. D. Miguel, tios de Suas Majestades, e que a recolhera no museu para a salvar do vergonhoso abandono em que a encontrara.

Notou Sua Majestade tambem a columna do pelourinho de Turquel, obtida pelo sr. Silva para o museu, com o que este sr. fez um bom serviço, pois que o pelourinho e as suas pedras jaziam por terra, ao lado da estrada publica.

Nesta occasião, relanceando Sua Majestade todo o edificio do Carmo, disse que escolheram bom e apropriado local para o museu de archeologia; e depois, apertando a mão ao sr. Silva e aos seus collegas, recommendou-lhes por ultimo que cuidassem na conservação dos monumentos do paiz, o que faz suppor ter Sua Majestade notado o abandono em que se acham alguns d'elles, ainda mesmo os mais importantes.

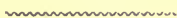
Além do sr. Silva acompanharam Sua Majestade durante a visita os srs. vice-presidente da associação, secretario, thesoureiro e o socio amador D. José de Saldanha, provedor da casa da moeda. Por incommodo de saúde não poderam comparecer os dois socios amadores Abbade Castro e Ignacio de Vilhena Barbosa, os quaes haviam sido convidados pelo presidente a fim de estar representada a associação tanto pelos architectos como pelos socios amadores.

O empenho que Sua Majestade tinha de visitar o museu dos architectos, já havia sido manifestado pelo Imperador ao sr. Silva no lazareto; e posteriormente, re-

gressando este cavalheiro do congresso archeologico de Bolonha, em que tomara parte, em outubro ultimo, e achando-se em Veneza na occasião em que o Imperador visitava a formosa cidade do Adriatico, indo ahi o sr. Silva comprimentar a Sua Majestade, outra vez o sr. D. Pedro lhe tornou a fallar no desejo que tinha de visitar o museu, dizendo: *Lembre-me, sr. Possydonio, em Lisboa, pois quero ver o seu museu.* Por essa occasião encarregou o Imperador ao sr. Silva de participar a Sua Majestade o sr. D. Luiz que elle estaria em Portugal no dia 29 de fevereiro, accrescentando depois: *diga a D. Fernando, pois como artista deverá comprehender esta maneira de me expressar — que eu estou ainda debaixo de um sonho do qual não acordei: posto que tivesse formado uma ideia muito superior do que seria Veneza, todavia o que tenho visto me tem causado extraordinaria admiração.*

Praça da Figueira

Depois d'esta visita, feita com olhos de sabio e artista, Sua Majestade foi á praça da Figueira. Por certo que as nossas vendedeiras não poderiam ostentar em suas tendas fructas tão variadas e saborosas como as que se criam sob o benefico clima do Brasil; além d'isto a estação tambem não permittia que o mercado estivesse abastecido de muitas variedades. Ainda assim Sua Majestade admirou algumas, e comprou tres enormes maçãs, que elle proprio levou para o carro, em que andava. Foram-lhe vendidas pela conhecida Vicencia, que ficou surprehendida e orgulhosa com a despretenciosidade do monarcha, e penhoradissima quando Sua

Majestade lhe pagou com meia libra, e não quiz receber o troco. O Imperador conversava muito familiarmente com as colarêjas e saloios, e apreçava-lhes os seus generos. Um saloio, admirado de ver o Imperador entre o povo, e fallando com todos tão affavelmente, rompeu n'esta exclamação, que encerra um grande pensamento e uma grande verdade: *Então este é que é o Imperador? Não se parece nada com os reis!*

Continuando na sua digressão, dirigiu-se o Imperador da praça da Figueira á sé; mas, como não tivesse prevenido alguem da sua visita, não encontrou quem lhe mostrasse o rico thesouro, e por este motivo sahiu logo, tendo apenas visto rapidamente algumas capellas, e feito oração á Senhora da Rocha.

D'alli regressou ao hotel; e, sahindo depois com sua esposa, foi visitar a Imperatriz, viuva, ao seu palacio das Janellas Verdes. Deixando ahi as duas Imperatrizes, sahiu ao meio dia, para visitar o hespital de S. José, indo pelo Atterro, ruas do Arsenal, dos Capellistas, da Prata, praça da Figueira, e rua Nova da Palma.

Visita ao hospital de S. José e eschola medico-cirurgica

O hospital de S. José é o primeiro do reino, pela vastidão, extremo aceio e excellente organisação das suas enfermarias, pharmacia, lavanderia a vapor, cosinha, museu anatomico e casa mortuaria. Sua Majestade o Imperador, examinando minuciosamente este estabe-

lecimento, elogiou muito a boa ordem e disposição das differentes secções, e dirigiu palavras consoladoras a alguns enfermos, sendo acompanhado nesta visita pelos srs. Torres Pereira, enfermeiro-mór, official maior e empregados da contadoria, e doutores Pitta e Cunha Vianna.

Tambem á esclarecida curiosidade de Sua Majestade não escapou a eschola medico-cirurgica, um dos nossos mais importantes estabelecimentos de instrucção superior, e que, graças á diligente actividade dos seus professores, faz honra ao paiz. O Imperador foi recebido pelo secretario, o sr. Motta, e pelos srs. Martins e Tedeschi. Sua Majestade visitou as aulas dos srs. Pitta, Arantes e Cunha Vianna, demorando-se algum tempo a ouvir as prelecções dos respectivos professores. Depois visitou os gabinetes de estudo, o museu e o theatro anatomico, elogiando a boa disposição dos objectos, e a perfeição dos trabalhos.

Visita ao visconde de Castilho

Depois de sahir do hospital de S. José, dirigiu-se Sua Majestade á rua do Sol, a fim de visitar o sr. visconde de Castilho, que por motivo d'uma ligeira doença não podéra comparecer na sessão da academia, onde o notavel poeta tencionava apresentar alguns excerptos da sua magnifica traducção do *Sonho d'uma noite de estio* de Shakespeare.

Ia acompanhado do barão de Itaúna, seu camarista, e do conselheiro Lisboa, representante do Brasil em Portugal.

Recebido com a respeitosa consideração que lhe era devida, exigiu que o sr. visconde de Castilho, a quem ha já annos honra com a sua amizade e com a intimidade de confrade em lettras, tomasse o principal assento que lhe offerecia, e contentou-se com um cadeira junto ao mesmo sofá.

Disse o Imperador ao illustre poeta que sentira não o ter encontrado no serão da vespera na sessão da academia, e mais ainda o ouvir que fôra falta de saude o triste motivo que o impedira de concorrer, e que do estado d'esta ia informar-se pessoalmente.

Conversou sobre alguns artigos mais interessantes da sua viagem, taes como a sua visita ao tumulo de Virgilio (sobre cuja authenticidade mostrou ter duvidas), a sua ascenção á pyramide grande, em cuja corôa encontrou em vez dos *quarenta seculos, quatorze damas* dos Estados Unidos.

Narrou ter estado no Porto com o sr. Camillo Castello Branco, de cujos trabalhos litterarios Sua Majestade faz grande conta, e cujas obras completas disse desejava possuir.

Finalmente referiu a sua excursão á quinta das Cannas e á Lapa dos Esteios, tão celebrada pelo cantor da *Primavera* e da *Festa de maio,* e apresentou ao sr. visconde de Castilho uma folha de hera envolta num papel, onde escrevêra de seu punho:

Para o Visconde de Castilho
Cantor da «Primavera»
Lembrança da Lapa dos Poetas,
na Quinta das Cannas
Coimbra, 4 de Março de 1872
D. Pedro de Alcantara.

O sr. visconde apreciou muito este presente, que lhe recorda uma época dos seus verdes annos, e a camaradagem de muitos amigos, alguns dos quaes já não são d'esta vida.

Ouviu ler da traducção, em que o nosso primeiro poeta lyrico actualmente trabalha, do *Sonho de uma noite de verão,* de Shakspeare, os trechos cuja recitação promettida o illustre poeta não podêra effectuar na sessão academica da vespera; e sentiu que o sr. Julio de Castilho, mancebo que continúa as glorias d'aquella familia privilegiada do talento, não tivesse á mão a sua *Ignez de Castro,* para lhe dar amostra d'esta interessante composição.

Annunciou por fim Sua Majestade que á noite iria ao theatro da Trindade ouvir o *Medico á força,* o que Sua Majestade cumpriu, como sempre cumpria á risca até as minimas clausulas do seu programma.

O Imperador despediu-se do sr. visconde com evidentes signaes da mais viva saudade.

Na vespera da partida para o Brasil mais uma vez timbrou em obsequiar o illustre poeta: enviou-lhe o seu retrato, assignado de sua mão, e lhe significou em carta escripta pelo seu camarista, barão do Bom Retiro, que, sabendo da tenção que o sr. visconde tinha, de ir comprimental-o ainda uma vez no seu bota-fora, lhe pedia o não fizesse para não expor o seu rheumatismo a agravamento com o ar humido do mar.

De toda esta especial consideração é digno quem occupa o primeiro logar entre os cultivadores das letras patrias, e a ellas tem prestado serviços relevantes, assim como no seio d'ellas tem levantado o pantheon de sua immortalidade.

Visita ás Côrtes

Despedindo-se do sr. visconde de Castilho e de sua familia, a quem deixou penhoradissimos, Sua Majestade seguiu para a camara dos pares, onde examinou a magnifica construcção da sala, e, como neste dia ahi não houvesse assumpto algum para se tractar, passou á camara dos deputados. Discutia-se nesta occasião o imposto sobre o dividendo dos bancos e companhias, usando da palavra o sr. deputado Arrobas, e seguindo-se a discussão por parte dos srs. Fontes Pereira de Mello e Rodrigues de Freitas.

O illustre viajante tomara logar na tribuna do corpo diplomatico, onde foram comprimental-o os srs. ministros e muitos membros do parlamento.

Pelas tres horas e meia visitou a bibliotheca publica, sendo recebido pelos srs. conselheiro Mendes Leal, Silva Tullio e pelos demais empregados.

Ás seis horas regressou ao hotel, onde já el-rei o senhor D. Luiz o esperava, bem como uma commissão dos veteranos da liberdade e grande numero de outras pessoas,

Sua Majestade a Imperatriz, acompanhada de sua dama e camarista, tambem de tarde foi ao paço d'Ajuda pagar a visita que a rainha lhe havia feito.

No pouco tempo que Sua Majestade se demorou no hotel, recebeu immensas visitas; os bilhetes de comprimentos tambem foram innumeraveis. Neste dia, entre outras, recebeu a visita da camara municipal, e a da sr.ª infanta D. Isabel Maria, acompanhada pelo seu veador

Correia de Sá e por uma dama. Tambem foram recebidas por Suas Majestades as sr.as condessa de Avillez, Gamas e viscondessa de Ourem, irmãs do marechal do exercito Bettencourt, que foi conselheiro de guerra, e presidente do conselho supremo militar na ausencia do Imperador.

Depois de jantar foram os Imperadores para o theatro da Trindade.

Theatro da Trindade

Neste elegante theatro, fundado ha poucos annos, pela iniciativa do sr. Francisco Palha, representou-se neste dia a magnifica comedia de Molière, *Medico á força,* traduzido primorosamente pelo illustre cantor da *Primavera.*

Sua Majestade, que é tambem litterato, quiz prestar um testemunho de admiração á memoria do auctor, e de sympathia ao prodigioso talento do traductor.

O sr. visconde de Castilho, que no intervallo do 1.º para o 2.º acto foi tributar os seus respeitos e agradecimentos a quem assim o honrava, foi por Sua Majestade detido no camarote, d'onde assistiu ao 2.º acto, presenceando a satisfação com que o Imperador e a Imperatriz animavam os actores, que todos nessa noite se excederam a si proprios em perfeição e graça.

No intervallo do 2.º para o 3.º acto foi Sua Majestade mesmo quem, desejando o sr. visconde voltar para a caixa do theatro, onde tinha alguma cousa que recommendar, lhe deu o braço e o acompanhou até o palco, onde se deteve alguns minutos, expressando a Taborda quão satisfeito estava com a representação em que tanto se distinguiam todos, especialmente elle e Delphina.

Terminado o espectaculo, recolheram o Imperador e a Imperatriz ao hotel.

Dia 9

Cintra e Queluz

Este dia destinaram Suas Majestades para fazer uma digressão a Cintra. Não podiam escapar ao gosto do sr. D. Pedro esses logares tão cheios de mimos e encantos, que os mais severos viajantes não duvidam appellidar *Jardim da Europa,* celebrados pelas endechas saudosas de Bernardim Ribeiro, cantados enthusiasticamente por Camões, Byron e Garrett, admirados finalmente por todos que visitam estas paragens tão pittorescas.

O senhor D. Fernando e a sr.ª condessa d'Edla chegaram á villa perto das nove horas da manhã para na sua visita receberem e acompanharem os Imperadores. Chegaram estes pouco depois, e todos se dirigiram para o palacio acastellado da Pena, construcção maravilhosa nos pincaros das penedias, topetando com as nuvens, ninho de aguias, como já no seculo passado chamava ao mosteiro da Pena o douto George Cardoso.

No parque do palacio foram os Imperadores recebidos pela philarmonica de S. Pedro, que os saudou com o hymno brasileiro.

O povo, que por essa occasião alli affluia numeroso, soltou em honra dos augustos viajantes enthusiasticos vivas e acclamações.

Suas Majestades viram e admiraram os caprichosos e mil variados ornatos de architectura do palacio, as riquissimas preciosidades artisticas que o senhor D. Fernando alli tem cuidadosamente reunido, formando um

verdadeiro muzeu, e extasiaram-se com o panorama deslumbrante que d'aquellas paragens se domina.

Depois de terem passeado pelo formoso parque, onde a primavera começava já a ostentar as suas galas, foi-lhes servido um esplendido almoço no elegante *chalet*.

Desceram depois a visitar o palacio real da villa, o qual, pela curiosidade da sua construcção e pelo seu valor historico, Sua Majestade muito gostou do vêr. Mostra-se neste palacio a casa onde o infeliz Affonso VI, sem reino e sem mulher, passou amargurados dias de captiveiro e exalou o ultimo suspiro. Quinze annos alli gemeu o desditoso rei, cuja desgraça um poeta pintou neste versos:

> Eu fui livre, fui rei, e fui marido
> Sem reino, sem mulher, sem liberdade:
> Tanto importa não ser como haver sido!...
> A Portugal só deixo esta verdade,
> A meu irmão só deixo este memento,
> Este é de Affonso sexto o testamento.

Vêem-se no pavimento d'ella os ladrilhos desgastados com o atrito dos passos do desditoso monarcha.

Ha tambem neste palacio uma sala muito curiosa, a *sala das pegas*, assim denominada por estarem pintadas no tecto grande numero d'estas aves, tendo cada uma no bico um rotulo com esta letra—*por bem*.

Diz-se que a rainha D. Filippa surprehendera seu marido D. João I galanteando uma dama, e que o rei nessa occasião dissera a sua esposa que *era por bem* e sem criminosas intenções. Egualmente se diz, que, para commemorar a resposta e castigar a loquacidade d'algumas damas do paço, a quem o caso deu muito em que fallar, mandara el-rei pintar no tecto as pegas com aquelle distico. Garrett aproveitou esta tradição

para um galante solau que se pode ver nas suas obras. O que ha de verdade na tradição não sabemos dizer, mas é certo que estas palavras *por bem* tomou por divisa el-rei D. João I, segundo se deprehende do que diz José Soares da Silva nas *Memorias* pag. 274.

Egualmente é celebrada a sala onde se diz que em conselho resolvera definitivamente D. Sebastião a desgraçada empreza de Africa. Mostram-se alli a cadeira e bancos, guarnecidos de azulejo, com folhas de vide desenhadas, nos quaes se affirma estiveram sentados nessa occasião o desgraçado monarcha e os do seu conselho.

Tambem é notavel neste palacio a sala dos *cervos* ou das *armas*, em cujo tecto se vêem os brasões das mais nobres familias de Portugal, mandados pintar alli por el-rei D. Manuel, em cujo tempo estava a armaria muito em voga no nosso paiz. Foi a heraldica muito da predilecção d'este monarcha, como se prova dos factos de mandar pôr no real archivo um livro ricamente illuminado com brasões, instituir reis de armas para que se observassem as leis da armaria, que elle, no dizer de Antonio Caetano de Sousa, entendeu scientificamente, e finalmente mandar ao primeiro a quem deu este officio que viajasse pelas côrtes da Europa para se instruir nesta arte.

Suas Majestades viram outras curiosidades do palacio e partiram ás 4 horas para Queluz.

Em Queluz, acompanhados pelo sr. D. Fernando e pela sr.ª condessa de Edla, visitaram os Imperadores o paço, onde ainda se vê com a mobilia d'então, a camara em que falleceu Sua Majestade Imperial o sr. D. Pedro IV, quinta e jardins, no que se demoraram perto de uma hora; depois do que regressaram a Lisboa.

Theatro de D. Maria II

Na volta de Cintra e Queluz foram Suas Majestades para o hotel, e jantaram.

O Imperador, como já fizemos notar, desejava assistir á representação do *Gladiador de Ravenna,* em que o sr. Latino Coelho ostenta as esplendidas galas do seu estylo, e a nossa primeira actriz, Emilia das Neves, revela todas as grandezas do seu talento.

Os Imperadores e a sua comitiva occuparam os camarotes n.os 11, 12, 13 e 14 da 1.ª ordem. A sala do espectaculo apresentava uma vista esplendida. Estava ornada com cortinados e flores, escudos e coroas, com o distico — P. II — e illuminação dupla. Estes ornatos vistosos, as elegantissimas *toilletes* da primeira sociedade lisbonense, a platêa e camarotes apinhados de espectadores, apresentavam uma vista encantadora. Os monarchas portuguezes, e o sr. D. Fernando e a sr.ª condessa de Edla, tambem assistiram ao espectaculo. A camara municipal estava no camarote n.º 10 da 1.ª ordem. A orchestra era regida pelo maestro Cardin, e os musicos que a compunham, trajavam todos casaca preta e gravata branca.

O espectaculo correu muito bem. Parece que os actores mais se animaram com a presença do monarcha brasileiro, mostrando cada um os recursos da sua habilidade, e dando á peça uma harmonia e perfeição quasi inexcediveis. Os applausos foram concedidos enthusiasticamente pela platêa a quem tão bem sabia interpretar a difficil peça, de origem allemã.

O maestro Cardin offereceu a Sua Majestade a partitura d'uma symphonia, intitulada a *Brasileira,* que

fora tocada antes de subir o panno. O Imperador agradeceu, e declarou ao auctor que lhe agradara muito.

Suas Majestades retiraram-se satisfeitos, e fazendo muito boa idéa do merecimento dos nossos actores dramaticos, alguns dos quaes os illustres viajantes já tinham apreciado no Rio de Janeiro.

Quando o espectaculo concluiu, dirigiram-se para o hotel, não tornando a sahir neste dia.

Dia 10

Antes das 7 horas, sahiu Sua Majestade, acompanhado pelo seu medico, num trem fechado, dirigindo-se á egreja de Nossa Senhora da Encarnação, para, como fiel aos preceitos da egreja catholica, ouvir missa. O Imperador ajoelhou proximo da balaustrada que separa o recinto do altar, que fica juncto da sacristia, do corpo da capella; orou e assistiu ao Sancto Sacrificio com gravidade e recolhimento, não aceitando logar reservado, e confundindo-se no concurso de fieis que tambem assistiam á missa, resada pelo reverendo padre Brito. Sua Majestade tinha sido recebido á porta por dois sacerdotes, um d'elles o parocho da freguezia, e pelo sr. Silva Tullio, que alli esperava o real viajante, para, segundo o desejo manifestado por elle, o acompanhar a Valle de Lobos.

Terminado este acto religioso, sahiu Sua Majestade e foi vêr o jardim de S. Pedro d'Alcantara e o passeio do Rocio, apreciando muito a belleza do sitio, e o bello panorama que do primeiro se avista.

Eram 9 horas e meia da manhã quando o Imperador, acompanhado pelo seu medico e pelos srs. ministro do Brasil em Lisboa, e Silva Tullio, tomou logar no

comboio expresso, e se dirigiu a visitar o nosso grande historiador Alexandre Herculano.

Visita ao sr. Alexandre Herculano

Com a affectuosa visita do Imperador recebeu o sr. Alexandre Herculano, alem de um testemunho de sincera amisade pessoal, mais um florente brasão para a sua immortal côroa de gloria. E seria bem difficil de declarar se esta visita só foi um preito de homenagem conscienciosamente prestado ao mais distincto dos sabios portuguezes, ou se foi amavel intrevista de duas augustas realezas, ambas transigentes pela superioridade dos genios, ambas comprehendendo-se pela magnanimidade dos corações.

Nem muitas vezes na historia das nações se encontram factos de tão eloquente significação como a da familiaridade d'esta notavel visita, que, revelando o espirito justo e illustrado de um monarcha liberal, honrava condignamente em Alexandre Herculano o homem que se tem nobilitado pelos esforços do trabalho e pelo poder do admiravel talento.

Foi um grande exemplo de justiça e de respeito. Sua Majestade dissera, quando soube que o notavel historiador estava doente: — «O Herculano não pode vir a Lisboa: pois vou eu lá. Deus concedeu-me saude e forças; e por isso não faltarei a esta parte do meu programma, que considero muito importante.»

E assim Sua Majestade satisfez neste dia o desejo de conversar familiarmente com o sr. Alexandre Herculano.

O imperial viajante chegou á estação de Santarem,

e logo, com as pessoas que o acompanhavam, foi em trem descoberto para Valle de Lobos. O sr. Alexandre Herculano, penhorado com tão distincto obsequio, recebeu Sua Majestade com a franqueza que o caracterisa, e sem a etiqueta, que o Imperador e o logar muito bem dispensavam.

Foi servido um campestre almoço, em que o nosso grande historiador só apresentou iguarias, feitas de productos de sua lavra, ou de aves apanhadas na sua propriedade; sendo servidos á mesa por moços d'aldeia, com os seus caracteristicos e pittorescos trajos. O Imperador conversou muito com o sr. Alexandre Herculano sobre variados assumptos, mostrando mais uma vez a sua competencia, e admirando a erudição do affamado escriptor.

Santarem

Concluida a visita ao sr. Alexandre Herculano, Sua Majestade e seus companheiros de viagem dirigiram-se para Santarem.

Santarem é uma cidade edificada na margem direita do Tejo, que lhe beija os pés, e reflecte no azul das suas aguas as grimpas dos edificios, que a enobrecem. É tambem um repositorio de bellos monumentos, notaveis por muitos titulos, alguns descurados, mas mostrando ainda toda a grandiosidade das edificações. Além d'isso esta cidade chamava especialmente a attenção do Imperador. Diz a tradição que na egreja da Graça estão fechados num tumulo os restos de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do grande imperio, que hoje o sr. D. Pedro II rege com a prudencia e illustração, que o fazem o mais estimado monarcha do mundo.

Chegou o Imperador a Santarem pela hora e meia da tarde; vinha acompanhado pelos srs. barão d'Itahúna, conselheiro Lisboa e Silva Tullio. Não houve recepção preparada, porque simplesmente tinha havido alguns dias antes, da parte do ministerio do reino para o governo civil d'esta cidade, prevenção da possibilidade da visita de Sua Majestade Imperial: como porem era dia de feira, e Sua Majestade parasse no Campo de Sá da Bandeira, onde a feira se faz, algum povo se agrupou em volta da carruagem, dizendo-se logo que era realmente o Imperador um dos personagens, que acabavam de chegar.

Sua Majestade dirigiu-se para o quartel de cavallaria, onde está o tumulo de D. Duarte de Menezes, perante o qual se demorou por algum tempo: á sahida do quartel é que se lhe poderam apresentar as auctoridades superiores do districto, acompanhando d'ahi em deante Sua Majestade, que seguiu para as Portas do Sol, tendo occasião de admirar o bello panorama, que d'alli se gosa. Foi depois á egreja da Graça, onde, sob uma lousa rasa, jaz Pedro Alvares Cabral; tambem aqui se demorou, vendo depois, de passagem, varios objectos d'arte de menos interesse: nesta egreja é que se ajuntaram muitos cavalheiros, da melhor sociedade d'esta terra, para verem o Imperador, que seguiu logo depois para a estação do caminho de ferro, partindo para Lisboa pelas tres horas e meia da tarde, pouco mais ou menos.

Quasi sempre, durante esta pequena digressão, conversou animadamente com o sr. Silva Tullio.

Visita ao asylo de Maria Pia

Apenas chegado á capital, Sua Majestade não descançou: immediatamente, em companhia dos srs. ministro do Brasil e conselheiro Nogueira da Gama, foi visitar o asylo Maria Pia, aonde a caridade sustenta tantos desfavorecidos da fortuna. O sr. director Barros e o sr. fiscal receberam o Imperador, e acompanharam-no na visita ao edificio. O sr. D. Pedro II examinou as camaratas, a dispensa, enfermarias, cosinha e refeitorio; dirigiu-se em seguida á ermida, e alli orou com recolhimento; e por ultimo subiu ao côro e ante-côro da egreja da Madre de Deos, chamando-lhe a attenção, posto que ligeiramente, porque o tempo não permittia maior demora, alguns quadros que ornam as paredes dos mesmos.

Terminada esta visita, recolheu o imperial viajante ao hotel para jantar.

Visitas da Imperatriz

Em quanto o Imperador foi a Santarem e Val de Lobos, a sr.ª D. Thereza Christina não esteve ociosa em Lisboa. Sua Majestade foi ás onze horas da manhã visitar outra vez a Imperatriz viuva, e alli se demorou durante longo espaço de tempo, conversando ambas as senhoras nos termos mais affectuosos. Á uma hora já Sua Majestade se achava na magnifica egreja do Loreto, aonde assistiu á missa.

Depois, a sr.ª D. Thereza, que é um anjo de caridade, e desvelada protectora das criancinhas, que sof-

frem por não terem paes que as acarinhem, consolem e eduquem, foi visitar o asylo de D. Pedro v, no Campo Grande, estabelecimento levantado á memoria do mais philantropico e bondoso monarcha, do mais saudoso e chorado rei, que tem tido este nobre paiz.

A Imperatriz foi recebida á porta pela direcção e pelas creancinhas, que formavam alas, como anjos que saudavam a visita d'uma sancta; e percorreu depois o edificio, encostada ao braço do sr. conde das Galveas, e acompanhada pela direcção do asylo, pelas professoras, e por algumas senhoras da alta aristocracia, bem como pelo sr. Vianna Pedra, a quem o asylo deve muito.

Sua Majestade percorreu todo o edificio, a capella, aulas, refeitorio, cosinha, dormitorio, casa de banhos, dispensa, arrecadação, etc., elogiando muito o aceio e boa disposição, em que tudo se achava. O sr. Vieira, secretario da direcção, dirigiu ás alumnas algumas perguntas sobre historia ecclesiastica, a proposito dos quadros que se viam; e Sua Majestade mostrou-se muito satisfeita da presteza e exactidão, com que eram dadas as respostas.

Foi offerecido á Imperatriz um exemplar dos estatutos e do regulamento interno, e bem assim do relatorio e contas do ultimo anno. Sendo apresentado o livro aonde deixam o seu nome as pessoas que visitam a casa, Sua Majestade tambem o assignou.

Á sahida tres das crianças mais novas offereceram á Imperatriz dois lindos ramos de flores, e um açafate da camelias, decerto o mais formoso presente que Sua Majestade tem recebido: a Imperatriz agradeceu, e estimou a lembrança, affagando as crianças, e dirigindo a todos as mais benevolas e honrosas expressões.

. .

Entre as pessoas que acompanharam Sua Majestade viam-se as sr.as viscondessa de Campos, sua filha e netos; o sr. dr. Gaspar Gomes, bemfeitor do asylo, com sua esposa e filha; a sr.a D. Capitolina Vianna e algumas pessoas de sua familia; e o sr. Oliveira Soares.

Depois do jantar, foram Suas Majestades para o theatro de S. Carlos, e alli occuparam o camarote n.º 42 e a sua comitiva os n.os 40 e 41 da 1.a ordem.

O theatro estava esplendido, e cheio de espectadores. Os monarchas portuguezes só chegaram no fim do 1.º acto. Cantou-se a *Martha,* com magnifico exito, e terminou o espectaculo com a dança *Peregrina.* O Imperador, no intervallo do 2.º acto, esteve no camarote do sr. D. Fernando.

Os Imperadores recolheram ao hotel, logo que o espectaculo terminou.

Antes do theatro tinham Suas Majestades recebido no hotel o nuncio apostolico, ministros da Allemanha, de Inglaterra e sua esposa, do Perú e sua esposa, da Austria, da França, do Brasil, secretarios das legações de Hespanha, da Belgica e da Italia, mademoiselle Glinkas, filha do ministro da Russia, marqueza de Cantagallo e filho, visconde e viscondessa de Menezes e filha, condessa de Azinhaga, visconde e viscondessa da Gandarinha, João Rebello da Costa Cabral, sua esposa e sobrinha, conde de Mesquitella, D. Antonio da Costa, Berquós, general Caula e muitos outros cavalheiros.

Depois do theatro, ainda Sua Majestade sahiu a pé, com o sr. barão do Bom Retiro, a passeiar por algumas ruas da cidade.

Dia 11

O Imperador, acompanhado pelos srs. conselheiro Lisboa e Silva Tullio, estava já ás sete horas e um quarto da manhã na egreja de S. Roque.

Capella de S. João Baptista

O Imperador foi á egreja de S. Roque para ver a celebrada capella de S. João Baptista. Não se encontrou, porém, a essa hora o thesoureiro por não haver sido avisado da visita, e por este motivo teve o Imperador de voltar alli passada meia hora.

O Imperador admirou a sumptuosa capella e ficou surprehendido com a riqueza e belleza dos seus materiaes. Vêem-se alli os mais custosos e mais raros, taes como colorinda, alabastro, verde antiquo, jaldo antiquo, porphydo, lapis-lazuli, amethistas, jaspe e cornalina.

Egualmente admirou as suas riquissimas alfaias de prata e paramentos.

Esta capella foi mandada fazer em Roma por el-rei D. João v, que nella, nos seus paramentos e alfaias dispendeu oitocentos contos de réis! Fez o seu risco em Roma o architecto Vanvitelli. O papa Benedicto xiv, para obsequiar D. João v, mandou armar a capella na basilica de S. Pedro, e nella disse a primeira missa. O monarcha correspondeu ao obsequio do pontifice, presenteando-o com um calix de ouro, de primoroso

avor, cravejado de diamantes, no valor de quarenta contos de réis.

Chegou a capella a Lisboa no anno de 1748, e patenteou-se ao publico no dia 13 de janeiro de 1751, já no reinado de D. José.

É interessantissimo o artigo historico-descriptivo d'esta capella, publicado pelo sr. I. de Vilhena Barbosa no *Archivo Pittoresco*, vol. 7.

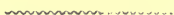
O Imperador, quando viu os tres maravilhosos quadros de mosaico de côres, que adornam esta capella, imitando pinturas de Miguel Angelo, Guido e Raphael, disse maravilhado: — «Não ha segundos na Europa!»

O thesoureiro, o sr. Dionizio Pedro Capellino, offereceu a Sua Majestade tres exemplares do resumo da descripção d'este singular monumento, escripto em portuguez, francez e inglez.

Convento do Coração de Jesus

Sua Majestade foi ver a basilica da Estrella, majestosa construcção do reinado da illustrada rainha D. Maria I, senhora virtuosa e protectora das letras, e que deixou o seu nome vinculado a creações e reformas de subido valor.

É a sumptuosa egreja da Estrella um monumento elegante e bem ornado, com o seu magnifico zimborio a esconder-se nas nuvens, e avistando-se d'elle um extenso e formoso panorama.

O Imperador viu a egreja, a sachristia e o zimborio, dizendo que era uma bella edificação.

Quando voltava da Estrella, parou a examinar o distico que commemora o fallecimento de Almeida Garrett, e que está gravado numa lapide, collocada no predio, que actualmente pertence ao sr. Barros, e fica a Sancta Izabel.

Sua Majestade disse por esta occasião: «grande pena tenho de não ter conhecido este notavel poeta; fiz porém acquisição de preciosos authographos seus, que me deu o Palha, e que acceitei com reconhecimento.»

Sé, Casa dos Bicos, e Alfama

Passou depois o imperial viajante á Sé patriarchal, sendo recebido pelos srs. deão D. José de Lacerda, conegos Paes de Miranda, Vaz e Moreira Pinto. Sua Majestade observou rapidamente as coisas mais notaveis do edificio, não esquecendo as que a tradição relaciona com a vida de S. Vicente e de Sancto Antonio; e tambem viu de relance as preciosidades que no thesouro da sé se encerram, e lhe foram indicadas pelo sr. deão.

Da sé foi o Imperador ver a casa dos Bicos, de grande valor archeologico, porque está ligada á vida do grande e immortal capitão Affonso d'Albuquerque.

Depois desceu da carruagem, e, acompanhado pelo sr. Silva Tullio, dirigiu-se para o bairro da Alfama. Foi pelo arco de Jesus até S. João da Praça, beco do mesmo nome, travessa da Silva, arco do Guedes, largo de S. Raphael, rua de S. Miguel, largo do mesmo nome, becos da Formosa, das Cruzes, rua da Rigueira, beco do Loureiro, rua da Cruz do Mar, até Santo Estevão, escadinhas do mesmo nome, rua do Espirito Santo, Chafariz de dentro, rua do Terreiro do Trigo

até ao arco de Jesus, e aqui de novo entrou na carruagem, dirigindo-se para a rua da Trindade a visitar o velho ministro de seu augusto pae, o venerando ancião, o sr. Joaquim Antonio de Aguiar. Durou esta visita dez minutos. Sahindo d'aqui, retirou-se Sua Majestade para o hotel, ficando o sr. Tullio ainda em casa do sr. Aguiar.

Depois de almoço foi Sua Majestade ver a Imperatriz, viuva, e depois á academia das bellas artes.

Academia das Bellas Artes

A Academia das Bellas Artes, desejando que o Imperador podesse ver todas as collecções que ha neste importante estabelecimente, fez todos os esforços para que antes da chegada de Sua Majestade se acabassem de preparar aquellas que, por falta de tempo e de meios, não tinha até aqui sido possivel abrir ao publico. Com effeito conseguiu o que desejava, e o Imperador na sua visita pôde examinar as seguintes collecções:

1.º Galeria de quadros.
2.º Collecção de desenhos.
3.º Collecção d'arte ornamental.
4.º Bibliotheca.
5.º Gabinete de gravuras.
6.º Gabinetes de photographias dos principaes monumentos de Portugal.
7.º Collecção de esculpturas.

Além d'estes museus examinou as aulas, que pela maior parte estavam funccionando por occasião da sua visita e os gabinetes de quasi todos os professores.

Galeria dos quadros

Esta galeria já está exposta ao publico ha cerca de tres annos. Tem um catalogo impresso e é bastante conhecida do publico. A sua parte mais importante é sem duvida a collecção *unica* que possue, de quadros da chamada antiga eschola portugueza de pintura. Avultam entre elles originaes de grande merito; aquellas salas são, para assim dizer, o archivo da arte portugueza, e é alli que os estudos attentamente dirigidos podem reconstituir a historia da pintura em Portugal, ajudando-se com o auxilio que deve ministrar aos que estudam esta especialidade o exame dos archivos e a comparação d'outros quadros existentes noutros pontos do paiz, exemplo: Vizeu, talvez berço d'esta eschola.

Collecção de desenhos

Esta collecção abriu-se pela primeira vez ao publico por occasião da visita imperial. É já muito importante e promette augmentar todos os dias com as acquisições e doações que vai recebendo.

A collecção contém mais de 2:000 desenhos, porem só se poderam agora ver expostos cerca de 600, pois que nas quatro salas destinadas para esse fim não cabiam mais. Ha alli exemplares de quasi todas as escholas, e de muitos dos distinctos mestres d'algumas d'ellas. A nossa está bem representada e contém exemplares d'alguns antigos artistas taes como: Campello, Amaro do Valle e outros. Dos modernos tem quasi todos, avultando entre elles Sequeira que está alli bem representado nos seus tres estylos. Vieiras Lusitano e Portuense, Taborda, Cyrilo, Joaquim Machado de Castro, etc.

Entre os extrangeiros podem citar-se: um bellissimo desenho sobre pergaminho, original de Raphael, primeiro esboço da sua Galathêa no palacio Pharnese, no qual se notam diversos arrependimentos e alterações que o tornam ainda mais curioso; uns pequenos desenhos de Miguel Angelo, desenhos de Guido, de André del Sarto, Paulo Veronês, Rubens, Olidoro de Carravagio e muitos outros, que fôra longo referir. Esta collecção não tem ainda infelizmente o seu cathalogo impresso. Está-se ultimando o inventario, terminado o qual se buscará prestar toda a attenção ao cathalogo, que servirá de guia ao publico.

Arte ornamental

Este museu, que deve vir a dividir-se em varias secções, taes como: ourivesaria, ceramica, mobilia, tecidos, etc., pôde apenas expôr a primeira d'estas. Das outras tem como nucleo alguns objectos, que sem duvida apresentaria tambem, se tivesse espaço, ainda que não fôra senão para despertar a attenção e promover o augmento de tão importantes collecções, que não só recreiam quem as visita, mas são muito uteis e até indispensaveis para as classes industriaes que têm de applicar a arte do desenho á sua industria. Em Inglaterra nos ultimos annos tem havido tentativas coroadas do mais feliz exito para crear semelhantes museus, de que o museu Kensington em Londres é o mais notavel. Creado ha poucos annos por iniciativa do principe Alberto, contém hoje as mais importantes e variadas collecções d'objectos d'arte ornamental, que, visitadas attentamente por grande numero de operarios, vão exercendo uma transformação benefica na industria ingleza. A par d'este museu permanente celebram se amiudadas

vezes exposições de objectos emprestados, abrem-se cursos gratuitos nocturnos e diurnos, e scholas de desenho nas suas differentes classes com cursos, etc. A Academia de Lisboa tem procurado acompanhar este movimento, e mais de uma vez tem representado sobre a necessidade de reformar o estudo das artes em Portugal para que as numerosas classes industriaes, que d'elles carecem, como ourives, entalhadores, canteiros, etc., possam encontrar o ensino completo de que hoje estão privados, e sem o qual terão de copiar servilmente os modelos que vêm de fóra sem os retemperarem nas fontes vivas da arte — o estudo da natureza, e os trabalhos dos grandes mestres. É mesmo de crer que esta transformação dos estudos artisticos não traria no pessoal grande augmento de despesa. Quanto á somma, que se dispendesse em acquisição de objectos, ninguem de certo se lembraria de lastimar a sua applicação para dotar o paiz com uma instituição que por um triste privilegio nosso somos os unicos a não ter. Além d'isto existem dispersos pelo paiz grande numero de objectos que seria facil adquirir sem grande despesa e até sem nenhuma, uma vez que se tivesse creado um museu que todos á porfia se esmerariam em augmentar. No entanto, á espera de melhores tempos, a Academia reorganisou como pôde a sua aula de ornato, forneceu-a de alguns modelos, e administra instrucção diurna e nocturna a mais de duzentos operarios annualmente.

Annexo a esta aula está o museu de arte ornamental de que o Imperador visitou a secção mais importante, a de ourivesaria. Ha nella grande numero de objectos, restos de muito maior quantia, que existia na Casa da Moeda, vinda dos antigos conventos e de que poderam escapar ao cadinho os que hoje se encontram naquella

collecção. São pela maior parte objectos de egreja, entre as quaes citaremos como alguns dos mais notaveis os seguintes: duas cruzes processionaes gothicas do seculo XV; uma custodia que mandou fazer para Alcobaça o celebre D. João d'Ornellas, immortalisado por Alexandre Herculano no seu romance o *Monge de Cister;* uma collecção de calices, começando por tres do seculo XII, com inscripção e data, terminando em calices do seculo XVIII, bastante completa no seu genero, etc. Juncto a esta collecção expozeram-se alguns objectos que constituem um nucleo de uma collecção archeologica, comprehendendo antigualhas encontradas nalgumas minas do paiz, exploradas pelos romanos, em Cetobriga, etc. Esta collecção está muito em começo, e por falta de recursos tem sido impossivel il-a desenvolvendo, como desejava a Academia.

Ao lado da ourivesaria expozeram-se tambem alguns exemplares de tecidos nacionaes e as photographias de alguns objectos de prata e ouro existentes nos museus reaes e nalgumas egrejas do paiz.

Bibliotheca

A bibliotheca da Academia das bellas artes contém exclusivamente livros d'artes e de archeologia. Foi fundada juntamente com aquelle estabelecimento, recebendo por aquella occasião um certo numero de livros, do deposito dos extinctos conventos. Durante muitos annos, porém, achava-se muito longe de estar em dia com as publicações modernas, até que pelos annos de 1863 e 1864, graças em grande parte á munificencia de el-rei, póde augmentar o seu fundo com grande numero de publicações francezas, inglezas, allemãs e italianas, das

mais necessarias para o estudo dos artistas, archeologos e operarios. Mais tarde uma doação importantissima veiu completal-a: o conselheiro Jorge Husson da Camara, que por muitos annos foi nosso encarregado de negocios em Roma, conseguiu reunir uma biblotheca sem outra rival, além da do conde Cicognara, o celebre historiador das artes. Esta bibliotheca que, por morte do conde, o Papa Leão XII comprara pelo preço de dezoito contos para a reunir á do Vaticano, comprehendia as publicações mais importantes e mais raras, as edições mais notaveis, livros hoje inteiramente fóra do commercio, sendo uma collecção de grande apreço e valor. A bibliotheca Husson, afóra algumas obras de litteratura, contém todos os volumes que existiam na do conde Cicognara. Tão importante livraria foi generosamente cedida ao Estado pelo seu possuidor, que não quiz por tão valiosa offerta receber remuneração alguma. Com estes donativos e com as acquisições que sem interrupção a Academia vae agora fazendo, tornou-se a sua bibliotheca uma das mais completas do mundo naquelle ramo especial. A falta de pessoal não tem permittido que ella esteja aberta á noite, como tanto deseja a Academia; porém de dia podem os estudiosos frequental-a durante as horas lectivas.

Gabinete de gravuras

A collecção de gravuras da Academia não é por ora muito completa, apezar de conter cêrca de 4:000 provas. Vae ser pela primeira vez aberta ao publico, que encontrará nella exemplares dos differentes estylos e das phases por que passou esta arte, desde os ensaios

dos italianos, no seculo XV, até aos mestres do seculo presente.

Divide-se naturalmente em duas secções: gravuras em metal e gravuras em madeira. Na primeira ha bastantes exemplares notaveis e uma serie bastante completa de gravadores portuguezes do presente seculo.

A grande escola franceza do seculo XVII está tambem menos mal representada. Ha porém deficiencias importantes nas escolas allemã e italiana e mesmo na ingleza.

Da hespanhola nada temos. Esta collecção é para desejar que possa augmentar-se, mas é de receiar tal não aconteça, nem nesta secção nem nos outros museus e gabinetes que a Academia possue, em quanto não só faltarem verbas para acquisições, senão em quanto não houver conservadores especiaes incumbidos tanto de organisar e fiscalisar as collecções, como de promover o seu engrandecimento. O pessoal da Academia comprehende tão sómente a parte docente, e os professores não têm, pela maior parte, tempo para se dedicarem aos estudos especiaes e muito minuciosos, sem os quaes não é possivel a boa direcção de uma collecção artistica. Seja porém como for, a Academia deu provas de boa vontade, expondo em quatro gabinetes, singela mas convenientemente decorados, algumas das principaes gravuras que possue; talvez que esta exposição incite não só os poderes publicos, mas até alguns particulares a favorecerem aquellas tentativas de organisar os museus nacionaes.

Gabinetes de photographia

O fim principal d'esta collecção, ainda mesmo no seu começo, é apresentar a reproducção dos nossos monumentos architectonicos, de offerecer, por assim dizer, uma historia illustrada da nossa architectura, desde os rudes tentamens das construcções megaliticas até á arte bastarda e degenerada de Mafra e Ajuda, passando pelas differentes phases em que naturalmente se divide a historia da architectura em Portugal. E não é só um monumento completo que se pretende apresentar ao estudioso, senão tambem alguns fragmentos de decoração, caracteristicos da época e do estylo, e isto em escala sufficientemente grande para poder ser convenientemente apreciado. Esta collecção começa agora, e será difficil e custoso completal-a; porem, com o auxilio de quantos se interessam pelo progresso das artes, é de esperar que esta tentativa possa ser coroada de feliz exito.

Collecção de esculpturas

Esta collecção contém reproducções em gesso de algumas estatuas importantes, pela maior parte gregas ou romanas, e por ora está disposta mais no fim de apresentar modelos aos estudantes de esculptura e desenho, do que no de offerecer uma historia graduada e systematica da esculptura. Alem de não haver salas sufficientemente grandes para semilhante muzeu, accresce a razão muito mais ponderosa da falta de meios, pois que todos os exemplares de semilhante collecção têm de ser adquiridos nos muzeus, onde existem os originaes. Comtudo a despeza não seria excessiva, e facil

seria em pouco tempo formar uma collecção valiosa de immensa importancia para o estudo.

Ha annos começou a Academia a mandar reproduzir em gesso figuras e ornatos dos nossos principaes edificios; se fosse possivel continuar este trabalho, para o que faltam meios, teriamos em muito pouco tempo um muzeu eminentemente nacional, honra e gloria do estabelecimento que o fundasse.

O Imperador percorreu estes differentes muzeus, buscando em todos examinar de preferencia os objectos de origem portugueza, e mostrando, a par da reconhecida memoria dos principes da casa de Bragança, uma intelligencia das cousas artisticas e o verdadeiro amor do bello. Infelizmente foi tão curto o tempo, que Sua Majestade pôde conceder a este estabelecimento, que mal pôde ver o principal, d'entre muito, que elle tinha que examinar.

Viu comtudo bastante para ajuizar do estado da Academia, e certificar-se de que não têm sido improficuos o tempo e os cuidados consagrados a melhoral-a pelo seu esclarecido sub-inspector, o sr. marquez de Sousa Holstein, a quem muito deve o nosso paiz, não só neste como em outros ramos do serviço publico.

Do que se passou de mais interessante por occasião da visita de Suas Majestades apresentâmos a seguinte curiosa descripção, que trasladamos do *Diario de Noticias,* n.° 2:214:

«Sua Majestade foi conduzido pelo sr. marquez de Sousa, vice-inspector, pelo director geral, secretario, os professores, e os academicos os srs. visconde de Menezes e commendador Fonseca. Começou a visita entrando na galeria de pinturas. Conhecedor dos melhores muzeus da Europa, Sua Majestade mostrou de-

sejos de examinar especialmente as producções de artistas portuguezes, pelo que o sr. marquez de Sousa lhe foi indicando as que se vêem na primeira sala, que são, como mais salientes, os quadros de Metrass e do sr. Lupi, que foi apresentado como actual professor de pintura historica. Na segunda sala prestou Sua Majestade muita attenção ao grande quadro de Vieira Lusitano, que representa Santo Agostinho, á copia da transfiguração de Raphael e á da communhão de S. Jeronymo, de Dominichino, executadas pelo sr. Antonio Manuel da Fonseca, artista que Sua Majestade conhece pessoalmente, tanto que duas vezes perguntou por elle. Nesta sala a estatua em marmore feita pelo sr. Simões d'Almeida causou vivo interesse a Sua Majestade por saber que era obra de um pensionario do estado, que apenas acabára os seus estudos. Na terceira sala, que contém os quadros comprados com as sommas dadas pelo senhor D. Fernando, foram as obras de Sequeira que mais attrahiram a attenção do imperial viajante, sobre todas o esboço que representa a allegoria á constituição de 1820. Na mesma sala o retrato de Vasco da Gama foi um dos objectos por que mostrou mais interesse, tanto que perguntou se não haveria alguma copia, ao que lhe respondeu o sr. marquez de Sousa que existia uma lithographia e duas gravuras, e que um d'estes exemplares lhe seria enviado.

Ainda que um pouco apressado, Sua Majestade foi mostrando sempre desejos de tomar conhecimento do que houvesse de maior interesse artistico ou historico; e na quarta sala observou todos os quadros com muita attenção, sabendo que o maior numero d'elles pertenceram ao espolio da sr.ª D. Carlota Joaquina, comprados em 1859. Na quinta e ultima sala, onde se conservam os

quadros pertencentes á chamada *escola portugueza,* o sr. marquez de Sousa notou-lhe em poucas palavras o que se tem escripto ácerca da existencia de Grão Vasco, e apontou-lhe diversos objectos caracteristicos, representados em differentes quadros, que muito prenderam a curiosidade do illustre visitante, sempre indagador e intelligente apreciador. É na parte historica sobretudo em que mais se manifesta o interesse de Sua Majestade, e por isso, passando a examinar a collecção dos objectos d'arte ornamental, minuciosamente observou as inscripções gravadas em diversos calices, os variados assumptos representados em baixos relevos de muitos dos objectos que alli se vêem, cuja ornamentação indica o seculo em que foram executados. Da collecção de desenhos antigos, cujo numero se eleva a 2:000, estão apenas emmoldurados e collocados 516; mas são estes os mais notaveis que possue a Academia, e que Sua Majestade passou depois a ver, fazendo sempre indagações, perguntando com mais interesse, como já dissemos, pelos de artistas portuguezes; e o mesmo succedeu examinando a collecção de gravuras.

Dirigido depois á aula de esculptura, examinou com attenção alguns dos modelos do monumento ao senhor D. Pedro IV, premiados no concurso a que se procedeu, e os estudos do sr. Simões de Almeida; e o sr. Victor Bastos, que já havia sido apresentado como professor, apresentou o seu projecto de monumento aos descobridores portuguezes, que Sua Majestade observou por todos os lados, com aquella attenção propria de um assumpto, que não podia deixar de lhe despertar o maior interesse. Ácerca do monumento a Camões dirigiu Sua Majestade honrosas palavras ao sr. Bastos.

Passou depois a visitar as aulas, nalgumas das quaes

se achavam ainda alguns discipulos; em seguida foi á bibliotheca, perguntando sempre se existiam obras escriptas por portuguezes.

Tendo examinado todas as collecções e as aulas, Sua Majestade entrou no gabinete do sr. marquez de Sousa, e ahi viu diversos modelos, em barro, do esculptor Joaquim Machado de Castro e outros; e entre algumas obras do sr. conselheiro Francisco d'Assis Rodrigues notou o busto do sr. visconde de Castilho, feito ha já alguns annos.

Finalmente, para completar a sua visita e tornar-se agradavel aos professores da Academia, Sua Majestade disse-lhes que desejava ver os seus *ateliers*. No do sr. Annunciação, que foi o primeiro, notou os seus desenhos a carvão, e disse-lhe que já conhecia muito o seu nome e merecimento pelas obras que possue o senhor D. Fernando. Demorou-se algum tempo com o sr. Lupi, apreciando muito alguns retratos e pequenos quadros que tem, uns em esboço e outros concluidos. No do sr. Victor Bastos, entre outros trabalhos, observou com minuciosidade o busto em marmore, ainda não concluido, do grande orador José Estevão. No do sr. Pedroso, examinando algumas provas de gravura em madeira, gostou muito de umas que representam alguns typos em caricatura; e, apreciando a gravura, desejou saber quem tinha sido o desenhador tão espirituoso, ao que respondeu o sr. Pedroso que era o sr. Macedo, pintor scenographo. No do sr. Sousa viu a grande gravura que tem em andamento para a sociedade promotora das bellas artes; e, examinando a sua collecção de retratos, foi notando os que achava mais ou menos parecidos, dando a entender assim que conhece quasi todos os homens notaveis do nosso paiz. Vendo o de Rebello da Silva, disse:

«Este não cheguei a conhecer, infelizmente.» O *atelier* do sr. Sequeira foi o ultimo, e, vendo alguns dos seus desenhos de architectura, Sua Majestade perguntou-lhe se era parente do grande pintor, ao que lhe foi respondido que fôra seu tio.

Finalmente, conduzido Sua Majestade á secretaria da Academia, o sr. marquez apresentou-lhe o diploma de Academico honorario, cuja eleição havia tido logar domingo, reunindo-se para este fim todo o corpo academico. Sua Majestade pareceu ficar satisfeito, e agradeceu com aquella benevolencia que tanto o caracterisa. — Foi-lhe depois apresentado o livro das assignaturas dos membros da sociedade promotora das bellas artes em Portugal, e em seguida aos nomes da familia real portugueza Sua Majestade escreveu: *D. Pedro de Alcantara.* — Egualmente lhe foram apresentados todos os catalogos e relatorios da mesma sociedade, o catalogo das obras enviadas á exposição de Madrid, o dos objectos offerecidos pelo governo de Hespanha e outros da Academia, depois do que Sua Majestade se retirou, despedindo-se de todos com a maior affabilidade.»

Camara dos pares

Da Academia das bellas artes passou Sua Majestade á camara dos pares, e tomou logar na tribuna do corpo diplomatico. Apenas constou que o Imperador chegara, quasi todos os membros da camara hereditaria o foram comprimentar, sendo recebidos com a costumada affabilidade. Sua Majestade mostrou desejo de fallar ao sr. barão de Villa Nova de Foscôa; e logo compareceu

este digno par, com quem Sua Majestade conversou por algum tempo.

Nos corredores da camara, encontrou o Imperador o sr. barão de Joanne, e, logo que o reconheceu, se lhe dirigiu, e fallou-lhe com a mais perfeita cordialidade. Sua Majestade estivera com este distincto cavalheiro em Villa Nova de Famalicão, sua residencia, e onde tem exercido e exerce importantes cargos publicos.

Da camara dos pares foi Sua Majestade á Torre do Tombo, onde viu e examinou alguns dos mais notaveis documentos que se acham naquelle riquissimo repositorio.

Visita á Escola Polytechnica

O director d'este estabelecimento, o sr. dr. Pereira da Costa, e os lentes, srs. Bocage, dr. Lourenço, José Julio, Pina Vidal e outros, receberam o Imperador. Primeiro dirigiu-se ao muzeu mineralogico; depois passou ao amphitheatro de chimica, onde o sr. Aguiar, distincto lente de chimica mineral, estava dando aula. Sua Majestade demorou-se alli cerca de um quarto de hora, não tendo acceitado uma cadeira, que lhe fôra offerecida, e indo sentar-se no meio dos alumnos.

O sr. Aguiar tinha preparado algumas experiencias bastante delicadas e curiosas, que Sua Magestade não pôde presencear, por ter ainda de visitar a Imprensa Nacional. A galeria do amphitheatro achava-se repleta de assistentes. Sua Majestade visitou por fim o muzeu mineralogico, sempre acompanhado pelo corpo docente da escola, a quem mostrou o maior agrado, testemunhando o elevado conceito que ficava fazendo d'aquelle estabelecimento scientifico.

Visita á Imprensa Nacional

Ás tres horas encaminhava-se Sua Majestade o Imperador do Brasil, a pé, da Eschola Polytechnica para a Imprensa Nacional. O Imperador era esperado á entrada d'este importante estabelecimento pelos srs. conselheiro Firmo Augusto Pereira Marécos, administrador geral; Angelo Raphael Vecchiato, contador; Pedro Casimiro Rodrigues, thesoureiro; Pedro Pinto de Moraes Sarmento e Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa, empregados da contadoria; directores, mestres, chefes e fieis de todas as officinas e armazens; primeiros e segundos revisores, etc. Aos respeitosos comprimentos de todos correspondeu Sua Majestade de modo tão singelo quanto agradavel.

Começou a visita pela officina de gravura, onde observou, entre outras peças, os medalhões em baixo relevo, representando os monumentos de el-rei D. José, D. Pedro IV e de Camões, em Lisboa. Attrahiram-lhe a attenção os trabalhos das tres machinas para gravar, que viu funccionar. As machinas de Guillocher e a machina pantographica, destinadas para gravar chapas para notas de bancos e papeis de credito, executaram diversas gravuras. A terceira machina, para copiar qualquer objecto em relevo, como medalhas e ornatos, executou sobre uma lamina de cobre a copia da medalha com o busto do sr. D. Pedro IV. Sua Majestade viu tambem as differentes gravuras em cobre e madeira e os difficeis trabalhos dos typos em aço (punções) que fornecem á fundição dos typos as matrizes necessarias para fundir. Viu as chapas executadas para um processo denominado «impressão natural», cuja gravura é obtida,

pela impressão sobre a chapa, dos proprios objectos naturaes, taes como plantas inteiras, folhas soltas, etc. Este processo tem applicação para as differentes obras que tractam do estudo da botanica; reparando Sua Majestade nos trabalhos de gravura photographica executados pelos novos processos, assim como os bons resultados obtidos pelos processos da galvanoplastia, e que constam de chapas de cobre polidas de grandes dimensões, copias de differentes medalhas, de chapas gravadas e de muitos outros objectos. É director d'esta officina o sr. José Leipold.

Seguidamente visitou o Imperador a officina de fundição manual e mechanica, sob a direcção do sr. Ignacio Lauer, fazendo menção especial da rapidez dos trabalhos e perfeição dos productos; dignando-se assistir á esteriotypagem do *Boletim do Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, que de Lisboa se remette pelos paquetes trasatlanticos e da carreira do *Pacifico;* observando egualmente os trabalhos mechanicos e os instrumentos, assim como as matrizes, e todos os mais utensilios de que se compõe este valioso serviço.

Examinou tambem Sua Majestade o armazem da venda dos typos, sob a responsabilidade do sr. José Antonio Dias, em o qual estão valores de mais de sessenta contos de réis fortes.

Passou o augusto visitante a examinar a impressão mechanica e a simultanea, a cargo do sr. José Bento Esteves. Em seguida dirigiu-se tambem á impressão manual, aonde foi sollicitado para ver a fôrma ou chapa de um elegante escudo das armas do imperio, e do qual lhe foi offerecido um exemplar pelo distincto artista, o sr. Francisco Guilherme Tito da Silva, contramestre da escola typographica, impresso a ouro e prata

em setim verde pelos srs. Leonardo e Spinola, sob a inspecção do contra-mestre dos impressores, o sr. Francisco de Paula Nogueira. O Imperador dignou-se acceitar a offerta d'este primor artistico, executado a filetes de zinco, em que exclusivamente se empregou o material typographico. Como ornamento da corôa imperial brasileira lê-se, além de todos os nomes das provincias do imperio, o seguinte: Descoberta do Brasil pelos portuguezes em 1500 — Introducção da imprensa no Brasil em 1808 — Independencia do Brasil em 1822 — Promulgação da constituição em 1824 — Expulsão dos hollandezes em 1654 — Acções victoriosas no Paragay em 1868 — Elevação á cathegoria de reino em 1815 — Fundação da capital no Rio de Janeiro em 1763. Sob a corôa lê-se: *Dedicado á nação brasileira;* no centro da esphera: *Emancipação dos escravos em* 28 *de setembro de* 1871.

Passou Sua Majestade o Imperador ás vastas salas da officina de composição typographica sob a direcção do sr. João Manuel de Freitas, onde pelo sub-director o sr. Mauricio José Dias lhe foi apresentado o sr. João Maria Pinheiro Falcão, decano dos typographos portuguezes, que conta 60 annos de serviço naquelle estabelecimento. Continuou o Imperador dirigindo-se á escola de composição; e concluiu a visita na contadoria e administração superior, honrando o livro dos visitantes com a sua assignatura, querendo confundil-a entre outros nomes, e não acceitando para tal fim pagina alguma especial do livro mencionado. Mais de uma vez consultou Sua Majestade o relogio, lamentando não poder demorar-se mais uma ou duas horas, por estar compromettido a comparecer no paço da Ajuda ás cinco horas e meia.

Sua Majestade o Imperador dignou-se acceitar a offerta, que o sr. conselheiro administrador geral teve a honra de lhe fazer, em nome do estabelecimento, das seguintes interessantes publicações: *Specimen da fundição dos typos* — ultima edição esmerada; *Ignez de Castro, episodio dos Lusiadas*, em portuguez, hespanhol, francez, italiano, inglez e allemão, sendo este ultimo idioma composto em caracteres germanicos — edição de luxo; *Carta constitucional da monarchia portugueza* — edição especial com as paginas guarnecidas de filetes e vinhetas, impressa em preto, a ouro e azul; *Ignez de Castro e Adamastor*, com a traducção franceza do sr. Escodeca de Boisse — edição nitida; *Homenagem da Imprensa nacional* — poesia do sr. V. de Castilho — com vinhetas impressas a quatro côres, ouro e prata; — *Breve noticia da imprensa nacional* — edição ordinaria; uma valiosa collecção de mappas geographicos, corographicos e topographicos, gravados em pedra, lithographados e chromolithographados. A composição typographica dos 1.º, 3.º e 5.º trabalhos acima mencionados foi executada pelo sr. Augusto Cesar Pereira da Cunha, mestre da eschola de composição, e a dos 2.º e 4.º pelo sr. Joaquim Pedro das Neves; sendo a impressão de todos feita pelos srs. João Francisco Saraiva, mestre da eschola de impressão, e Francisco de Paula Nogueira, ou debaixo de sua vigilancia.

Depois das cinco horas da tarde despedia-se o Imperador, manifestando o seu agrado pelo progresso artistico que encontrou em todas as secções d'este estabelecimento, o qual mereceu ser classificado — *um dos primeiros do concurso*, pelo jury internacional da exposição de Paris em 1867, que lhe conferiu uma medalha de ouro.

O modo como o Imperador se expressou durante a sua visita á Imprensa Nacional, é um novo galardão ao digno chefe d'aquelle importante estabelecimento nacional e aos seus empregados technicos e artistas, que tanto têm cooperado para lhe conquistar tão distincto logar na industria typographica.

Festa no paço d'Ajuda

Foi sumptuosa e magnifica a festa dada pelos monarchas portuguezes em honra de seus imperiaes tios.

Não tendo obtido informações particulares, pedimos licença para aproveitar a minuciosa descripção feita pelo illustrado correspondente do *Commercio do Porto,* e que é assim:

«O sarau da côrte esteve uma festa verdadeiramente real, e tão digna da pessoa que a deu como d'aquellas em honra de quem se fizera. El-rei quiz festejar o regresso de seu augusto tio, o Imperador do Brasil, a Lisboa, e fel-o de um modo brilhantissimo. Perto de mil pessoas assistiram ao concerto e podem dar testemunho de que não ha exaggeração em se considerar o sarau dado hontem no paço em honra do senhor D. Pedro II como uma das melhores festas que tem havido no paço do monarcha portuguez. O jantar, dado tambem em obsequio aos imperiaes viajantes, começou ás sete horas da tarde. A meza e apparadores estavam deslumbrantes pelas magnificas peças de prata e ouro da riquissima baixella, crystaes e flores que a adornavam.

Sua Majestade a rainha tinha á direita o Imperador do Brasil, e á esquerda el-rei D. Fernando. No centro, do lado opposto, estava a Imperatriz, tendo el-rei D. Luiz

á direita, e á esquerda o sr. presidente do conselho de ministros.

Durante o jantar esteve tocando no atrio do palacio a excellente banda de musica da guarda municipal de Lisboa.

Findo o jantar, seguiu-se o concerto, que, com algumas leves alterações, foi conforme ao programma, e que era assim concebido:

Primeira parte

1.º Abertura da opera «Marco Spada», executada pela orchestra da real camara — Auber.
2.º Romanza «La Sérénade», pelo sr. A. Stagno — Schubert.
3.º Fantasia original, para trompa, pelo sr. J. T. Del-Negro — Del-Negro.
4.º Duetto «Dei Pescatori», por Madame Fricci Baraldi e o sr. A. Cotogni — Manzocchi.

Segunda parte

5.º Unisono do 5.º acto da opera «Africana», executado pela orchestra com instrumentos pertencentes a Sua Majestade el-rei o senhor D. Luiz — Meyerbeer.
6.º Romanza russa «On Menia», pelo sr. L. Miller — I. Paarkoff.
7.º Nocturno de «D. Pasqual», duetto por mademoiselle L. Harris e o sr. Stagno — Donizetti.
8.º Fantazia sobre motivos da opera «Martha», para violoncello, pelo sr. J. A. Sergio da Silva — Paque.
9.º Ich grolle nicht «Romanza» e Ungeduld «Romanza» por Madame Fricci Baraldi — Schumann Schubert.

Terceira parte

10.º Abertura, pela orchestra, da opera «Giralda» — Adam.
11.º Romanza «Io t'amero», pelo sr. Cotogni — Campana.
12.º Rondó por madamoiselle L. Harris, escripto expressamente para o final da opera «A filha do regimento» — G. Cossoul.
13.º Fantasia sobre motivos da opera «Um baile de mascaras» (de Verdi) para saxophone, pelo sr. A. Neuparth — Neuparth.
14.º Tercetto da opera «Guilherme Tell», pelos srs. A. Stagno, A. Cotogni e Miller — Rossini.

As peças de canto foram acompanhadas ao piano pelo sr. Guilherme Cossoul. Dirigiu a orchestra e os solos de instrumental o mestre da real capella, Manuel Innocencio Liberato dos Santos.

Findo o concerto, abriu-se a porta do grande salão da ceia, e foram servidos com profusão os mais delicados manjares aos convidados de el-rei.

Todas as salas estavam brilhantemente illuminadas, e produziam excellente effeito, mas nenhuma como a da ceia, muito mais espaçosa do que os outros salões e illuminada com mais de mil velas de stearina. Á entrada do paço encontravam-se dois grandes repuchos, que deitavam constantemente agua. Arbustos, grandes vasos com flores, muitos espelhos, indicavam desde logo que no arranjo do magnifico palacio da Ajuda tinha havido o maior esmero para aquella pomposa festa. Entrava-se pela sala do bilhar, seguia-se um espaçoso salão reservado para o jogo, depois um pequeno gabinete com

moveis antigos de subido valôr, em seguida outra grande sala com retratos das pessoas reaes, moveis de muito gosto e ricas porcellanas de Sèvres; entrava-se depois na vasta sala do throno, depois para uma outra sala, onde estava grande numero de cadeiras para quem quizesse assistir ao concerto, que se effectuou na sala immediata, chamada de D. João IV. Nesta sala estavam cinco cadeiras douradas, onde se sentaram a Imperatriz, em seguida el-rei, depois o Imperador, em seguida a rainha, e finalmente o sr. D. Fernando.

A sr.ª condessa d'Edla não assistiu ao jantar, mas assistiu ao concerto, sentando-se na primeira fila de cadeiras destinadas ás senhoras, tendo sido conduzida áquelle logar pelo braço do sr. D. Fernando.

Quando começou a ceia, a Imperatriz foi pelo braço de el-rei, a rainha pelo do Imperador, e a sr.ª condessa d'Edla pelo do sr. D. Fernando.

Sua Majestade a Imperatriz trajava de setim verde e rendas brancas; no penteado, flores; adereço de perolas, e a banda de Santa Isabel em brilhantes. Sua Majestade a rainha vestia de setim branco e cauda azul com grinaldas de flores; adereço de brilhantes e perolas; nos seus formosos cabellos estrellas de brilhantes. A sr.ª condessa d'Edla, de veludo côr de rosa e cauda de veludo verde e rendas brancas; nos seus louros cabellos flores e estrellas de brilhantes; adereço de perolas e brilhantes. A esposa do sr. Nogueira da Gama (camarista do Imperador) vestia de setim escarlate e brilhantes, assim como a sr.ª viscondessa de Castello de Borges. De setim amarello e rendas brancas vestiam as sr.ªs viscondessas de Almeida e da Gandarinha, a esposa do ministro do Perú e madame Alvim. De verde com flores e brilhantes trajavam as sr.ªs mar-

queza d'Acapulgo, viscondessa de Menezes, condessa de Penamacôr e sua irmã, e madame Fernandez de los Rios. De branco com flores, madamoiselle Glinka, D. Gabriella Linhares, viscondessa de Moraes Sarmento, mademoiselle de Gerandó, condessas das Alcaçovas e de Casal Ribeiro, viscondessa de Chancelleiros, e as meninas Bomfim e Angeja. De setim côr de perola, com rendas e brilhantes, a sr.ª marqueza de Avila, viscondessa de Val da Gama, condessa de Linhares, condessa de Sousa Coutinho, marqueza de Angeja, viscondessa de Valmôr e D. Carlota Moncorvo. De azul a sr.ª condessa da Torre, e as filhas dos viscondes de Almeida. De côr de rosa a sr.ª D. Mathilde Seguier; da mesma côr a sr.ª marqueza de Penafiel, etc., etc., etc.

Os Imperadores sahiram logo que acabou a ceia, sendo acompanhados até á porta por el-rei que dava o braço á Imperatriz.

A rainha ao despedir-se da Imperatriz beijou-lhe a mão, e Suas Majestade Imperial correspondeu a esse comprimento dando-lhe um beijo na face.

Quando os ultimos convidados sahiram do Paço da Ajuda haviam dado quatro horas da manhã.

Dia 12

Suas Majestades resolveram visitar neste dia o magnifico convento de Mafra.

Visita a Mafra

Chegaram os Imperadores a Mafra eram quasi dez horas e meia.

Quando chegaram á porta da real tapada, deu uma salva a bateria de quatro bocas de fogo, que alli estava postada, guarnecida pelos alumnos do real collegio. Os alumnos e o destacamento de infantaria 10 formavam á porta da tapada.

Pouco depois chegou el-rei, que foi saudado com outra salva.

Ao lado do corpo collegial estava o estado maior do collegio, o professorado e o general director.

O alumno n.º 5, commandante do batalhão collegial, apresentou depois a Suas Majestades o mappa da força, segundo a praxe militar. O mappa era desenhado á penna com toda a pericia e quasi microscopicamente sobre um trophéu das armas de Portugal e do Brasil, nas costas d'uma lindissima photographia, que representava o grandioso monumento de Mafra.

Suas Majestades viram o templo e suas dependencias, os magnificos paramentos e alfaias em perfeito estado de conservação, o palacio, parte do convento, a vasta e elegante bibliotheca, o collegio militar, o asylo dos filhos dos soldados, a casa de fazenda do collegio, algumas aulas e a sala de esgrima.

Foi apresentado por el-rei ao Imperador o distincto poeta e escriptor, o sr. Estacio da Veiga, o qual offereceu um exemplar das suas obras ao monarcha brasileiro.

Tambem o general director lhe apresentou o notavel escriptor, o sr. Luciano Cordeiro, que egualmente presenteou Sua Majestade com um exemplar dos seus livros.

O sr. Joaquim da Conceição Gomes offereceu ao Imperador um exemplar da sua memoria descriptiva do momumento de Mafra.

Sahiram Suas Majestades á uma e meia da tarde.

Volta a Lisboa

Depois de Suas Majestades chegarem da sua excursão a Mafra foram comprimentados pelo ministerio, pelas deputações das duas casas do parlamento, por uma commissão da academia real das sciencias, pelos srs. Mendes Leal, marquez de Rezende, general da 1.ª divisão militar e seu estado maior, generaes de brigadas, commandante da guarda municipal, officiaes superiores dos corpos da guarnição, membros do corpo diplomatico, e muitas pessoas da côrte.

Tambem foi recebida por Sua Majestade a sr.ª D. Maria Emilia de Sousa Martinni, viuva do coronel D. Manuel Martinni, particular amigo do Imperador D. Pedro IV, e um dos heroes, que primeiro deram o grito da liberdade em Thomar.

Esta senhora fôra encarregada por seu marido, quando elle jazia no leito da dor, e estava ás portas da morte, de conservar a espada que lhe pertencia, e de offerecel-a ao filho do Imperador, caso este viesse um dia a Portugal; obrigando-a, sob juramento, a cumprir este encargo.

O monarcha brasileiro commoveu-se perante esta prova de saudade e affecto, e perguntou á viuva porque não conservava aquella reliquia de seu fallecido esposo: ao que a sr.ª D. Maria Emilia respondeu que simplesmente era depositaria d'aquelle objecto, e que de Abrantes viera expressamente para o entregar ao seu verdadeiro dono.

Então Sua Majestade recebeu a espada; mas logo lhe disse: «Como agora é minha, peço-lhe que a acceite de minha mão, como presente meu.»

A viuva ficou muito contente com esta resolução do Imperador, pois continuava a conservar aquella lembrança de seu saudoso marido; e Sua Majestade recommendou-lhe que, quando se lhe offerecesse occasião, comparecesse na legação brasileira, em Lisboa.

Depois de jantar foram Suas Majestades ao theatro do Gymnasio, onde se representavam o drama — *Arte, patria e caridade,* e as comedias — *O lenço branco* — *Não falta nem sobeja nada a minha mulher* — e *Rosario, batina e chambre.* A orchestra do theatro tocou o hymno brasileiro; e o sr. Braz Martins, distincto actor e auctor, recitou uma poesia de sua composição, saudando o sr. D. Pedro II, a qual foi muito applaudida. O theatro estava cheio. Compareceu tambem o sr. D. Fernando e sua esposa.

Ás dez horas e meia foram Suas Majestades para o theatro de S. Carlos, no qual o espectaculo se compunha da opera *D. Carlos,* e da dança *Dançarina.* Estiveram sempre no camarote do monarcha portuguez.

Dia 13

Era este o ultimo dia em que Suas Majestades viam o azul do céu d'este bello paiz. Iam terminar a sua viagem na Europa e dizer adeus a esta terra, que os recebeu com o carinho e enthusiasmo, que merecia um monarcha illustrado, chefe d'uma nação ligada á nossa, pela historia, pelas tradições, e pelos costumes.

Não faltando aos seus inveterados mas hygienicos ha-

bitos, o Imperador sahiu do hotel ás sete horas e vinte minutos da manhã, e, sem outro acompanhamento, que o respeito devido a tão excellente monarcha, foi á photographia *Aux arts reunis,* estabelecida na rua nova dos Martyres, aonde se fez retratar.

Concluido este trabalho, dirigiu-se Sua Majestade a ver o aqueducto das Aguas livres, soberbo monumento do reinado de D. João v, utilissimo á capital que o possue, e digno da attenção do viajante apreciador.

Depois passou o Imperador ao palacio das Necessidades. O imperial viajante é intimo amigo do sr. D. Fernando, com quem conserva as mais affectuosas e cordeaes relações. E assim, antes de retirar-se, quiz ainda almoçar com Sua Majestade, e mais uma vez se encontraram reunidos aquelles dois monarchas, ambos illustres pelo talento e pela fama de suas virtudes civicas.

Almoçou pois o sr. D. Pedro com o sr. D. Fernando, terminando o almoço ás onze horas e um quarto.

D'aqui foi Sua Majestade para o palacio das Janellas Verdes, onde visitou mais uma vez a Imperatriz viuva. Eram as ultimas despedidas feitas á esposa de seu pae. Imagine-se como seriam commovedores e expressivos aquelles momentos tristes, em que o corpo parte, mas a alma fica presa pelos laços da mais terna amizade.

Visita a S. Vicente de Fóra

Não quiz Sua Majestade deixar Portugal sem que outra vez fosse orar junto das cinzas de seu pae.

Quasi meia hora depois do meio dia entraram os Imperadores no mosteiro de S. Vicente de Fóra, sendo recebidos á porta do paço patriarchal pelo sr. patriar-

cha, acompanhado dos seus famulos. O prelado conduziu Suas Majestades até á casa dos jazigos da familia de Bragança, onde os augustos viajantes fizeram oração.

De S. Vicente foram Suas Majestades para o hotel, e alli se despediram do proprietario e mais empregados, agradecendo e louvando o bom tractamento que lhes tinha sido dado.

Ás duas horas partiram os Imperadores e toda a sua comitiva para o arsenal da marinha. Já aqui estavam el-rei e a rainha com seus dois filhinhos, o rei D. Fernando, o ministerio, presidente da camara municipal, ministro do Brasil, contra-almirante Cardoso, visconde de Soares Franco, D. Luiz de Mascarenhas, conde de Linhares, marquez de Ficalho, muitos altos funccionarios e pessoas da nobreza.

Sua Majestade a rainha e os principes fizeram alli as suas ultimas despedidas a seus tios, e não foram a bordo do vapor.

Os Imperadores, com os srs. D. Luiz e D. Fernando, tomaram logar na galeota real. O ministerio e o sr. marquez de Ficalho entraram noutra. Seguiam alguns escaleres, conduzindo as auctoridades superiores de marinha, o sr. director da alfandega e outras pessoas.

Estas embarcações largaram de terra em direcção ao *Boyne*, paquete inglez, que havia de conduzir ao porto de seu destino os monarchas brasileiros; e logo as embarcações de guerra salvaram, subindo os marinheiros ás vergas a dar os vivas do estylo.

Chegados ao vapor, foram Suas Majestades recebidos pelo commandante e officiaes, e pelo duque de Saxe, viuvo d'uma filha dos Imperadores, a sr.ª D. Leopol-

dina, princeza de muitas virtudes, ha pouco fallecida em Vienna d'Austria. Os imperiaes viajantes desceram immediatamente á camara para verem os seus dois netos, que o Imperador não consentiu ficassem na capital da Austria, pois os quer educar e dirigir, tendo-os a seu lado. São duas galantes crianças, já muito desenvolvidas e discretas. O Imperador quer dar-lhes uma educação verdadeiramente brasileira; e, como o secretario da legação perguntasse se os principes fallavam portuguez, o senhor D. Pedro II acudiu logo: «Fallam, e tambem o allemão e o francez; mas fallam portuguez todos os dias, que é a sua lingua, e que eu quero que saibam muito bem.»

Voltando á tolda, os imperiaes viajantes conversaram muito com os senhores D. Luiz e D. Fernando, e com outras pessoas que alli estavam. O Imperador fallou ao sr. Ayres de Sá Nogueira, por quem enviou recommendações para o nobre marquez de Sá, julgando que este illustre veterano não iria a bordo; mas o heroe da liberdade não faltou a despedir-se do filho do seu commandante.

Tambem Sua Majestade Imperial se deteve duas vezes com o sr. Filippe de Carvalho, director da *Correspondencia de Portugal,* excellente folha de Lisboa. Perguntou-lhe se elle alguma vez iria ao Brasil, e manifestou desejos de o lá ver. Por esta occasião o sr. barão do Bom Retiro, batendo no hombro do honrado jornalista, disse para o Imperador: «Aqui temos um bom amigo nosso.» Ao que Sua Majestade replicou: «Bem sei; já nos conhecemos do Lazareto.»

Emfim eram tres horas e meia da tarde, e a marinhagem do *Boyne* ia fazer os preparativos da partida. Então se fizeram as ultimas despedidas, e por isso mais solemnes e tocantes. A Imperatriz, com os olhos

rasos de lagrimas, abraçou carinhosamente o senhor D. Luiz, e beijou-o na face direita. O Imperador abraçou apertadamente seu sobrinho e cunhado; e logo ambos se dirigiram para bordo da galeota.

Quando os monarchas portuguezes entravam na galeota, a tripulação do vapor levantou tres *hourras*, e a musica de bordo tocou o hymno real.

Eram cinco horas da tarde, hora designada para a partida do *Boyne*. O vapor largou da boia, e, majestoso e sereno, seguiu Tejo abaixo.

Os Imperadores fizeram com os lenços as ultimas despedidas, e foram com os olhos fitos em terra, até que a cidade, diminuindo pouco a pouco de volume, se escondeu aos olhares saudosos e gratos dos sympathicos Imperadores do Brasil.

Illuminações

Na noite de 7 de março as illuminações em Lisboa foram esplendidas. A praça de D. Pedro offerecia um aspecto brilhante e phantastico. Do lado sul da praça erguia-se um elegante portico, formado por extraordinario numero de bicos de gaz. Do lado norte estava esplendidamente illuminada a fachada do theatro de D. Maria II, ao sopé do qual se estendia uma extensa fileira de grandes candelabros de gaz, ligados por lindas grinaldas tambem illuminadas. Em torno da praça scintillavam milhares de luminarias nas quinhentas e tantas janellas que para alli se abrem. Aos lados do monumento de D. Pedro IV havia uma infinita quantidade de lumes, caprichosamente dispostos em elegantes obeliscos. Na orla do grande parallelogrammo, que con-

stitue a praça, avultavam muitos candieiros e ramos de açucenas luminosas.

Mais de quarenta mil pessoas, reunidas naquelle local, admiravam a prodigiosa exuberancia de luz, que deslumbrava os olhos, e offerecia um aspecto magnifico e original.

Todos os edificios publicos e grande numero de casas particulares illuminaram-se prodigamente, sobresahindo entre as mais esplendidas as dos srs. Bruno Alvares Lobo, Vianna, M.^me^ Aline, visconde d'Ouguella, Paulo Cordeiro, visconde da Gandarinha, e *hotel Alliance*.

O passeio do Rocio tambem estava deslumbrantemente illuminado.

A commissão dos festejos circumscrevera á praça de D. Pedro e passeio do Rocio as illuminações que havia projectado, e por isso nestes dois pontos se agglomerava uma grande multidão, ávida de gosar estes brilhantes espectaculos.

No dia 8 repetiram-se as mesmas illuminações, tornando-se notavel a da sociedade *Recreação philarmonica,* estabelecida no Arco do Bandeira. A ornamentação da fachada do edificio era de um effeito surprehendente. Na varanda principal e nas lateraes havia um grande numero de jarras com flores. O quadro, que occupava toda a varanda da frontaria, era composto de tres mil bicos de gaz. Superior a este quadro destacava-se uma bella coroa imperial, formada tambem por muitas luzes, e tendo aos lados duas estrellas vivamente esplendorosas. No tympano, de cujos lados corriam duas pilastras illuminadas, erguia-se um globo encerrando uma estrella magnifica, ladeada por elegantes ornatos. Um tropheo de bandeiras e duas coroas com as armas de Portugal e Saboia eram realçados por luzes iriadas.

No dia 9 houve as mesmas illuminações da noite an-

tecedente; não se accendendo porém, por causa do vento, os magnificos obeliscos na praça de D. Pedro. As casas das associações *Gremio popular* e *Civilisação popular* estiveram embandeiradas e illuminadas nestas tres noites.

Presentes e offertas feitas em Lisboa a Suas Majestades

Em Lisboa tambem Suas Majestades receberam de grande numero de cavalheiros e damas muitas provas de estima e consideração nos presentes e mimos que lhes offereceram. Além dos que já temos mencionado, receberam mais os seguintes:

— O sr. vice-consul do Brasil na Ilha Terceira, Joaquim Antonio de Mendonça e Menezes, offereceu no dia 7 a Sua Majestade os *Annaes da Ilha Terceira,* com rica encadernação; uma photographia, em ponto grande, da cidade de Angra; o livro intitulado *Noticia do Archipelago dos Açores,* pelo sr. Accursio Garcia Ramos; a biographia do sr. marquez de Avila e Bolama, pelo sr. André Meirelles do Canto e Castro; e finalmente um livro e um soneto, escriptos expressamente, e dedicados ao monarcha brasileiro por mr. Gustave Kerpim.

— A sr.ª D. Maria G. Coutinho Botelho offereceu a Sua Majestade um hymno intitulado *Recordações da Patria,* e uma polka *Feliz Regresso.* Estas peças musicaes musicaes tinham sido desempenhadas pelas bandas de musica no dia em que foram offerecidas.

— O sr. Ernesto Augusto Desforges dedicou ao Imperador a comedia em um acto *Durante o reinado de D. Pedro II,* representada pela primeira vez no dia 8 no theatro da rua dos Condes.

— Sua Majestade, a sr.ª Imperatriz viuva, diz-se que presenteou seu augusto enteado com algumas joias de subido valor.

— O sr. Alfredo de Athaide entregou no dia 8 a Sua Majestade Imperial uma comedia, que escrevera, intitulada *Arte, patria e caridade.*

— O sr. Severiano José de Abreu, artista de canteiro e de esculptura, com officina na calçada do Combro, offereceu ao Imperador uma linda coroa imperial e uma almofada, fabricadas de pedra lioz. Estes bem executados objectos hão de apparecer na exposição que se tenciona realisar no Brasil, e hão de depois ser collocados sobre o tumulo de D. Pedro IV em S. Vicente de Fóra. Além d'estes objectos presenteou o sr. Severiano José de Abreu ao Imperador com dois lindos desenhos feitos por seu filho, o sr. José Miguel d'Abreu, que actualmente é professor de desenho na Universidade.

— O sr. Antonio Gregorio de Freitas, contra-almirante, venerando ancião encanecido no serviço maritimo, compoz algumas peças metricas e dedicou-as ao Imperador, em nome dos veteranos da liberdade.

— A sr.ª viscondessa de Menezes presenteou a Imperatriz com uma linda pintura a oleo, obra do sr. visconde de Menezes.

— A sr.ª D. Josepha d'Almeida e Vasconcellos, mãe do sr. dr. José d'Almeida e Vasconcellos, secretario da legação brasileira em Montevideu, compoz para piano e canto um harmonioso hymno dedicado ao Imperador. A auctora tenciona imprimir o hymno; e, em acção de graças á Providencia pela feliz viagem de Suas Majestades, deliberou distribuir o producto d'elle por asylos e pessoas necessitadas.

— O sr. José Ribeiro Neves, auditor do exercito na

primeira divisão militar, offereceu ao Imperador o retrato de seu augusto pae, tirado poucas horas depois de fallecido, pelo celebre pintor Primavera.

— O sr. José Marianno Ferreira presenteou Sua Majestade com um bonito quadro feito á penna. O sr. Ferreira é artista musico, mas cultiva com esmero este genero de trabalho.

— O sr. dr. Peixoto de Brito, consul geral do Brasil em Hespanha, deu ao Imperador um bellissimo quadro do celebre pintor Murillo.

— A sr.ª D. Maria Cohen offereceu ao senhor D. Pedro um *Canto heroico,* acompanhado do seu retrato.

— O sr. Francisco Palha, constando-lhe que Sua Majestade mostrara empenho em possuir algum autographo notavel de Almeida Garrett, mandou-lhe, por intervenção do ministro do Brasil, uma comedia ou proverbio do illustre poeta, intitulada *Um noivado no Dáfundo,* escripta expressamente para ser representada na casa e quinta do offerente; e tambem lhe mandou uma carta em verso, egualmente de Garrett.

— O sr. abbade Castro deu ao Imperador uma carta autographa da rainha a senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, escripta a seu filho o sr. D. Miguel de Bragança; duas cartas, autographas tambem, do sr. D. Pedro I, imperador do Brasil, para seu irmão o sr. D. Miguel; e outra, egualmente autographa, da imperatriz do Brasil, a sr.ª D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, Archi-duqueza d'Austria, para seu cunhado, o mesmo sr. D. Miguel de Bragança. O conteúdo d'estas cartas prende com a historia do projectado casamento da sr.ª D. Maria II com seu tio o sr. D. Miguel.

— O sr. Antonio Pereira da Cunha, um bello exemplar do seu excellente poemeto — *O voto de el-rei.*

— A companhia de fundição *Perseverança,* um busto em bronze do primeiro duque de Palmella.

— O sr. João Wagner Russel, as suas pautas calligraphicas.

— O sr. João José Lopes, a sua taboada methodica dos rudimentos de arithmetica.

— Os srs. Lisboa & C.ª, encadernadores, um exemplar da biographia do sr. D. Pedro IV, escripta pelo sr. marquez de Rezende, mordomo-mór da imperatriz viuva. O valor d'este presente consiste principalmente na encadernação, que é riquissima.

— O photographo, o sr. Rocha, um album contendo photographias de alguns monumentos historicos, e entre ellas a que representa a cama em que falleceu o duque de Bragança, no palacio de Queluz.

— O sr. Hernani da Fonseca Braga, o distincto e afamado pianista portuense, offereceu ao Imperador o seu retrato. Encontrando-se com Sua Majestade no theatro de S. Carlos, pediu-lhe licença para lhe dar essa prenda, e no dia seguinte foi ao hotel entregar-lh'o. O joven artista estivera no Brasil ainda criança, quando ao sahir da infancia trocava (como d'elle disse J. F. Laranjo) o seu chapellinho por grinaldas de loiros e de rosas que lhe offereciam nos theatros e nos salões e apertava com ellas os anneis ou os caracoes dos seus cabellos. Fôra então recebido pelo senhor D. Pedro II no seu palacio, e por elle e por toda a Familia Imperial tractado com a mais amoravel galhardia. O Imperador reconheceu ainda este talentoso joven, apezar de ter já trocado as graças infantis por uma vigorosa adolescencia.

QUINTA PARTE

O RAMO DE OLIVEIRA

(Por occasião dos incendios de Paris)

DEDICADO A SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRASIL NA SUA ENTRADA EM PORTUGAL

Ao grande cidadão, egregio imperador,
No throno exemplo a reis, no mundo émulo a sabios,
(Homenagem que sobe ingenua d'alma aos labios)
A ardente aspiração d'este voto de amor.

I

Basta de assolação! Basta de impios assombros!
Cubra o lance inaudito um pudibundo véu!
Cedam furias ao pranto; e surja dos escombros
O ramo de oliveira, alçado para o céu!

Basta de insania atroz!... Ai! pôde, pôde instantes
Consentir esta edade — a edade da razão —
Entre o campo talado, e os muros fumegantes,
Após a externa lucta, a de irmão contra irmão!

Pôde ver, sem protesto, o redobrar da morte
No recrescer da vida e na estação do amor!
Quando tudo se anima em festival transporte!
E em tudo a novo fructo aspira a nova flor!...

Destrançada em festões, sorria a primavera
Na matta e na campina, em sébes e rosaes;
E além, na convulsão da inflammada cratera,
Soluçava o terror, condensavam-se os ais.

Sob a eterna harmonia, em concerto execrando,
A rugirem no espaço os pavorosos sons!
Uma orgia de sangue! um inferno, insultando
Da natureza as leis, da omnipotencia os dons!...

O trémulo ancião, a esposa em tresvario —
Uma viuva! um pae — na turba vagam sós;
Ella, Niobe inerte; elle, spectro sombrio;
Os olhos já sem lume; as boccas já sem voz;

E mais, e mais (que horror!) no seio oppresso e fraco
Da patria extenuada, aos barbaros clarões,
Fere a espada de Sylla e o punhal de Spartaco,
Implacavel o braço, em demencia as paixões!...

Ó vasta capital, ó necrópole vasta,
Aviso é teu desastre: e teu incendio, luz:
Esse quadro, lição: e o crime infando... Basta.
Da oliveira surgia o ramo ao pé da Cruz!

II

Que o seculo proclame os triumphos vaidosos
Da sua illustração, desmentidos assim.
Desvia a humanidade os olhos lacrimosos,
Seus votos outros são. É bem outro o seu fim.

Cuida alguem progredir, tentando em louco assalto,
Violento desligar do que foi o que é?
Vem d'alma o enthusiasmo: a fé vem de mais alto.
Motores, estes dois: o enthusiasmo e a fé!

Filha da humanidade, a musa, que na aurora
Se enleva e se revê, e ao que soffre bemdiz,
Ante as ruinas pára: e já não canta, chora:
Chora o immenso holocausto, e os delirios febris!

III

Que strophes soltará, que não sáiam queixumes?...
Ajoelha, inclina o rosto, e o laurel virginal
Depõe (lugubre offerta a profanados Numes)
Do genio creador no rôto pedestal.

Buscando a inspiração na voz da consciencia,
Aqui só póde a lyra um hymno desferir,
Grave como o dever, meigo como a clemencia,
E esse para exorar, esse para pedir:

«Paz, ó Deus de piedade, ó Julgador Supremo,
«Vós, que o pobre amparaes, Vós, que os mundos regeis;
«Paz, que a extrema discordia impelle ao crime extremo;
«Paz entre os povos, sim,—paz tambem entre os reis!

«Renasça o casto affecto, a confiança, a lida;
«Tudo o que faz viver; tudo o que faz amar;
«A nobre aspiração que ao largo affan convida;
«O lavor da officina; a abundancia no lar.

«Sagrada seja a lei da justa liberdade,
«Que o direito, a isenção, eguaes em si contém;
«Guie o ardor juvenil, sustente a sociedade
«Um fundamento — a crença; um attrativo — o bem.

«Corrija-se a ambição, que adulla, engana o povo,
«E instrumento e degraus de torpe egoismo o faz.
«Seja emfim novo timbre a proposito novo
«O ramo de oliveira — o symbolo da paz!»

Junho. 11—1871. *Mendes Leal.*

SONETO

Chegas, Senhora, emfim da viagem gloriosa.
Viste Londres, Paris, a Hespanha, a Italia, o Oriente:
Em todo o teu caminho o povo sorridente
Abençoou teu nome, Imperatriz virtuosa.

Mas quando a tua vista immersa em luz saudosa
Teu paiz avistou, Parthenope a indolente,
Que se espelha no azul do golpho transparente,
A tua alma, Senhora, ergueu-se lacrymosa.

Inclinaste um momento a fronte scismadora,
Mas vendo ao lado teu o Esposo, que te adora,
Na luz do teu olhar nascia outra saudade.

Viste ao longe o Brasil e as bençãos que te chamam,
E presentiste o amor, dos que hoje em ti acclamam
Na Imperatriz modesta a flor da caridade.

Coimbra. *Antonio Candido Gonçalves Crespo.*

PEDRO II

Depois de dirigir os epicos combates
Nessa do Paraguay Illiada brilhante,
Qual philosopho grego em busca da sciencia
Vais a furia arrostar do pelago inconstante.

Precede-te o louvor nas cytharas sonoras
Em remontado vôo apregoando ao mundo,
Que onde a choça gemeu, surge, sorri Thereza,
E onde èstá a desgraça, está Pedro Segundo.

Como um raio de sol, teu genio bemfazejo
A mansarda penetra, aonde soffre o bravo;
Desce onde é morta a luz e a idéa tem algemas
Onde escacêa o pão ou chora o pobre escravo.

Artes, sciencias, gloria, intelligencia, tudo
E todos em si têm gravado eternamente
O sello do teu genio e alma elevada e pura,
Que assim te creou Deus e assim te julga a gente.

Oh! sê bem vindo pois á patria inda gigante
De Castro e Viriato; e pois a Providencia
Imitas nas acções, é bem que tua gloria
Chegue até onde vai tua munificencia.

Já sem fé no porvir a velha Europa em ruinas
Inveja-te o Brasil, esse outro mundo novo,
Onde, ao influxo teu, germina a liberdade
No ardente coração d'um grande e nobre povo.

E tu que outro como elle em si tão grande e nobre
Sentes redemoinhar cantando-te victoria,
Guarda na mente augusta o ecco de suas vozes,
Que elle o teu nome guarda em seus fastos de gloria.

Porto. *Antonio Teixeira de Macedo.*

Poesia recitada no theatro de S. João, da cidade do Porto, na noite de 11 de março, pelo seu auctor, o sr. Antonio Pinheiro Caldas

Venho saudar-te, oh Rei! Da campa erguido,
Rasgando a medo a funebre mortalha,
Resurjo inda uma vez,
P'ra depôr a teus pés o canto extremo,
Que a gloria me inspirou, e a patria amada,
E o brio portuguez.

Venho saudar-te, oh Rei! Na fronte augusta
Tens, fulgente, o esplendor da majestade
Que se ostenta real.
Filho illustre do heroe D. Pedro Quarto,
És modelo dos reis! — rei democrata
D'um povo liberal.

E é grande o povo teu! grande d'alentos,
D'altas aspirações, d'emprezas uteis,
D'um arrojo viril!
Colosso vasto, immenso, ergue-te ufano!
A Europa inteira te proclama excelso
Imperio do Brasil!

A tal povo, tal rei! — Grandioso quadro!
Que povo! que só presta honroso culto
Á liberdade! e á lei!
E que rei! que despreza aureos palacios,
E olvida os gozos, e os festins da côrte,
P'ra ser um nobre rei!

Exulta, Portugal! Empunha, ovante,
O estandarte das quinas sacrosanto,
Velho, mas sem rival!
Saúda o filho da gloria e do progresso:
É teu filho tambem! É o rei prestante
D'um imperio immortal!

Tu, oh Porto, sacrario, sempre eterno,
Do grande coração d'um rei amado,
Exulta, inda uma vez!
Se Pedro Quarto honrou o Porto amigo,
Pedro Segundo exalta com mil feitos
O nome portuguez!

Curvando-me, enlevado, ante esse throno,
Que tem por aureo sceptro a liberdade,
E por diadema a lei;
Interprete fiel d'um povo inteiro,
A ti, Pedro Segundo, elevo o brado:
«Gloria! ao egregio Rei!»

A SUA MAJESTADE

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRASIL

Por occasião da sua vinda a Lisboa
ao regressar da sua viagem
pela Europa

«Além do mar de Atlante existe, impera,
«Um principe sem par, novo Antonino:»
Ha seis lustros repete de contino
Fama que o sobe á syderal esphera.

«Será voz lisongeira, ou voz sincera?»
Dizia, ouvindo-a, sceptico malino:
Hoje diz, vendo o Excelso Peregrino:
«A Fama o proclamou qual é, qual era.»

Ella applausos excita, e mais se expande,
Exalçando tal Genio, em bens fecundo,
Digno que a povos cem presida e mande.

Assim a Europa inveja ao Novo Mundo
O sabio, o philantropo, o justo, o grande,
O das letras cultor, Pedro Segundo.

V. L. [1]

In Augustissimum et Potentissimum Brasiliae Imperatorem Petrum Secundum, post quam «mores hominum multorum vidit et urbes», Olysiponem advenientem, in suum patrium imperium mox rediturum.

Orbis tot visens Veteris miracula Petrus,
Non stupuit visis: noverat illa prius.
Musarum cultor, voluit cognoscere vates,
Et doctos, doctus, jussit avere viros.
Felix quae tali Brasilia principe gaudet,
Quo rectore, potens, prospera, laeta floret!
Attamen, haud totum Petrum sibi vindicet illa,
Lysia quem possit paene vocare suum.
Brigantina Novo, Domus illustrissima, Mundo,
Sceptra tenens, populos, lege regente, beat:
Sed, quae nunc illic tollit se vertice ad auras,
Quo nata est arbos, fertilis usque, solo?

Salve, Caesar! Ave Petri dignissima Conjux!
Tu, Caesar, nobis, semper, ubique, fave!

Antonius Josephus Viale.

[1] Esta poesia é do sr. conselheiro Antonio José Viale, que muitas vezes costuma subscrever com aquellas iniciaes. S. ex.ª tem o appellido, de que aliás pouco usa, de *Lodi*.

A SUA MAJESTADE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO SEGUNDO

Homenagem da Imprensa Nacional de Lisboa

Baixaste, viste, encheste-te
de mais saber fecundo.
De um mundo já decrepito
leva ao teu joven mundo
nessa alma a aurora esplendida
dos grandes fados seus.
Heroe desceste o solio,
deixando pendurada
na mór palmeira a epica,
a vingadora espada;
e ovante o Imperio incolume
saudou-te semi-deus.

Á Filha, que solícito
no Throno teu sentavas,
— Sólta, disseste, os vinculos
das gerações escravas! —
e ao voto dos philosophos
deu o anjo execução.
Bençãos em choro unisono,
que ha de ecoar na historia,
desde os confins brasilicos
levem a vossa gloria,
do orbe culto ou barbaro,
á extrema povoação.

Desceste grande e maximo
do solio mais brilhante;
e, desvestindo a purpura,
simples audaz viajante
correste o mundo, attonito
de ver-te e de te ouvir.
Buscavas as sciencias,
aos sabios dando espanto;
colono, artista, artifice,
te ouviam com encanto,
que tudo em toda a lingua
sabias exprimir.

Pasmas Britannia, Gallias,
a cavalheira Hespanha,
a Elisia terra de Italos,
a tetrica Allemanha;
e a todas na piramide
vais o porvir sondar.
Volney melhor, nas tacitas
ruinas das idades,
como no estuar cahotico
das vivas sociedades,
andaste ouvindo oraculos
da sciencia de reinar.

Sob o laureado tumulo
o teu Virgilio, crê-se,
de haver cantado os Cezares
quiçá se arrependesse;
e á Cumêa vate proxima
remurmurou talvez:
— Por este é que dos seculos
a ordem grande assoma,
e Astreia em mundo incognito
funda mais alta Roma.
Marcello este é; teu principe
sonhado, alfim o vês.—

Finda com céus prosperrimos,
senhor, tua Odysseia,
vens restituir-te aos jubilos,
aos vivas de Ulysseia.
Has tresdobrado glorias
ao grão Progenitor.
Pódes no regio Pantheon
ir a seus pés devoto
firmar de novo o altissimo,
o sacrosanto voto
de ser do herdado Imperio
Perpetuo Defensor.

O céu a rir no Atlantico
te reconduza ao Throno :
grande o desceste, sobel-o
maior : immenso abono
dos bens sem fim, sem numero,
que hão-de por ti nascer.
Um dia, o que ás estatuas
soube antepôr ensinos,
de ouro a haverá, e aureola
de raios diamantinos
e honroso incenso em canticos
de universal prazer.—

Assim cantou profetica
musa que ha tempo largo
jazia em melancolico
regelador lethargo ;
deram-lhe abalo á cythara
mil ecos festivaes.
Em galas o dó lugubre
trocado num momento
juntou sua voz ao publico
victoriador concento;
e ousou laurear-vos trémula,
brazões imperiaes.

Ao Imperial Traductor do «Cinque Maggio»
devotamente consagra

Castilho.

Soneto recitado no theatro do Gymnasio de Lisboa, na noite de 12 de março, pelo seu auctor, o sr. José Maria Braz Martins

Se a amizade *provada* nos visita,
se as virtudes do sólio devisâmos,
se a presença d'um sabio desfructâmos,
jubiloso sentir nossa alma agita :

Mas, quando o Rei, o sabio que se fita,
o sangue tem d'Aquelles que prezâmos,
e, por seus actos mil — *o bem* — gozâmos,
no peito a gratidão cresce e palpita !

É rude a minha voz, e sem ensino,
que do saber a luz não está comigo...
Embora : surja o brado do mofino...

Se Pedro é *Grande* aos nossos dando abrigo,
permitta ao pobre artista *pequenino*,
que, respeitando o Rei, saude o Amigo!

ADDITAMENTOS

Recebemos alguns esclarecimentos quando já não era possivel incorporal-os no livro, nos logares competentes, e por este motivo resolvemos inseril-os aqui.

Recepção de alguns emigrados portuguezes no Porto

O sr. João Luiz de Mello, alferes do extincto batalhão de empregados publicos, obsequiou-nos com uma descripção, da qual apenas, por ser extensa, extractaremos alguns periodos mais curiosos e interessantes.

No dia 1.º de março o sr. João Luiz e o sr. general Mosqueira partiram pelas cinco horas e meia da manhã para as Devezas. Quando o Imperador entrou no salão, que tinha sido improvisado nas Devezas, o sr. João Luiz pretendeu beijar-lhe a mão, e conta assim esse acto: —«O Imperador apertou franca e rapidamente a mão das cinco pessoas que estavam adeante de mim. Chegou a minha vez. Tomei-lhe a mão. Com um rapido e pequeno movimento mostrou persuadir-se que eu lh'a queria beijar, e pretendeu retiral-a. Apezar, po-

rém, da sua vigorosa força, teve de ceder á força de 79 annos e um mez. Forcei-o a deixar-me beijar-lhe a mão, e a encaral-o face a face, o que tudo se passou com a rapidez do relampago».

O sr. João Luiz e general Mosqueira, acompanharam o Imperador á quinta do sr. Agostinho Francisco Velho, que tem dois mirantes, d'onde se descobrem as posições das linhas do Porto. O general Mosqueira esteve dando informações ao Imperador.

«Á noite compareceu a minha commissão de quatro membros. Eram sete horas e meia, veiu um escudeiro perguntar-me se eu sabia quem era a commissão de emigrados, presidida pelo sr. barão de S. Lourenço. Mostrei-lh'a. Disse, que tivessemos a bondade de o acompanhar. Seguimol-o, fomos apresentados pelo consul, que nos disse ter sido Sua Majestade Imperial quem lhe ordenou que nos mandasse chamar, e que estava na sala para nos receber. Ao lado direito do Imperador estavam os dois cavalheiros que o acompanhavam desde a sahida do Brasil. No logar superior estava a Imperatriz, sentada em um sophá, e em cadeiras lateraes, da parte direita, a sua aia e uma afilhada, e a viscondessa da Trindade e a esposa do vice-consul, o sr. Agostinho Velho. Logo que entrou a commissão na sala, o Imperador deu dois passos em frente, para a receber. Eu ia ao lado esquerdo do presidente, levando debaixo do braço uma pasta coberta de setim azul claro por fóra, e forrada de tafetá branco, atada com dois laços de boas fitas brancas, e dentro d'ella a allocução.

«O presidente dirigiu-lhe o seguinte comprimento: Tenho a honra de comprimentar a Vossa Majestade Imperial, em nome de uma commissão de emigrados, que nomeou esta a que presido, para em seu nome apre-

sentar suas felicitações a Vossa Majestade Imperial pela honra que acaba de fazer a esta cidade, com a sua visita, e pedir ao mesmo tempo a Vossa Majestade Imperial a graça de acceitar a felicitação, que em nome da referida commissão vimos apresentar.

«O Imperador respondeu: — Recebo com muito prazer os comprimentos, que em nome d'uma commissão de emigrados me são dirigidos, assim como a sua felicitação».

«Eu já tinha aberto a pasta. O sr. barão do Bom Retiro entregou a felicitação ao Imperador, o qual a meteu dentro da pasta, fechou-a pelas suas proprias mãos, e pol-a sobre um bofete. Dirigi-lhe immmediatamente as seguintes palavras: — É mais uma graça especial, que Vossa Majestade Imperial acaba de fazer a esta commissão, não só recebendo-a em sua augusta presença acceitando-lhe os comprimentos de estima e respeito, que fôra encarregada de apresentar a Vossa Majestade, mas dignando-se mais de acceitar a pasta, em que vinha a felicitação. A pasta não tinha sido feita para lhe ser offerecida.

«Continuei dizendo-lhe, que tinha a pedir a Sua Majestade nova e especial graça de permittir que a commissão lhe beijasse a mão, como prova de reconhecimento, e esperando que Sua Majestade Imperial se não esquivaria a conceder-lhe mais esta graça, assim como me havia feito aquella manhã nas Devezas, pois só a custo a pude alcançar. O Imperador surriu-se, e eu beijei-lhe a mão. Dirigi-me depois á Imperatriz e disse-lhe: Senhora, um habitante d'esta cidade do Porto tem a honra de comprimentar a Vossa Majestade Imperial, e felicitar-se a si proprio pela honra da visita que Vossa Majestade Imperial se dignou fazer-lhe, e pede ao mesmo

tempo a graça especial de lhe beijar a mão. Levantou-se e respondeu-me:—Com muito gosto. Inclinei a cabeça, e os meus companheiros foram tambem beijar-lhe a mão».

A felicitação é a seguinte:

Senhor:—Os abaixo assignados, emigrados portuguezes, que tomaram parte na campanha do cerco do Porto, em defeza d'esta cidade e dos legitimos direitos da senhora D. Maria II, de eterna e saudosissima memoria, vêm hoje, dominados do mais ardente jubilo, depôr aos pés de Vossa Majestade as protestações sinceras da sua extrema veneração e profundo respeito.

O coração grandioso de Vossa Majestade Imperial, Senhor, deverá sentir-se forçosamente commovido e triste, nesta occasião solemne, em que Vossa Majestade se digna receber na sua augusta presença as quebrantadas e já quasi extinctas reliquias dos companheiros de trabalho e de gloria de seu magnanimo progenitor, o senhor D. Pedro IV, que sancta gloria haja.

Vossa Msjestade Imperial, Senhor, acaba do percorrer a Europa com geral admiração das nações que visitou, recebendo de todas ellas as mais distinctas provas de consideração e respeito; viu opulentas e magnificas cidades, que fazem pela sua grandeza e esplendor a justa admiração do mundo inteiro; viu monumentos e prodigios de arte superiores a tudo quanto é capaz de assombrar a imaginação e os olhos; mas o que Vossa Majestade não encontrou nem viu certamente em parte alguma, foi um baluarte de fidelidade, de perseverança e valor como o Porto, e onde o coração magnanimo de Vossa Majestade terá occasião para desafogar em copiosas e sentidas lagrimas a profunda saudade, deante do sarcophago que encerra o coração de vosso im mortal pae.

Senhor, a cidade heroica, que ahi se levanta aos olhos de Vossa Majestade, não contém uma só pedra que não seja um monumento glorioso e sancto, dedicação civica e de valor. porque não ha nella uma só pedra que deixasse de ser espargida com o sangue precioso dos martyres, que alli davam as vidas pela patria nos dias augustiosos de provação tremenda.

Vossa augusta presença, o sangue que vos gyra nas veias, e finalmente alguns gestos e modos que nos são tão proprios, fazem reviver a saudade extrema de todos os portuguezes por quem lhes derribou os cadafalsos, por quem lhes arrombou os carceres, por quem lhes concedera generosa liberdade, e principalmente por aquelles que tiveram a honra de acompanhar o grande capitão nos encontros e nas batalhas, nos revezes e nos triumphos, nas privações e na peste.

Senhor, excelso filho do immortal D. Pedro IV, não longe d'aqui vos aguarda o nobre e generoso coração de vosso humano pae. Não lhe demoreis por mais tempo o devido tributo de vossa ho menagem e justo sentimento; e alli, Senhor, quando o vosso coração desafogar em lagrimas sobre e cofre em que depositado está o dom valioso, legado aos portuenses por vosso magnanimo pae, sem exemplo na historia antiga e moderna, contae tambem com as nossas lagrimas.

O céo se digne tomar a pessoa augusta de Vossa Majestade, e bem assim a de Sua Majestade, a excelsa e virtuosa Imperatriz, e toda a familia imperial, debaixo da sua sancta guarda, como o Brasil e o povo portuguez ardentemente desejam e hão mister pelos estreitos laços de sangue e reciproca amisade que unem os dois povos e os unirão para sempre.

Porto, 1 de março de 1872.— O presidente da commissão, *Barão de S. Lourenço*—*Conselheiro José Joaquim Esteves Mosqueira*, general de brigada reformado do exercito, e major graduado do extincto regimento de voluntarios da rainha a Senhora D. Maria II.—*João Antonio de Moura*, voluntario do extincto batalhão academico — *João Luiz de Mello*, alferes do extincto batalhão de empregados publicos — *Francisco José Rodrigues d'Oliveira*, voluntario do extincto batalhão academico — *José Maria Cordeiro*, chefe de secção reformado do ministerio da guerra e voluntario do extincto regimento da rainha a Senhora D. Maria II — *Jeronymo Filippe Simões*, voluntario do regimento da rainha a Senhora D. Maria II — *Elias Eloy d'Abreu Tavares*, tenente do extincto batalhão provisorio de Sancto Ovidio — *Joaquim Urbano Cardoso e Silva*, major reformado e capitão do extincto batalhão fixo do Porto — *Conselheiro Joaquim Velloso da Cruz*, capitão da 1.ª companhia do 1.º batalhão provisorio de Villa Nova de Gaya — *Luiz Gomes da Silva*, alferes do extincto regimento da rainha a Senhora D. Maria II — *Alexandre José Cardoso de Noronha*, voluntario do extincto regimento da rainha a Senhora D. Maria II — *Manuel Francisco Pereira de Sousa*, juiz da 2.ª instancia na relação do Porto, e voluntario do extincto regimento da rainha a Senhora D. Maria II — *Bernardo José Pereira Leite*, juiz de 2.ª instancia na relação do Porto, e voluntario do extincto batalhão academico — *Antonio Gonçalves Pinto*, capitão tenente graduado da armada, escrivão da repartição do chefe do departamento maritimo do Norte, e voluntario do extincto regimento da rainha a Senhora D. Maria II — *José Velloso da Cruz*, tenente coronel commandante do extincto 1.º batalhão nacional provisorio de Villa Nova de Gaya — *Clemente Albino da Silva Mattos Carvalho*, soldado do extincto regimento da Senhora D. Maria II — *José Estanislau de*

Barros, voluntario do extincto esquadrão nacional — *José Alves Pinto da Cunha*, voluntario do extincto regimento da rainha a Senhora D. Maria II — *José Pedro Mijoulle*, voluntario do extincto regimento da rainha a Senhora D. Maria II.

O sr. João de Guadalupe Martins Pinheiro, egresso da ordem de S. Bento, dirigiu em Braga ao Imperador a seguinte felicitação:

Ex abundantia cordis os loquitur.
Matth., cap. 12, v. 34.

Gratulatio imo a pectore

Revereor Te, veneror atque saluto latens Majestas, quae sub communibus vestibus his minime latitas, cum faciem tuam omnibus benegnissime ostendis, Teque perfacilem praebes universis. Praebe et Te perfacilem mihi pauperculo, ut et ego valeam Tibi dicere: Ave, latens Majestas. Nunc vero, quae eructavit cor meum audi, et exhaudi verba bona, Domine. Ego dixi in jucunditate cordis mei civibus meis: Viri Bracharenses, quibus probitas, et honestas, qui et vere diligitis adventum Ejus, audite. Petrus, amicus noster, advenit: jam praesentia sua nobilitat Civitatem nostram. Venite et vos omnes; et occurramus Illi, dicentes: Ave, qui, quod vere es, abscondis; quique dignatus es visitare nos in pace; vultum tuum omnes nos desideramus. Properate: sed ego solus et praeibo, et alloquar. Vos autem, quae proloquuturus sim, dicetis tantummodo in cordibus vestris et capita vestra humiliabitis. Et illi dixerunt festinanter: quomodo tu dicis, sic faciemus nos. Et ecce ego adsum, meque imo de pectore Majestatis Vestrae salutationi dabo. Ad implendum illud effusiones animi in laetitia manifestabo sic.

Eruditissime Viator, qui Dei providentia iterum nostrum teris solum, salve! Praeclarissime Petre, magnanimi Petri, cujus memoria verum est desiderium nostrum, Fili dilectissime, salve! Aloysi primi, ac Regis mei fidelissimi, perillustris Avuncule, salve! Excelse Imperator, atque Brasiliensium populorum perpetue Defensor, ah! iterum, atque iterum dicam, salve! Scio, Domine, scio vere quid sentio; sed exprimere illud, nescio. Attamen non cessabo: eloquar, non sileam. In hoc adventu feli-

cissimo vere exulto ego, et gaudiis vere resultat terra nostra: quia oculi mei, et ineulae ejus, viderunt Eúm, qui jure merito Regum nostrorum annumeratur cum nep tibus. Et vere exulto, vere gaudio, vere et jubilo, quoniam ad celebrandum adventum hunc, cor mundum creavit in me Deus, et spiritum reetum innovavit in visceribus meis. Ah! qui habitat in altis, sedetque in throno gloriae suae, ipse dixit: ecce nova faeio omnia.

Te igitur revereor, Te veneror, Te saluto, latens Majestas, quae sub vestibus his valde eommunibus minime latitas, cum faciem tuam omnibus benegnissime ostendis, Teque perfacilem praebes universis. Nihilominus multi ex ipsis, qui vere sciunt illud, quasi qui non seiant, sic dicunt, mutuo loquentes: Quis est Iste, qui non de Edom, sed de Regionibus venit longinquis, tinctis vestibus usitatis de coloribus, ct absque rutilo ornatu? Et cor meum continuo ad me, illos audientem: Clama, inquit, ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam, et annuntia populo civitatis hujus adventum Ejus. Et ego illico ad cives meos carissimos: Istc, inquam, Iste formosus in vestitibus suis deauratis, gradiens in multitudine fortitudinis suae, et Majestatis. Hodie vero, laudabile dictu! nolens omnibus nobis esse molestus, qui virtute sua, quod vult esse, utique est; hodie, iterum dico, se sua exuit omni ma nificentia; et incognitus, ae sine strepitu magni apparatus, graditur in medio nostrorum sola in multitudine fortitudinis nobilissimae animae, et spiritus sui. Iste et est, qui loquitur justitiam, et Propugnator est ad salvandum, eui praest, populum suum Qui, cum audissent haee omnia, una voce dixerunt: vivat Imperator.

Nune sponte, antequam interrogat me dicens: tu quis es? Majestati Vestrae, quis sim, dicam. Ego, Domine, qui loquor pro civibus meis mecum sentientibus, qui et libenter hunc mihimetipsi sumpsi honorem, etsi indignus, Monachorum Patris filius, ac Regis Regum Jesu-Christi, licet indignissimus, minister sum ego. Gloriari me opportet solo in titulo hoc. Ah! Nursiae nobili genere natus Pater meus Benedictus, Rex coelestis, et Dominus dominantium, ipse est Dominus meus et Deus meus. Sum etenim Professione Monastica, et gratia Dei id, quod sum: utinam gratia ejus in me vacua non sit, sed semper in me maneat. En vera nobilitas, et ingenuitas, quac mihi vere magnam conferunt dignitatem. Sum et insuper Lusitanus, et Lusitani, ah! veri Lusitani incessabili voce proclamant: regali exprogenie lusitana Petrus exortus refulget; qui et nos amicitia sua honorare dignatus est, et visitatione. O quam bonus Ille, de quo multa dicta sunt gloriosa! Sum tandem... at ego jam dixi omnia. Tune perorabo, dicens: qui Dei filio Jesu-Christo famulor quotidie, me ipsum ad Majestatis Vestrae genua hodie provolvo. Scio enim,

et vere scio, quod hi, qui faciunt ea, certe quae sunt Caesaris, Caesari; et quae sunt Dei, Deo reddunt. Famulari namque sacris vere decus, Imperantibus vero officium est omnium, et ministerium. Praeterea quod implebo et ego hoc munus meum. Non personaliter venio, quia desunt mihi decoramina illa, quibus vere indigeo; sed in hujus, etsi male contexto, gratulationis velamine indutus, ac Majestatis Vestrae multa confisus benevolentia, et bonitate, usque huc securus accedo. Oh! pauper et egenus sum ego; sed vera egestas procul a me. Non enim vacuus aut inanis appropinquo: quas possideo veras opes omnes mecum porto. Nam, desiderium cordis mei tribuit mihi Dominus meus: et voluntate labiorum meorum non fraudavit me. Tunc verae sunt haec divitiae meae, vere et illustris sum ego, et nobilis. Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur? Argentum et aurum non est mihi, sed est, quod mihi prodest. Aliis affluo divitiis, alia quae possideo sunt preciosa munera mea, quae et Majestati Vestrae offero humiliter, sensus videlicet amoris, adorationis ac reverentiae meae, quos dedit mihi Dominus Deus virtutum, ut hujuscemodi Majestati Vestrae debitum conferre valeam tributum. Accipiat et Majestas Vestra haec vota mea, quae veraciter vovi, et Domino reddo dicens devoti: In viam pacis et prosperitatis dirigat Imperatorem, ac Imperatricem, omnipotens et misericors Deus: et Angelus Raphael comitetur eum Ipsis in via, ut cum pace, salute et gaudio revertantur ad propria.

Quinto Nonarum Martii anno 1872.

Majestatis Vestrae
Servus obsequentissimus
Joannes a Domina Nostra de Guadalupe Martins Pinheiro.

O sr. A. Pereira da Cunha escreveu ao *Diario de Noticias* a seguinte carta, ácerca da sua visita e do offerecimento do exemplar do seu poemeto ao Imperador:

Meu caro Eduardo Coelho — Visto que, hoje, se allude no seu *Diario* á visita, que eu fiz a sua magestade, o Imperador do Brasil, quero contar lhe como o caso foi.

Hontem de manhã, quando eu menos o esperava, entregaram-me uma carta, em que se me dizia:

O Imperador desejava receber das suas mãos um exemplar do *Voto d'el-rei.*

A esta indicação, já de si honrosissima, juntavam-se, da parte de Sua Majestade, expressões tão delicadas e tão proprias para dissipar quaesquer melindres politicos meus, que eu não podia, sem quebra até dos mais triviaes preceitos de uma boa educação, deixar de o ir saudar.

Fui, pois; e applaudo-me de tal resolução.

E que duvidas podia eu ter?

Entre as nossas questões dynasticas e o senhor D. Pedro II não ha nada de commum, e eu não vi em Sua Majestade, senão o principe profundamente instruido, e o cabeça legitimo de um vasto e florescente imperio, com o qual desejo que de *futuro* se estreitem ainda mais as nossas relações de commercio e de amisade.

Publicando-me estas linhas, muito obsequiará o — De V. etc. — *A. Pereira da Cunha.* — Rua de Sancta Marinha, 14 de março de 1872.

Além dos donativos, já mencionados, de Suas Majestades, fizeram mais os seguintes:

Na cidade do Porto deixaram Suas Majestades um conto de réis, para ser distribuido em differentes donativos.

Em Coimbra foram distribuidos, por sua ordem, 31$500 réis a differentes pessoas, por mão do ex.^mo bispo da diocese.

O sr. conselheiro Antonino José Rodrigues Vidal foi commissionado pela sociedade Philantropico-Academica de Coimbra de apresentar em Lisboa a Sua Majestade Imperial o diploma de protector d'aquella sociedade, que Sua Majestade acceitou com toda a benevolencia.

INDICE

TERCEIRA PARTE

QUARTA PARTE

QUINTA PARTE